UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DE
RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES

GIULIANO ALVES BORGES E SILVA

Processos de políticas públicas em educação do campo no Brasil: estudo multicase à luz da
teoria de construção social

ORIENTADOR: PROF. DR. JOÃO LUIZ PASSADOR

RIBEIRÃO PRETO

2016

Prof. Dr. Marco Antônio Zago
Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Dante Pinheiro Martinelli
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto

Profa. Dra. Sonia Valle Walter Borges de Oliveira
Chefe do Departamento de Administração

GIULIANO ALVES BORGES E SILVA

Processos de políticas públicas em educação do campo no Brasil: estudo multicasos à luz da teoria de construção social

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Organizações da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências. Versão Corrigida.

ORIENTADOR: PROF. DR. JOÃO LUIZ PASSADOR

RIBEIRÃO PRETO

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Giuliano Alves Borges e.

Processos de políticas públicas em educação do campo no Brasil: estudo multicasos à luz da teoria de construção social. Ribeirão Preto, 2016.

216 p.; il.; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Administração de Organizações.

Orientador: Passador, João Luiz.

1. Políticas Públicas.
2. Educação do Campo.
3. Teoria da construção social

FOLHA DE APROVAÇÃO

Giuliano Alves Borges e Silva

Processos de políticas públicas em educação do campo no Brasil: estudo multicase à luz da teoria de construção social

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Organizações da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em:

Comissão julgadora

Professor Dr. _____

Instituição: _____

Professor Dr. _____

Instituição: _____

Professor Dr. _____

Instituição: _____

Professor Dr. _____

Instituição: _____

Professor Dr. _____

Instituição: _____

Dedico este trabalho aos meus filhos Luís Otávio e João Lucas, à minha esposa Ana Paula, e aos meus avôs e avós, porque ao ouvir que este deixaria meus avôs orgulhosos me encheu de saudades, e ao mesmo tempo, de vontade.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. João Luiz Passador, orientador deste, e um inspirador em diversos sentidos: em minhas decisões acadêmicas, profissionais e pessoais. Um idealista, por um mundo mais fraterno e igualitário. Mais que isso, um praticante, porque traduz sonhos em ações. Grande amigo e companheiro, que compartilha ideários políticos e a garra para transformar e formar as pessoas.

Aos membros da comissão examinadora de qualificação. Professor Dr. Dante Pinheiro Martinelli, meu também eterno orientador, desde o mestrado com valiosas contribuições e ensinamentos, a quem devo todo o início de minha trajetória acadêmica. Prof. Denis Renato de Oliveira, sempre solícito, disposto à colaboração, um grande colega e brilhante acadêmico. E aos demais membros da Comissão Julgadora de Defesa, meus sinceros agradecimentos.

Aos funcionários e demais professores da FEA-RP/USP, principalmente à Professora Dr^a Cláudia Souza Passador por toda energia que transmite, pessoa forte, que nos estimula em nossos objetivos, e mostra os caminhos para conseguir.

A toda comunidade Sobral-CE, Brejo Santo-CE e São José da Barra-MG.

A todos os colegas de pós-graduação, pela cumplicidade, pelas discussões, conversas, sempre enriquecedoras, em especial os amigos Jorge Sánchez, Josué Pires e Leonardo Nassar.

Aos antigos e inesquecíveis amigos, principalmente os que colaboraram diretamente com meu doutorado, como Ewerton Cabral e Tiago Nilton. E àqueles que participaram da pesquisa direta ou indiretamente, como: Shirlene Martins, Ginna Ferreira, e o Prof. Dr. Ricardo Silva Thé Pontes, entre tantos outros.

Aos meus familiares pelo apoio irrestrito, por terem se “desdobrado” em minhas ausências, contribuições de todas as formas, pelo amor, carinho, sorrisos e lágrimas, em especial meus pais Alcameno e Tunília, por todo cuidado em minha formação e pela educação ao longo de toda a vida... Amo vocês! Minha esposa Ana Paula, sempre forte e presente, cheia de garra para ajudar, e aos meus irmãos Giovanni e Giuseppe.

“Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu”.

Darcy Ribeiro

RESUMO

SILVA, G.A.B. **Processos de políticas públicas em educação do campo no Brasil: estudo multicasos à luz da teoria de construção social**. 2016. 216 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

A área do conhecimento destinada ao estudo de políticas públicas assume uma grande relevância para a academia contemporânea, entre elas, as políticas públicas de educação apresentam forte apelo científico, em especial, no que se refere a processos que envolvam a busca pelo aprimoramento educacional das escolas do campo. Tais estudos são cada vez mais numerosos e significativos, e essa crescente se justifica em função da recente redescoberta da importância do ensino especializado para as ruralidades em um país de histórica vocação para o campo, de base econômica de origem agropastoril superlativa, onde tais circunstâncias passaram a exigir a formulação de políticas públicas mais adequadas. No entanto, a maioria das pesquisas aponta que as fracas condições socioeconômicas determinam resultados insatisfatórios. Desse modo, o propósito do estudo consiste em identificar as principais características presentes nas comunidades escolares do campo com bom desempenho em ensino, considerando o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Para tanto, o estudo envolveu treze escolas do campo de elevado desempenho, identificadas pela técnica qualitativa TPCF (*Target Population Change Framework*), desenvolvida pelo pesquisador a partir da Teoria da Construção Social de Schneider e Ingram (1993). Os resultados apontam, particularmente, para a influência das ações dos gestores de políticas públicas na geração de efeitos positivos, mais do que as iniciativas restritas apenas aos protagonistas locais. Entretanto, constatou-se que em todas as escolas com "bom desempenho", segundo os critérios adotados, foi sempre imprescindível o engajamento da comunidade escolar, por meio de práticas aderentes à realidade, com a adoção de projetos culturais e educacionais expandidos à comunidade, ainda que esses estímulos apresentassem caráter predominantemente produtivista. Tais circunstâncias impõem uma reflexão sobre o futuro das escolas do campo quanto às orientações pedagógicas de fundo, isto é, de reprodução e servidão ao modelo histórico concentrador de ativos fundiários, ou libertário para uma sociedade que busca reduzir suas bases históricas de grandes distâncias socioeconômicas, também tão, ou ainda mais, presentes no contexto rural brasileiro.

Palavras-chave: Políticas Públicas; Educação do Campo; Teoria da Construção Social.

ABSTRACT

SILVA, G.A.B. **Brazilian rural education and public policy processes: multi-case study based on a theory of social construction**. 2016. 216 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

The objective of this research is to identify the main reasons that lead the rural school communities to achieve good performance in education, considered the Basic Education Development Index (IDEB). This study is justified because it takes up the theme of public policies aiming to revitalize the set of rural schools, it is vital for a country still so economically designed for rural production. The method used was prepared by the author, and is called TPCF (Target Population Change Framework), developed from the theory of social construction of Schneider and Ingram (1993). Through qualitative approach pursues to analyze how changes occur in target populations, in this case, thirteen of the best rural schools in Brazil. The results reveal in particular that the influence of policymakers in the generation of positive effects is greater than the initiatives of local actors, however it was found that in all schools with "good performance" according to the criteria adopted, was always indispensable mobilization principal, teachers, families, students, and better, from all those, proving the fundamental condition of the school community engagement through adhering practices to reality with the adoption of cultural and educational projects expanded the community, even if those stimuli presented predominantly productivity character. Such circumstances impose a reflection on the future of rural schools as the pedagogical guidelines, that is, the historical model hub replication of land assets, as opposed to libertarian thought, for a society that intends to reduce large socioeconomic distances, as visible in the Brazilian rural areas.

Key-words: Public Policies; Rural Education; Theory of Social Construction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelos Conceituais	27
Figura 2: Estrutura do trabalho	32
Figura 3: Construção social e poder político: tipos de população alvo	41
Figura 4: Possibilidades de mudança em populações alvo	58
Figura 5: <i>Framework</i> para análise de mudanças em populações alvo	59
Figura 6: Flexibilidade circular de pesquisa em Ciências Sociais	63
Figura 7: Mudanças no grupo da população alvo	67
Figura 8: Mapa do Brasil – divisão municipal – com localização das escolas	69
Figura 9: Resumo do protocolo de Estudo de Caso	72
Figura 10: Estrutura da rede institucional de apoio às escolas da Secretaria Municipal de Educação de Sobral	86
Figura 11: Escola Deliza Lopes – Extensão Benedito Enoc	88
Figura 12: Escola Massilon Sabóia Albuquerque	98
Figura 13: Gráfico comparativo (proporcional) das confirmações e negações da pesquisa	106

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Esclarecimento de objetivos específicos, com as respectivas etapas	28
Quadro 2: Tipos de estudo em políticas públicas	36
Quadro 3: Teorias dos processos das políticas academicamente estabelecidas	39
Quadro 4: Resumo de suposições da teoria de construção social	43
Quadro 5: Aproximações e diferenciações conceituais	49
Quadro 6: Avanços nas políticas normativas para educação do campo	53
Quadro 7: Resumo da evolução histórica das políticas nacionais de educação do campo	55
Quadro 8: Mudanças externas para a população alvo	61
Quadro 9: Mudança da população alvo de modo endógeno-exógeno	61
Quadro 10: Mudanças internas da população alvo	62
Quadro 11: Exemplo hipotético de verificação de proposições	64
Tabela 1: IDEB das vinte melhores escolas do campo no Brasil	68
Quadro 12: Proposições de pesquisa	70
Quadro 13: Checagem das proposições	105

LISTA DE SIGLAS

ACF - *Advocacy Coalition Framework*

AEE - Atendimento Educacional Especializado

CAE - Conselho de Alimentação Escolar

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

CNER - Campanha Nacional de Educação Rural

CRAS - Centro de Referência em Assistência Social

CREDE - Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação

EEF - Escola de Ensino Fundamental

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EM - Escola Municipal

FAMPA - *Framework* para Análise em Mudança de Populações Alvo.

FLF - Faculdade Luciano Feijão

FNEP - Fundo Nacional do Ensino Primário

GPT - Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo

I ENERA - Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária

IAD - *Institutional Analysis and Development*

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDH-M - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

IFES - Instituições Federais de Educação Superior

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, já chamado de Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC - Ministério da Educação

MG - Minas Gerais

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PAIC - Programa Alfabetização na Idade Certa

PCCR - Plano de Cargos e Carreira

PET - *Punctuated Equilibrium Theory*

PIB - Produto Interno Bruto

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNAIC - Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SME - Secretaria Municipal de Educação

SPAECE - Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará

SSR - Serviço Social Rural

TPCF - *Target Population Change Framework*

UFC - Universidade Federal do Ceará

UNB - Universidade de Brasília

Undime - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UVA - Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	25
1.1 OBJETIVO GERAL	28
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	28
1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTEXTO DA PESQUISA	29
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	31
2. POLÍTICAS PÚBLICAS, PROCESSOS DAS POLÍTICAS E CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	33
2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS: A RELAÇÃO ESTADO-SOCIEDADE.....	33
2.2 O ESTUDO DOS PROCESSOS DAS POLÍTICAS	37
2.3 TEORIA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	40
3. EDUCAÇÃO DO CAMPO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS E EVOLUÇÃO HISTÓRICA NO BRASIL	45
3.1 APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS.....	47
3.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA: POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO NO CAMPO NO BRASIL	50
3.2.1 <i>Antecedentes Históricos</i>	50
3.2.2 <i>Da redemocratização à Educação do Campo</i>	51
3.2.3 <i>O Século XXI e os Direitos</i>	53
3.3 DESAFIOS EMERGENTES	54
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: FRAMEWORK PARA ANÁLISE DE MUDANÇAS EM POPULAÇÕES ALVO.....	57
4.1 GRUPO DE INFORMAÇÕES.....	59
4.2 GRUPO DE METODOLOGIA.....	60
4.3 GRUPO DE VERIFICAÇÕES.....	63
4.4 ELABORAÇÃO DE RELATÓRIO	64
5. APLICAÇÃO DO FRAMEWORK PARA ANÁLISE DE MUDANÇAS EM POPULAÇÕES ALVO: RESULTADOS DO ESTUDO DE MULTICASOS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL	65
5.1 DESCRIÇÃO PRÉVIA DAS POPULAÇÕES ALVO.....	66
5.2 IDENTIFICAÇÃO DE OUTLIERS.....	66
5.3 ESCOLHAS DOS OBJETOS DE ESTUDO.....	67
5.4 PROPOSIÇÕES DA PESQUISA.....	69
5.5 PROTOCOLO DE ESTUDO DE CASO	71
5.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	73
5.7 ANÁLISE DE CASOS (CHECAGEM).....	74
5.7.1 <i>São José da Barra – MG</i>	74
5.7.1.1 EM José Marcelino Pereira.....	75
5.7.2 <i>Brejo Santo - CE</i>	80

5.7.2.1	EEF Maria Leite de Araújo	81
5.7.3	<i>Sobral – CE</i>	84
5.7.3.1	Escola Vicente Antenor Ferreira Gomes	90
5.7.3.2	Escola Elpídio Ribeiro da Silva EIEF	91
5.7.3.3	Escola Antônio Custódio de Azevedo EIEF	93
5.7.3.4	Escola Leonília Gomes Parente EIEF	94
5.7.3.5	Escola Deliza Lopes EIEF.....	96
5.7.3.6	Escola Araújo Chaves EIEF	97
5.7.3.7	Escola Massilon Sabóia Albuquerque	98
5.7.3.8	Escola Francisco Aguiar.....	99
5.7.3.9	Escola Odete Barroso	100
5.7.3.10	Escola Frederico Auto Correia	101
5.7.3.11	Joaquim Barreto Lima	102
5.8	CHECAGEM DE PROPOSIÇÕES	103
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
6.1	LIMITAÇÕES DA PESQUISA	111
6.2	SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS.....	112
6.3	RECOMENDAÇÕES AOS GESTORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS	113
	REFERÊNCIAS	116
	APÊNDICES	127
	ANEXOS	207

1. INTRODUÇÃO

O campo do conhecimento destinado ao estudo de políticas públicas assume uma grande relevância para a academia contemporânea, tanto pela fundamentação que analisa o papel do Estado, quanto pela ênfase nos estudos sobre a ação dos governos. Nesse escopo, a análise de políticas públicas de educação apresenta forte apelo científico, em especial no que se refere a processos que envolvam a busca pelo aprimoramento educacional.

Isso ocorre em virtude do consenso de que a educação de qualidade constitui a base para o desenvolvimento de qualquer sociedade. O aprimoramento de habilidades e competências da população depende de um sistema educacional com oportunidades de aprendizagem para a aplicabilidade dos conhecimentos, porém atingir tal objetivo torna-se um grande desafio principalmente em ambientes desfavoráveis (RYCHEN; SALGANIK, 2003; KLEES, 2010).

Um dos ambientes considerados desfavoráveis – ou de difícil articulação de políticas públicas – que apresenta, inclusive, baixo rendimento escolar é o campo. No entanto, o aprimoramento das políticas para esse público pode contribuir para a formação de uma sociedade mais igualitária. Desde a Revolução Industrial, a humanidade convive com o êxodo rural, o que se tornou um desafio para o Estado. Como consequência aflora a necessidade de políticas públicas para a manutenção da população rural, não no sentido de desconsiderar as pessoas em relação à vida urbana – ideia propagada no início dos anos 1900 – pelo contrário, no sentido de valorizar esse sujeito em suas raízes e culturas (BELANGER; STONE, 2008).

Oferecer educação de qualidade no campo, portanto, minimiza os problemas e previne mazelas sociais. Isso porque as crianças e jovens são fundamentalmente orientadas para o futuro e, como tal, são essenciais para a reconstrução e o fortalecimento das comunidades rurais (HALSEY, 2009).

Analisar, avaliar e aprimorar políticas públicas voltadas para educação constitui um caminho palpável para a solução dos problemas citados. No caso da Educação é comum a utilização de avaliações em larga escala como medidor da qualidade educacional e como norteador de políticas. (ARAÚJO; LUZIO 2005).

Segundo Cairney (2013) a combinação de múltiplas teorias para o avanço na fronteira do conhecimento é importante. Sendo assim, o principal foco consiste em analisar escolas rurais da rede pública de ensino básico com bom desempenho através de uma combinação conceitual que abarca a literatura política, em especial a teoria da construção social, em seu pano de fundo. Por se tratar de uma temática relevante e multidisciplinar existe uma base

conceitual ampla e diversificada. Tangenciamos esforços a partir de abordagens da sociologia, economia da educação, pedagogia e administração escolar, todos contextualizados sob a ênfase das políticas públicas. Um grupo considerável de trabalhos dessa natureza realiza tal interdisciplinaridade, utilizando de diversas fontes (PIERCE et al, 2014).

Recentemente, observamos avanços significativos nos estudos de educação no campo. No entanto, a maioria das pesquisas aponta que as fracas condições socioeconômicas e as dificuldades ambientais determinam resultados insatisfatórios em avaliações educacionais, apesar de avanços recentes (MACQUAIDE, 2009; POWEL et al, 2009; PASSADOR, 2012; ARTONI, 2012; ALVES; SOARES, 2013; VAUGHN; SAUL, 2013; LOPES, 2014; MLANGENI; CHIOTHA, 2015). Desse modo, verificamos uma lacuna na fronteira do conhecimento no que diz respeito ao enfrentamento, por parte dos atores, em conseguir reverter esse quadro.

Como citado, este trabalho pretende preencher uma lacuna, pois se difere do contexto determinístico que condena os alunos de escolas rurais à fraca qualidade de ensino (Figura 1). Ao contrário, apresenta trajetórias vitoriosas, com práticas inspiradoras para a educação no campo, através de estudos aplicados e em profundidade. DeLeon (2005) ao explicitar sobre a teoria de construção social indica que os grupos devidamente organizados são capazes de dirigir a própria mudança.

Tal modelo determinístico tem como base dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), da Prova Brasil, Censo Escolar, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e fluxo escolar para mapear as melhores escolas rurais do País a partir das análises de Lopes (2014). Todos estes convergem para a constatação de que as escolas do campo possuem um rendimento inferior em relação às escolas da cidade porque as políticas públicas não chegam de modo adequado à referida população, em razão das características de acesso, assim como as condições socioeconômicas são limitadas, dificultando o envolvimento de atores por uma construção coletiva.

Não podemos aceitar essa lógica determinística de que estudantes e escolas inseridas em condições desfavoráveis terão sempre resultados ruins. Sabemos que o meio dificulta, mas os indivíduos e atores possuem capacidades para superar essa realidade (SCHNEIDER; INGRAM, 1993). Assim, este estudo busca preencher um vazio acadêmico porque busca compreender melhor o fenômeno sobre a forma e o processo de políticas públicas, em especial, a trajetória de grupos locais que conseguem êxito, ou seja, aptos ao novo modelo conceitual proposto.

A partir disso, buscamos responder a três questões essenciais sobre a educação do campo no Brasil. À luz da teoria da construção social, e partindo do pressuposto de que as escolas de bom desempenho conseguem romper com o modelo conceitual determinístico, como elas são capazes de: (a) aproveitar, cobrar e aplicar políticas públicas escolares¹, mesmo em contextos socioeconômicos desfavoráveis; (b) possibilitar ao aluno o desenvolvimento de competências observadas pelas avaliações de larga escala; (c) criar uma relação de aprendizagem com foco em experiências individuais, vocações locais e envolvimento de atores².

Figura 1: Modelos Conceituais

Fonte: Elaborada pelo autor

¹ Smarick (2014), autor que descreve todo o trabalho necessário aos chefes de estado, formuladores de políticas e comunidades em torno do fortalecimento de escolas em comunidades rurais, sob uma perspectiva de inclusão do campesino.

² Belanger e Stone (2008), assim como Keys (2015) apresentam a importância das vocações e culturas locais, assim como a participação da família como forma de superar as diferenças entre Educação no campo e na cidade.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do estudo é: identificar as principais características presentes nas comunidades escolares do campo com bom desempenho em ensino, considerado pelo IDEB. Evidenciar as particularidades que envolvem esse tipo de organização, por meio de metodologia própria, baseada nas mudanças de população alvo propostas pela teoria da construção social, estudando-se o caso de treze das melhores escolas do campo do Brasil.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Sendo assim, os objetivos específicos (ver detalhamento em Quadro 1) são:

- ✓ Compreender a teoria da construção social enquanto uma das teorias de processos de políticas públicas, a partir de um enquadramento conceitual das escolas do campo enquanto grupo de construção social;
- ✓ Introduzir uma nova metodologia de análise qualitativa em mudança nas populações alvo da teoria da construção social;
- ✓ Analisar os casos de sucesso em educação no campo no Brasil, nos municípios de Sobral, Brejo Santo e São José da Barra;
- ✓ Identificar possibilidades e obstáculos na implementação de políticas públicas em diferentes abordagens e contextos.

Quadro 1: Esclarecimento de objetivos específicos, com as respectivas etapas

Objetivo	Método, etapa principal
Compreender a teoria da construção social e o enquadramento conceitual das escolas do campo nesse âmbito.	Pesquisa bibliográfica, capítulos 2 e 3.
Introduzir uma nova metodologia para análise de mudança nas populações alvo.	<i>Target Population Change Framework</i> , capítulo 4, com aplicação no capítulo 5.
Analisar os casos de sucesso em educação no campo no Brasil.	Estudo de multicasos, capítulo 5.
Identificar possibilidades e obstáculos na implementação de políticas públicas.	Análises e interpretações, capítulos 5 e 6.

Fonte: Elaborado pelo autor

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTEXTO DA PESQUISA

Entendo que existem várias motivações que suportam o desenvolvimento deste, entre os quais evidenciamos os aspectos pessoais, acadêmicos e sociais³. Enquanto indivíduo e como pesquisador, perder a esperança em uma sociedade justa é inaceitável. Enxergo na melhoria da educação o melhor caminho para o desenvolvimento equânime da sociedade, principalmente quando a proposta central envolve o aprimoramento de grupos tido como desfavorecidos.

Talvez essa visão tenha sido influenciada por meus pais. Minha mãe, pedagoga, psicóloga e psicopedagoga, com carreira voltada para projetos educacionais diversos já atuou na coordenação de escolas rurais. Meu pai, apesar de engenheiro civil, possui mais de trinta anos de atuação no poder público, tendo assessorado executivo e legislativo tanto na esfera municipal quanto na estadual, ex-funcionário da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Ambos incutiram-me uma visão crítica sobre a necessidade de políticas públicas mais adequadas, em especial, educacionais. Por isso acredito que o envolvimento de qualquer pesquisador com o seu respectivo objeto não advém do acaso, mas de influências, histórias, emoções e até mesmo da personalidade e formação do indivíduo.

Trabalhos que envolvem o aprimoramento do sistema escolar no campo são desafiadores, instigantes e mobilizadores. Esperamos contribuir com a sociedade, através da apresentação de práticas eficazes em escolas rurais. Mais especificamente, governos, professores, diretores, familiares, comunidades, atores locais, estudiosos e pesquisadores do tema podem beneficiar-se deste conteúdo. Desse modo, as contribuições acadêmicas deste trabalho, envolvem o aprofundamento e o detalhamento dos objetos de estudo (escolas do campo), com a contribuição literária para a temática específica.

Do ponto de vista gerencial, o estudo traz a possibilidade de ação dos atores locais diante de um ambiente desfavorável. Admite o poder transformador das comunidades e apresenta a trajetória das escolas bem avaliadas, angariando ferramentas para que os criadores e implementadores de políticas públicas possam contemplar atitudes eficazes e para que os gestores escolares adotem uma organização escolar adequada.

A educação ocupa papel de destaque entre os direitos sociais garantidos pela Constituição, porém o cumprimento dessa obrigação esbarra em dificuldades, dentre as quais,

³ No geral, optamos por apresentar o texto de tese em 1ª Pessoa do Plural por dois motivos essenciais: tendência de textos acadêmicos internacionais, conforme debatido em seminários de escrita científica, e por considerar a tese um trabalho conjunto entre orientado e orientador. As exceções ocorrem nos momentos de justificativa, história e visão pessoal, muito presente, inclusive, nesta etapa de justificativas.

destacam-se as características da educação no campo (BAPTISTA, 2003). Como reflexo dessas circunstâncias complexas, o Governo Federal apresenta esforços recentes em reconhecer a educação como prioridade. Algumas consultas públicas foram incorporadas à agenda do Ministério da Educação (MEC), demonstrando a necessidade de melhoria das práticas educacionais em todo o país. Por esse motivo, os esforços de pesquisa que vislumbram contextualizar, discutir e melhorar a educação, são justificados.

Não obstante, o espaço rural apresenta grande disparidade de investimentos e políticas públicas. Como resultado apontamos a defasagem na relação idade/série, altas taxas de evasão, falta de sentido da escola para o estudante e a baixa qualidade de ensino, além da desigualdade cultural e histórica em relação ao espaço urbano (VEIGA, 2002; BARROS, 2013).

Em síntese, pretendemos reafirmar a necessidade política e a relevância teórica à respeito da compreensão desse fenômeno denominado “Educação do campo”. Nesse contexto a historicidade é importante para os atores apreenderem as contradições e tensões típicas da escola rural, presentes na realidade que a produz e que a move, e que ela ajuda a produzir e a mover, não apenas nas ideias ou entre ideias sobre o que dela se diz (CALDART, 2009).

Outra prerrogativa da tese de doutorado passa é que ela deve contribuir para o avanço no conhecimento da área. Nesse sentido, não encontramos trabalhos acadêmicos que tenham utilizado das premissas da teoria da construção social no âmbito da educação no campo (PIERCE et al, 2014). É importante ressaltar que tal discussão deve considerar aspectos conjunturais e históricos sem reduzi-la a debates que concernem a poucos interessados. Propomos a ampliação do debate tendo em vista a inegável relação campo/cidade que, na sua dinâmica de supremacia urbana promove uma homogeneização cultural normalmente indesejada (SANTOS, 2007).

O próprio desenvolvimento da metodologia de análise constitui uma inovação de originalidade acadêmica. Denominados nossa metodologia como “*Framework*”⁴ para Análise em Mudança de Populações Alvo” (FAMPA). Propomos que nossa metodologia de análise sirva para estudos qualitativos que buscam identificar como determinadas populações alvo modificam a própria perspectiva para uma atuação pró ativa, tendo como consequência novos designs em políticas públicas. Weible, Siddiki e Pierce (2011) indicam que as pesquisas que abarcam as teorias da construção social tendem a ser de abordagem qualitativa, por isso a

⁴ Optamos por não traduzir o termo porque nenhuma das tentativas (Quadros gerais, arcabouços conceituais, estruturas e domínios de subsistemas de aplicação) carrega a conotação almejada. A partir de então utilizaremos a sigla TPCF –Target Population Change Framework.

instrumentação de uma ferramenta de análise contribui significativamente para o rigor científico e a confiabilidade de pesquisas na área.

Podemos afirmar que o espaço rural possui uma dinâmica própria, ainda que absorva as lógicas urbanas. Por isso, a discussão da educação no campo deve ultrapassar o perfil pedagógico da sala de aula, e se amparar sob a égide de uma vivência territorial da história do rural. A proposta desta tese abarca a observação dos sujeitos em seu campo de atuação, mesmo que esses indivíduos tenham seus direitos secularmente negados e violentados, pela quase ausência do Estado. É com a perspectiva de modificar uma realidade imposta que a educação pode colaborar com a construção de lugares menos remotos e mais apropriados, onde os direitos sociais das pessoas (enquanto cidadãos) são efetivamente cumpridos. (CAVALCANTE, 2010).

Os relatórios do Observatório da Educação (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES/INEP) pautam a necessidade de maior atenção dos gestores públicos em relação à educação no campo. Os estudos citados apresentaram abrangência cada vez maior, com análises estaduais e posteriormente nacionais, porém os estudos em profundidade ainda carecem de corpo metodologicamente fundamentado (ALVES, 2007; PASSADOR, 2012; ARTONI, 2012; FEROLLA, 2013; LOPES, 2014).

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho é desenvolvido em seis etapas (Figura 2). Esta primeira introduz o tema e contextualiza a pesquisa. Logo após, temos o referencial teórico, subdividido em políticas públicas e educação do campo. A quarta etapa propõe a metodologia, seguida da análise de multi casos em comunidades escolares do campo. Por fim, apresentamos considerações finais de estudo.

Figura 2: Estrutura do trabalho
 Fonte: Elaborada pelo autor

2. POLÍTICAS PÚBLICAS, PROCESSOS DAS POLÍTICAS E CONSTRUÇÃO SOCIAL

Este capítulo objetiva afunilar o embasamento teórico sobre políticas públicas gerais e suas aplicações, para melhor entendimento e enquadramento conceitual das escolas do campo enquanto grupo de construção social. Discute os processos das políticas públicas (formulação, aplicação, análise e avaliação) e a teoria da construção social, uma vez que o viés de análise do objeto de estudo (enquanto trajetória de sucesso) foi amparado pela teoria.

2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS: A RELAÇÃO ESTADO-SOCIEDADE

Em sua acepção mais genérica, a ideia de políticas públicas⁵ está associada a um conjunto de ações articuladas com capacidade de impacto. Não apenas a implantação de serviços, mas também aplicações de natureza política; envolve diversos níveis de relações entre o Estado e a sociedade civil em sua formulação e os conflitos entre atores em seu desenvolvimento no que tange às orientações na esfera pública e a tomada de decisão sobre os recursos destinados à sua implantação (SPOSITO; CARRANO, 2003).

A noção de políticas públicas está ligada conceitualmente à formulação de ideias, arranjos institucionais e interesses envolvidos na resolução de problemas políticos. É mais do que prover benefícios ou regular danos, trata-se de escolhas, criação de processos, os compromissos que mostram as prioridades governamentais, e por isso a gestão das políticas públicas constituem um componente essencial da relação Estado-Sociedade (MAY, JOCHIM, 2013).

Nesse sentido, entendemos as políticas públicas como prática de Estado, através de programas e ações voltadas para setores específicos da sociedade, onde o mesmo se coloca como responsável pela implementação e manutenção a partir de um processo de tomada de decisões que envolvem diversos atores. Dado o contexto das escolas rurais, os atores precisam ser ainda mais engajados no processo social de transformação da realidade (HÖFLING, 2001).

⁵ Neste, o tratamento do termo políticas públicas está sempre associado às *public policy*, não às *politics*, essa última, mais ligada à ciência política está preponderantemente associada ao poder, à arte de governar. Embora distintos, os termos se interseccionam principalmente no estudo de ações e diretrizes de governo, temática recorrente de ambas as abordagens (HEIDEMANN, 2010).

Todo conjunto de políticas pode ser considerado um processo dinâmico, transformável. Eles são definidos, implementados, reformulados ou desativados baseando-se nas experiências da sociedade e/ou do Estado; guardam intrínseca conexão com o sistema de significações que é próprio de cada realidade social (AZEVEDO, 2004).

Portanto, o cenário atual de políticas públicas tem sua construção baseada em todo o histórico de evolução da gestão pública. No Brasil, a formação recente do Estado Democrático, por exemplo, há de ser considerada porque a gestão das políticas públicas ainda precisa evoluir. Padrões de comportamentos políticos clientelistas e patrimonialistas precisam ser substituídos (FREY, 2000).

Nesse contexto, a análise e a avaliação de políticas públicas tornam-se necessárias, em especial às políticas de educação. O modelo para definição de sucesso ou fracasso não pode depender de uma avaliação torpe de aplicações clientelistas ou patrimonialistas, típicas da formação do Estado brasileiro. São necessários padrões consistentes de instrumento para avaliação de programas (HÖFLING, 2001).

Embora tenhamos evoluído no desenvolvimento e aplicação de instrumentos de avaliação⁶, a análise dos processos das políticas também é necessária (ALVES; SOARES, 2013). A compreensão contextual, a tomada de decisão, as escolhas feitas, os caminhos traçados, a interpretação e a ação dos grupos sociais envolvidos também são relevantes (MAY, JOCHIM, 2013).

Outra adoção conceitual que merece destaque é diferença entre as análises *de* políticas públicas (estuda o processo de formulação e implementação) e as análises *para* políticas públicas (produz informações relevantes para os formuladores) (PARSONS, 1995). Nesse aspecto, ressaltamos que o presente estudo perpassa por ambas as facetas porque analisa o processo das políticas e produz informações relevantes através da descrição de casos.

Nos países em desenvolvimento e de formação democrática estudos sobre políticas públicas participativas são recorrentes. Em geral, têm como objetivo melhorar as condições econômicas e sociais de populações-alvo menos favorecidas, promovendo a inserção dos diversos grupos sociais tanto no processo de formulação quanto no acompanhamento das políticas públicas. No Brasil, os exemplos disso podem ser verificados nos conselhos comunitários e nos orçamentos participativos (SOUZA, 2002).

⁶ O contexto da tese apresenta análise *de* processos de políticas e análise *para* políticas, no entanto utiliza ferramentas de avaliação para realizar o recorte dos objetos de estudo. As escolas pesquisadas na etapa empírica foram escolhidas por critérios de avaliação.

Apesar de alguns avanços nos modelos de gestão do Estado, as assimetrias sociais ainda são grandes. Propostas emergentes para o Estado brasileiro redefinem seu papel, de agente hegemônico passa a regulador e articulador de ações coletivas. Com isso, amplia a esfera pública e fortalece a base para o desenvolvimento político-social (RUEDIGER; RICCIO, 2005).

Em um momento histórico próximo, a administração pública brasileira passou do modelo burocrático ao gerencial – reforma gerencialista da década de 1990 – com propostas emergentes no contexto contemporâneo (SALM; MENEGASSO, 2009). Nossa ideia não é fazer juízo de valor sobre os momentos históricos, acreditamos que cada situação carrega pontos positivos e negativos. Sendo assim, a administração burocrática teve sua importância por traçar nuances de profissionalização da gestão e descentralização, porém com falhas de representatividade e cooperação entre os entes federativos, patrimonialismo e clientelismo evidente em sua aplicação. A abordagem evidenciou os princípios de impessoalidade e a concepção de departamentalização na esfera pública, com fundamentação epistemológica positivista (PAULA, 2005).

Posteriormente veio o paradigma gerencialista, e este, trata o contribuinte ou cidadão como um cliente. Nesse sentido, há utilização de ferramentas de gestão e busca por eficiência. Isso ajudou a aproximação da sociedade civil e até mesmo a capacitação de agente públicos, mas os modelos empresariais e de mercado nem sempre se adequam à esfera pública em seus intentos (PAULA, 2005).

As novas concepções já contemplam o Estado enquanto articulador na Sociedade Civil, mesmo para elaboração e até condução de políticas públicas. Neste modelo, as possibilidades e dificuldades se transformam, porque nem sempre há conhecimento e interesse em lidar com essa nova realidade participativa. O desafio é criar uma proposta de desenvolvimento voltado para as pessoas e com as pessoas (RUEDIGER; RICCIO, 2005). Acreditamos na educação e na escola enquanto instrumentos de mobilização social e de participação pela possibilidade de desenvolver os indivíduos e constituir um espaço cívico e social não apenas de estudantes, mas também da comunidade em geral.

Na prática, esse modelo emergente de Estado também se esbarra em dificuldades. Muitas vezes, ações locais positivas ficam fragmentadas e desarticuladas. Existem problemas de formalização, direcionamento e coesão entre projetos e ideias. Contudo, quando utilizadas em condições adequadas de articulação política e contribuições multicêntricas, essas propostas emergentes podem tornar-se mais eficientes e eficazes (SALM; MENEGASSO, 2009).

Independente do modelo de gestão pública o atendimento das demandas sociais ocorre pelas políticas públicas. Daí a necessidade de trabalhos que analisam o contexto e o processo das políticas (FEROLLA, 2013).

Há várias linhas acadêmicas de estudo sobre políticas públicas (Quadro 2). Os trabalhos que objetivam analisar políticas específicas geralmente seguem uma, ou mais propostas de Patton (1982) e/ou Hogwood e Gunn (1984). Apesar de interseccionar mais de um foco, esta tese concentra-se no Estudo dos processos das políticas.

Quadro 2: Tipos de estudo em políticas públicas

Patton (1982)		Hogwood e Gunn (1984)	
Tipo de avaliação	Características	Tipo de avaliação	Características
Análise de início	Realizado no início do programa para auxiliar planejamento e implementação	Conteúdo das políticas	Descreve e explica as características das políticas
Análise de avaliabilidade	Avalia a utilização de diferentes abordagens e métodos de avaliação	Estudo dos processos das políticas	Estágios pelos quais passa a política, desde sua formulação e a interação entre agentes
Avaliação formativa	Implementação e desenvolvimento do programa	Resultado das políticas	Explica a influência de gastos em serviços e diversos fatores
Avaliação de Impacto	Identifica resultados e efeitos	Estudo de avaliação	Identifica impacto sobre população
Monitoramento de programa	Verifica andamento de etapas até sua consolidação	Informação para elaboração de políticas	Organização de dados para elaboração novas políticas
Avaliação de avaliação	Avaliação crítica e fundamentada por pesquisadores, com base em indicadores, métodos, e relatórios de avaliação	Defesa de processos	Melhoria nas funções e tarefas do governo
		Defesa de políticas	Grupos que defendem determinadas “bandeiras”

Fonte: Baseado em Patton (1982) e Hogwood e Gunn (1984)

A visão conceitual sobre como os atores envolvidos em decisões políticas interagem com o meio e com as situações-problema que vivenciam é especialmente relevante. Governos e sociedades buscam alternativas, e a forma como essas soluções são implementadas, avaliadas e revisadas constituem a base complexa dos estudos de processos das políticas (SABATIER, 2007). As definições sobre a temática específica sobre processos de políticas públicas encontram-se no próximo tópico (2.2).

2.2 O ESTUDO DOS PROCESSOS DAS POLÍTICAS

As abordagens teóricas dos processos de políticas constituem um vasto campo de estudo acadêmico. Nas últimas três décadas um grande número de teorias complementares surgiu para melhorar o entendimento sobre a temática. Neste subcapítulo, buscamos compreender interações entre a máquina do estado, atores e políticas públicas.

O processo político, no entanto, contém várias fases, e durante a execução de um projeto suas aplicações podem divergir de suas intenções originais, portanto, para minimizar esses problemas, faz-se necessário instrumentos de análise eficazes (CARTER et al, 2015).

Os atores políticos podem ocupar posições formais ou informais em todos os níveis de governo. É certo que tal circunstância é complexa, e por isso, a academia se esforça em desenvolver teorias, modelos e *frameworks*. Na maioria das vezes, esses esforços são complementares (SCHLAGER; WEIBLE, 2013).

Destacaremos seis teorias estabelecidas com foco nos processos das políticas (PETRIDOU, 2014). Entre elas: (a) *Framework* de coalização de defesas (ACF⁷); (b) Análise de escolhas institucionais (IAD⁸); (c) Teoria do equilíbrio pontuado (PET⁹); (d) *Framework* de difusão e inovação de políticas; (e) *Framework* das correntes múltiplas, e; (f) Teoria da construção social, também abordada com maior profundidade no tópico 2.3 desta tese. Evidenciaremos cada tipo de estudo para elucidar nossa escolha em torno da teoria da construção social (Quadro 3).

O *Framework* de coalizão de defesas desenvolvido por Sabatier e Jenkins-Smith (1988) é focado na formação de coalizões a partir de atores e instituições que compartilham crenças em comum. Sua aplicação consiste em estudar as motivações de cada componente individual na formação de coalizões. Por isso, o papel dos agentes políticos e a lógica da aprendizagem e da mudança política é frequentemente pesquisado. Tendo em vista o objetivo do modelo em entender como a arquitetura das crenças essenciais influencia na formação de coalizões, contribuições empíricas são constantemente desenvolvidas (PETRIDOU, 2014).

A análise de escolhas institucionais, difundida no Brasil sob o viés da teoria da escolha pública, é constituída por um mapa multi-escalar que visa entender a influência das instituições no comportamento dos indivíduos. Formulada por Kiser e Ostrom (1982) ela provê uma linguagem comum entre diversas áreas de estudo. As abordagens comuns do

⁷ Do inglês: *Advocacy Coalition Framework*

⁸ Do inglês: *Institutional Analysis and Development*

⁹ Do inglês: *Punctuated Equilibrium Theory*

modelo constituem: a natureza falível das pessoas e a motivação por interesses próprios. Como decorrência, alguns teóricos defendem a redução do poder público (OSTROM, 2011).

Muitas vezes os processos de políticas públicas e instituições passam um longo período de estabilidade quando o sistema capta um choque exógeno (causador de desequilíbrio) que determina uma mudança na dinâmica dos processos institucionais, em resposta (*feedback*) a essas novas informações estabelece-se um novo equilíbrio. A chamada teoria do equilíbrio pontuado (PET) de Baumgartner e Jones (1991) é claramente uma evolução das concepções sistêmicas indicadas por Easton (1965) (PETRIDOU, 2014).

Pesquisas em inovação e difusão de políticas focam práticas inovadoras de governos em políticas públicas. O pressuposto básico consiste na ideia de que um governo pode aprender com outro pela difusão das experiências. Esse processo de difusão pode ocorrer por vontade política em compartilhamento de ideias, mas também pode ser explícita por competição intergovernamental por atributos políticos, recursos de governos centrais ou até mesmo investimentos exógenos. Estudos e difusão de práticas são antigos, mas o desenvolvimento do modelo como um processo de política ocorreu no início da década de 1990 (SABATIER, 2007).

Preconizada por Cohen, March e Olsen (1972), o modelo das correntes múltiplas de Kingdon (1984) é baseado numa lógica de ambiguidades, na qual os problemas são sempre mais fortes do que as possibilidades de solução (PETRIDOU, 2014).

A teoria da construção social leva em conta que os formuladores de política analisam a população alvo antes da tomada de decisões, privilegiando grupos em detrimento de outros. Isso explica porque as instituições democráticas perpetuam a injustiça por meio de uma cidadania desigual e falham em resolver os problemas da sociedade (SCHNEIDER; INGRAM, 1997). Nossa opção por essa abordagem parte do princípio de que os grupos não contemplados podem organizar-se e adquirirem uma nova condição.

Quadro 3: Teorias dos processos das políticas academicamente estabelecidas

Modelo	Formulação	Pontos Positivos	Pontos Negativos	Aplicação
<i>Framework</i> de coalizão de defesas (ACF)	Sabatier e Jenkins-Smith (1988).	Análises individuais de crenças e ideologias na formação de coalizões em subsistemas políticos.	Viés do pesquisador e abordagens incompletas de sistemas.	Pierce (2011); Stensdal (2012).
Análise de escolhas institucionais (IAD).	Kiser e Ostrom (1982).	Influenciou o modelo de organização de aparelho de estado em vários países.	Subestima a capacidade dos agentes políticos em decidir.	Bushouse (2011).
Teoria do equilíbrio pontuado (PET).	Baumgartner e Jones (1991).	Inter-relação entre atores, processos e ambientes, com intuito de autopreservação do sistema gera uma capacidade intrínseca de adaptação.	Trata o processo como um dos <i>outputs</i> , por isso reduz a lógica dos processos e enfatiza a tomada de decisão.	Larsen-Price (2012).
<i>Framework</i> de difusão e inovação de políticas	Berry e Berry (1990).	O compartilhamento de experiências gera material robusto de práticas inovadoras.	A disputa por recursos e investimentos nem sempre ocorre de maneira saudável.	Berry e Berry (1990).
<i>Framework</i> das correntes múltiplas	Kingdon (1984).	Contempla a noção de caos que permeia qualquer sistema e formata a ideia de empreendedores de políticas públicas no contexto denominado “janela de oportunidades”.	A determinação das políticas públicas como soluções a problemas apresentados não é tão aleatória como preconizado.	Zahariadis (2003).
Teoria da construção social	Schneider e Ingram (1993)	Levanta motivos para explicar porque o poder público trata os cidadãos de maneira tão desigual.	Condiciona os grupos desfavorecidos à perpetuação de sua situação.	Hudson (2013)

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Petridou (2014).

A abordagem da tese possui várias contribuições ao contexto da teoria da construção social por vários motivos: minimiza e elimina conceitos tidos como pontos negativos da teoria; contempla mudanças em um grupo de população alvo relevante (público de interesse

das escolas do campo), e; desenvolve uma metodologia consistente para análise qualitativa de mudanças em populações alvo. O próximo tópico conceitua a teoria da construção social e contextualiza sua aplicação à Educação no Campo.

2.3 TEORIA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O propósito central da política pública é resolver os problemas sociais através de coordenação da ação coletiva. Alguns autores defendem que a sociedade civil deve participar da elaboração, gestão e execução das políticas e principalmente do controle social. Isso porque a efetivação de direitos modifica a vida dos indivíduos. Esses personagens são denominados atores. As formas de participação englobam os conselhos, movimentos sociais e organizações, mas geralmente o papel formulação e aplicação é mesmo efetivado pelo Estado em seus três níveis de governo. Nesse caso, todas as ações e omissões governamentais devem ser consideradas porque elas influenciam o cotidiano da população (SILVA, 2009; CARTER et al, 2015).

Consideramos os atores muito importantes no contexto da prática política e acreditamos que sua ação pode mobilizar grupos sociais. Para tanto, é necessária estreita colaboração com outros, e tais atividades exigem altos níveis de habilidade política. Enquanto mobilizadores, os indivíduos e grupos são capazes de promover mudanças políticas. Esse foco no trabalho em equipe, na construção de coalizões e na capacidade transformadora, forma um conceito relevante para o contexto da tese (MINTROM; SALISBURY; LUETJENS, 2014).

A administração pública tem como função essencial atender à sociedade como um todo. Através de políticas públicas universalizantes, que possibilitem a incorporação de conquistas sociais pelos grupos e setores desfavorecidos visando a reversão do desequilíbrio social (TENÓRIO; SARAVIA, 2006).

Desse modo, nosso pensamento sobre a temática de políticas públicas específicas para educação no campo segue a tendência apresentada por Schneider e Ingram (1993) onde a construção social para populações alvo influencia a agenda política, assim como interfere nas escolhas. Essa forma de abordagem é mais bem entendida pelos cidadãos e auxilia a participação e orientação.

O grande desafio para essa construção é envolver as pessoas, normalmente desencantadas ou distantes dos governos. Por isso, o desenho de políticas cidadãs no qual as

pessoas comuns são ouvidas e melhor educadas torna-se imperioso. Ao invés de servir os estreitos interesses de grupos poderosos e excluir pessoas dadas como “impotentes”, a política pública precisa resolver problemas, buscar a justiça, e equilibrar os interesses de indivíduos através da preocupação com o bem coletivo (SCHNEIDER; INGRAM, 1997).

Consideramos a escola rural um instrumento capaz de mobilizar tal circunstância democrática. A convergência entre o poder político (forte ou fraco) e as construções sociais (positivas ou negativas) cria quatro grandes grupos de população alvo e o comportamento comum dos agentes políticos costuma ser diferente para com cada um (Figura 3) (SCHNEIDER; INGRAM, 1993). Naturalmente, o ambiente escolar rural concilia fraco poder político com construção social positiva enquadrando-se no tipo de população alvo denominado “dependente”, porém nossa proposta é fortalecer a escola rural para que ela aumente seu poder político, mobilize a comunidade local, tenha poder de cobrança e participação democrática no âmbito das políticas públicas e alcance a condição de população alvo “favorecida”.

Cada grupo possui características próprias e podem alterar de categoria ao longo do tempo¹⁰. Os “favorecidos” têm poder ou energia/união para transformação da realidade e são construídos de forma positiva, espera-se que eles recebam muitos benefícios e alguns encargos. “Contendedores” têm elevado de poder, mas são construídas de forma negativa, esperam grandes benefícios usualmente indignos. Os “dependentes” possuem pouco poder, mas são construídos de forma positiva e esperam por benefícios. Finalmente, “desviantes” têm poucos poderes e são construídos de forma negativa; estes, teoricamente, acabam por receber pouquíssimos benefícios (SCHNEIDER; INGRAM, 1993).

	Construção positiva	Construção negativa
Forte poder	Favorecidos	Contendedores
Fraco poder	Dependentes	Desviantes

Figura 3: Construção social e poder político: tipos de população alvo

Fonte: Adaptada de Schneider e Ingram (1993)

10 Ressaltamos que somos contra os estereótipos, por exemplo, a chamada “elite cultural” é colocada pelos autores como contendedores e acreditamos que existem pessoas nesse Grupo que constroem seu poder de maneira positiva. Pierce et al (2014) possuem um subcapítulo dedicado à alteração nas populações alvo.

O grupo denominado “favorecidos” possui uma construção social tida como “digna”, com zelo pelo bem estar público, ao passo que dirige forte influência sobre os formuladores de políticas (SCHNEIDER; INGRAM, 1993). No geral, os principais autores de *design* de políticas, incluem naturalmente neste quadrante, por exemplo, grupos de cientistas e Universidades, empreendedores de negócios e negócios sociais.

Os “Contendores” também apresentam grande influência sobre os formuladores de políticas, porém a construção do grupo é feita de um modo “desonesto”, “estúpido” ou “egoísta”. Entre eles, sonegadores ricos, empresários corruptos e corruptores (SCHNEIDER; INGRAM, 1993).

Ainda conforme Schneider e Ingram (1993) a dinâmica que congrega fraco poder sobre a classe política da sociedade, mas cuja construção social se dá de modo “honesto” ou “merecedor” forma o grupo chamado de “Dependentes”, que por característica própria, espera por benefícios advindos do Estado. Crianças, mães solteiras, comunidades remotas ou distantes, são consideradas dependentes.

A última população alvo, denominada “Desviantes”, pode ser exemplificada por criminosos, viciados e gangues, que normalmente ficam à margem das políticas públicas, com pouca chance de influência sobre a possibilidade de benefícios sociais, marginalizados também por outras camadas da sociedade pela concepção “indigna” de suas causas (SCHNEIDER; INGRAM, 1997).

Nossa opção por esta abordagem consiste em sua aplicação democrática que compreende as características culturais e a visão do público cujo bem estar é afetado pelas políticas. Acreditamos que esse ponto de vista é mais completo do que a orientação excessivamente técnica e metodológica contida nas ciências políticas e na abordagem denominada escolha pública ou IAD; e mais ampla do que a análise rigorosamente estratégica, típica das teorias pluralista e crítica (SCHNEIDER; INGRAM, 1993; SCHNEIDER; INGRAM, 1997).

Sabemos que frequentemente essa tentativa de mobilização de grupos distantes ou minoritários acaba em baixa participação. Nesse caso é importante questionar o que impede tal participação ou como se dá a trajetória dos grupos que conseguem êxito (SCHNEIDER; INGRAM, 1993).

Para atingir êxito na evolução de um grupo e conseguir modificar os processos das políticas é preciso algumas condições: alguém com experiência na área ou em posição de autoridade para tomar decisão; conexões políticas ou habilidade de negociação, e; persistência. Ter pessoas engajadas nessa mudança (professores, diretores, famílias e

comunidades) voltadas para o alcance de objetivo – melhoria na qualidade da educação - pode ser o grande diferencial (BUSHOUSE, 2009).

A perspectiva construtivista¹¹ do processo das políticas com a participação e a cobrança de agentes evoluiu ao longo dos anos. Tal contribuição elevou o padrão ciência e trouxe clareza para os estudos através da formulação de novas hipóteses e do reconhecimento da incerteza, apesar das críticas que demonstram a falta de análise sobre as instituições e a direção casual de identificação das populações alvo (LIEBERMAN, 1995; DELEON, 2005; SABATIER, 2007).

A teoria de construção social é dividida em três dimensões (Quadro 4). Conforme Pierce et al (2014) compreender as suposições teóricas de outras abordagens ajuda na delimitação do escopo e do interesse de pesquisa e até mesmo na escolha de métodos e ferramentas descritas no quarto capítulo desta tese.

Quadro 4: Resumo de suposições da teoria de construção social

Modelo do indivíduo
<p>1. Atores não podem processar todas as informações relevantes para tomar uma decisão, e dependem de heurísticas mentais para decidir qual informação deve prosseguir.</p> <p>2. Heurísticas Mentais¹² filtram as informações de uma forma tendenciosa, resultando assim em uma tendência dos indivíduos em confirmar informações semelhantes às crenças pré-existentes e rejeitar a informação que não é.</p> <p>3. As pessoas usam construções sociais de uma forma subjetiva que é avaliativa.</p> <p>4. A realidade social é relativa e limitada pela percepção dos indivíduos, que por sua vez percebem padrões generalizáveis de construções sociais dentro condições objetivas.</p>
Ambiente político
<p>5. As políticas criam encontros sociais futuros que retroalimentam o sistema e criam novas políticas e novos encontros sociais.</p> <p>6. Políticas enviam mensagens aos cidadãos que afetam as suas orientações e padrões de participação.</p> <p>7. As políticas são criadas em um ambiente de incerteza política.</p>
Poder
<p>8. O poder não é distribuído igualmente dentro de um ambiente político, o que incorre em: manter, alterar ou retirar pautas de agenda; ideologia, e; resolução de conflitos com conciliação de interesses.</p>

Fonte: Adaptado de Pierce et al (2014)

Após resumir os pressupostos fundamentais da teoria de construção social relativa aos processos das políticas públicas é preciso entender o contexto e as definições de Educação do

¹¹ O termo “constructivism” é utilizado pelos autores de *design* e processos de políticas. No Brasil, esse termo tem um apelo maior para a área pedagógica de Jean Piaget. Porém, nesse momento, entenderemos o construtivismo como a participação dos indivíduos em seu meio, na formulação e controle social das políticas públicas. Uma interpretação oriunda das ciências políticas.

¹² Inconsciente do indivíduo que busca atalhos para o entendimento de situações, normalmente explicita um viés ou parcialidade de um tomador de decisão.

Campo. As conclusões a respeito do desenvolvimento teórico que circunda o objeto de estudo também fazem parte de nossa análise.

3. EDUCAÇÃO DO CAMPO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS E EVOLUÇÃO HISTÓRICA NO BRASIL¹³

A prática emancipatória da educação não pode estar fundamentada na disseminação de conteúdos, mas sim na problematização do indivíduo em suas relações com o mundo. O elemento fundamental do ensino é ajustar-se àqueles que devem aprender (FREIRE, 1996).

Entre os estudos acadêmicos nacionais é comum a distinção de “educação rural” para “educação do campo”. Nessa perspectiva o espaço rural é tratado como extensão do espaço urbano. Em termos de desenvolvimento educacional, essa abordagem de “extensão do espaço” deteriora a educação enquanto solucionadora de problemas contextualizados.

Ambos os termos referem-se à educação oferecida às populações que vivem fora da zona urbana. No entanto, a “educação rural” sempre foi utilizada para designar processos de repetição no campo das metodologias urbanas, desconsiderando o contexto vivencial dos estudantes. Os protagonistas da luta pela mudança dessa situação cunharam a expressão “educação do campo” para diferenciar a proposta que defendem: uma educação pública de qualidade e adequada às necessidades da população alvo. Portanto, diferente da educação urbana e da “educação rural” (FEROLLA, 2013).

Além da dicotomia clássica entre os dois conceitos abordados, temos ainda outras aproximações conceituais presentes da literatura: fora da cidade (não urbano); populações remotas (conceito muito utilizado na literatura internacional), e; níveis de ruralidade. Iremos abordar tais conceituações ao longo do texto.

Um estudo sobre as definições de rural pode auxiliar políticas públicas, porque existem grandes diferenças entre as populações rurais, com isso há inúmeras dificuldades em moldar políticas nacionais que se encaixam em todos os lugares. As desigualdades regionais tornam o problema ainda mais complexo, do ponto de vista analítico é possível afirmar que o ambiente rural, muitas vezes, é relegado à condição de inferioridade (MARSHALL, 2001).

A definição de rural no contexto educacional desafia formuladores de política, analistas, educadores e pesquisadores. Enquanto a literatura internacional concentra-se em tipologias de rural e as diferenças no ensino: Stern (1994); Marshall (2001); Arnold et al (2007); Powell et al (2009); Mlangeni e Chiotha (2015), a literatura nacional recente prioriza a análise da dicotomia conceitual e atitudinal em relação à educação rural e a educação do campo: Cavalcante (2010); Souza (2012); Ribeiro (2013) Santos e Teixeira (2014).

¹³ Este capítulo que compõe a tese encontra-se publicado em Arquivos Analíticos de Políticas Educativas (AAPE), 24(78). Para verificar o trabalho detalhadamente, verificar Silva e Passador (2016).

No processo de construção do Estado moderno, a escola rural serviu como um mecanismo de penetração de cultura urbana no âmbito rural. Salvo as circunstâncias onde movimentos sociais com reação “defensiva” conseguiram manter o ensino no campo como símbolo de identidade cultural e força, inclusive ideológica, dentre as comunidades (CANÁRIO, 2008).

Com o intuito de garantir a educação cultural das localidades, a Constituição Federal de 1988 estabeleceu uma política de direitos, incorporando a educação ao exercício da cidadania (BRASIL, 1988). Embora a universalização dos direitos tenha sido instituída, na prática as dificuldades de aplicação ainda permanecem (BAPTISTA, 2003).

Já no início dos anos 2000 tivemos uma onda otimista de três grupos defensores da educação do campo: educadores, militantes e pesquisadores de políticas públicas. Nesse caso, avançamos na cultura de direitos, mas o Brasil ainda possui sérias desigualdades entre o espaço urbano e o espaço rural em termos educacionais (LOPES, 2014).

Desse modo, o capítulo visa responder a duas questões da literatura acadêmica. Primeiro: quais as diferenças e as aproximações conceituais entre grau de ruralidade, fora da cidade, rural, remoto e campo? Segundo: Como se deu a evolução histórica desses conceitos enquanto práticas de políticas públicas antes da constituição de 1988, o período pós-democratização (1989-2000), e o período de otimismo ideológico pós 2000?

Portanto, temos como objetivo: elencar diferenças e aproximações, através de revisão em literatura acadêmica, entre graus e ruralidade, fora da cidade, rural, remoto e campo, identificando obstáculos para a concretização de políticas públicas em suas diferentes abordagens; analisar as políticas públicas de educação do campo em três períodos históricos, por meio de revisão literária e documental, com apresentação de um quadro de comparações históricas.

Definir claramente o meio rural tem implicações concretas para as políticas e práticas públicas de educação, e para estabelecer as necessidades de recursos (ARNOLD et al, 2007). Ao todo, seis maneiras para distinguir “escola inserida em ambiente rural” são apresentadas no trabalho. Além disso, é possível compreender melhor o contexto brasileiro a partir das informações levantadas.

Nesse âmbito, uma questão relevante é a unidade territorial de análise, isso porque o que é considerado rural depende das características do bairro, distrito, município ou região. O termo rural é constantemente utilizado para adjetivar escolas ou locais. Portanto, uma interpretação distinta entre sujeitos diferentes, pode causar confusões conceituais, e tais representações podem afetar as políticas e práticas de ensino. Daí a relevância contextual e

justificativa do estudo, porque ele ajuda a compor todas as possibilidades de conceituação presentes na literatura.

3.1 APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

A palavra rural possui diferentes significados, principalmente quando associada à educação. É definida em referência à densidade populacional, características geográficas, e nível de desenvolvimento econômico e industrial. Outros locais, como no Brasil, na maioria das vezes utilizam a definição censitária como o bloco de construção geográfica para uma classificação das áreas rurais. Algumas definições estudam a proximidade de uma área metropolitana, como medida de ruralidade, enquanto outros usam proximidade em relação à área urbanizada. Alguns sistemas classificam as escolas rurais de acordo com o seu raio de distância para áreas urbanizadas, mas outros não. Rápidas mudanças, especificidades e crescente diversidade tornam a definição rural ainda mais difícil (ARNOLD et al, 2007).

Entre as diversas possibilidades, o primeiro conceito que trataremos é o de mais fácil entendimento, pois não carrega ideologias, tampouco confusões semânticas e entre sinônimos, mas diferenças metodológicas e simbólicas: *fora da cidade*. Para entender melhor esse conceito é preciso identificar o critério metodológico de classificações de cidade. Em cada local do mundo as classificações são diferentes, existem critérios quantitativos, qualitativos e administrativos. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) utiliza o critério administrativo. Portanto, há um entendimento territorial, onde existe uma demarcação municipal que distingue área urbana de área rural.

Há ainda a diferença simbólica que tem a expressão. Consideramos a conotação da expressão *fora da cidade* uma consequência de um processo histórico com acentuadas transformações na civilização que modula os comportamentos dos indivíduos nas sociedades, em especial, ocidentais (SZAPIRO, 2004). A partir da era industrial a cidade se torna o centro, e tudo aquilo que não é cidade, é *fora da cidade*. Então, existe um simbolismo de exclusão.

O conceito de *remoto*, ou local de difícil acesso, também é comumente utilizado pela academia enquanto sinônimo de rural. Na literatura internacional os trabalhos que usam tal terminologia, em geral, estudam a importância dos pais e das famílias na aprendizagem dos estudantes. No Brasil, essa abordagem também é recorrente, mas os trabalhos nacionais que utilizam a terminologia incluem o contexto dos movimentos sociais. Nesse sentido, é importante lembrar que a maioria dos estudiosos acerca de movimentos sociais prefere a

expressão “do Campo” ao invés de “remoto” (ARDENER, 2012; NGUYEN; CAIRNEY, 2013).

Normalmente, os autores exploram a educação em ambiente *remoto*, ao se referirem a vilas distantes, locais inóspitos ou até mesmo áreas tribais ou áreas de conflito (OSBORNE, 1982; PHELPS et al, 2014; BURDE; MIDDLETON; WAHL, 2015). Apesar do grande território brasileiro e da presença de tribos indígenas, as aproximações conceituais de educação em áreas remotas são pouco exploradas.

Diferentes abordagens estudam o grau ou *nível de ruralidade*. Todas utilizam do aparato estatístico para realizar suas definições. As metodologias aplicam: o tamanho e a densidade populacional das áreas; a relação e a distância para áreas urbanizadas e para grandes centros; o índice de estudantes moradores em áreas oficialmente urbanas; a atividade econômica do local; classificação dos órgãos de educação. O *nível de ruralidade* fica definido por indicadores, códigos ou graus (ARNOLD et al, 2007; LOPES, 2014).

A *tipologia das escolas rurais* classifica as comunidades em: estáveis; oprimidas; grandes comunidades, isoladas e àquelas responsáveis por promover o renascimento das comunidades rurais (KHATTRI; RILEY; KANE, 1997).

Essa perspectiva taxonômica indica que a maneira de lidar a educação em cada um dos ambientes definidos deve ser diferente. Não se pode tratar a educação de uma comunidade rural baseada em agricultura familiar do mesmo modo que outra comunidade inserida em contexto agroindustrial como extensão da cidade, por exemplo. Os desafios são distintos, se cada escola é por si só, uma organização única, imaginemos então essas organizações em contextos tão diferenciados (ARNOLD et al, 2007).

O Brasil possui vários “rurais”, e cada um deles, características próprias. Esse é um pensamento que a *educação do campo* já concebeu. Em contraposição à *educação rural*, aqui tipicamente caracterizada pela extensão do urbano em sua acepção, acreditamos que o termo *educação rural* carrega uma impessoalidade singular, ou seja, se é rural, não é *de* ninguém; ao passo que a *educação do campo*, evolui tal concepção.

A *educação do campo* tipifica o sujeito enquanto membro ou parte de uma coletividade. É claramente uma ruptura ideológica de contraposição individual e liberal corroborado pela *educação rural*. Portanto, a educação é mais do que a escola, ela vincula-se a uma luta social e humanitária plena, pela desalienação do trabalho, a favor da democratização do acesso à cultura e à sua produção, pela participação política, pela defesa do meio ambiente (CALDART, 2009).

A *educação do campo* está longe de ser caracterizada como um ruralismo pedagógico idealizado, pois colocam as condições de vida do camponês na pauta de estudos: como os indivíduos lidam com o ambiente, o trabalho no campo e com o conteúdo escolar, o passivo histórico da desigualdade agrária que situa educandos e educadores. Na compreensão da sua diversidade socioambiental e organizacional, entre o espaço do campo que ocupam os ribeirinhos, sertanejos, indígenas, caiçaras, quilombolas, ou simples moradores do rural sem rótulos, mas ainda assim quase inacessível aos serviços públicos (CAVALCANTE, 2010). O Quadro 5 apresenta todas as concepções trabalhadas.

Quadro 5: Aproximações e diferenciações conceituais

Conceito	Ideias Centrais	Contexto de Aplicação
Fora da cidade.	Àquele que não é da zona urbana; não possui princípios ideológicos, mas um simbolismo de exclusão.	Há várias classificações de urbano x rural, com critérios quantitativos, qualitativos e administrativos.
Remoto.	Ideia de distância, difícil acesso, locais inóspitos ou até mesmo áreas tribais ou áreas de conflito.	Pouca utilização na literatura nacional, muitas vezes não tem a conotação de “rural ou campo”.
Nível de ruralidade.	Tentativa em definir, através de critérios, o quanto os locais são rurais.	Apoio estatístico para definições de indicadores, códigos ou graus.
Tipologias.	Classificação de comunidades em critérios qualitativos, quanto a perenidade à atividade agrícola ligada, outros.	Leva em conta o contexto de inserção da comunidade. Tipos de ambientes requerem diferentes práticas educacionais.
Educação rural.	Educação que ocorre no meio rural, tido como extensão do urbano.	Ideia de afastamento, é o termo mais utilizado na literatura internacional.
Educação do campo.	Educação enquanto luta social e coletiva <i>do</i> homem do campo.	Ruptura ideológica em contraposição à educação rural.

Fonte: Elaborado pelo autor

3.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA: POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO NO CAMPO NO BRASIL

3.2.1 Antecedentes Históricos

Ao iniciar a discussão sobre a educação no campo, é preciso averiguar raízes do Brasil colônia. A distribuição de terras em nosso país ocorreu de maneira desequilibrada, injusta e discriminatória. Com isso, as relações de poder e produção do rural foram construídas sob a lógica de uma sociedade excludente (PRADO-JÚNIOR, 1979). Nesse cenário, cabe-nos questionar a quais grupos, com poder de decisão e força política, interessariam o sucesso das escolas no rural.

A lógica da sociedade capitalista de formação hegemônica de grupos nos permite interpretar essa questão. Com um processo de industrialização urbanocêntrico e consumista, o espaço rural passa a atender o urbano em sua sede de posse, aprofundando as desigualdades (CAVALCANTE, 2010). No Brasil, tal situação ocorreu mesmo com a tardia sociedade agrícola para a sociedade industrial.

Diante desse contexto, a formação da educação rural brasileira do século XX teve por retaguarda ideológica o elitismo. Acentuado pelos jesuítas e a interpretação política-ideológica da oligarquia agrária atrelada aos meios de produção capitalista dos contextos urbanos. O reflexo eminente é que a formação de políticas se deu de maneira lenta e fragmentada, a partir de propostas, projetos e campanhas, similares aos métodos utilizados nas cidades (LEITE, 1999).

Há interpretações ainda mais fortes de autores sobre as políticas de formação da educação rural no Brasil. Cavalcante (2010, p. 554) explica “a falta de uma política, foi a política educacional do rural em sua cor mais viva ao longo da história”. Fica evidente a lógica da formação hegemônica, onde o espaço rural aportava-se sob a égide determinista de inferioridade.

Algumas instituições nacionais e movimentos que precederam as primeiras políticas de educação para populações rurais merecem destaque em nossa análise. Entre eles, o movimento do “ruralismo pedagógico” (década de 1930) e o Acordo Sobre Educação Rural do ministério da Agricultura (1945). A criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em 1938, e o Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP) em 1945 foram inicialmente constituídos para a destinação de recursos educacionais (BARREIRO, 2010).

As políticas públicas em educação no âmbito rural começam a ser instituídas, sob uma perspectiva própria e orgânica, a partir das décadas de 1950 e 1960. Ainda que timidamente, o segundo governo Vargas (1951-1954) passa a enxergar o homem do campo enquanto cidadão. O Serviço Social Rural (SSR), de 1951, ajuda a diagnosticar a situação dos camponeses. Em termos educacionais, apenas políticas (ou ausência delas) com foco em redução do analfabetismo já não eram o bastante. Então a partir de 1952, com a criação da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) fica instituída a primeira política integrada, por assim dizer, própria da educação rural (BARREIRO, 2010).

O financiamento do CNER por uma agência estadunidense (Ponto IV) interessada na expansão da ideologia da modernização e no modo de produção capitalista denota os primórdios das políticas de educação rural no Brasil. Em contraposição, surge a educação popular da resistência, que acreditando no potencial transformador da educação alcançava crianças, jovens e adultos, no rural e no urbano (CAVALCANTE, 2010).

Com a ditadura militar a partir de 1964 os movimentos populares passam sobreviver com maiores dificuldades. A educação popular adquire contornos de militância e instaura práticas de apoio com auxílio de grupos religiosos em dados momentos. Entre a fé cristã de vida e de luta, inegavelmente abre-se a mobilização rural do país, por meio da educação, sob a ótica de inconformidade e rebeldia política (PAIVA, 2003).

O movimento sobreviveu na “ilegalidade”, e ao invés de se dissipar, parece ter fortalecido as causas. Junto com outros movimentos sociais, chegaram vivos e reconfigurados aos anos 80. No processo de redemocratização do país influenciaram o contexto da Constituição de 1988, demarcando um novo período histórico da política de direitos (GOHN, 2002).

3.2.2 Da redemocratização à Educação do Campo

Essa lógica histórica, ainda hoje, perpetua as dificuldades a que estão submetidas as escolas e os camponeses. Muito embora nossa Constituição tenha estabelecido uma política de direitos e cidadania, ainda seria necessário um amadurecimento democrático. Entendemos que esse, foi um período de transição, no qual foram articuladas as bandeiras da educação do campo. Destacamos dois pilares de análise: os pequenos avanços em legislação e a mobilização organizada dos movimentos sociais por políticas públicas.

Do ponto de vista legal, nem mesmo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) define uma política educacional ampla própria para o setor. Entretanto fazemos questão de mencionar o avanço em termos legais:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, art. 28).

Sob o aspecto da mobilização, destacamos o Movimento de Articulação por uma Educação do Campo que organizou diversas instituições pelo avanço da área. Entre elas: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Organização das Nações Unidas pra Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Universidade de Brasília (UNB) e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), estudaram as demandas da educação do rural brasileiro, bem como as demandas e prioridades (CAVALCANTE, 2010).

A organização do movimento lidou com o desafio de políticas neoliberais. No campo das ideias, pressionaram o Estado a reconhecer e apoiar uma nova filosofia de educação de crianças, jovens e adultos. Defenderam políticas educacionais e incorporaram possibilidades para a democratização do conhecimento (THAPLIYAL, 2013).

Como consequência do I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA) o diálogo se sedimentou. Assim, a I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), ambos em 1998, marcam a passagem conceitual para a Educação do Campo, considera sua pluralidade, e ao mesmo tempo unifica o princípio de equidade e justiça em suas reivindicações e plataformas políticas. Com essa mudança, o ciclo de aprofundamento do debate político, com poucas conquistas práticas se encerra, e abre espaço para um novo ciclo: o de direitos (CAVALCANTE, 2010).

Portanto, o cenário de transformações do setor público brasileiro e a consolidação da democracia pós 1988 permitiram que a pressão de agentes sociais surtisse efeito em alguns setores. Entre eles, a educação do campo passa a receber um olhar mais próximo em termos de políticas públicas, notadamente após a entrada no século XXI (PASSADOR, 2012).

3.2.3 O Século XXI e os Direitos

O período pós 2000 é caracterizado por uma série de conquistas normativo-legais que garantem direitos no espectro da educação do campo (Quadro 6). Agora concebidas sob a égide ideológico-conceitual da educação do campo. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo; Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GPT); Recomenda a adoção da pedagogia da alternância; Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo; Institui uma Política Nacional de Educação do Campo via PRONERA; Exige justificativas fundamentadas para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas (BRASIL, 2002; BRASIL, 2003; BRASIL, 2006; BRASIL, 2008; BRASIL, 2010; BRASIL, 2014).

Quadro 6: Avanços nas políticas normativas para educação do campo

Tipo de Norma / ano	Avanços
Resolução / 2002	Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, um conjunto de princípios e procedimentos para serem observados nos projetos das instituições que integram os diversos sistemas de ensino.
Portaria / 2003	Cria Grupo Permanente de Trabalho (GPT) para o acompanhamento da Educação do Campo no Brasil, em uma acepção ampla e sistêmica.
Parecer / 2006	Recomenda a adoção da Pedagogia da Alternância em escolas do campo, quando necessário, com a flexibilização de dias horários mediante circunstâncias ambientais e diferenças organizacionais para a escola do campo.
Resolução / 2008	Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.
Decreto / 2010	Dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.
Lei complementar / 2014	O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar.

Fonte: Elaborado pelo autor

Salientamos que a melhoria em aspectos normativo-legais nem sempre se concretizam em termos práticos. Os avanços são muitos, mas as disparidades entre a educação do campo e da cidade ainda são grandes. As avaliações de qualidade em educação, mesmo com critérios ainda questionáveis para o ambiente do campo, apontam rendimento inferior de escolas do meio rural quando comparados às cidades. As taxas de analfabetismo ainda são maiores. E a desigualdade histórica, apesar de atenuada, ainda insiste em permanecer.

Outro aspecto importante observado neste período foi a instituição da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Em 2011 foi aprimorada para Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Entre as atribuições da SECADI está o gerenciamento de programas de melhoria das condições da educação rural, incluindo a alfabetização, a educação do campo, a educação em direitos humanos, a educação ambiental, a educação escolar das minorias indígenas, turmas multiseriadas e a integração com políticas de Ensino Superior via às Instituições Federais de Educação Superior (IFES) (LOPES, 2014).

A partir do contexto histórico apresentado, as melhorias em educação do campo podem ser consideradas conquistas dos movimentos sociais populares. Esse novo conceito contesta a preparação para o trabalho e a vida urbanos, oferecida com o título de educação rural. Para tanto o que se propõe é uma articulação conceitual que considera o bem-estar dos indivíduos no geral, o direito à cidadania, saúde e educação (RIBEIRO, 2013).

3.3 DESAFIOS EMERGENTES

É possível entender que o aprimoramento da educação do campo, em termos conceituais, simbólicos e em resultados, ocorreu de maneira lenta e gradual (Quadro 7). Ao destacar três períodos históricos e utilizar de um quadro conceitual amplo foi possível analisar as políticas públicas na área e melhorar o entendimento sobre educação do campo.

Quadro 7: Resumo da evolução histórica das políticas nacionais de educação do campo

Período	Contribuições	Críticas
Pré 1988	Na década de 1950, Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) é a primeira agenda; nas décadas de 1960 e 1970 organizam-se os movimentos sociais com bandeira do homem do campo.	A consequência da desigualdade agrária reflete nas políticas públicas que se configuram em caráter elitista. Período militar é momento de estagnação em políticas na área.
1988-2000	Momento de transição. Articulação de instituições democráticas. Aprovação da Nova LDB e o amadurecimento da mobilização.	Mesmo com a redemocratização, o reflexo em políticas públicas ainda é baixo tanto em termos normativos quanto aplicações.
Pós 2000	Período de várias conquistas de direitos, normas e ideias. Momento de otimismo. Novo conceito: Educação do Campo.	Aspectos normativos nem sempre se traduzem em prática. Desigualdade ainda é grande, apesar de atenuações.

Fonte: elaborado pelo autor

Definir a educação no meio rural requer precisão e flexibilidade. Parece apropriado ter diferentes definições para guiar diferentes tipos de políticas, a exceção das terminologias “educação fora da cidade” e “educação rural” tendo em vista o caráter discriminatório de ambas. Em alguns momentos utilizamos esses termos enquanto sinônimos de outros como “educação do campo”, mas salientamos que para tal uso é necessário contextualizar suas diferenças simbólicas, metodológicas e ideológicas.

Nenhum tipo de arbítrio ou definição é capaz de caracterizar as diversas zonas “rurais”. Para que seja oportuno que essas diferenças conceituais existam (criando diferentes análises e diferentes tipos de políticas) é preciso também que sejam esclarecidas. Por isso esse capítulo cumpriu seu objetivo ao elucidar aproximações e diferenças conceituais sobre educação do campo.

Os movimentos sociais tiveram ampla participação no aprofundamento de conceitos da educação do campo. Tal força impulsionou conquistas normativas e o Estado brasileiro reconhece sua parte no que se refere a programas governamentais. Por isso os desafios são outros. Mesmo assim, uma grande questão ainda permanece: o que pode ser feito para melhorar a qualidade da educação do campo em um contexto tão adverso?

Em tempos de crise estrutural econômica é possível afirmar que o próximo pêndulo histórico seja de desaceleração da reforma agrária. A ânsia pela produção e por melhorias nos saldos comerciais forçou uma opção nacional pela competitividade do agronegócio de base

latifundiária. É um momento, politicamente, delicado e o funcionamento adequado de escolas do campo fica ainda mais difícil de articular (RIBEIRO, 2015).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: FRAMEWORK PARA ANÁLISE DE MUDANÇAS EM POPULAÇÕES ALVO

Com relação aos fins, este estudo sobre processos de políticas apresenta traços de exploração, descrição e explicação. É pesquisa exploratória porque auxilia a compreensão de um fenômeno, jamais estudado sob o enfoque proposto. Descritiva por descrever características, conteúdos, históricos e processos de políticas públicas e de comunidades escolares. Explicativa, pois tem a capacidade de explicar mudanças em populações alvo.

O estudo é de natureza qualitativa que tem a vantagem de aprofundar contextos e explicar circunstâncias próprias. Salientamos que esse tipo de pesquisa está em acordo com os objetivos propostos pelo trabalho. Mais especificamente utilizamos o estudo de multicasos que acrescenta observações sobre objetos de estudo em relação às múltiplas fontes de evidências. Múltiplas observações ampliam o horizonte de análises e permitem a comparação de projetos, muito bem aceitos em estudos relacionados à gestão pública (STEWART, 2012).

O pano de fundo teórico para análise concentra-se na teoria da construção social de Schneider e Ingram (1993), que vem sendo cada vez mais difundida na literatura. Apenas nos últimos dez anos, mais de cem aplicações empíricas foram publicadas em importantes revistas internacionais. A teoria incorpora a construção social e poder de populações alvo para compreender o desenvolvimento e as implicações para concepção de políticas (PIERCE et al, 2014).

Ao usar a teoria da construção social para identificar tipos de populações alvo para formulação de políticas, verificamos a possibilidade de modificação na construção das populações alvo, pois entendemos que os grupos nem sempre são estáticos dentro dos tipos ideais. Com o tempo, algumas populações têm sido enquadradas em diferentes categorias por diferentes pesquisas. Os estudiosos têm um interesse notável na compreensão dos mecanismos causais que conduzem a mudanças no posicionamento das populações alvo entre os favorecidos, contendores, dependentes e desviantes (PIERCE et al, 2014).

Muitos trabalhos acadêmicos estudam essa possibilidade de mudança entre populações alvo, porém cada um utiliza metodologias diferentes. Destacamos dois trabalhos que analisam, inclusive, mais de uma mudança em populações alvo ao longo do tempo. Em DiAlto (2005) a população imigrantes japoneses é classificada como contendores, durante o período da Segunda Guerra Mundial passa a desviantes, e após o conflito passam a favorecidos, com organização da comunidade nipo-americana positiva, conquistam diversas

políticas ao grupo. Hudson e Gonyea (2012) estudam os idosos e demonstram um estágio inicial de dependentes, passando a favorecidos e atualmente contendedores.

Como a maior parte dessas pesquisas utilizam perguntas do tipo como, e estudam processos, é natural grande quantidade de trabalhos de natureza qualitativa (WEIBLE, SIDDIKI E PIERCE, 2011). Por isso, a instrumentação de uma ferramenta de análise contribui significativamente para o rigor científico e a confiabilidade de pesquisas na área.

Destacamos inúmeros trabalhos que analisam direta ou indiretamente a mudança em populações alvo: DiAlto (2005); Boothe e Harrison (2009); Bushouse (2009); Abbie-Erler (2012); Hudson e Gonyea (2012); Horejes (2013); Hudson (2013). Cada estudo possui metodologias distintas, portanto há uma lacuna acadêmica, pois falta metodologia formal para realizar a análise da mudança em populações alvo.

Este trabalho introduz uma nova metodologia. O *Framework* para análise de mudanças em populações alvo – TPCF – que consiste em fortalecer o rigor acadêmico. Sugerimos protocolo de pesquisa próprio, aplicável a análise de qualquer mudança em populações alvo (Figura 4), com fundamentação teórica a partir das experiências e análises passadas.

Figura 4: Possibilidades de mudança em populações alvo

Fonte: Elaborada pelo autor, Adaptado de Schneider e Ingram (1993)

Nosso *Framework* é dividido em quatro grupos: informações, metodologia, verificações e resultados (Figura 5). Ao todo, esses quatro grupos possuem nove etapas: descrição prévia de populações alvo, identificação de *outliers*, escolha de objetos de estudo, modelo de nove proposições, protocolo de pesquisa, instrumentos de coleta de dados, checagem *in loco*, checagem de cada proposição e elaboração de relatório. A estrutura do capítulo consiste em detalhar cada uma dessas etapas.

Figura 5: *Framework* para análise de mudanças em populações alvo

Fonte: Elaborada pelo autor

4.1 GRUPO DE INFORMAÇÕES

Sugerimos a coleta de informações teóricas e empíricas, bem como o tratamento de informações chave. Inicialmente, é preciso estudar o histórico específico de qualquer política pública e *descrever* a caracterização *prévia da população alvo*, indicando em qual grupo se encaixam, entre as quatro possibilidades da teoria da construção social.

Em seguida, é preciso *identificar* o ponto fora da curva, aqui caracterizado como *outliers*. Os *outliers* podem ser encontrados de quatro formas: (1) momento histórico no qual políticas oficiais de governos passam a enxergar a população alvo de uma forma diferente (perspectiva exógena); (2) momento histórico no qual a população alvo se mobiliza e passa a ter poder ou construção social diferente (perspectiva endógena); (3) grupos locais que conseguem ter uma configuração diferente do que ocorre no sistema como um todo

(perspectiva geográfica espacial); (4) perspectiva mista que concilia mais de uma das formas de identificação.

A identificação do ponto fora da curva pode ter, ou não, o auxílio de ferramentas quantitativas para complemento, ou até mesmo, embasamento de análise. Teorias, pesquisas com evolução histórica, ajudam a identificar os *outliers*. Ao término dessa etapa, é preciso deixar claro, qual a mudança de políticas públicas ou da população alvo que justificam a pesquisa.

O último passo do grupo de informações consiste em *escolher* populações alvo a serem estudadas enquanto *objetos de estudo*. Deixamos uma liberdade para o pesquisador estudar instituições, comunidades, populações, grupos de interesse, formuladores de políticas, legisladores, leis, e outros, porque cada política pública ou população alvo gera diferentes formas de análise, a única regra é que elas sejam consideradas *outliers*, e que sejam escolhidos um, ou poucos, objetos de estudo para ganho em profundidade de pesquisa, daí a importância de uma adequada fundamentação do segundo passo.

4.2 GRUPO DE METODOLOGIA

Em Pierce et al (2014) verificamos o esforço dos autores em elencar as mudanças em populações alvo. A pesquisa demonstra nove formas de transformação, sendo seis de fora para dentro e três internas das populações. Nosso “*modelo de nove proposições*” faz apenas uma adaptação em relação ao trabalho dos autores, porque consideremos que o sexto item denominado aprendizagem pode ocorrer tanto externamente, entre os formuladores de políticas, quanto internamente, quando a população alvo aprende a lidar com alguma circunstância e passa a ter outra forma de construção a partir de suas experiências.

Assim, consideramos cinco possibilidades exógenas de mudanças em populações alvo (Quadro 8). São elas: institucionais; parte de subsistemas; efeitos de outras políticas; choques externos, e; políticas modelo (DIALTO, 2005; ABBIE-ERLER, 2012; HUDSON; GONYEA, 2012; HOREJES, 2013; HUDSON, 2013).

Quadro 8: Mudanças externas para a população alvo

Tipo	Características	Autor
Institucionais.	Alguns representantes institucionais possuem vontade política e as instituições oferecem estrutura para a mudança.	Horejes (2013).
Parte de subsistemas.	Alguma política sistêmica maior, ou algum projeto maior engloba uma política específica como parte, ou subsistema. Com a mudança no sistema, como um todo, subsistemas também mudam.	DiAlto (2005); Hudson (2013).
Efeitos de outras políticas.	Alguns designs de projetos produzem efeitos em políticas, e modificam a forma como se enxergam as populações alvo.	DiAlto (2005); Hudson e Gonyea (2012).
Choques externos.	Eleição de representantes com ideologias totalmente opostas, nomeação de algum agente político transformador, até mesmo ataques terroristas e recessões econômicas podem influenciar.	DiAlto (2005); Abbie-Erler (2012).
Políticas modelo.	Narrativas utilizadas para descrever a formulação de políticas chave, e frequentemente narrativas exploradas como modelo pela mídia.	DiAlto (2005).

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em DiAlto (2005); Abbie-Erler (2012); Hudson; Gonyea (2012); Horejes (2013); Hudson (2013).

Além dessas, frisamos que a aprendizagem pode adquirir contornos, tanto exógenos quanto endógenos (Quadro 9), como em Toivonen (2012), trabalho que analisa as políticas e as mudanças da população alvo na transição entre a fase da infância para a juventude.

Quadro 9: Mudança da população alvo de modo endógeno-exógeno

Tipo	Características	Autor
Aprendizagem	A aprendizagem da população pode ocorrer tanto por estímulos externos ao grupo, quanto pela necessidade ou vontade do próprio grupo em aprender e desenvolver a partir de situações ocorridas tanto externamente quanto internamente.	Toivonen (2012).

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Toivonen (2012).

Por fim, existem ainda outras três possibilidades exclusivamente endógenas (Quadro 10). São elas: mobilização do grupo, mudanças internas gerais e empreendedorismo político de atores (BOOTHE; HARRISON, 2009; BUSHOUSE, 2009; HUDSON; GONYEA, 2012; HUDSON, 2013).

Quadro 10: Mudanças internas da população alvo

Tipo	Características	Autor
Mobilização de grupos de defesa	Em ambientes democráticos, a mobilização da sociedade civil tem um poder transformador, isso pode ocorrer em populações alvo.	Hudson e Gonyea (2012).
Mudanças internas gerais	Mudanças no tamanho do grupo, no comportamento e na busca própria por recursos.	Boothe e Harrison (2009); Hudson (2013).
Empreendedorismo político	Agentes com a capacidade de promover a mudança na construção social do grupo.	Bushouse (2009).

Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Boothe e Harrison (2009); Bushouse (2009); Hudson e Gonyea (2012); Hudson (2013).

Cada estudo deve criar um quadro com nove proposições qualitativas sobre mudanças nas populações alvo; que devem incluir todas as possibilidades teóricas. É preciso dois requisitos para a criação das proposições: (1) o pesquisador não pode descartar, previamente, nenhuma das possibilidades; (2) é necessário definições e impressões prévias sobre a população alvo, além do interesse em pesquisar a área específica de análise.

O grupo de metodologia ainda possui o *protocolo de pesquisa* e a elaboração dos *instrumentos de coleta de dados*. O primeiro deve fundamentar os procedimentos de pesquisa conforme método escolhido, seja estudo de casos e multicasos, pesquisa participativa e pesquisa-ação, reflexões teóricas, levantamentos do tipo *survey*, estudos documentais e pesquisas de caráter fenomenológicas. Nosso modelo tem aplicabilidade complementar para todos esses métodos. Abordagens semelhantes também são aceitas, desde que justificadas adequadamente.

Cada tipo de pesquisa demanda instrumentos de coleta de dados próprios: questionários, fichamentos, entrevistas estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas, observação e intervenção. Os pesquisadores precisam de domínio metodológico para embasar a escolha e a utilização de suas ferramentas.

4.3 GRUPO DE VERIFICAÇÕES

A *checagem in loco* é relevante para as análises empíricas. Sempre que possível, o pesquisador deve utilizar normas e documentos como apoio. Essa checagem somente pode ser substituída por análise documental – documentos oficiais, científicos e midiáticos – ou de legislação, quando o tipo da política e a quantidade informações disponíveis em fontes secundárias forem suficientes para uma verificação acadêmica rigorosa.

A checagem é realizada na interação com atores da população alvo e/ou com formuladores e executores de políticas. Para que esta etapa obtenha sucesso, é preciso que os objetos de estudo tenham sido bem definidos, assim como as proposições, protocolos e instrumentos de pesquisa.

Entretanto, a partir da interação do pesquisador com o meio, é possível realizar mudanças nas proposições, nos instrumentos, e até mesmo na reformulação dos problemas de pesquisa. Isso ocorre porque as percepções acerca dos casos estudados alteram-se ao longo do tempo, e tal caráter cíclico proporciona a flexibilidade necessária à pesquisa no que tange à interpretação de contextos complexos porque as pressuposições iniciais dos pesquisadores podem ser modificadas a partir das análises parciais e durante o processo de investigação. A Figura 6, elaborada a partir de Alencar (2000) explicita tal possibilidade. Em nosso *Framework*, sempre que isso ocorrer, o pesquisador poderá optar em voltar para o Grupo de Metodologia – descrito pelo subcapítulo 4.2 – e alterar as *proposições*, o *protocolo de pesquisa* e os *instrumentos de coleta de dados*, se necessário.

Figura 6: Flexibilidade circular de pesquisa em Ciências Sociais

Fonte: Alencar (2000)

Na oitava etapa, já com dados e informações suficientes, a etapa de verificações pode ser concluída. Para tanto, o *Framework* sugere que cada uma das nove proposições seja classificada em: (++) confirmada, onde fica clara aquela proposição como chave na mudança; (+) confirmada, com ressalvas, quando a proposição tiver influência relativa, mas não for decisiva, e; (0) nula, quando a proposição não tiver influência na mudança da população alvo. Ressaltamos que outras formas de classificação podem ser aceitas, mas todas nove proposições, e casualmente até outras, precisam ser testadas.

O Quadro 11 é uma sugestão para a checagem de proposições. As classificações referenciadas não dizem respeito a nenhuma aplicação empírica, apenas um exemplo hipotético.

Quadro 11: Exemplo hipotético de verificação de proposições

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9
Objeto 1	++	++	+	0	0	+	++	0	0
Objeto 2	++	+	++	+	0	+	++	+	0
Objeto N	0	+	+	0	+	0	+	+	++

Fonte: elaborado pelo autor

4.4 ELABORAÇÃO DE RELATÓRIO

A *elaboração do relatório* discute os principais resultados da pesquisa. Com todo contexto apresentado, os autores que utilizarem o *Framework* terão o poder de descrever e até mesmo explicar, como ocorrem mudanças em populações alvo.

É preciso ter preocupações com a audiência, e a forma de apresentação textual. Em nosso caso, a linguagem utilizada deve ser apropriada tanto para o público acadêmico quanto para formuladores de políticas. Um texto claro, de abordagem direta é necessário (DAY, 1998).

Os cuidados com o texto científico perpassam todas as etapas de pesquisa, não apenas as discussões. O desenho lógico de cada etapa da pesquisa é essencial para a adequação metodológica e validação de resultados em trabalhos qualitativos (CRESWELL, 2013).

Apesar das situações apresentadas, nosso modelo não tem o intuito criar padronização para a elaboração de textos. Apenas aplicar uma metodologia rigorosa de análise típica para descrever mudanças em populações alvo. Por esse motivo, a forma de exposição textual é de livre iniciativa para cada autor.

5. APLICAÇÃO DO FRAMEWORK PARA ANÁLISE DE MUDANÇAS EM POPULAÇÕES ALVO: RESULTADOS DO ESTUDO DE MULTICASOS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

Antes de resumir o quadro geral de informações, vale lembrar as questões que esta tese pretende responder. Como a organização escolar do campo, com bom desempenho consegue: (a) aproveitar, cobrar e aplicar políticas públicas escolares¹⁴, mesmo em contextos socioeconômicos desfavoráveis; (b) possibilitar ao aluno o desenvolvimento de competências observadas pelas avaliações de larga escala; (c) criar uma relação de aprendizagem com foco em experiências individuais, vocações locais e envolvimento de atores. Tais questões podem explicar como ocorrem as mudanças na população alvo, aqui entendida como as comunidades escolares do campo com bom desempenho no IDEB.

É importante ressaltar também que o grupo de informações do *Framework* (as três primeiras das nove etapas de aplicação da pesquisa) já foi amplamente apresentado nos Capítulos 2 e 3 da tese. Por isso, nos subcapítulo 5.1 a 5.3 apenas reforçaremos alguns aspectos essenciais.

Relacionamos agora nossos principais motivos para escolha de estudo de multicasos. Hipóteses sobre o modelo de indivíduo incluem: (I) os atores não podem processar todas as informações relevantes para tomar uma decisão, e, portanto, dependem de sua capacidade cognitiva para decidir qual a informação a reter (JONES, 2001); (II) Consequentemente, há uma tendência em confirmar nova informações alinhadas à crenças pré-existentes (MUNRO et al, 2002); (III) as pessoas usam construções sociais de uma forma subjetiva (EDELMAN, 1988); e (IV) os indivíduos percebem padrões generalizáveis de construções sociais dentro condições objetivas (EDELMAN, 1988).

O segundo conjunto de suposições relacionadas com o ambiente político inclui o futuro das políticas, a comunicação e os padrões de participação dos cidadãos diante de um ambiente de incertezas (PIERCE et al 2014).

Proposições relacionadas ao poder de mobilização (um dos focos desta tese) mostram que ele não é distribuído igualmente entre os indivíduos dentro de um ambiente político. O poder é dividido em três dimensões: conflito, capacidade de manutenção de agenda assertiva e a ideologia, por isso os diferentes grupos podem ter maior ou menor condições para aplicação

¹⁴ Smarick (2014), autor que descreve todo o trabalho necessário aos chefes de estado, formuladores de políticas e comunidades em torno do fortalecimento de escolas em comunidades rurais, sob uma perspectiva de inclusão do campesino.

das políticas (LUKES, 1974). A teoria da construção social inclui todas as três faces do poder, mas é metodologicamente evasiva, devido às dificuldades inerentes em identificar o que medir e como melhor operacionalizar conceitos identificados. Consequentemente, os estudos que examinam a o poder de modificação em ambientes considerados desfavoráveis são pesquisas em profundidade e estudos de caso (SCHNEIDER; INGRAM, 1997).

5.1 DESCRIÇÃO PRÉVIA DAS POPULAÇÕES ALVO

Apesar dos avanços em políticas públicas para educação do campo, os resultados gerais das escolas ainda são insuficientes e desiguais. Por exemplo, os dados do ano 2012 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que ainda temos 13 milhões de analfabetos entre pessoas acima de 15 anos, e quase 35% destes residem no meio rural mesmo que a população do campo seja de apenas cerca de 14% (IBGE, 2012). O desempenho dos estudantes também mostra uma situação delicada. O espaço rural apresenta problemas na desigualdade de investimentos e políticas públicas, além da disparidade histórica já debatida (LOPES, 2014).

Ao analisar o desempenho das escolas rurais brasileiras e a formulação de políticas públicas para a população alvo das comunidades do campo, sob a ótica da teoria da construção social, entendemos que elas se enquadram como “dependentes”. Os preceitos teóricos esmiuçados no item 2.3 desta permitem tal classificação porque as escolas do campo, em geral, possuem fraco poder sobre os formuladores de políticas públicas, porém apresentam uma construção social positiva, assim como previsto em Schneider e Ingram (1993).

5.2 IDENTIFICAÇÃO DE OUTLIERS

Apesar disso, algumas escolas se destacam na qualidade de ensino, considerando as limitações que a medição do IDEB apresenta. Por isso, os nossos *outliers* são considerados grupos locais que conseguem ter uma configuração diferente do que ocorre no sistema como um todo (perspectiva geográfica espacial), em referência à proposta metodológica do capítulo 4.1.

Mesmo que enquadremos as comunidades locais em torno das escolas do campo no grupo “dependente”, a existência de algumas escolas com qualidade indica que é possível

uma mudança para a população de “favorecidos” (Figura 7). Portanto, fica configurada uma mudança de construção social da população alvo.

	Construção positiva	Construção negativa
Forte poder	Favorecidos	Contendedores
Fraco poder	Dependentes	Desviantes

Figura 7: Mudanças no grupo da população alvo

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Schneider e Ingram (1993)

5.3 ESCOLHAS DOS OBJETOS DE ESTUDO

Em nosso caso a escolha dos objetos de estudo considerou a avaliação do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e os resultados de Lopes (2014). No capítulo 4.1 da tese indicamos que trabalhos de natureza quantitativa podem auxiliar a escolha de objetos.

Apresentamos os resultados das principais escolas do campo no Brasil (Tabela 1). Previamente, a escolha dos objetos de estudo apresenta limitações de distância geográfica. Entre as vinte principais escolas mostradas optamos por estudar treze delas.

Tabela 1: IDEB das vinte melhores escolas do campo no Brasil

Nome da Escola	Cidade, UF	AI 2011	AF 2011	AI 2013	AF 2013
Maria Leite de Araújo	Brejo Santo, CE	5,4	-	9,2	7,4
Elpídeo Ribeiro da Silva	Sobral, CE	7,5	5,2	9	5,9
Araújo Chaves	Sobral, CE	-	6	9	-
João Tavares Miranda	Porteiras, CE	4,5	3,7	9	-
Miguel Antônio Lemos	Pedra Branca, CE	7,2	6,2	8,9	6,2
Deliza Lopes	Sobral, CE	6,6	5,3	8,4	6,2
Joaquim Barreto Lima	Sobral, CE	7,2	4,7	8,3	5,6
Duque de Caxias	Pires Ferreira, CE	6,1	-	8,3	-
Prof. Beatriz P. Costa	Porteiras, CE	6,0		8,3	
Antônio C. Azevedo	Sobral, CE	7	5,1	8,3	5,7
Vicente A. F. Gomes	Sobral, CE	7,3	5	8,2	6,1
José Marcelino Pereira	São José da Barra, MG	7,1	-	8,2	-
Odete Barroso	Sobral, CE	7,7	4,7	8,1	5,9
Messias João Coelho	Jequiá da Praia, AL	7,2	-	8,1	-
Massilon Saboia	Sobral, CE	7,4	-	8,0	-
Leonilia Gomes Parente	Sobral, CE	7,1	4,7	8,0	5,9
Frederico A. Correia	Sobral, CE	7,1	-	8,0	-
Miguel L. de Sousa	Porteiras, CE	5,3	-	8,0	-
Olavo Bilac	Foz do Iguaçu, PR	7,5	-	8,0	-
Francisco Aguiar	Sobral, CE	6,9	-	7,9	5,5

Fonte: IDEB (2011); IDEB (2013).

A Escola de Ensino Fundamental (EEF) Maria Leite de Araújo (Brejo Santo – Ceará - CE) foi selecionada por congregar os melhores resultados do ciclo inicial e um dos melhores do ciclo final da educação básica.

Em São João da Barra (Minas Gerais - MG) a Escola Municipal (EM) José Marcelino Pereira também foi escolhida enquanto objeto de estudo. A proximidade geográfica do pesquisador aliado ao bom desempenho dos estudantes nos anos iniciais foram os principais critérios de escolha.

As onze escolas do Município de Sobral foram escolhidas porque parecia existir um esforço local em torno da qualidade escolar, o que poderia demonstrar a capacidade local em

políticas públicas. Desse modo, como pesquisador ao me deslocar para analisar uma escola, já realizo visita e pesquisa em todas elas.

Com isso, a flexibilidade das ferramentas de pesquisa é necessária dada distância geográfica das localidades (Figura 8). Outro fator relevante sobre a localização das escolas é que doze delas ficam situados em locais com fracas condições econômicas.

Figura 8: Mapa do Brasil – divisão municipal por PIB per capita – localização das escolas

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de WEB CART (2015)

5.4 PROPOSIÇÕES DA PESQUISA

Elaboramos nossas proposições, com base no capítulo 4.2 da tese (Quadros 8, 9 e 10). Ver também Quadro 12, que delimita as informações teóricas para definições de proposições da pesquisa.

Quadro 12: Proposições de pesquisa

Proposição	Direcionamento da investigação
Proposição 1 (Institucional)	As poucas escolas com bons resultados atingem tal desempenho porque as instituições das quais ela depende diretamente fornecem apoio adequado (Secretarias de Educação, âmbito municipal e/ou estadual; Superintendências Regionais de ensino; Ministério da Educação).
Proposição 2 (Parte de subsistemas)	As escolas são parte de projetos de outras instituições (Universidades; Organizações Não Governamentais; Projetos-Piloto que testam metodologias de ensino, outros). Nessa proposição há uma perspectiva de futuro com a presença de Universidades, Organizações Não Governamentais que ampliam a perspectiva em relação à educação.
Proposição 3 (Efeito de políticas gerais)	Projetos Governamentais realizados no passado surtem bons efeitos no presente, especialmente projetos locais que envolvem não apenas as escolas rurais, mas todas as escolas da rede, onde educação é tratada como prioridade (Política de descentralização; Federalismo; Esforço Municipal ou Estadual; Nucleação ou divisão das unidades de ensino; Planos de Carreira para profissionais da educação; Adequação em infraestrutura escolar; Aulas e projetos em contra turno escolar; outros).
Proposição 4 (Choques externos)	Mudanças de rumo drásticas (Eleição de um prefeito que inovou a área, escolha de um secretário que lutasse efetivamente pela causa).
Proposição 5 (Política Modelo)	A escola foi escolhida como modelo e toda infraestrutura e recursos foram disponibilizados por órgãos governamentais, para que ela servisse de modelo para desenvolvimento de outras escolas no futuro, ou após os resultados passou a ser destacada como modelo, inclusive, com cobertura midiática e premiações.
Proposição 6 (Aprendizagem)	A comunidade escolar aprendeu a lidar com a circunstância e as condições desfavoráveis ao longo do tempo e com outras experiências. O local aprendeu a lidar com as condições desenvolvendo mecanismos de aprimoramento.
Proposição 7 (Mobilização do grupo)	Diretores, professores, familiares e alunos fizeram esforços para que a escola atingisse bons resultados através de práticas de ensino adequadas à realidade e projetos diversos e mobilizaram todo o necessário para o retorno e o engrandecimento cultural e educacional do grupo.
Proposição 8 (Mudanças internas)	Mudanças no tamanho do grupo, no comportamento e na busca própria por recursos.
Proposição 9 (Empreendedorism)	Desenvolvimento de lideranças comunitárias e “empreendedores políticos”, cujo esforço individual e coletivo promoveu mudanças no comportamento

o Político)	social do grupo através de persistência e engajamento com a causa.
-------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em: Boothe e Harrison (2009); Bushouse (2009); Abbie-Erler (2012); Horejes (2013); Hudson (2013); Smarick (2014); Pierce et al (2014); Keys (2015).

5.5 PROTOCOLO DE ESTUDO DE CASO

O Protocolo deve fundamentar os procedimentos de pesquisa do Estudo de Caso. Para tanto, seis etapas básicas foram desenvolvidas para cada comunidade escolar.

O primeiro momento de pesquisa de campo consistiu em levantar o histórico e as informações sobre cidade, região e escola. Documentos oficiais foram relevantes para conseguir informações complementares. Coleta de telefones, e-mails e contatos institucionais em Prefeitura Municipal (Secretaria de Educação), Escola (Diretor, Representante). Conferência de possibilidade de realização de entrevistas, datas, locais de encontro.

Uma vez que as pessoas chave aceitaram participar da pesquisa foi necessário determinar a possibilidade de participantes: (1) Prefeito Municipal atual e/ou da época de instituição de alguma política de educação local relevante, para o caso de escolas municipais, ou representante institucional de Superintendência Regional e/ou Secretaria Estadual, para os casos de escolas estaduais; (2) Secretário Municipal de Educação atual e/ou da época de instituição de alguma política de educação local relevante, ou funcionário do corpo técnico da Secretaria Municipal de Educação responsável por políticas de desempenho; (3) Diretor Escolar atual e/ou anterior, quando for o caso; (4) Professores, supervisores, coordenadores e psicopedagogos da Escola, conforme a disponibilidade; (5) Representante(s) de pais e alunos, quando identificado forte possibilidade de mobilização acima da média; (6) Responsáveis pelo transporte de alunos, quando for o caso; (7) Pessoas indicadas por entrevistados.

Preferencialmente, os participantes dos grupos 1, 2, 3 e 7 foram entrevistados individualmente. Enquanto, os grupos 4, 5 e 6 poderiam ser questionados em grupos, sempre que participassem dois ou mais indivíduos. Para todos os casos, foi preciso coletar as seguintes informações dos entrevistados: nome, telefone, e-mail, formação, função ou condição enquanto ator, tempo na organização, tempo na função ou condição. Sobre a escola: número de funcionários, número de professores, séries, infraestrutura, espaço físico, características educacionais, organizacionais e pedagógicas.

Já no campo, a quarta etapa do protocolo de pesquisa consistiu em oferecer as seguintes informações sobre a pesquisa aos entrevistados: objetivos, justificativas, contribuições. Essas informações constaram no Termo de Consentimento (APÊNDICE A) de pesquisa assinado pelos participantes e/ou autorizados em gravação.

Sobre a entrevista em si, há alguns cuidados essenciais que foram observados: tempo adequado, local calmo e reservado, formas de acesso, linguagem utilizada com cada público, instrumentos de pesquisa (gravador, lápis, roteiro de entrevista impresso, borracha, documentos). Atenção especial para mudanças de estratégias foram observadas: viés do entrevistado interferindo na qualidade da pesquisa, os discursos “prontos”; visões homogêneas entre participantes; reflexibilidade (fornece informações que o entrevistador precisa).

Após o termino de cada entrevista os participantes foram informados sobre a qualidade e a relevância das informações prestadas, com a abertura para falas espontâneas e que geraram informações relevantes, em alguns casos. Foram solicitadas sugestões sobre as questões abordadas e sobre pessoas que, eventualmente, mereciam ser entrevistadas. Solicitamos ainda a conferência do Termo de Consentimento e a sugestão de pessoas chave que contribuíram com a comunidade escolar para que fossem entrevistadas. Assim, a Figura 9 resume o protocolo seguido.

Figura 9: Resumo do protocolo de Estudo de Caso

Fonte: Elaborada pelo autor

5.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O principal instrumento de campo – dados primários – para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, para tanto dois roteiros foram preconcebidos. O primeiro para os membros das escolas (professores, supervisores, diretores, funcionários) (APÊNDICE B). O segundo para os entrevistados do poder público (APÊNDICE C). Salienta-se a utilização do mesmo roteiro, internamente, em cada um desses dois grupos, para identificação de vieses, discursos “prontos”; visões homogêneas e reflexibilidade.

Nesse caso, a entrevista semiestruturada parece ter sido a melhor ferramenta, por ter possibilitado ao pesquisador, realizar ou não determinadas perguntas, conforme o momento. Esse instrumento permite combinar tanto questões abertas quanto fechadas, e os informantes tiveram a oportunidade de discorrer sobre o tema proposto, além disso, o pesquisador seguiu um conjunto de questões previamente definidas, porém em um contexto muito semelhante ao de conversa informal (DUARTE, 2002).

Alguns cuidados adicionais foram considerados: o entrevistador se preparou para dirigir a situação, mantendo a pauta nos temas centrais de interesse; realizando perguntas adicionais para oferecer clareza e precisão na confirmação de informações (RABIONET, 2011).

A principal vantagem da técnica quando realizada face a face, é a qualidade de respostas, alto índice de aceitação dos entrevistados e nível de respostas mais abrangentes e a possibilidade de mudança conforme o sentimento do pesquisador. Diante da dificuldade de locomoção e pesquisa e da distância geográfica, optamos por efetuar dois estudos de caso, como pilotos, ainda no ano de 2015: Escola Municipal José Marcelino Pereira, que oferecia poucas informações em documentos oficiais ou científicos, e pequena quantidade de reportagens disponíveis em meio eletrônico para testar o TPCF *in loco*; Escola de Ensino Fundamental Maria Leite de Araújo, que oferecia documentos informacionais como Observatório da Educação (2013) – também incluído como Pesquisa Documental em ANEXO 1 – e boa quantidade de notícias em meio eletrônico, como Miranda (2012), Brejo Santo (2013) e Freire (2014), dada tal característica foi possível aplicar o TPCF, apenas complementando informações por via eletrônica. Portanto, nesse caso específico, foi possível mesclar fonte de dados secundários, com primários – complementares. Conforme Duarte (2002) a principal desvantagem das entrevistas semiestruturadas que não são realizadas pessoalmente diz respeito à dificuldade em responder questões por escrito, ponto trabalhado pelo pesquisador para que não ocorresse.

Posteriormente, já no ano de 2016, foi realizada a visita na cidade de Sobral-CE, para verificação in loco das onze escolas selecionadas, bem como da checagem das políticas com representantes do poder público. No caso, foi oportuno entrevista com a Superintendente de Resultados do Município. Além disso, em um momento adequado – em visita a uma escola cuja diretora estava há pouco tempo no cargo – decidi incluir uma Tutora Pedagógica do Município, para enriquecer e reduzir a reflexibilidade das respostas, que àquela altura – uma das últimas entrevistas – começara a ficar evidente.

Entre os Apêndices “D” ao “O” o roteiro foi seguido – quase totalmente – de modo integral. Em especial, após realizar quatro entrevistas na cidade de Sobral e perceber que as perguntas sobre políticas públicas e a relação das escolas com Secretarias e outros órgãos, confirmavam umas às outras, algumas checagens tornaram-se desnecessárias. Com isso, o foco passou a ser na dificuldade que as escolas demonstravam, além dos resultados e avaliações internas e externas na medida em que o *design* das políticas desenvolvidas já estava claro. Ressalta-se que as verificações de todas as proposições foram mantidas, mas os assuntos periféricos foram se alterando ao longo das entrevistas demonstradas nos Apêndices “P” ao “U”.

Em todos os casos, as informações básicas, características dos municípios, principais políticas e outros aspectos relevantes foram incorporados através de pesquisa em dados secundários, principalmente documentos oficiais e midiáticos.

Seguimos, portanto os princípios de Bourdieu (1999) ao promover ferramenta metodológica rigorosa, porém flexível. Em outras palavras, o pesquisador não precisa seguir um só método com rigidez, mas todo método escolhido para ser utilizado deve ser aplicado com rigor, sendo o próprio TPCF é amparado por tal objetivo.

5.7 ANÁLISE DE CASOS (CHECAGEM)

5.7.1 São José da Barra – MG

O jovem município de São José da Barra – foi emancipado da cidade de Alpinópolis apenas em 1995 – possui características muito específicas que o difere da maioria dos municípios. Conta com cinco comunidades interdependentes: a sede, ou bairro central – denominado pelos habitantes como “Barra”; o distrito de Bom Jesus dos Campos –

popularmente chamado de “Campos”; e os bairros de Furnas, Cachoeira da Laje e Nossa Senhora de Fátima – chamado de Can-can.

Tais comunidades são relativamente distantes uma das outras, com cultura e identidade próprias, e ao mesmo tempo com características comuns entre elas. Essa configuração se deu em razão da história local, onde o povoado conhecido como “Barra Velha” precisou desabitatar a região – o que ocorreu entre 1958 e 1963 – após a construção da Usina Hidrelétrica de Furnas no curso do Rio Grande. A antiga área foi inundada e a população transferida para a “Barra” (SÃO JOSÉ DA BARRA, 2011).

Historicamente, o local adquiriu esse nome por situar-se na confluência do Rio Grande com a Barra do Rio Sapucaí. O passado da região confunde-se com as questões envolvidas na divisão territorial entre São Paulo (SP) e Minas Gerais (MG), desde 1740 quando o Papa Bento XVI define os dois bispados, fixando o Rio Sapucaí como marco divisório (IBGE, 2009b).

As atividades da pesca e da agricultura permaneceram essenciais até a construção de Furnas, que muda a história do local. Vale ressaltar que a região foi distrito da cidade de Passos até 1939, e posteriormente passou a integrar Alpinópolis até 1995. Disputas políticas, envolvendo o Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços (ICMS) advinda de Furnas foram notórias, o que atrasou o movimento emancipatório do município (IBGE, 2009b).

No último Censo a cidade tinha 6.778 habitantes, e área total de 314,253 km², apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,739 e Produto Interno Bruto (PIB) per capita R\$62.655,60 (IBGE, 2010; PNUD, 2010). Portanto, condições socioeconômicas superiores aos demais municípios estudados.

5.7.1.1 EM José Marcelino Pereira

A Escola Municipal José Marcelino Pereira iniciou sua atividade em 1941, ainda situada na Fazenda Açude em um terreno doado por José Olímpio de Andrade. Em 1986 sua sede é transferida para a comunidade de Bom Jesus dos Campos. Em sua história, duas reformas para ampliação ocorreram: em 1998 para atender a nucleação de diversas escolas da zona rural no espaço; e em 2007, para possibilitar aulas em tempo integral, política interrompida no ano de 2013.

Entre os princípios e finalidades da escola destacam-se a busca por padrões de qualidade, a valorização da experiência extraescolar e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

A missão escolar definida oficialmente é “Desenvolver ações e metas pedagógicas para atender a todas as necessidades básicas no ensino aprendizagem do educando, assegurando-lhe o direito de estudar em busca de um preparo para a vida em sociedade e buscar apoio na comunidade escolar, visando atender aos anseios dos alunos de modo a envolver família e comunidade numa gestão participativa, vivenciando valores humanos e conscientizando os mesmos quanto à importância dos seus direitos e deveres estimulando a criatividade, a afetividade em busca de garantia de uma educação de qualidade”.

Durante a pesquisa, ficaram constatados alguns aspectos sobre a pequena comunidade. O acesso é todo asfaltado e em qualidade razoável da sede central do município até Bom Jesus dos Campos – cerca de 14 km – formada por trabalhadores rurais, principalmente criação de gado e cultivo de pimenta, milho e café. O local é pacífico, com boa organização e limpeza. Ao compararmos as características da comunidade com a realidade de outros locais onde estão inseridas outras escolas do campo no Brasil, relatamos grande particularidade e condições sistêmicas positivas.

A escola é dotada de biblioteca bem estruturada, atividades culturais relacionadas à música, equipamentos adequados, merenda que atende às necessidades, salas de aula em bom tamanho para realização de atividades. A turma com menor quantidade de alunos possui 13 educandos, ao passo que a maior turma conta com 21 estudantes. A unidade possui 2 andares, com 11 salas de aula, sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão, sala de professores, secretaria, diretoria, cozinha, espaço razoável para alimentação, banheiros adequados, inclusive próprio para professores, laboratório de informática, pequeno parquinho, depósito, e quadra de esportes coberta.

São condições privilegiadas em relação a outros locais, mas existem pontos a serem melhorados: o espaço como um todo é pequeno, em especial nos horários de entrada e saída de alunos, intervalos e eventos, o que gera reclamações do corpo técnico e da comunidade.

Foram observadas duas fontes de captação de recursos federais, verbas de contribuição para a construção do ginásio e o Conselho de Alimentação Escolar (CAE), que fiscaliza os recursos federais destinados à merenda escolar e garantir as boas práticas sanitárias e de higiene dos alimentos nas instituições de ensino, o que foi observado *in loco*.

Diante desse contexto, foi possível detectar que as instituições às quais a escola depende, em especial a Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação

promovem o atendimento básico através de uma relação cordial. *“Eles oferecem todo material, uniforme, lápis, borracha, caderno. As crianças não compram nada. É, as festas de páscoa, dia das crianças. O prefeito está aqui, presente. Faz questão de visitar, então é uma relação muito boa, sabe. Eu acho que o Município oferece todas as condições para o nosso trabalho [...]”* (APÊNDICE D).

Apesar de o corpo técnico escolar considerar a infraestrutura como um ponto a ser melhorado, a situação local é melhor que a realidade de outras escolas do campo. Os entrevistados da comentaram o assunto: *“[...] A infraestrutura pode ser melhor. Por ser uma escola de Zona Rural, o que eu sonho é fazer uma horta, algo relacionado à manejo de gado [...]”* (APÊNDICE E); *“Eu acho que o espaço físico da escola tem ainda a melhorar [...], salas, ginásio, como um todo. A gente tinha o período integral e a escola não comportava bem, não atendia a demanda, a sala de computação [...], educação física [...]”* (APÊNDICE F); *“[...] toda escola tem o que eu preciso [...]”* (APÊNDICE G).

Os entrevistados do poder público, sempre relacionavam o apoio e o relacionamento ao fornecimento da apostila: *“A gente fez convenio [...] contratamos empresa pra vir, pra ajudar nós na educação [...]”* (APÊNDICE H); *“Ele tem o material, tem transporte, tem tudo. Além disso, tem bom apoio técnico da apostila [...]”* (APÊNDICE I); *“Além do básico na relação entre Secretaria e escolas, a relação natural com todas, existe a assessoria pedagógica do NAME [Núcleo de Apoio à Municipalização do Ensino] que nos disponibiliza a apostila [...]”* (APÊNDICE J).

Com isso, a Proposição 1 fica confirmada diante do apoio institucional da Secretaria Municipal de Educação, mas não totalmente. Foram detectados pontos que podem ser melhorados, situações que podem ser mais ágeis e ações que estão ao alcance do poder público que não constituem políticas instituídas como o aprimoramento da capacitação docente. Um dos entrevistados conta: *“Às vezes, o fato de oferecerem material, e também àquilo que é obrigatório, eles acham que é muito. O que a gente queria era mais, capacitação, incentivo certo para projetos, parcerias [...]”* (APÊNDICE E).

Já a Proposição 2 é negada, não há elementos que comprovem parcerias com nenhuma instituição externa que não faça parte do poder público. Todos os entrevistados foram questionados sobre o assunto, mas nenhuma evidência foi constatada de que a escola seja um subsistema de outros sistemas maiores.

Dois elementos da Proposição 3 foram encontrados como possíveis influenciadores dos resultados positivos. Podem ter contribuído para o desempenho: a nucleação de escolas em uma com relativa boa estrutura; e a inserção de atividades no contra turno escolar. No

entanto, uma delas já foi desativada – período integral – e a outra precisa de melhorias. Ficou constatada que a nucleação, apesar de ser um elemento que possibilitou a situação privilegiada da escola, ao mesmo tempo, afastou o aluno de suas raízes culturais e de sua ligação com o campo, oferecendo um ensino muito mais próximo da realidade das cidades, o que inclui desde o material escolar, até os tipos de atividades extracurriculares desempenhadas.

Entre os diversos elementos investigativos que confirmam parcialmente a Proposição 3 destacam-se: “[...] *começou com uma salinha só [a escola]. Turmas combinadas né? [...] Agora é pela série, separadinha. Esse prefeito que entrou trouxe várias escolas para cá, porque era cheio de uma escolinha aqui outra escolinha ali, aí ele nucleou e promoveu o transporte adequado.*” (APÊNDICE D); “*A gente sempre fez projeto de lei, mandou para a Câmara. A gente acertou que nossas escolas tivessem, no máximo, vinte e uma crianças em cada sala. Então tem no máximo vinte e duas crianças.*” (APÊNDICE H).

A Proposição 4 é negada, não há ocorrência de choques externos que possibilitem a transformação da população alvo. Nenhum entrevistado ou evidência observada foi capaz de confirmar a proposição. O próprio Prefeito Municipal ressaltou que a forma de trabalho é sempre a mesma, mesmo quando outros grupos políticos estiveram à frente do poder: “[...] *dentro de dezoito anos, passou um adversário, nem ele nós não “pode” criticar que a educação dele foi ruim, foi boa demais também. Aí, com isso nós vamos crescendo em educação dentro do município como um todo. Isso é uma história, um projeto [...]*” (APÊNDICE H).

A Proposição 5, que supõe a possibilidade de políticas modelo, seria inicialmente negada porque a história da escola não está relacionada à execução de políticas modelo – nada que tivesse característica especial – porém a teoria da construção social e design de políticas indica, que muitas vezes, após a mudança da população alvo, esta passa a ser vista como modelo, ganhando inclusive a abertura nos meios de comunicação, eventos e premiação. Nesse caso, foi constatada a presença de reportagens em mídias televisivas abordando o resultado da escola. No entanto, a confirmação da proposição é apenas parcial porque a divulgação de resultados, por parte do poder público, é falha – nem mesmo o corpo técnico da escola sabia que o bom desempenho havia levado à Escola Municipal José Marcelino Pereira a se tornar uma das melhores instituições do campo no Brasil – conforme os pesquisados: “*E isso é bom pra eles. Vem Globo, vem Bandeirantes e você vai visitar salas de aula e vai ver como a escola vai ver que a escola é pobre, é carente de material. O mínimo, o essencial eles dão, mas eu acho que deixa a desejar*” (APÊNDICE E); “*Isso deveria ser mais*

divulgado né? [referindo-se à política, ações e resultados da escola] [...] Pois é, e aí chega essa notícia tão boa. Eu acho que é muito gratificante [...] levanta a nossa autoestima [...]” (APÊNDICE F).

A primeira proposição confirmada integralmente diz respeito à aprendizagem – aqui referida conforme exposto na teoria da construção social – como um todo, do local e da população. Na Proposição 6 confirmamos que o local aprendeu a lidar com as condições desenvolvendo mecanismos de aprimoramento. Vários elementos indicaram que essa proposição deveria ser confirmada, tanto do poder público em visualizar a importância da psicopedagogia para a rede, em priorizar aspectos básicos da educação, na condução e autonomia dos agentes, quanto na união, simplicidade e até mesmo, carinho com que a equipe da escola trabalha. Há uma condição sistêmica de que o local e a comunidade tenham aprendido a lidar com as condições.

Inclusive, sem fazer juízo de valor sobre a ação em si, institui simulados preparatórios para a Prova Brasil, adaptando-se e preparando-se para o bom desempenho¹⁵. Tanto participantes do poder público quanto da escola, e até mesmo a observação direta do pesquisador, confirma a capacidade de adaptação do local: *“[...] a cidade tem três escolas no quinto, ela fez uma reunião com todas as professoras de quinto, e trocamos experiências comparadas, as turmas da “Laje”, as turmas da “Barra” e as turmas dos “Campos” né? E todos estão preocupados com a Prova Brasil né? Diretoras, Supervisoras, então essa troca [...] Tem uma preparação boa, inclusive psicológica.”* (APÊNDICE F); *“[...] toda escola tem o que eu preciso, e eu tenho autonomia pra trabalhar [...] o que muda é a forma de trabalho [...]”* (APÊNDICE G); *“[...] vamos fazer que o nosso ensino seja o melhor do mundo, do País, de onde for, vamos caçar jeito de fazer isso [...]”* (APÊNDICE H).

A Proposição 7 também é confirmada, pois a mobilização endógena da comunidade escolar evidente. Diretora, supervisora, funcionários, professores, familiares e alunos realizaram elevado grau de esforço para o engrandecimento educacional do grupo.

Diversas circunstâncias evidenciam tal confirmação: *“Então eu acho que é o calor humano, por que aqui a gente sempre se deu bem, sabe. Funcionários, todos os funcionários, alunos, pais, a família muito comprometida. Sempre que a gente chama vem na escola. Os professores compromissados. Muitos projetos porque a supervisora é muito competente também. Ela trabalha mesmo para que a escola cresça”.* (APÊNDICE D); *“[...]”*

¹⁵ Até mesmo por tal constatação, no momento oportuno desta tese ficam registradas análises aos gestores públicos e críticas ao processo de avaliação, indiretamente ao longo do trabalho, e mais precisamente nas limitações da pesquisa (item 6.1) considerações do item 6.3.

nós tivemos uma palestra na sexta feira, e o palestrante chegou [...] disse “eu iria até perguntar por que vocês conseguem ir bem nos resultados, nos exames, nos testes, nas avaliações que são feitas”, mas ele viu o galpão lotado, e ele disse “eu já vi porque que é, que grande participação dos pais” (APÊNDICE I); *“A diretora é sempre presente, conhece todos e a supervisora tem bom conhecimento, é uma união, uma equipe na qual eu incluo também os professores. Lá, todos respeitam a opinião uns dos outros, eles cooperam mesmo”* (APÊNDICE J).

Destacamos ainda a negação em relação à Proposição 8. Todas as mudanças internas do grupo foram de iniciativas exógenas, incluindo o processo de nucleação. Mudanças no comportamento do grupo não foram evidenciadas para a transformação da população alvo. Também não foram detectadas busca própria por recursos ou situações semelhantes.

Confirmamos parcialmente a Proposição 9 porque a Diretora Maria Aparecida Borges realiza o papel destacado pelos preceitos teóricos do empreendedorismo político, desenvolvendo uma liderança comunitária com esforço notável. Exerce uma figura de guardião da escola, mora próximo ao local, abre a escola fora do horário de trabalho, envolve a comunidade local em projetos. Enquanto profissional pouco interfere no processo administrativo e pedagógico, no entanto tem atuação destacada nesse contexto político e comunitário. Como tal atuação já é desenhada como um dos papéis da direção escolar e as modificações no comportamento social do grupo podem não estar diretamente relacionados ao fato, a proposição foi parcialmente confirmada.

5.7.2 Brejo Santo - CE

A formação administrativa do local é impulsionada a partir de 1858. Com o fortalecimento de duas Casas-grandes – coronel Aristides Cardoso dos Santos e Senhorinha Pereira Lima – devido ao assentamento de novos moradores, o reduto projeta-se às características urbanas, ascendendo à condição de Vila em 1862, promove a autonomia da paróquia de Brejo dos Santos em 1876. Entretanto, apenas em dezembro de 1938, fica instituída enquanto cidade, já com o topônimo de Brejo Santo (CEARÁ, 2003).

Atualmente, o Município é subdividido em três comunidades – oficialmente distritos – Brejo Santo (Sede administrativa), São Felipe e Poço, onde fica localizada a EEF Maria Leite de Araújo, a 30 km da sede municipal (IBGE, 2009).

Em 2010, o Censo contava 45.193 habitantes, sendo 37,9% de residentes em domicílios rurais frente 62,1% na área urbana. Em uma área territorial total de 663,428 km²,

apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) 0,647 e Produto Interno Bruto (PIB) per capita R\$5.704,19 (IBGE, 2010; PNUD, 2010).

Homônimo da microrregião de Brejo Santo, o município apresenta particularidades interessantes a serem observadas pelo contexto do trabalho. Localizado no Sul do Estado do Ceará, está próximo da divisa com Pernambuco e com a Paraíba. Apesar da agricultura diversificada com fruticultura, pecuária leiteira, tem como culturas principais milho e feijão. Há uma expectativa em torno da transposição do Rio São Francisco pela presença do Açude do Atalho, com alta capacidade de armazenamento de água, para a redução do impacto do clima semiárido (IGBE, 2010).

É necessário observar que o local não é uma região rica, apesar de polo regional, o município de pequeno a médio porte chama atenção para o salto na qualidade da educação local, não apenas na EEF Maria Leite de Araújo, objeto de estudo deste, mas com outras instituições de ensino bem avaliadas.

5.7.2.1 EEF Maria Leite de Araújo

A unidade escolar fica localizada no distrito de Poço do Pau, município de Brejo Santo (CE) é pertencente à rede pública municipal de ensino. O número de alunos matriculados cresceu geometricamente a partir da política de nucleação de pequenas unidades e já conta com mais de 300 estudantes – antes de 2009 eram menos de 100. Sendo assim, a EEF Maria Leite de Araújo oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental – ambos os ciclos – e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A infraestrutura conta com salas de aula, equipamentos de TV, DVD, impressoras, copiadora, banheiros, pátio coberto, despensa, sala de reunião, sala de diretoria, cozinha, sala de projetos para leitura, quadro esportiva, cantina e até mesmo laboratório de informática. Interessante notar a presença de destinação final adequada do lixo para queima (CENSO, 2012).

Apesar de ser constituída enquanto escola municipal, salientamos a prática de políticas regionais e estaduais que auxiliam o desempenho da escola. Destacamos a Observatório da Educação do Estado do Ceará, os Eventos de Conferências Intermunicipais de Ensino, o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE), assim como o incentivo por premiações.

Além disso, um Plano de Cargos e Carreira dos Profissionais da Educação de Base desenvolvido pelo Município foi colocado em prática. As classes multisseriadas, muito comuns em escolas do campo, foram desfeitas e os professores mal avaliados em atividades pedagógicas foram retirados de sala. Tal conjunto de políticas sofreu resistências, inclusive, com alguns professores buscando a justiça, enquanto os profissionais melhor avaliados foram incentivados financeiramente, através de critérios meritocráticos (BIBIANO, 2015).

Com isso, é possível confirmar, na íntegra, a Proposição 1. Há fortes indícios de políticas locais e regionais que auxiliaram o bom desempenho escolar. ***“O auxílio que recebemos da Prefeitura Municipal são as reformas, materiais quando necessário e contato constante. A secretaria de Educação com formações para grupo gestor e professores, materiais complementares para os alunos (atividades e projetos didáticos), acompanhamento pedagógico, orientações administrativas e pedagógicas [...] O apoio que recebemos do estado é o material do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC) (material estruturado 1º e 2º ano, material complementar 3º, 4º e 5º anos), obras literárias do 1º ao 5º ano (coleção prosa e poesia), formação para os formadores municipais, premiação em dinheiro no caso das escolas alcançarem o título "escola nota 10"”*** (APÊNDICE K).

Entretanto, a Proposição 2 é negada. Não há qualquer indicativo de que as escolas de bom desempenho, incluindo a Maria Leite de Araújo, fazem parte de projetos de outras instituições, nem Universidades, nem Organizações Não Governamentais ou qualquer tipo de Projeto-Piloto. A entrevistada foi taxativa ao negar tal proposição: ***“Não houve ajuda de outras instituições”*** (APÊNDICE K). A pesquisa documental também não encontrou elementos relacionados à temática.

Uma gama de Projetos Governamentais realizados, confirmam a Proposição 3. Desde programas não educacionais federais, como a transposição do Rio São Francisco que tem interferido na realidade local, até o plano de educação municipal. Nesse sentido a pesquisa documental revela informações importantes: ***“Equipes pedagógicas formadas na Secretaria Municipal de Educação (SME) para monitoramento e acompanhamento das ações do PAIC nas Unidades escolares. O monitoramento é realizado semanalmente e não segue um calendário fechado. Mensalmente são realizadas reuniões com os gestores e coordenadores escolares para avaliação do processo ensino aprendizagem nas Unidades Escolares e são elaboradas propostas de intervenções pedagógicas quando necessárias”*** (ANEXO 1).

O que aliado a políticas e objetivos específicos pôde interferir na realidade local. O documento de Pesquisa ANEXO 1 é claro quanto o assunto:

- Promover Campanhas de matrículas com o intuito de universalizar a matrícula;
 - Reordenar a rede de ensino com nucleação, extinguindo as salas multisseriadas e as salas isoladas;
 - Contratar professores de apoio no contra turno;
 - Promover Formação Continuada para os professores da Educação Infantil, professores de 1º ao 9º Ano e gestores escolares;
 - Implantar o Plano de Cargos e Carreira (PCCR) e o 14º salário;
 - Reestruturar a infraestrutura escolar e implementar os materiais permanentes e didáticos pedagógicos;
 - Implantar o café da manhã nas escolas da rede.
- (ANEXO 1 – Pesquisa Documental).

Em relação à Proposição 4, que levanta a possibilidade de mudanças de rumo drásticas – eleição de um prefeito que inovou a área, escolha de um secretário que lutasse efetivamente pela causa – é possível interpretar que a Proposição pode ser considerada parcialmente confirmada. Existe o empenho local acentuado a partir do ano de 2009 – quando houve um enfrentamento para a efetivação do PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa) – entretanto nenhuma medida estritamente drástica pôde ser observada. Em Freire (2014) há uma ênfase muito grande na simplicidade como o motivo dos resultados. Brejo Santo (2013, s/p.) torna claro o que seria tal simplicidade “ensino público de qualidade, voltado para a requalificação dos professores, valorização salarial [...] e a viabilização de condições favoráveis ao aprendizado [...] oferta de equipamentos e incentivos para o setor [...]”.

A Proposição 5 é confirmada porque após os resultados, a EEF Maria Leite de Araújo passou a ser destacada como modelo, com vasta cobertura midiática e premiações (MIRANDA, 2012; BREJO SANTO, 2013; OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO, 2013; FREIRE, 2014). Assim, fica clara a utilização de mídias para tornar o modelo de ensino desenvolvido pela Escola como uma referência estadual e nacional.

Também existem elementos para confirmar a Proposição 6 porque a comunidade escolar, de fato, aprendeu a lidar com as condições desfavoráveis, desenvolvendo mecanismos de aprimoramento. ***“Após diagnóstico inicial da rede municipal de ensino em 2009 na cidade de Brejo Santo foi detectado índices extremamente preocupantes no tocante aos indicadores educacionais”.*** (ANEXO 1).

Em Freire (2014) fica evidente a tentativa por desenvolver-se diante das adversidades:

No início de cada ano [...] é feito um diagnóstico dos alunos que têm dificuldade de aprendizagem, para que sejam oferecidas aulas de reforço [...] acompanhamento em fins de semana [...] alunos de séries avançadas que “apadrinham” os de séries anteriores. Uma das novidades em 2014 é um rodízio entre os professores para que os alunos tenham acesso ao conteúdo também por metodologias diferentes daquelas a que estão habituados (FREIRE, 2014, s/p.).

A Proposição 7 é confirmada, pois as características endógenas da comunidade escolar são exaltadas pelos partícipes. *“A escola mantém uma ótima relação com a comunidade escolar (pais), em eventos eles participam de modo significativo, bem como nas reuniões bimestrais [...] os próprios pais já adquiriram o hábito de frequentar a escola como rotina, com isso eles dão sua contribuição na aprendizagem do aluno”*. (APÊNDICE K). Além disso, há uma convergência por ações diretas no professor, como a participação nas avaliações de desempenho, adesão da maioria ao plano de carreira e à capacitação profissional. Nesse sentido, a Pesquisa Documental ressalta *“Maior envolvimento dos professores enquanto mediadores do processo ensino aprendizagem”* (ANEXO 1).

Não existem, na pesquisa, elementos científicos a corroborar com a Proposição 8. As mudanças no tamanho do grupo, no comportamento e na busca por recursos, ocorreram todas de fora para dentro, ou seja, por iniciativa do poder público. Como a nucleação, a extinção das turmas multisseriadas entre outras.

Já a Proposição 9 é parcialmente confirmada para o caso da EEF Maria Leite de Araújo tendo em vista que os membros da comunidade escolar que mais desenvolveram o chamado empreendedorismo político são membros do corpo técnico das escolas, professores, funcionários e diretora. O que, de algum modo, faz parte da função que exercem, não configurando plenamente a confirmação da Proposição.

5.7.3 Sobral – CE

A formação do município de Sobral se deu pela provisão de distrito homônimo em 1757, elevado à condição de cidade apenas 84 anos depois – 1841 – ainda com o nome de Januária de Acaraú, que foi alterado para Sobral, por Lei Provincial, em 1842. Em sua divisão territorial atual, conta com treze distritos: Sobral, Aprazível, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Patos, Rafael Arruda, Patriarca, São José do Torto e Taperuaba. Estes, localizados entre 15 a até mais de 60 quilômetros da sede (IBGE, 2016).

Em termos populacionais o Censo de 2010 marcava 188.233 habitantes, PIB per capita 12.774,81 e de IDHM 0,714 (IBGE, 2010). Com forte apelo educacional é o maior polo educacional de ensino superior do interior do Estado do Ceará, pois conta com: uma Universidade Estadual – a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); dois centros de ensino tecnológico, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e um campus da Universidade Federal do Ceará (UFC); alguns polos presenciais de instituições

à distância, e; no setor privado, o Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA) e a Faculdade Luciano Feijão (FLF).

Um fato curioso na história local estimula laços científico-educacionais, pois em 1919, graças a um Eclipse Solar, a cidade teria palco de um fenômeno que a luz sofre ao chegar ao Planeta Terra, capaz de confirmar a Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Atualmente, existe um museu e monumentos em homenagem a essa expedição, liderada por Arthur Stanley Eddington.

Ao longo da pesquisa em onze escolas da rede municipal, ficou constatado que todas as cinco proposições exógenas de mudanças nas populações alvo eram comuns a todos os casos. Por este motivo apresentamos tais constatações no presente subcapítulo. Tendo em vista que o objeto de análise, cuja população alvo é constituída das escolas com bom desempenho, e não dos Municípios, vale ressaltar que especificamente a análise é única para as proposições 1 a 6 em todas as onze escolas estudadas no Município de Sobral.

Nesse sentido, sobre a Proposição 1, salta aos olhos o modelo de estrutura organizacional em rede, da Secretaria Municipal de Educação (ver Figura 10 e analisar principalmente o Apêndice V), enquanto aporte institucional às escolas da rede. Apesar de enfatizar os resultados em avaliação, simulados e o constante controle da aprendizagem frente à formação do indivíduo em sua problematização com o mundo – este segundo é tratado pela como consequência do primeiro – ainda assim caracteriza-se como um bom modelo de apoio que contribui para o desempenho, principalmente porque o IDEB é o medidor de desempenho considerado.

A Proposição 1, portanto, é totalmente confirmada. No Município, é tão forte a relevância da Secretaria enquanto instituição e não as pessoas ou políticos, que: ao entrar na sede da Secretaria existe um banner do ano de 2008, quando o desempenho começou a aparecer em avaliações externas, mesmo que o Secretário de Educação, Prefeito ou Partido Político atual sejam diferentes, o banner permanece no local; durante o tempo que permaneci na cidade, nenhum agente político ou líder, toma para si o louro dos resultados, nem mesmo os diretores, todos comentam e remetem o sucesso aos termos abstratos “rede” e “sistema”. Vários entrevistados se expressaram sobre o assunto, a exemplo: *“É, a rede né? De Sobral, ela é bem vista, como referência, e a gente acredita nesse sucesso, e isso faz com que os alunos acreditem, os professores, eu acho que isso faz com que a gente tenha sucesso, toda estrutura, suporte, que vem da Secretaria de Educação. E a gente vai alcançar muitas coisas ainda, e ser referência pra outros. A gente quer que isso realmente passe, se*

perpetue. É nosso desejo, não em tom de vaidade, mas em tom de ajuda, de mostrar que nós podemos [...]” (APÊNDICE R).

Figura 10: Estrutura da rede institucional de apoio às escolas da Secretaria Municipal de Educação de Sobral

Fonte: elaborada pelo autor, com base em dados primários de pesquisa

A Proposição 2 é negada, pois nenhuma escola da rede é parte de outras instituições – Universidade, Associação, Movimento Social, ONG – apesar do local apresentar perspectivas para ensino superior com a presença de Universidade Estadual e *Campus* de Universidade e Instituto Federais, não há parceria institucional formal com outras organizações que não o próprio Poder Público. Ficaram detectadas apenas parcerias informais, eventuais e não institucionalizadas, conforme um entrevistado quando questionado sobre o tema: ***“Formal não, nós temos parceria com Igreja, Sindicato, Escolas do Estado”*** (APÊNDICE L).

Por outro lado, a Proposição 3 é confirmada sob diversas evidências, pois projetos Governamentais realizados ao longo do tempo contribuíram para os resultados atuais. Inicialmente, o Município, considerado berço do PAIC – atualmente um programa estadual, que também inspirou o PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa) – envolveu grande esforço para a erradicação do analfabetismo, mudanças no processo de escolha dos diretores e coordenadores, por mérito. Em seguida, um diagnóstico sobre a aprendizagem dos alunos em todas as escolas da rede até o quinto ano, com um momento inicial de enxugamento da quantidade de escolas (até que se levantassem custos e orçamentos).

Posteriormente, uma retomada da ampliação da rede escolar¹⁶¹⁷ (o que não envolveu apenas as escolas do campo). O passo seguinte foi a Política de Valorização dos Profissionais da Educação, com constante adequação da infraestrutura escolar. No decorrer de todo esse processo, o desenvolvimento de aulas e projetos no contra turno escolar, e mais recentemente o apoio estrutural das tutorias pedagógicas e da Superintendência de Resultados. Foi possível, então, comprovar um efeito de políticas gerais que modifica a construção social da comunidade escolar, como um todo.

Vários entrevistados corroboram com tal confirmação, pois todos que foram questionados sobre as diferenças em políticas públicas entre escolas do campo – ou de

¹⁶ Salientamos um aspecto positivo na organização da rede, em várias localidades existem escolas do campo muito pequenas e com poucos alunos. Ao invés do Município “abandonar” essas escolas – até porque não participariam de avaliações externas – fez o contrário, trouxe as respectivas para serem “parte” de uma escola “polo” mais próxima, utilizando-se de bibliotecas, materiais, infraestrutura para esportes, profissionais de psicopedagogia, coordenadores pedagógicos, entre outros aparatos educacionais e as incluiu como Extensão Escolar – também chamados de Anexos – e assim, reabriu sob novo formato, quase que a totalidade das unidades (Figura 11 exemplifica a Extensão Benedito Enoc, que faz parte da Escola Deliza Lopes). Foi detectado ainda, que mesmo as unidades que não fazem parte de outras enquanto extensões também participam das avaliações municipais, e algumas delas já foram, inclusive, premiadas.

¹⁷ Chamou atenção também o caso de uma comunidade, que vive no alto de uma Serra, o único local da região que possui pluviosidade necessária para plantação e colheita de frutas, e que o poder público já ofereceu algumas vezes a construção de uma estrada para facilitar o trânsito de pessoas, incluindo professores de uma escola local, e que a comunidade nega, alegando que poderia interferir no clima e nas condições pacatas e inacessíveis da região. Ainda assim, os professores e coordenadores, sobem a serra, por trilha, para lecionar em uma extensão escolar.

distrito, como chamadas pela população – em relação às escolas da cidade – ou da sede, como referenciada pelos moradores – negaram existir qualquer diferença de tratamento. A seguir alguns relatos que ajudam a compreender melhor a confirmação total da Proposição 3.

“Eu acho assim que não é porque é um serviço público, que ele precisa ser mal feito, né? Eu acho que a educação de Sobral traz isso, e independente se é sede ou distrito, ele está a serviço do povo. E acredito que podemos melhorar muito, dar mais condições [...] e é essa noção de que podemos fazer mais, faz com que não deixemos a peteca cair. Primeiro a questão da alfabetização, depois organização das escolas, treinamento dos profissionais, seleção dos gestores, foco no desempenho [...]” (APÊNDICE S).

“Não, assim, eu não vejo diferença não porque a mesma política que é trabalhado na sede também ocorre no distrito, tem o mesmo acompanhamento” (APÊNDICE U).

“Então quando você fez aquela pergunta pra colega, qual diferença da cidade para o campo, na verdade são as diferenças [...] porque são culturais e sociais também, mas não deixamos de ser assistidos pela Secretaria em formação, material, acompanhamento, nós temos tudo. Temos nossas particularidades porque é distrito [...]” (APÊNDICE S).

Figura 11: Escola Deliza Lopes – Extensão Benedito Enoc

Fonte: Arquivos pessoais, foto tirada durante coleta de dados primários da pesquisa

Mesmo que o público envolvido na educação do Município trate o sucesso como algo sistêmico, ou “da rede”, quase todos os entrevistados quando questionados sobre alguma liderança importante ou no momento que tiveram a palavra livre, citaram a drástica mudança de rumo, com inovações nas políticas educacionais, a partir de decisões do ex-prefeito e ex-governador Cid Gomes – mesmo que não se referissem nominalmente à ele no momento das entrevistas – referiam-se ao período no qual era chefe do executivo. Abaixo uma série de depoimentos que auxiliam na confirmação da Proposição 4 (Choques externos).

“Eu acho que isso vem do próprio sistema desde dois mil e um, quando começamos, depois tem toda a trajetória né? Foi muito bem definido e passando para as escolas [...]” (APÊNDICE O).

“[...] desde de dois mil e um, que eles criaram essa política de Educação de Sobral. A gente vem tentando fazer esses acompanhamentos. Formação de professores, planejamento. São coisas que a gente vai adquirindo vai amparando o professor” (APÊNDICE U).

“Eu acho que foi uma grande iniciativa essa questão. Não foi uma reivindicação das famílias que lutaram pela educação, nem foram os professores que disseram que iam ensinar os alunos de qualquer forma. Partiu, realmente, dos gestores, decisões políticas que eu considero algo muito bom, e com isso, a escola teve o suporte para fazer sua parte” (APÊNDICE T).

“[...] quando ele assumiu ele colocou Ônibus, vou dizer de novo, Ônibus, não era Pau de Arara não, porque os Municípios que tinham transporte aqui perto era Pau de Arara” (APÊNDICE S).

Confirmamos também a Proposição 5 porque as políticas públicas de Educação em Sobral, efetivadas em todas as escolas da rede – o que inclui os onze casos – foram consideradas “Políticas Modelo”, servindo de base tanto para o surgimento de Políticas Estaduais estruturadas pelo PAIC, em 2007 (Ver ANEXO 3, CEARÁ, 2007), quanto Federais do PNAIC a partir de 2012, com todo o modelo de formação e incentivo aos professores, materiais didáticos próprios, avaliações sistemáticas e formas de gestão, mobilização e controle social, com os mesmos métodos encontrados nos casos estudados. Além disso, ajuda na confirmação, a grande exploração midiática realizada e as premiações recebidas pelas escolas – todas elas já receberam premiação em alguma edição do Prêmio Escola Nota Dez, ou fizeram parte de alguma notícia veiculada em mídia.

Embora a Proposição 6 trate simultaneamente de aspectos exógenos e endógenos, a força da rede – externa para a população alvo – no que tange à aprendizagem¹⁸ é evidente. Por isso, referente aos onze casos, entendemos que os locais aprenderam a lidar com os problemas educacionais a partir de condições impostas e desenvolveram mecanismos de aprimoramento, a partir das determinações e políticas da rede. Cada escola agiu de modo reativo ao que fora colocado pelo poder público, com pouca evidência de pro atividade em termos de aprendizagem. Assim, a Proposição 6 é confirmada para todos os casos, com a ressalva de que tenha se constituído de uma mudança na população alvo, de caráter, quase que exclusivamente, exógena, restando às comunidades escolares, apenas “seguir as determinações do Município”¹⁹.

Tal constatação é nítida mesmo para os representantes do poder público *“Primeiro, temos muita dificuldade quando recebemos do Governo, um material que é específico para o Campo. Por quê? Porque nós trabalhamos com material único. Então nós fazemos adaptações para que o Campo não sinta diferença. Às vezes aparece alguém querendo utilizar outro livro, diferente do que sugerimos... Tudo bem, mas nós sempre indicamos que trabalhem o mesmo que já é preparado, então sentamos, explicamos os motivos, e até hoje nenhum diretor quis trocar depois de colocados nossos argumentos”* (APÊNDICE V).

5.7.3.1 Escola Vicente Antenor Ferreira Gomes

Localizada no Distrito de Rafael Arruda, a 44 quilômetros da sede de Sobral, a escola conta com 90 funcionários e uma estrutura com biblioteca, cozinha, sala para atendimento especial e equipamentos tecnológicos básicos, quadra de esportes coberta. Oferece serviços de creche, pré-escola, ensino fundamental e EJA, contando com um total de 661 alunos.

No que se refere às proposições de características endógenas, apenas a Proposição 7 é confirmada em sua plenitude, ao passo que as Proposições 8 é negada e a 9 confirmada parcialmente.

¹⁸ Em todo o contexto do parágrafo, entender o termo “aprendizagem” conforme colocado pela Proposição 6, Quadro 12, item 5.4.

¹⁹ Embora confirmemos a Proposição, porque existem elementos empírico-científicos que a sustentam, não significa que concordemos com a forma de execução que apresenta um caráter de padronização produtivista da educação, que retira o protagonismo e as especificidades das comunidades escolares, assim como a problematização do indivíduo, atribuindo-lhes uma formação tecnicista que deixa em segundo plano os valores, as atitudes e toda uma construção crítica necessária ao pleno desenvolvimento dos indivíduos.

A confirmação do item “Mobilização do grupo” ocorre porque há um esforço da população em concretizar as políticas estabelecidas, empenho do diretor, dos professores, familiares e dos alunos, é visível, com estabelecimento de projetos e características próprias mobilizadas pelo engrandecimento educacional. A busca por parcerias locais “[...] *nós temos parceria com Igreja, Sindicato, Escolas do Estado. Então assim, nós vamos desenvolver um projeto [...] na mobilização do Dia “D”, pedimos que o padre avisasse na missa “no dia tal haverá uma caminhada”. Da mesma forma uma Igreja Evangélica, ou na época do Festejo em Setembro que costuma ter muita falta, e nos ajuda bastante*” (APÊNDICE L). A presença da comunidade na escola “[...] *o melhor é dia das mães que tem boa participação, assim como Festa Junina que reúne, inclusive, pessoas que não tem filhos na escola*” (APÊNDICE L). E a mobilização da equipe “*Não é difícil ter acesso aos pais, porque estamos em um distrito, a maioria das pessoas se conhecem, é, eu também conheço a maioria, não sou daqui, mas sou de um distrito próximo. Às vezes, até o vigia entrega um convite na casa de alguém quando precisa*” (APÊNDICE L).

A Proposição 8 é negada pelo próprio Diretor quando questionado sobre mudanças internas e características pedagógicas próprias, onde se nota a força exógena das mudanças na população alvo “*Eu acredito nas ações estruturantes da Secretaria que fizeram com que nossos professores conseguissem dar os resultados que eles vêm dando, como: formação mensal; garantia de bom planejamento; momento de estudos dentro da escola, de fato; coordenação pedagógica com orientação adequada. Essas ações é que tem contribuído*” (APÊNDICE L). Assim como Proposição 9 não pode ser confirmada totalmente porque o Empreendedorismo Político é realizado pelo próprio corpo técnico. Quando indagado sobre a contribuição e esforço de lideranças comunitárias, o pesquisado respondeu “*Não, os professores que são da própria comunidade desempenham isso, a ação deles faz toda a diferença*” (APÊNDICE L).

5.7.3.2 Escola Elpídio Ribeiro da Silva EIEF

A Escola Elpídeo Ribeiro da Silva de Ensino Infantil e Fundamental conta com 87 funcionários e apresenta estrutura com 11 salas de aulas, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, biblioteca, parque infantil, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou

mobilidade reduzida, refeitório, despensa, almoxarifado e pátio coberto. Tudo em acabamentos simples, porém funcionais para atender cerca de 420 educandos.

Localizada no Distrito de São José do Torto – cerca de 30 quilômetros do centro de Sobral – a região conta com a presença de grandes empresas, pois possui grande concentração de minério de ferro, e se destaca também na criação de avestruzes, o que torna a economia do distrito, um pouco mais movimentada do que a dos demais. Em termos de equipamentos, a escola possui: 3 computadores administrativos; 17 computadores para alunos; 12 TVs; 8 copiadoras; 2 equipamentos de som; 3 impressoras; 2 equipamentos de multimídia; videocassete; DVD; copiadora; Retroprojeto; impressora; aparelho de som; projetor multimídia (datashow); câmera fotográfica/filmadora.

Em relação à Proposição 7, o conjunto de indícios permite-nos interpretar a confirmação da Mobilização do Grupo, em realizar, inclusive, atos fora do contexto de sala de aula *“além do trabalho com sala de aula é preciso lazer e saúde, então se eu não tiver uma parceria boa com PSF o menino adoece né? Então combino com eles que os alunos que estudam pela manhã fazem tratamento à tarde, e os alunos que estudam à tarde fazem tratamento pela manhã, pra evitar que ele perca o dia de aula, a não ser que seja um tratamento que não deixa ele assistir à aula [...]”* (APÊNDICE M). Na busca da equipe pela compreensão da realidade familiar, a qual o participante fez questão de salientar que foi uma iniciativa, mobilização da escola *“Nós fizemos um mutirão de visita aí, visitamos todas as famílias, os professores iam também e preenchiam um questionário das famílias, aí eles sentiram, e entenderam melhor a realidade de cada um [...] porque faltavam, porque não, a satisfação deles quando a gente chegava em uma casinha, eles preocupados “não ofereço café porque a gente não tem”, uma situação de extrema pobreza, então os professores passaram a ter uma percepção de que aquilo ali poderia trazer motivos pra algum aluno chegar rebelde, ou vir com fome, aí os professores acabaram entendemos mais os meninos”* (APÊNDICE M). E como consequência na participação dos pais *“Hoje, temos a participação de noventa e cinco por cento dos pais, acompanhando a aprendizagem dos filhos, reuniões, eventos, mas com os dias bem planejados. Utilizamos a estratégia do evento para cobrar ou chamar para outras situações mais delicadas. No meio do evento, aproveitamos para lembrar [...] é uma estratégia que usamos”* (APÊNDICE M).

A Proposição 8 é negada porque não há mudanças internas interferindo na população alvo para a mudança na construção social, o Diretor relatou que a escola conquistou a comunidade apenas depois de receber prêmios em avaliações *“Com os diversos prêmios que recebemos, já ganhamos a credibilidade da comunidade. Depois, conseguimos trazer mais a*

comunidade pra dentro da escola, e isso aprendemos fazendo” (APÊNDICE M). Há também fortes relatos de que as mudanças externas influenciam internamente “A pressão é o seguinte, você sente-se pressionado por você. Imagine, nós que temos IDEB nove, pra manter? Precisa cobrar? Não precisa! Quanto mais você sobe, mais tem pressão. Imagine uma escola que é sempre premiada, e em algum ano não consegue nada [...] o tamanho da vergonha que a gente fica? Alguém chegou e perguntou? Não! Você se sente perante o sistema” (APÊNDICE M).

Nesse sentido, a Proposição 9 é negada, porque não houve evidências de um trabalho realizador, executado por lideranças locais *“Não, nunca conseguimos trabalho voluntário grande, ainda falta um amadurecimento. O pessoal pensa que quem está pago é que deve fazer. Pra coisas pequenas, alguém ajuda no final de semana, tranquilo, mas existe uma certa rejeição de que tem alguém pago pra fazer” (APÊNDICE M).*

5.7.3.3 Escola Antônio Custódio de Azevedo EIEF

Conjunto de unidades escolares – polo e extensões – localizadas a média de 30 quilômetros de Sobral, no Distrito de Aprazível, local de conhecida movimentação comercial, devido à “Feira do Aprazível”.

Com mais de 800 alunos, entre creche, Pré-escola, Ensino Fundamental e EJA, dispõe de 108 funcionários e estrutura com sala de professores, diretoria, secretaria, laboratório de informática, biblioteca, cozinha, sala de leitura e quadra de esportes. Algumas dificuldades de acessibilidade até de abastecimento de água momentânea, em razão da seca na região.

Após a pesquisa de campo realizada no local, foi possível confirmar a Proposição 7, como prova da mobilização e o trabalho de professores *“Se você chegar ali na sala seis você vai ver a professora do segundo ano dando aula. Essa turma funciona regularmente na manhã. Se você chegar na sala um, a mesma coisa. Elas estão aí duas a três vezes por semana, nesse momento, de forma voluntária, pra que? Porque alguns de seus alunos tem fragilidades, e elas estão ali tentando deixar os meninos no mesmo nível [...] Em alguns locais, se queixam do Professor efetivo, que se acomoda, aqui na escola não temos isso, aliás, temos tão pouco que nem compensa falar, mas a maioria veste a camisa [...]” (APÊNDICE N).* Além da participação, ainda que pouco envolvida *“Em eventos, normalmente participam bem, não no sentido de se doarem, mas de presença mesmo, para serem beneficiados, com brincadeiras, brindes, nesse sentido. E nas reuniões, temos um*

grupo muito presente. Logicamente, que tem as exceções [...] Como eu falei, graças a Deus, conseguimos conscientização muito boa nesse sentido” (APÊNDICE N).

Entretanto, nem a Proposição 8, nem a 9 podem ser confirmadas tendo em vista o caráter reativo da escola, na maioria das vezes, aguardando posicionamento da Secretaria, portanto um comportamento de dependência, no quadrante da Teoria da Construção Social, no sentido de apenas cumprir às determinações e esperar, do poder público, uma participação efetiva *“A jornada educação foi realizada bem antes de o Governo Federal implantar o Mais Educação, trabalhar contra turno escolar. Agora estamos em um momento de crise, mas foi uma iniciativa interessante, que tentava permanecer as crianças na escola o máximo de tempo possível. Através da Jornada ampliada tinha projetos, “Contação” de história, artes, músicas, diversas atividades e a escola, de acordo com a demanda, a gente solicitava profissionais e conseguíamos atrair o aluno na escola. O objetivo era esse, a permanência, e com a permanência, a aprendizagem”* (APÊNDICE N). Ou ainda *“Não, o que a gente perde é só a facilidade de contato, porque como as coisas acontecem mais no centro, fica mais difícil somente o contato né? A escola planeja uma visita, o transporte um pouco mais difícil [...] Sim, um agendamento com antecedência [...] casa do Papai Noel, algum evento, são essas coisas que são mais complicadas”* (APÊNDICE N). Sendo assim, não foi diagnosticado nem mudanças internas no comportamento e busca própria por recursos (Proposição 8) nem o desenvolvimento de lideranças comunitárias (Proposição 9), e as duas propostas negadas.

5.7.3.4 Escola Leonília Gomes Parente EIEF

Com mais de 1.000 estudantes, a Escola Leonília Gomes Parente de Ensino Infantil e Fundamental – contabilizando os anexos, creche e EJA – é uma das escolas que atende maior número de alunos em distritos de Sobral. Para tanto, disponibiliza 149 funcionários, infraestrutura pedagógica apropriada, atividades musicais, capoeira, dança, leitura e pintura.

Fica localizada no Distrito de Jaibaras, que possui mais de seis mil habitantes, um Grande Açude Aires de Sousa – capacidade de 104,43 m³ - a 22 quilômetros de distância da sede do município de Sobral e responsável por cerca de 70% do abastecimento do abastecimento de água em toda a cidade. Dada as características do local, constitui um bom potencial de agricultura familiar, ao contrário da maioria dos distritos (BENEVIDES; LUZ, 2013).

A forma como trabalham com os alunos e as prioridades que estabelecem nos indicam que a escola consegue mobilizar todo o seu entorno o que configura a confirmação da Proposição 7 *“o que queremos mesmo, com todo suor derramado, é ter o retorno, e o bom é que o retorno não é só pra dizer que a diretora da escola tem o resultado, e não é só pra dizer que o professor tem o tá resultado, mas o aluno [...] a condição que ele saiu, se o foco é o aluno, é ele sair bem pra dar continuidade, a importância do nosso aluno, né? Dos nossos meninos, tudo em função deles”* (APÊNDICE O). Para tanto, mobilizam, além da equipe escolar, professores e funcionários, parcerias com outros órgãos e a família *“Quando eu reúno um grupo de professores pra falar de resultados, eu sempre aproveito e coloco também as necessidades sobre comportamento e postura, na ideia de ajudar um ao outro, não apontar o erro [...] Claro que a gente não pode generalizar, mas quando falamos da importância da família no ensino, vemos que isso vai melhorando [...] tem o CRAS, que tem psicólogo e a gente recorre. A partir da infrequência do menino, procuramos informação sobre o fator socioeconômico [...] A prioridade é garantir o menino na escola. Deixamos claro para a família desde a matrícula. Como conhecemos a comunidade, aqui há mais de dezesseis, já até detectamos algumas antecipadamente. Tem situações, que mesmo sendo responsabilidade da família, de vez em quando, a escola tem que atuar. Chamamos a mãe na escola, em última instância, aciona o Conselho Tutelar, algumas vezes melhora com a visita do conselheiro, mas quando não fica bom tem que ter o jogo de cintura, porque a prioridade é ter o menino na escola”* (APÊNDICE O).

Todas as mudanças realizadas, em relação à escola, de fato, partiram de fora para dentro. Desse modo, com a ausência de mudanças internas no grupo e no comportamento, a Proposição 8 é negada.

No que tange à Proposição 9, até existem potencialidades para trabalhar o Empreendedorismo Político em relação às lideranças comunitárias, mas parecem não desenvolver um trabalho forte dentro da escola *“E com a comunidade tem o chamado “prefeitinho” né? Que são responsáveis também”* (APÊNDICE O). Entretanto, a entrevistada não soube falar projetos realizados em conjunto ou situações exitosas, o que configura a negação da referida Proposição.

5.7.3.5 Escola Deliza Lopes EIEF

Criada em 21 de Agosto de 1997, a Escola Deliza Lopes de Ensino Infantil e Ensino Fundamental tem a missão de “Proporcionar um espaço educativo e democrático que promova o desenvolvimento integral dos alunos através do ensino sistemático dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, garantindo uma educação de qualidade compromissada com a formação e a capacitação integral de educandos e educadores”. Atende atualmente mais de 400 alunos, em um ambiente de condições socioeconômicas desfavoráveis e difíceis condições de acesso, até mesmo pela distância de mais de 50 quilômetros da sede.

O conjunto de dependências ainda carece de biblioteca, sala de professores, quadra de esportes, sala de atendimento especial. Entretanto, mesmo diante das dificuldades estabelecidas, a equipe de 58 funcionários vem conquistando resultados importantes em avaliações externas e premiações, em especial anos iniciais do Ensino Fundamental e Olimpíadas de Matemática.

A partir do estudo do caso, confirmamos a Proposição 7 porque existe uma mobilização do grupo, núcleo gestor, familiares e alunos pelo engrandecimento educacional, de modo perceptível “ *O núcleo Gestor, nesse caso, pode ser coordenador e diretor, mas com participação do professor também. A gente marca visitas, por exemplo [...] (a equipe professores) [...] É muito boa, é mais que união, é parceria. Nosso trabalho é vinculado. Exatamente agora eu estava fazendo avaliação de leitura, pra saber que ações vamos fazer, e o resgate de quais alunos. E isso influencia diretamente na matemática, ajuda ele a ler o problema adequadamente, né? Se ele coloca pontuação que não deve, ou tira, vai ter problema. Então assim, é um trabalho que depende um do outro. E os professores são bem conscientes disso*” (APÊNDICE P).

Em pesquisa de campo e informações complementares, enquanto pesquisador, não consegui elementos para confirmar ou negar a Proposição 8. No entanto, a proposição 9 fica parcialmente confirmada devido a um esforço local pela melhoria das condições educacionais. Tal proposta é confirmada parcialmente, porque algumas das principais lideranças envolvidas e que caracterizariam o “Empreendedorismo Político”, fazem parte do quadro de funcionários ou do Conselho de Pais – que é atuante – e já foram caracterizados na Proposição 7.

5.7.3.6 Escola Araújo Chaves EIEF

Fundada em Agosto de 1974, no distrito de Taparuaba, próxima à antiga Fazenda Bilheira – como ainda hoje é chama a região – na rodovia CE 362, a cerca de 50 quilômetros da sede de Sobral, localiza-se a Escola Coronel Araújo Chaves, com 43 funcionários e quase 400 alunos em Ensino Infantil, Fundamental e EJA (BIBIANO, 2014).

Apresenta uma infraestrutura simples que não contempla nem sala para leitura, nem quadra de esportes e pouquíssimos equipamentos tecnológicos. Além disso, o asfaltamento em Bilheira no distrito de Taparuaba foi recentemente concluído – ano de 2012 – o que caracteriza condições de acesso, e socioeconômicas, desfavoráveis.

Na unidade escolar fica confirmada a Proposição 7, com forte mobilização local e participação da comunidade escolar pela evolução no ensino ***“De conhecimento mesmo, da realidade e da família. Tem uma prática de conversa individual com os meninos. Uma característica minha, de gostar de conversar, de dizer onde ele precisa melhorar, perguntar o que está acontecendo. E isso passa para os professores também, ainda há pouco antes de você chegar eu estava tendo essa conversa com um professor, e o retorno é mais rápido, e fica melhor para tomar uma decisão. E assim, não só eu como gestora, mas os próprios professores, então como eles são da região eu digo [...] digam que o trabalho é de segunda a sexta, porque chega um final de semana uma festa de aniversário sempre surge um assunto de escola “como está meu filho?”, isso é muito bom”*** (APÊNDICE Q).

Já a Proposição 8 é parcialmente confirmada devido a promoção de algumas características no grupo e na busca por recursos, com possibilidades didáticas alteradas e a concentração de esforços do grupo em torno das chamadas “turmas foco” ***“Nós trabalhamos com o contra turno, se a gente consegue convencer os alunos. Inclusive, segundo, quinto e nono ano, que são as três turmas de foco, agente consegue já no início do ano convencer as famílias a deixar as crianças mais tempo na escola”*** (APÊNDICE Q). Mesmo que mudanças internas mobilizadas pelo resultado tenham ocorrido, elas não se configuram tão diferentes do que é realizado em outras escolas, e por esse motivo a confirmação é parcial.

Com relação à Proposição 9, também parcialmente confirmada, ficou detectado forte Empreendedorismo Político, ainda que realizado pela própria equipe de professores ***“É, assim, o compromisso dos professores, todos são da região, são pessoas capacitadas, comprometidas, e não tem troca de professor, a equipe é a mesma tem muito tempo, não tem rotatividade. Isso é bom porque as crianças ficam mais conhecidas deles. As crianças passam aqui do infantil até o nono ano e os professores conhecem cada um. Outro ponto***

que gosto de falar é a tranquilidade, harmonia, parceria entre os professores. Todo mundo muito disponível, troca de informações de um jeito favorável. É lógico que tem problema, mas nada que prejudique o processo de ensino aprendizagem. A disponibilidade dos professores é espetacular. Eles se disponibilizam, por exemplo, nas janelas, com vontade de ver os outros crescerem. Não adianta o resultado no quinto ano, porque eles estão agora no terceiro, mas já já eles estarão lá no quinto. Hoje a gente já pensa desde o infantil” (APÊNDICE Q).

5.7.3.7 Escola Massilon Sabóia Albuquerque

Localizada no Distrito de Aracatiaçu, Comunidade Olho D’água do Pajé, a 65 quilômetros de Sobral, o local possui raízes culturais fortes, tanto dos indígenas quanto católicas, e alguns atrativos turísticos. Conforme Takahashi (2015) “os alunos da escola Massilon Sabóia moram em assentamentos ou em pequenos vilarejos do semiárido cearense. É no colégio onde muitos fazem as principais refeições, devido à baixa renda familiar”.

Embora não disponha de uma boa estrutura (Figura 12), por exemplo, não possui quadra, biblioteca e o destino do esgoto é para uma fossa, os 55 funcionários estão amparados de alguns recursos como equipamentos tecnológicos e 40 computadores em sala de informática, disponíveis aos 244 alunos do ensino infantil, fundamental e EJA.

Figura 12: Escola Massilon Sabóia Albuquerque

Fonte: Arquivos pessoais, foto tirada durante coleta de dados primários da pesquisa

Confirmamos a Proposição 7 ainda que sob o viés da avaliação interna, a comunidade escolar promove forte mobilização da população alvo ***“No início de um ano já tomamos como parâmetro o ano anterior. Para iniciarmos o ano, usamos como estratégia um estudo aluno por aluno, item por item, descritor por descritor. Levantamos hipóteses sobre o que pode ter acontecido. O que foi e o que não foi feito, e a partir das evidências é como se fosse um início, para iniciarmos a jornada. Sempre retomamos, para criar as novas estratégias”*** (APÊNDICE R).

Entretanto, as Proposições 8 e 9 são negadas, tanto pela inexistência característica de “Mudanças internas”, quanto do “Empreendedorismo Político”, conforme Quadro 12 do item 5.4 desta.

5.7.3.8 Escola Francisco Aguiar

Também situada no Distrito de Aracatiaçu, a Escola Coronel Francisco Aguiar apresenta a missão “Formar pessoas capazes de exercer cidadania com responsabilidade social, influenciando nos destinos de sua Comunidade, de seu Estado e de seu País, em vista de uma sociedade mais digna, mais justa e mais humana”, sendo a visão “Desenvolver habilidades e competências com participação, inventividade, análise e críticas dos dados e acontecimentos sociais, políticos e econômicos”.

Assim como a da Escola Leonília Gomes Parente, conta com mais de 1.000 alunos e está entre as unidades escolares de distrito que mais atende estudantes, para isso dispõe de 114 funcionários, biblioteca, cozinha, refeitório, sala de professores, sala de diretoria, um pequeno laboratório de informática e quadra de esportes.

Com conselho de pais atuante, um sério esforço da equipe escolar e a busca constante por parcerias e mobilizações, a Proposição 7 é totalmente confirmada ***“Nós fechamos agora a parceria, uma experiência da cultura do Maracatu. O Espaço (Cultural) conseguiu um projeto e nós estamos trabalhando a cultura aqui da região, no contra turno”*** (APÊNDICE S).

Contudo, não há elementos para aceitar a Proposição 8 como verdadeira, e os próprios entrevistados atribuíram a maior parte do resultado à aspectos externos, em especial à Secretaria de Educação e seu modelo de desempenho.

Já a Proposição 9 é parcialmente confirmada, muito em função dos coordenadores pedagógicos envolvidos como liderança local e constante busca pela mudança e valorização

do comportamento cultural e da história da comunidade. O Empreendedorismo Político somente não pôde ser confirmado totalmente porque os envolvidos no ativismo local fazem parte do quadro de funcionários da escola, o que descaracteriza, parcialmente, o conceito da Proposição.

Chamam a atenção ainda, dois relatos relacionados às Proposições: do Participante 02, que é coordenador pedagógico e morador de um assentamento próximo à localidade da escola *“Quando as crianças vão para outro Município, a gente recebe a resposta deles “olha que coisa maravilhosa”. Teve uma missão no Distrito de Santa Quitéria, uma aluna nossa foi fazer uma leitura, ela tinha sete anos de idade, e o pessoal do meu lado perguntando “ela vai conseguir ler”, e a menina fez a primeira leitura e quando ela terminou ficaram um minuto e meio batendo palma pra essa criança. Então, assim [...] nós recebemos aqui três meninos da capital, de Fortaleza, e fiz o diagnóstico deles. A gente sente que falta muito pra eles chegarem no nível adequado. Em Sobral, a maioria sai daqui lendo e compreendendo bem. A gente recebe esse retorno das pessoas”* (APÊNDICE S); e da Participante 03 *“Eu sou de Aracatiçu, da comunidade, estudei nessa escola, fui aluna dessa escola e [...] eu digo isso que transforma o mundo, transforma pessoas, porque me transformou também. Eu sou de família humilde, estudei aqui, fiz o Prouni, fiz Faculdade pelo Prouni. Estou no município (se referia à rede do Município) desde dois mil e dez. Desde que comecei a Faculdade, comecei a ter experiência dentro da escola, tanto estagiando, quanto trabalhando como auxiliar. E eu me descobri na educação, me envolvo porque acredito. Amo mesmo esse dia dia e a gente trabalha muito, mas porque a gente acredita. Eu comecei em dois mil e dez. Ano passado, fiz a seleção de gestores para coordenação. São três meses de seleção, com cinco etapas, bem criteriosa, além de selecionar, também formava. E hoje eu sou coordenadora de professores, que foram meus professores, e eu não me sinto melhor que eles e eles não se sentem inferiores a mim, mas há uma troca de experiência, com muita humildade. Então educação é tudo na minha vida”* (APÊNDICE S).

5.7.3.9 Escola Odete Barroso

Situada no Distrito de Caracará, a unidade escolar possui pouco mais de 400 alunos, a maioria no ensino fundamental, atendidos por uma equipe de 43 funcionários, em uma

estrutura com 14 salas de aula, 20 computadores – sendo 18 para uso de alunos e 2 para uso administrativo – além de sala de professores, diretoria e quadra de esportes.

A localidade busca opções para a convivência com o semiárido, principalmente pela avicultura caipira, até mesmo pela dificuldade de acesso e distância em relação a sede – 52 quilômetros – a maioria das famílias sobrevivem de benefícios sociais.

É nesse contexto que a comunidade escolar Odete Barroso capta as políticas públicas com forte mobilização do núcleo gestor, professores e familiares, mesmo nos Anexos *“A gente tem uma comunicação muito boa, geralmente. Quem fica nessas extensões, conversamos bastante. Antes de essa pessoa trabalhar lá, precisa ter esse diálogo constante, que a escola precisa ser informada de tudo que acontece, e aqui a gente não tem transtorno, sempre conseguimos assim [...] Quando comparamos com outras escolas, no geral nossa participação é boa. Temos como meta em nosso PDE a participação dos pais e nós conseguimos, monitoramos”* (APÊNDICE T).

Assim como na maioria dos casos estudados a Proposição 8 é negada porque a maior parte das mudanças é considerada externa à população alvo *“Partiu, realmente, dos gestores, decisões políticas que eu considero algo muito bom, e com isso, a escola teve o suporte para fazer sua parte [...] Então, uma coisa que a gente aprendeu no Município, é trabalhar com a proposta do currículo, e termos metas, para quantificar, Só que esse número, tem saberes e fazeres por trás. Então esses “saberes e fazeres”, é muito legítimo de cada professor e cada gestão escolar, mas quando você sabe o que tem que alcançar, e que isso depende de o menino ler, interpretar, ser disciplinado, ter a cultura de querer estudar, no final, é transformado em algo palpável que é a nota”* (APÊNDICE T).

A Proposição 9 é negada porque não há uma liderança engajada na modificação da construção social, apenas uma repetição do modelo produtivista de resultados *“E desmistifica aquela história que “tudo tem seu tempo”, eu não concordo com isso. No caso, dos meninos de escolas particulares, eles estudam porque querem o vestibular no futuro, e se nossos meninos quiserem isso, nós temos que iniciar a preparação desde cedo”* (APÊNDICE T).

5.7.3.10 Escola Frederico Auto Correia

Fundada em Outubro de 1985, a escola tem por missão “ser comprometida com a educação integral da criança, onde todos sejam unidos e que tenham o mesmo objetivo de

formar cidadãos, buscando a transformação da sociedade”. Fica localizada no Distrito de Taperuaba, comunidade de Vassouras.

Oferece ensino regular de creche, pré-escola, ensino regular fundamental – anos iniciais e finais – e EJA para mais de 300 alunos. Não possui destinação de esgoto, biblioteca, nem acessibilidade para deficientes, mas dispõe de sala para diretoria, professores, sala de leitura e quadra de esportes, conta também com uma equipe de 44 funcionários.

A Mobilização da comunidade escolar pela política de resultados, assim como os exemplos citados pela participante denotam confirmação total da Proposição 7, a qual utilizou exemplo recente de mobilização de um familiar da comunidade escolar pelo engrandecimento social *“ano passado fizemos um evento no dia dos pais, a gente fez um dia diferente né? A gente cortou cabelo. Teve um pai de aluno toca na Igreja. Nesse dia ele tocou, voluntariamente, o tempo todo”* (APÊNDICE U).

Todavia, tanto a Proposição 8 (Mudanças internas), quanto a Proposição 9 (Empreendedorismo Político) são negadas. Toda colaboração pelo desempenho e pelas práticas educacionais, segundo a Gestora da Escola, são frutos do apoio e incentivo constante da Secretaria, ou seja, externo para a população alvo *“Como a gente tem o acompanhamento e as tutoras, elas contribuíram muito. Era mostrado pra elas como era trabalhado nas salas e elas apenas informavam o que estava ou não bom. Eu acho também que foi um aprendizado para os professores (referia-se à Política de Formação) prepararem melhor as aulas e as estratégias”* (APÊNDICE U).

5.7.3.11 Joaquim Barreto Lima²⁰

Da mesma forma que a Escola Leonília Gomes Parente, a Escola Joaquim Barreto Lima também fica localizada no Distrito de Jaibaras, e próximo ao Açude Aires de Sousa. Entretanto, a escola possui outro tipo de padrão de infraestrutura, pois funciona em uma antiga construção de Escola Estadual.

²⁰ O registro de áudio foi perdido. Por precaução fiz registro manual resumido das respostas de todas as entrevistas, mas não há referências às transcrições em Apêndice. Por isso, apesar de não esmiuçar detalhes das confirmações – total ou parcial – ou das negações às proposições, foi possível realizar as análises. As informações foram passadas pela Diretora Ana Cristina da Costa – Formada em Letras e Biologia, com especialização em Psicopedagogia – no dia 22 de Março de 2016. Inclusive, chamou atenção na pesquisa de campo, que a entrevistada não considerava os resultados da Escola como positivos, porque o critério de comparação da participante não era com outras Escolas do Campo do Brasil, mas sim as outras Escolas da Rede de Sobral.

Uma equipe de 52 funcionários atende quase 70 crianças em educação infantil, cerca de 150 em ensino fundamental, e pouco mais de 60 no EJA. São 14 computadores para utilização didática e 4 para uso administrativo, sala de leitura, biblioteca e espaço de estudos conjuntos para professores, salas “improvisadas” para núcleo de gestão, quadra de esportes descoberta, porém com sanitários e acesso para portadores de deficiência física.

Foi possível confirmar, totalmente, a Proposição 7, tendo em vista o caráter mobilizador da população escolar, tendo como exemplo, na história recente, reivindicação sobre uso inadequado do abastecimento de água na escola, o que contribuiu para fiscalizações e mudanças na equipe escolar. Tal empenho se dá também, na já demonstrada busca por resultados. Nesse sentido, a participação de professores e familiares é notada pelo desenvolvimento do grupo.

A Proposição 8 é parcialmente confirmada, porque existem mudanças internas, em curso, que foram iniciadas endogenamente. A direção atual, que é nova, também solicita acréscimo na equipe de coordenação pedagógica – que geralmente só é conquistada pelo aumento na quantidade de alunos – tendo em vista as condições específicas da comunidade atendida, o que caracteriza a busca própria por recursos e mudança interna no comportamento do grupo. Além disso, busca apoio e soluções criativas para adaptação da estrutura, que pouco comporta a quantidade de alunos, dependendo do horário. A referida Proposição somente não é confirmada totalmente, porque está em curso e ainda não se conhece resultados empíricos destas mudanças.

Por outro lado, a Proposição 9 é negada, em razão não observância da atuação de lideranças comunitárias em Empreendedorismo Político latente, que aparecem, ao longo da história escolar, mas não criam laços persistentes pela causa, ou seja, são apenas movimentações esporádicas, quando há necessidade, insuficientes para confirmar a Proposição.

5.8 CHECAGEM DE PROPOSIÇÕES

Mesmo que a apresentação e interpretação de resultados venham ocorrendo ao longo do item 5.7 de modo aprofundado, o presente tópico tem o intuito de condensar as principais informações e trazer generalizações próprias, analisadas sob o enfoque contextual. Nesse sentido, a checagem de proposições conforme o TPCF foi capaz de estudar o problema de

pesquisa sob a ótica do design de políticas da construção social. Apesar dos casos terem sido analisados de modo diferente, todos atenderam aos objetivos de análise.

A principal diferença metodológica entre os casos ocorreu no Grupo de Verificações, em especial, o instrumento de coleta de dados. A EM José Marcelino Pereira teve como instrumento essencial a entrevista semiestruturada face a face. A EEF Maria Leite de Araújo teve como instrumento principal a pesquisa documental, com entrevista estruturada realizada por meio eletrônico como método complementar. As onze escolas de Sobral também foram analisadas pela entrevista semiestruturada face a face, entretanto, com modificações ao longo do tempo nas questões realizadas. Tal flexibilidade decorreu das possibilidades metodológicas explicadas no item 4.3, principalmente nos argumentos de Alencar (2000). Conforme o referido autor, é possível realizar mudanças nos instrumentos porque as pressuposições iniciais dos pesquisadores podem ser modificadas durante o processo de investigação, que nas Ciências Sociais, pode apresentar caráter cíclico.

Como esta tese embasa sua estruturação e teste da ferramenta TPCF como uma das contribuições originais, tal flexibilidade metodológica precisava ser testada. Como resultado, foi detectado que a pluralidade da coleta de dados de campo pode ser utilizada desde que observadas as recomendações do item 4.3 desta: o pesquisador deve utilizar normas e documentos como apoio; a checagem *in loco* pode ser substituída por análise documental – documentos oficiais, científicos e midiáticos – ou de legislação, quando o tipo da política e a quantidade informações disponíveis em fontes secundárias forem suficientes para uma verificação acadêmica rigorosa. Ressaltamos que tais requisitos foram observados.

Ao término da checagem de Proposições, apresentamos os resultados visualmente, conforme ordem cronológica da Pesquisa de Campo (Quadro 13).

Quadro 13: Checagem das proposições

Município	Escola	Exógenas					P6	Endógenas		
		P1	P2	P3	P4	P5		P7	P8	P9
São José da Barra	EM José Marcelino Pereira	+	0	+	0	+	++	++	0	+
Brejo Santo	EEF Maria Leite de Araújo	++	0	++	+	++	++	++	0	+
Sobral	Escola Vicente Antenor Ferreira	++	0	++	++	++	++	++	0	+
	Escola Elpídio Ribeiro da Silva	++	0	++	++	++	++	++	0	0
	Antônio Custódio de Azevedo	++	0	++	++	++	++	++	0	0
	Leonília Gomes Parente EIEF	++	0	++	++	++	++	++	0	0
	Escola Deliza Lopes EIEF	++	0	++	++	++	++	++	*	+
	Araújo Chaves EIEF	++	0	++	++	++	++	++	+	+
	Massilon Saboia Albuquerque	++	0	++	++	++	++	++	0	+
	Escola Francisco Aguiar	++	0	++	++	++	++	++	0	0
	Escola Odete Barroso	++	0	++	++	++	++	++	0	0
	Escola Frederico Auto Correia	++	0	++	++	++	++	++	+	0
	Joaquim Barreto Lima	++	0	++	++	++	++	++	+	0

Fonte: Elaborado pelo autor (* significa impossibilidade de confirmar e de negar)

Entre as Proposições exógenas – ou externas para a população alvo – que caracterizam, essencialmente, uma nova forma que o poder público passa a trabalhar políticas para determinadas populações alvo, temos um total de 47 confirmações, 4 confirmações parciais, e 14 negações, num total de 65 análises.

Ao analisar a única Proposição de caráter, ao mesmo tempo, endógeno-exógeno, temos a confirmação em todos os 13 casos – ainda que tenham se estabelecido sob o enfoque do poder público para as comunidades.

Já a análise de Proposições endógenas marca 13 confirmações, 9 confirmações parciais, 16 negações e 01 dado perdido, em um total de 39 análises. Sendo que todas as confirmações advêm da Proposição 7 (A Figura 13 demonstra a força proporcional das confirmações exógenas, frente às endógenas).

Figura 13: Gráfico comparativo (proporcional) das confirmações e negações da pesquisa

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados primários e checagem de Proposições

Disso, inferimos que os traços comuns – principais motivos – que levam escolas do campo ao elevado desempenho IDEB são:

- ✓ (1) A influência de ações que partem da vontade política – ou dos gestores de políticas públicas – tem mais efeitos do que àquelas que partem da própria população alvo (aqui caracterizada pelas comunidades escolares do campo);
- ✓ (2) Apesar disso, não ficou constatada nenhuma escola de bom desempenho sem que a mesma tivesse, ao menos, a mobilização do diretor, professores, familiares, alunos, ou o conjunto desses (o que comprova a necessidade de engajamento da comunidade escolar), por meio de práticas – ou métodos de ensino – adequadas à realidade, e projetos com retorno cultural e/ou educacional, ainda que esse educacional observado tivesse caráter predominantemente produtivista;
- ✓ (3) Nenhum dos casos estudados necessitou de metodologias diferenciadas, nem fizeram parte de Projetos Piloto de Universidade ou ONGs, conforme hipótese denominada “Parte de Subsistemas” levantados pela nossa interpretação em relação à Teoria da Construção Social;
- ✓ (4) Ademais, todas as outras Proposições, em algum momento, foram úteis para ajudar a explicar, ao menos, parcialmente, o fenômeno do bom desempenho em escolas do campo;

- ✓ (5) A análise global da Proposição 1 mostra que o apoio institucional das Secretarias Municipais de Educação é essencial ao sucesso escolar, e amplifica seus resultados quando as Secretarias Estaduais participam ativamente²¹;
- ✓ (6) O Conjunto das Proposições 3, 4 e 5 – efeitos de políticas gerais, choques externos e políticas modelo – também são muito fortes, evidenciando: os resultados educacionais não são colhidos no curto prazo, e mesmo os modelos produtivistas de ensino, necessitam de um conjunto de práticas estruturantes que, de alguma forma, melhoram a qualidade da educação, entendida em seu sentido amplo²²; quando existe a vontade de líderes políticos em torno de causa, é possível aprimorar sistemas educacionais, inicialmente, falidos ou fadados ao fracasso, e; a utilização midiática das escolas do campo de bom desempenho IDEB é sempre utilizada para demonstrar que o Município realiza “Políticas Modelo”, levando a População Alvo ao quadrante de “Favorecidos”;
- ✓ (7) Até mesmo a Proposição 6, referente à aprendizagem das instituições ao longo do tempo, com desenvolvimento de mecanismos de aprimoramento do sistema e/ou das comunidades, e que estariam, possivelmente, atrelados a causas exógenas e/ou endógenas, foram confirmados sob argumentos “externos para a população alvo”. Isso ajuda a reforçar a ideia de que os resultados encontrados nos casos possuem um fator exógeno de maior peso, deflagrando a necessidade do poder público em interferir e participar da mudança.
- ✓ (8) Os aspectos culturais e formação de valores para o indivíduo e sociedade não foram relegados nos casos estudados (ver ANEXO 4 referências a diversos projetos desenvolvidos nesse sentido). Entretanto, a prioridade e o tempo que se gasta em ações de desempenho é maior, isso reforça uma lógica de competição, muito semelhante à lógica de mercado, onde o resultado e o desempenho são perseguidos a todo o custo, o que leva a um perfil de formação tecnicista nem sempre desejado, mas que garante à população alvo, o mínimo em condições de leitura, interpretação e

²¹ Ficou claro que o suporte da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – especialmente via CREDE – é muito maior e tem muito mais impacto nos resultados do que o auxílio prestado pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais – via Superintendências Regionais de Ensino.

²² Alguns autores negam totalmente essa interpretação. Para eles os testes padronizados e avaliações em escala são inúteis. No contexto brasileiro, vale à pena contemplar alguns trabalhos contemporâneos desta visão: Almeida, Dalben e Freitas (2013) e Freitas (2014). Conforme Ravitch (2011) os testes padronizados somente podem ser úteis quando são limitados em frequência e tempo, adequados ao desenvolvimento e à idade, bem elaborados, e quando fornecem um *feedback* instrucional, ou seja, quando a avaliação serve para identificação de pontos fracos no ensino, de modo a trabalhar nas dificuldades dos estudantes. Nos Estados Unidos da América, a autora é ativista na luta pelo fim dos testes padronizados que ajudam o poder público a fechar escolas, a partir do fraco desempenho. Mesmo diante de dificuldades, como punições e restrições, já conseguiram que mais de meio milhão de pais recusem a participação dos filhos em testes.

criação de textos, além do raciocínio matemático. Uma solução intermediária seria o balanceamento de tempo entre os projetos desenvolvidos de modo a ampliar a formação cultural, local e atitudinal dos indivíduos, retirando a pressão pelos resultados e avaliações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo da pesquisa em analisar as principais características presentes nas escolas do campo com bom desempenho em ensino, considerando o IDEB, notamos que o poder público precisa se fazer presente nas localidades mais remotas porque a educação, muitas vezes, é a única maneira para transpor condições sociais e econômicas degradantes. Tal constatação é amparada na força das proposições exógenas, ou seja, do poder público para as comunidades, que foram confirmadas. Ainda assim, nenhuma escola atingiu o bom desempenho, sem provocar a participação comunitária, em especial professores e funcionários.

Ao contemplar esse contexto, entendemos, a partir da confrontação entre a organização teórica e os resultados de campo, que o modelo conceitual apresentado de maneira sintética já na Figura 1, capítulo 1 é válido. Isto é: (1) processos políticos e práticas educacionais são capazes de minimizar as fracas condições socioeconômicas, superando barreiras – aparentemente intransponíveis – quando analisadas pelo enfoque determinístico de que a condição desfavorável leva ao fraco desempenho educacional. Em especial, os casos de Sobral e Brejo Santo nos mostram a capacidade de superação, mesmo que tenham conquistado resultados via método produtivista; (2) formas de participação e cobrança em relação às políticas públicas estabelecidas contribuem para o sucesso educacional, principalmente quando há vontade política e projeto de longo prazo, independente de pessoas ou partidos políticos, e; (3) modos de aperfeiçoamento e estímulo ao envolvimento de atores funcionam bem em comunidades escolares do campo, essencialmente para os quadros de funcionários de escolas que conheçam a realidade a qual estão inseridos.

Tais constatações, de fato, configuram diversas possibilidades educacionais exitosas. No geral, as escolas do campo de elevado desempenho são incluídas como prioridade pelos governos locais na instituição de políticas públicas educacionais, porém podem evoluir em políticas mais específicas para o campo, que naturalmente já possui características diferentes das cidades. Por isso, nossa provocação teórica abarca a noção de políticas públicas a partir de uma enfática relação Estado-Sociedade na busca pela resolução dos problemas, o que de certo modo, ainda precisa melhorar consideravelmente.

As comunidades escolares se mobilizam principalmente através de suas equipes, para cobrar e aplicar políticas públicas de educação, apesar de detectado fortes indícios exógenos – que levam a uma aplicação “de cima para baixo” das políticas – fazendo com que as escolas se utilizem do acompanhamento psicopedagógico e psicológico na preparação para as

avaliações e também de treinamentos e simulados, deixando um pouco à margem, outros campos cognitivos do ensino, e até mesmo outras disciplinas e conteúdos relevantes.

Nos casos estudados a participação dos pais e familiares é destacada, porém o âmbito local-regional e o envolvimento das comunidades deveriam ser explorados, com mais ênfase, nas atividades de ensino. Toda esta análise, a partir de um ponto de vista conciliador, somente foi possível pela compreensão da teoria da construção social – referente ao *design* e aos processos de políticas – aplicada às populações alvo, ora denominadas “comunidades escolares do campo”. Entendemos que a referida teoria foi capaz de descrever e explicar, pelo viés endógeno-exógeno, os objetivos da pesquisa dentro de todo o contexto citado.

A TPCF – metodologia introduzida por esta esta – enriquece as Ciências Sociais Aplicadas, de tal modo que consegue unir flexibilidade e rigor metodológico para análises qualitativas, em uma tentativa de explorar uma área de estudos crescente na literatura acadêmica, e que tem tido uma notável quantidade de pesquisadores interessados em responder como ocorrem mudanças em populações alvo. Para tanto, salientamos que todo o método pode ser flexibilizado conforme o tipo de política a ser estudada.

O grande potencial de mobilização e aprendizagem do grupo nos permite interpretar que quando as escolas do campo obtêm, pelo menos, o incentivo básico, são capazes de atingir bom desempenho. Quando há capacidade e vontade interna, a comunidade escolar consegue fazer muito com pouco, dado o desejo de mudança em uma realidade tão sofrida, conforme detectado pelas pesquisas de campo apresentadas. Portanto, os formuladores de políticas educacionais devem buscar a combinação de ideias que, em alguns momentos, são interpretadas como antagônicas, e, quando necessário, estimular tanto o paradigma gerencial de busca por resultados, quanto o societal de participação, cobrança e controle social.

Compartilhamos possibilidades de implementação de políticas públicas pela apresentação de modelos de gestão paradoxais. Por um lado, apresentam processos pedagógicos lineares, guiados por políticas de retroalimentação destinadas ao controle “de qualidade” do processo de ensino, que são dependentes de boa gestão, e mostram claramente uma versão tecnicista, mas que, ao mesmo tempo permite combinar essa formação pela produtividade e competitividade com alguns traços didáticos, tradicionais humanísticos, e vivenciais da educação principalmente nos casos da cidade de Sobral (item 5.7.3).

Neste cenário, o principal obstáculo consiste em estabelecer projetos de longo prazo, com fortes raízes didático-pedagógicas, carregadas de subjetividades, valores intrínsecos, pensamento crítico, atitudes e comportamentos, que em tese são difíceis de serem medidos em um contexto de gestão, análise e avaliação de políticas públicas, facilitando a profusão de

arranjos neo-institucionais, onde o formulador de políticas, normalmente, opta pela utilização de modelos com alta capacidade de replicação, propagando estruturas e processos em seus pontos fortes e também em suas fraquezas e limitações. Basta observar, por exemplo, que o modelo de Sobral foi levado para o Estado do Ceará, com o PAIC, e mais recentemente na tentativa nacional de implementação do PNAIC.

Tal circunstância permite-nos interpretar que o funcionamento pleno das escolas do campo será de articulação cada vez mais difícil, diante da opção nacional pela competitividade do agronegócio de base latifundiária, levando-nos a uma formação cada vez mais produtivista.

6.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

É próprio do trabalho científico o estreitamento de assuntos, bem como a tomada de decisões sobre o escopo do trabalho. Sendo assim, a cada decisão tomada, outras tantas possibilidades ficam em segundo plano, onde acabam por se tornar limitações de pesquisa. Desse modo, cabe-nos ressaltar as principais limitações do estudo dentre aspectos de análise, teóricos ou metodológicos.

Desde a escolha do objetivo nos limitamos a considerar o IDEB enquanto medida de desempenho, mesmo conscientes de que a qualidade da educação não pode ser refletida – se é que pode ser medida em sua amplitude – por resultados em avaliações de larga escala que possuem pequena abrangência de conteúdo testado. Tal circunstância, por si só, já influenciou na escolha dos objetos de estudo – escolas e municípios – e essa ênfase nos levou a modelos baseados em princípios empresariais – algumas vezes – em detrimento dos próprios princípios pedagógicos.

A partir dessa limitação, referente ao método de escolha das escolas de bom desempenho, foi possível constatar que as escolas do campo estudadas preparam-se para avaliações em escala – essencialmente competências universais em português e matemática – e que tal preparação não é típica, ou própria, das escolas do campo, mas de todas as escolas das redes pesquisadas. Em todos os casos analisados, onde existe uma ou mais escolas do campo com IDEB alto, há pelo menos mais uma na área urbana da mesma cidade também com elevado desempenho.

Outra limitação foi a escolha, propriamente dita, dos casos, onde detectamos que a análise de onze casos no mesmo Município interferiu na compreensão global do problema porque todas as proposições exógenas se repetiam.

Do ponto de vista da Teoria da Construção Social, tivemos a limitação do objeto de análise ser considerado as chamadas “populações alvo”, para nosso estudo, escolas – ou comunidades escolares – do campo (estas possuem relação direta com as respectivas Secretarias Municipais de Educação), o que limitou-nos em análises mais aprofundadas das Políticas Estaduais, principalmente do Estado do Ceará, que provavelmente seria um objeto de estudo com alta capacidade de explicação.

Além disso, a partir da análise e discussão de resultados foi possível identificar a replicação do modelo em diversas características que podem ser explicadas por teorias neo-institucionais e sistêmicas. Ao não utilizá-las para embasamento teórico tivemos a força de análise limitada. Por outro lado, evitamos o risco de sobrepormos arranjos conceituais que poderiam eventualmente, ao contrário de se articularem, concorrerem entre si, dificultando a organicidade da coleta e sistematização dos dados de campo, bem como a coerência e elegância das análises.

Todas essas limitações, aliadas a outras percepções técnicas do estudo, levam-nos ao mesmo tempo, a algumas importantes sugestões de estudos futuros.

6.2 SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS

Em termos de pesquisas acadêmicas esta tese abre uma gama de possibilidades. A primeira delas consiste na aplicação da ferramenta metodológica TPCF para análise de qualquer mudança em população alvo que tenha modificado a construção social original do grupo, seja endogenamente, ou por força de políticas públicas inovadoras. Deve ser trabalhada de modo a aprimorar o rigor científico e a confiabilidade de pesquisas acadêmicas qualitativas que estudam mudanças em grupos ou comunidades.

Diversas políticas públicas possuem o caráter de transformação entre grupos de construção social. No Brasil, por exemplo, ao longo deste início século há uma série de políticas que tentam efetivar o caminho da inclusão, configurado pela mudança do quadrante de Dependentes para o quadrante de Favorecidos, e que por outro lado, recebe críticas de um setor da sociedade de que tal circunstância tenha refletido no “aumento do Estado”. Há ainda a discussão para a Ciência Política sobre o quadrante de desviantes, que para os liberais e

neoliberais devem ser “separados” dos “cidadãos de bem” e, de fato, não receber atenção do Estado, além de outras inúmeras possibilidades de discussões e de trabalhos futuros.

Em outro segmento, tendo em vista o caráter produtivista dos casos estudados em Educação no Campo e dos modelos de Gestão, outros pesquisadores interessados no assunto poderiam utilizar a mesma ferramenta de análise em outras escolas e municípios, porém com o critério de escolha dos objetos de estudo diferentes, dessa vez, baseados em critérios subjetivos, e que as unidades escolares sejam reconhecidas como vanguarda em uma formação plural, com prioridade a uma qualificação ética, cidadã e comunitária, de modo integral. Reforçamos a informação que os casos estudados não abandonaram esses princípios, apenas supervalorizaram os aspectos avaliativos. O confronto entre essa possível pesquisa, com o modelo aqui apresentado seria algo engrandecedor para todos os formuladores de políticas públicas de educação, assim como para toda a comunidade escolar do campo em um sentido amplo.

Outra possibilidade forte é a análise de objetos de estudo semelhantes aos aqui apresentados, porém com pano de fundo de teorias sistêmicas ou de teorias institucionais ou neo-institucionais.

6.3 RECOMENDAÇÕES AOS GESTORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Entendemos que os resultados deste estudo podem ajudar a balizar a tomada de decisões de formuladores de políticas públicas, assim como de gestores, coordenadores e diretores de escolas. Por esse motivo, nosso último objetivo específico consiste em identificar possibilidades e obstáculos na implementação de políticas públicas.

Nesse âmbito, os educadores em geral, sabem que testes padronizados de aplicação censitária, a exemplo da Prova Brasil e SPAECE, medem uma parcela razoável do campo cognitivo, e pior, de poucas disciplinas. Para fundamentar esse pensamento vale citar Hout e Elliot (2011, p. 426):

os programas de incentivo baseados em testes [...] não têm aumentado o desempenho dos estudantes o suficiente [...] Quando avaliados usando testes de baixo impacto pertinentes, que são menos susceptíveis de serem inflados pelos próprios incentivos dados, os efeitos globais sobre o desempenho tendem a ser pequenos” (HOUT; ELLIOT, 2011, p. 426).

Nessas avaliações, domínios pessoais, interpessoais e outras habilidades necessárias ao convívio em sociedade ficam de lado. Como a reversão do quadro avaliativo é uma circunstância menos palpável, em um primeiro momento, nossas considerações são em relação à coleta e utilização dos resultados obtidos em avaliações de escala:

- ✓ A frequência a que devemos submeter crianças a testes deve ser a mínima possível, assim como o tempo gasto com tais avaliações deva ser balanceado em relação ao tempo investido em projetos e ações de formação pessoal, interpessoal e cultural;
- ✓ A elaboração dos testes deve contemplar o máximo de competências possível, com tempo, profissionais e planejamento adequados;
- ✓ Os formuladores de políticas municipais que desejem instituir mecanismos próprios de avaliação não devem se balizar apenas nas disciplinas também avaliadas pelo governo Estadual e Federal. Se o objetivo é a educação como um todo e não o resultado, não devem relegar outros conteúdos;
- ✓ Os resultados de diagnóstico devem ser trabalhados de modo a incluir os alunos e escolas “com dificuldade” e não criar uma lógica de exclusão, como por exemplo, argumento para fechar unidade de ensino, ou separar alunos de suas respectivas turmas;
- ✓ A interpretação dos resultados deve ser uma busca para descobrir o que motivou o erro, e gerar um trabalho proativo de aprimoramento, não forma de punição;
- ✓ A avaliação dos professores não deve ser feita, exclusivamente, com base no resultado de seus alunos, pois os profissionais da educação precisam de um sistema avaliativo próprio, não apenas de conteúdo, como também de didática, planejamento e relacionamento.

Nesse sentido, levantamos a possibilidade de mudança nas ferramentas de avaliação. No caso da educação do campo, existem símbolos e significados próprios do universo simbólico do campo. Não é uma questão de “romantizar” a educação, mas de problematizar acerca dos motivos que levam à construção – nos testes em escala – de questões contextuais, quase que exclusivamente, próprias das cidades. Não devemos negar os efeitos da globalização para a sociedade, mas podemos fortalecer as culturas locais, e a escola é um meio para isso.

Para além dos conteúdos, disciplinas e domínios de avaliação, a educação de um estudante, principalmente de escolas do campo, ainda é impactada por fatores sociais, económicos, e até mesmo de saúde, o que nos permite interpretar que condições desiguais, em alguns casos, podem levar a resultados desiguais. Por esse motivo os gestores de políticas públicas que desejam implementar ferramentas de avaliação em escala com intuito de premiar e valorizar professores e gestores escolares devem incluir a evolução de um aluno, turma, ou escola, ao longo do tempo, como um dos critérios avaliação, assim como o nível socioeconómico pode ser incorporado aos índices no intuito de prover equalização dos resultados. Os modelos que seguem a uma tendência baseada, exclusivamente, na meritocracia por resultados podem acarretar em graves consequências educacionais.

REFERÊNCIAS

ABBIE-ERLER, H. A New Face of Poverty? Economic Crises and Poverty Discourses. **Poverty & Public Policy**. 4 (4): 183–204. 2012.

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa social**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

ALMEIDA, L.C.; DALBEN, A.; FREITAS, L.C.. The Ideb: limits and illusions of an educational policy. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 34, n. 125, p. 1153-1174, dez. 2013 .

ALVES, T. **Avaliação na administração pública**: uma proposta de análise para as escolas públicas de educação básica. 2007. 236 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

ALVES, M. T. G; SOARES, J. F. Contexto Escolar e Indicadores Educacionais: Condições desiguais para efetivação de uma política de avaliação educacional. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.39, n.1. p.177-194, jan/mar.2013

ARAUJO, C. H.; LUZIO, N. **Avaliação da Educação Básica**: em busca da qualidade e equidade no Brasil. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005.

ARDENER, E. Remote areas: some theoretical considerations. **Journal of Ethnographic Theory**, vol 2(1), 2012.

ARNOLD, M.L. et al. **How the government defines *rural* has implications for education policies and practices**. Institute of Education Science (IES), n. 10, 21 p. 2007.

ARTONI, C. B. **Relação entre perfil socioeconômico, desempenho escolar e evasão de alunos: Escolas do Campo e Municípios Rurais no Estado de São Paulo**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

AZEVEDO, J. L. de. **A Educação como Política Pública**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

BAPTISTA, F. M. C. **Educação rural: das experiências à política pública**. 2a ed. Brasília, DF: Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável/Ministério do Desenvolvimento Agrário/Editorial Abaré, 2003.

BARREIRO, IMF. **Política de educação no campo**: para além da alfabetização (1952-1963) [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 149 p.

BARROS, R. A. **A Família e o Fenômeno do Absenteísmo Discente no Ensino Fundamental em uma Escola Municipal de Belo Horizonte**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar: Instituições, Sujeitos e Currículos) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BAUMGARTNER, F.R.; JONES, B.D. Agenda Dynamics and Policy Subsystems. **Journal of Politics**, 53:10, 44–74. 1991.

BELANGER, K.; STONE, W. The Social Service Divide: Service Availability and Accessibility in Rural versus Urban Counties and Impact on Child Welfare Outcomes. **Child Welfare**, v87, n4, p101-124, 2008.

BENEVIDES, A.A.; LUZ, S. Agricultura familiar sustentável no Distrito de Jaibaras, Sobral (CE): uma proposta de índice de sustentabilidade agroecológica. **Revista Extensão em Ação**. V.1 n. 4: 2-14. 2013.

BERRY, F.S.; BERRY, W. State Lottery Adoptions as Policy Innovations: An Event History Analysis. **American Political Science Review**, 84 (June): 397–415. 1990.

BOOTHE, K.; HARRISON, K.. 2009. The Influence of Institutions on Issue Definition: Children's Environmental Health Policy in the United States and Canada. **Journal of Comparative Policy Analysis**. 11 (3): 287–307.2009

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9394 (1996)**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Resolução CNE / CEB (2002)**. Diretrizes educacionais para a educação básica nas escolas do campo. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2002.

BRASIL. **Portaria 1374: GPT (2003)**. Cria Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BRASIL. **Resolução CNE / CEB (2006)**. Recomenda a adoção da Pedagogia da Alternância em escolas do campo. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. **Resolução nº 2 (2008)**. Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Decreto 7352 (2010)**. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. **Lei 12960 (2014)**. Lei complementar de diretrizes e bases da educação. Brasília, DF: Presidência da República, 2014.

BREJO SANTO. **Educação de Brejo Santo é hoje referência nacional**. 2013. Disponível em: <<http://www.brejosanto.ce.gov.br/brejosanto/index.php/2013-01-30-20-56->

39/noticias/227-educacao-de-brejo-santo-e-hoje-referencia-nacional > . Acesso em: 13 ago. 2015.

BIBIANO, B. **Continuidade, 1ª lição das melhores escolas públicas**. 2014. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/continuidade-1-licao-das-melhores-escolas-publicas>>. Acesso em: 09 Abr. 2016.

BIBIANO, B. **Brejo Santo, no Ceará, é exemplo de "cidade educadora"**. 2015. Disponível em: <<veja.abril.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2015.

BURDE, D.; MIDDLETON, J.A. WAHL, R. Islamic studies as early childhood education in countries affected by conflict: The role of mosque schools in remote Afghan villages, **International Journal of Educational Development**, v 41, p. 70-79, 2015.

BUSHOUSE, B.K. **Universal Preschool: Policy Change, Stability, and the Pew Charitable Trusts**. Albany, NY: SUNY Press. 2009.

BUSHOUSE, B.K. Governance Structures: Using IAD to Understand Variation in Service Delivery for Club Goods with Information Asymmetry, **Policy Studies Journal**, 39 (1): 105–20. 2011.

CALDART, R.S. Educação no campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, educação e saúde**. v. 7 n.1. p.35-64. 2009.

CANÁRIO, R. Escola rural: de objecto social a objecto de estudo. **Educação**, Santa Maria, Set. 2008. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reveduacao/article/view/17/29>>. Acesso em: 18 Mar. 2015.

CAIRNEY, P. Standing on the Shoulders of Giants: How Do We Combine the Insights of Multiple Theories in Public Policy Studies? **The Policy Studies Journal**, Vol. 41, No. 1, 2013.

CARTER, D. P.; WEIBLE, C.M.; SIDDIKI, S.N.; BRETT, J., CHONAIEW, S.M. Assessing policy divergence: how to investigate the differences between a law and a corresponding regulation. **Public Administration**, 93, 1, p. 159-176. 2015.

CAVALCANTE, L.O.H. Das políticas ao cotidiano: entraves e possibilidades para a educação do campo alcançar as escolas no rural. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. v.18. n.68. p.549-564. 2010.

CEARÁ. **Municípios do Ceará**. 2003. Disponível em: < <http://www.ceara.com.br/m/brejosanto/index.htm> >. Acesso em: 14 ago. 2015.

CEARÁ, **Lei Nº 14.371**. Cria o Prêmio Escola Nota Dez. Fortaleza-CE. Palácio Iracema, do Governo do Estado do Ceará, 2009.

CEARÁ, **Lei Nº 14.026**. Cria o programa alfabetização na idade certa (PAIC). Fortaleza-CE. Palácio Iracema, do Governo do Estado do Ceará, 2007.

CENSO. **Censo Escolar**. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2015.

COHEN, M. D.; MARCH, J. G.; OLSEN, J. P. A Garbage Can Model of Organizational Choice. **Administrative Science Quarterly**, v. 17, n. 1, p. 1-25, 1972.

CRESWELL, J.W. Introduction. In: CRESWELL, J.W. (ed) **Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2013.

DAY, R.A. **How to write & publish a scientific paper**. 5 ed. Oxford: Oxford press, 1988.

DELEON, P. Social Constructions and Public Policy. **Public Administration Review**. 65 (5): 635–637. 2005.

DIALTO, S. From ‘Problem Minority’ to ‘Model Minority’: The Changing Social Construction of Japanese Americans. In: SCHNEIDER, A.; INGRAM, H. (eds). **Deserving and Entitled: Social Constructions and Public Policy**. Albany, NY: State University of New York Press, 81–103. 2005.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, v. 115, n. 1, p. 139-54, 2002.

EASTON, D. **A framework for political analyses**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1965.

EDELMAN, M.J. **Constructing the Political Spectacle**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

FEROLLA, L.M. **Processos colaborativos na gestão pública: estudo das relações estabelecidas no contexto do Programa Nacional de Educação do Campo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96132/tde-23012014-095029/>>. Acesso em: 2015-04-06.

FREY, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, DF, v. 21, p. 211-259, 2000.

FREIRE, M. **Simplicidade é a receita das melhores notas no Interior**. Disponível em: <<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/09/16/noticiasjornalcotidiano,3315330/simplicidade-e-a-receita-das-melhores-notas-no-interior.shtml>>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, L.C.. The education entrepreneurial reformists and the dispute for the control of the pedagogical process in schools. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 35, n. 129, p. 1085-1114, dez. 2014 .

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

HALSEY, R.J. Youth Exodus and Rural Communities: Valorising Learning for Choice--(SPERA Keynote 2009 Conference Address). **Education in Rural Australia**, v.19, n.3, p1-11, 2009.

HEIDEMANN, F.G. Do sonho do progresso às políticas de desenvolvimento. In: HEIDEMANN, F.G.; SALM, J.F. (eds). **Políticas públicas e desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise**. 2 ed. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2010, p.23-40.

HOGWOOD, B. GUNN, L. Policy analysis for the real world, Oxford: Oxford Unity Press, 1984.

HÖFLING, E. M. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 55, p. 30-41, 2001.

HOREJES, T.P. (Re) Conceptualizing Disability Policy Frameworks. **Journal of Policy Practice**. 12 (1): 23–42.2013.

HOUT, M.; ELLIOTT, S.V. Incentives and test-based accountability in education. Washington, DC: **National Academy of Sciences**, 2011.

HUDSON, R. B. The Transformed Political World of Older Boomers. **Journal of Gerontological Social Work**. 56 (2): 85–89. 2013.

HUDSON, R.B.; GONYEA, J.G. Baby Boomers and the Shifting Political Construction of Old Age. **The Gerontologist**, 52 (2): 272–282, 2012.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Biblioteca IBGE**: Brejo Santo-CE. 2009.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**: São José da Barra. 2009b. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/23CJM> >. Acesso em: 21 ago. 2015.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. 2010.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Anual 2012 (PNAD)**. Rio de Janeiro, 2012.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Painel**: histórico de municípios, Ceará, Sobral, 2016. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=231290&search=||info%EF3ricos:-hist%F3rico> > . Acesso em: 02 abr. 2016.

JONES, B. D. **Politics and the Architecture of Choice: Bounded Rationality and Governance**. Chicago: University of Chicago Press. 2001.

KHATTRI, N.; RILEY, K.W., KANE, M.B. Students at-risk in poor, rural areas: A review of the research. **Journal of research in rural education**, 13(2), 79–100, 1997.

KEYS, A. Family Engagement in Rural and Urban Head Start Families: An Exploratory Study. **Early Childhood Education Journal**, v43 n1 p69-76. 2015

KINGDON, J.W. **Agendas, Alternatives, and Public Policies**. Boston: Little and Brown. 1984.

KISER, L.; OSTROM, E. The Three Worlds of Action: A Metatheoretical Synthesis of Institutional Approaches.” In: OSTROM, E. (ed). **Strategies of Political Inquiry**, Beverly Hills, CA: Sage, 179–222. 1982.

KLEES, S. Aid, Development, and Education. **Current Issues in Comparative Education**, 13(1), 7-28. 2010.

LARSEN-PRICE, H.A. The Right Tool for the Job. The Canalization of Presidential Policy Attention by Policy Instrument. **Policy Studies Journal**, 40 (1): 147–68. 2012.

LEITE, S. C. **Escola Rural**: Urbanizações e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LIEBERMAN, R. C. Social Construction (continued). **American Political Science Review**. 89 (2): 437–441. 1995.

LOPES J. E. F. **Educação Básica do Campo no Brasil: organização federativa, perfil socioeconômico e desempenho**. 2014. 283 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

LUKES, S. **Power**: A Radical View. London: MacMillan Press, 1974.

MARSHALL, R. Rural policy in the new century. **International Regional Science Review**, 24(1), 59–83. 2001.

MAY, P.J.; JOCHIM, A.E. Policy Regime Perspectives: Policies, Politics, and Governing. **The Policy Studies Journal**, Vol. 41, No. 3, 2013.

MCQUAIDE, S. Making Education Equitable in Rural China through Distance Learning. **International Review of Research in Open and Distance Learning**. v. 10, n. 1. 2009.

MINTROM, M.; SALISBURY, C. LUETJENS, J. Policy entrepreneurs and promotion of Australian state knowledge economies, **Australian Journal of Political Science**, 49, 3, p.423-438. 2014.

MIRANDA, E. Brejo Santo - Município conquista 6 escolas nota dez. 2012. In: **Selo Unicef**. Disponível em: < http://www.selounicef.org.br/_selounicef.php?op=300&id_srv=2&id_tpc=20&nid_tpc=&id_grp=1&add=&lk=1&nti=8883&l_nti=S&itg=S&st=&dst=3 >. Acesso em: 13 ago. 2015.

MLAGENI, A.N.J.T.; CHIOTHA, S.S. Why Rural Community Day Secondary Schools Students' Performance in Physical Science Examinations Is Poor in Lilongwe Rural West Education District in Malawi. **Educational Research and Reviews**, v10 n3 p290-299 Feb 2015.

MUNRO, G. D., et al. Biased Assimilation, Attitude Polarization, and Affect in Reactions to Stereotype-Relevant Scientific Information. **Personality and Social Psychology Bulletin** 23 (6): 636–653. 1997.

NGUYEN, O.K.; CAIRNEY, S. Literature review of the interplay between education, employment, health and wellbeing for Aboriginal and Torres Strait Islander people in remote areas: working towards an Aboriginal and Torres Strait Islander wellbeing framework. **CRC-REP Working Paper CW013**. Ninti One Limited, Alice Springs. 2013.

OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO. Roteiro para registro da experiência educacional. In: **IX Seminário Regional – Ceará**. Fortaleza, 2013. Disponível em: <file:///E:/Escola%20BREJO%20SANTO.pdf> Acesso em: 13, ago. 2015.

OSBORNE, M. Remote area aboriginal assistant teacher and teacher education. **International Journal of Educational Development**, Vol 2(1), p. 86-87, 1982.

OSTROM, E. Background on the Institutional Analysis and Development Framework. **Policy Studies Journal**, 39 (1): 7–27. 2011.

PAIVA, V. **História da educação popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PARSONS, W. **Public Policy**: an introduction to the theory and practice of policy analysis. Cheltenham, Northampton: Edward Elgar, 1995.

PASSADOR, C.S. **Observações sobre Educação no campo e desenvolvimento no Brasil**. 2012. 190 f. Tese de Livre-Docência – Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2012.

PATTON, M.Q. **Practical Evaluation**. Sage Publications, Beverly Hills, 1982.

PAULA, A. P. P. Administração Pública Brasileira entre o Gerencialismo e a Gestão Social. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, p. 37-53, jan.-mar., 2005

PETRIDOU, E. Theories of the Policy Process: Contemporary Scholarship and Future Directions. **Policy Studies Journal**, Vol. 42, No. S1, 2014.

PHELPS, R. et al. Exploring Vietnamese children's experiences of, and views on, learning at primary school in rural and remote communities. **International Journal of Educational Development**, Vol. 36, p. 33-43, 2014.

PIERCE, J.J. Coalition Stability and Belief Change: Advocacy Coalitions in U.S. Foreign Policy and the Creation of Israel, 1922–44. **Policy Studies Journal**, 39 (3): 411–34. 2011.

PIERCE, J.J.; SIDDIKI, S.; JONES, M.D.; SCHUMACHER, K.; PATTISON, A. PETERSON, H. Social Construction and Policy Design: A Review of Past Applications. **The Policy Studies Journal**. 42(1) p.1–29, 2014.

PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano**: Brasil, 2010.

POWELL, D.; HIGGINS, H. J.; ARAN, R.; FREED, A. Impact of No Child Left Behind on curriculum and instruction in rural schools. **The Rural Educator**, 31(1), 19-28. 2009.

PRADO JÚNIOR, C. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

RABIONET, S.E. How I Learned to Design and Conduct Semi-Structured Interviews: An Ongoing and Continuous Journey. **Qualitative Report**, v. 16, n. 2, p. 563-566, 2011.

RAVITCH, D. **The death and life of the great American school system**: How testing and choice are undermining education. Basic Books, 2011.

RIBEIRO, M. Política educacional para populações camponesas: da aparência à essência. **Revista Brasileira de Educação**, vol.18, no.54, 2013

RIBEIRO, M. Reforma agrária, trabalho agrícola e educação rural: desvelando conexões históricas da educação do campo. **Educação e pesquisa**, vol. 41, n. 1, p. 79-100, 2015.

RUEDIGER, M. A.; RICCIO, V. O novo contrato social: desenvolvimento e justiça em uma sociedade complexa. In: CAVALCANTI, B. S.; RUEDIGER, M. A.; SOBREIRA, R. (Orgs.). **Desenvolvimento e Construção Nacional**: políticas públicas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 17-31.

RYCHEN, D.S.; SALGANIK, L.H. Introduction. In: RYCHEN, D.S.; SALGANIK, L.H. (eds) **Key competencies**: for a successful life and a well-functioning society. Toronto: Hogrefe & Huber Publishers, 2003.

SABATIER, P.A. The Need for Better Theories. In: SABATIER, P.A. (ed). **Theories of the Policy Process**, Boulder, CO: Westview Press, 3–20. 2007.

SABATIER, P.A.; JENKINS-SMITH, H. An Advocacy Coalition Framework Model of Policy Change and the Role of Policy Orientated Learning Therein. **Policy Sciences**, 21: 129–68. 1988.

SALM, J. F.; MENEGASSO, M. E. Os Modelos de Administração Pública como Estratégias Complementares para a Coprodução do Bem Público. **Revista de Ciências da Administração**, v. 11, n. 25, p. 97-120, 2009.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANTOS, C.F.; TEIXEIRA, D.R. A política de educação do campo e a luta de classes no Brasil contemporâneo: questões para análise da conjuntura. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 6, n. 1, p. 174-183, 2014.

SÃO JOSÉ DA BARRA. **São José da Barra**. Câmara Municipal de São José da Barra. 2011.

SCHLAGER, E.; WEIBLE, C.M. New Theories of the Policy Process. **Policy Studies Journal**, v. 41 (3): 389–96. 213, 2013.

SCHNEIDER, A.; INGRAM, H. Social Construction of Target Populations: Implications for Politics and Policy. **American Political Science Review** 87 (2): 334–347. 1993.

SCHNEIDER, A.; INGRAM, H. **Policy and Design for Democracy**. University Press of Kansas, 1997.

SILVA, G.A.B. **Desenvolvimento local e gestão municipal**: um estudo sobre as políticas para atração de empresas no município de Araxá-MG. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96132/tde-03052010-134451/>>. Acesso em: 2015-03-17.

SILVA, G.A.B.; PASSADOR, J.L. Educação do Campo: Aproximações Conceituais e Evolução Histórica No Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, 24(78).

SMARICK, A. **A New Frontier: Utilizing Charter Schooling to Strengthen Rural Education**. Bellwether Education Partners. 2014.

SOUZA, C. Governos e Sociedades Locais em Contextos de Desigualdades e de Descentralização. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 431-442, 2002.

SOUZA, M.A. Educação do campo, desigualdades sociais e educacionais. **Educação & Sociedade**, vol.33, no.120, 2012

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, 24,16-39. 2003.

STENSDAL, I. **China's Climate-Change Policy 1988–2011**: From Zero to Hero? FNI Report 9/2012. Lysaker, Norway: Fridtjof Nansens Institute. 2012.

STERN, J. D. **The condition of education in rural schools**. Washington, DC: U.S. Department of Education, Office of Educational Research and Improvement, Programs for the Improvement of Practice. 1994.

STEWART, J. Multiple-case Study Methods in Governance-related Research. **Public Management Review**, vol. 14(1), p. 67-82, 2012.

SZAPIRO, A.M. O indivíduo fora da cidade: questões à transmissão na sociedade contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia** (UERJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. ano 3, n.1, p. 45-58, 2004.

TAKAHASHI, F. **Semiárido cearense tem escolas públicas com nível de países ricos**. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1704915-semiarido-cearense-tem-escolas-publicas-com-nivel-de-paises-ricos.shtml>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

TENÓRIO, F.G.; SARAIVA, E.J. Esforços sobre gestão pública e gestão social. In: MARTINS, P.E.M.; PIERANTE, O.P. (Eds). **Estado e gestão pública**: visões do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 107-132.

THAPLIYAL, N. Reframing the Public in Public Education: The Landless Workers Movement (MST) and Adult Education in Brazil. **Journal for Critical Education Policy Studies**, v. 11, n.4, p.106-131, 2013

TOIVONEN, T. “‘Don't Let Your Child Become a NEET!’ The Strategic Foundations of a Japanese Youth Scare”. **Japan Forum**, 23 (3): 407–429. 2012.

VAUGHN, M.; SAUL, M. Navigating the Rural Terrain: Educators’ Visions to Promote Change. **Rural Educator**. v. 34. n2. 2013.

VEIGA, J. E. Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Ed. Autores Associados, 2002.

ZAHARIADES, N. **Ambiguity and Choice in Public Policy**: Political Manipulation in Democratic Societies. Washington, DC: Georgetown University Press. 2003.

WEB CART. **Cartograma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2015. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/webcart/>>. Acesso em 14 ago. 2015.

APÊNDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Dados de identificação:

Título: Processos de Políticas Públicas em Educação do Campo no Brasil: Estudo multicasos à luz da teoria de construção social.

Grupo de pesquisa: Grupo de Estudos em Gestão e Políticas Públicas Contemporâneas (GPublic).

Professor orientador: João Luiz Passador, Professor Doutor do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

Pesquisador responsável: Giuliano Alves Borges e Silva, Doutorado em andamento pelo Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

Neste Termo, representantes da Secretaria Municipal de Educação e da Escola, aceitam participar de forma voluntária do estudo em questão, que tem como objetivo:

Identificar os principais motivos que levam comunidades escolares do campo ao bom desempenho em ensino. Considerar as particularidades que envolvem esse tipo de organização, por meio de metodologia própria, baseada nas mudanças de população alvo da teoria da construção social, nas melhores escolas do campo do Brasil.

Local, data

APÊNDICE B

PROTOCOLO MEMBROS DA ESCOLA

PRÉ-ENTREVISTA:

- ✓ Registrar informações do entrevistado – Nome, E-mail, Formação, Organização, Função, Tempo na Organização, Tempo na Função;
- ✓ Verificar adequação do ambiente para entrevista;
- ✓ Informar ao entrevistado os objetivos da pesquisa;
- ✓ Coletar assinatura do Termo de Consentimento (Diretora, ou representante e Secretário Municipal ou representante);
- ✓ Questionar se o entrevistado deseja ou não manter seu nome em sigilo;
- ✓ Informar que irá ligar gravador para não perder informações.

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MEMBROS DAS ESCOLAS (Professores, Coordenadores, Supervisores, Diretores).

- ✓ Saudação;
- ✓ Agradecimento prévio;
- ✓ Congratulação pelo desempenho;
- ✓ De um modo geral: A quais motivos principais você atribui o bom desempenho da Escola?

A ENTREVISTA É DIVIDIDA EM DUAS ETAPAS.

PRIMEIRO: FALAREMOS SOBRE A RELAÇÃO COM ORGANIZAÇÕES EXTERNAS, SUAS OPINIÕES EM RELAÇÃO AO INCENTIVO E APOIO DAS AUTORIDADES COMPETENTES (SECRETARIA PREFEITURA, SUPERINTENDÊNCIA).

SEGUNDO: FALAREMOS DAS PRÁTICAS DA ESCOLA, PROFESSORES, SUPERVISORES, DIRETOR, PAIS, ALUNOS E COMUNIDADE.

Vamos conversar sobre o auxílio de instituições. Como é a relação com:

- ✓ Secretaria Municipal de Educação? (Caso negativo perguntar se escola segue alguma norma ou política e como seria o acompanhamento). (Caso positivo, perguntar mais). EXEMPLOS ESPECIFICAÇÕES.
- ✓ Prefeitura Municipal? Caso negativo perguntar se escola segue alguma norma ou política e como seria o acompanhamento). (Caso positivo, perguntar mais). EXEMPLOS ESPECIFICAÇÕES.

- ✓ Tem contato com Superintendência Regional de Ensino? (Caso negativo perguntar se escola segue alguma norma ou política e como seria o acompanhamento). (Caso positivo, perguntar mais).EXEMPLOS ESPECIFICAÇÕES.
- ✓ Tem algum tipo de contato com Ministério da Educação? (Caso negativo perguntar se escola segue alguma norma ou política e como seria o acompanhamento). (Caso positivo, perguntar mais).EXEMPLOS ESPECIFICAÇÕES.

Alguma dessas instituições auxiliam no planejamento da escola?

A escola tem algum tipo de parceria ou relação com algum órgão que não seja de qualquer esfera governamental? Universidade? Escola Técnica? ONG? Comunidade ou Associação Local? Em caso positivo, PEDIR DETALHES.

A escola está inserida em alguma comunidade do campo?

Como é a participação dos pais em eventos comemorativos, por exemplo?

E na educação em si? De um modo geral, acredita que eles contribuem significativamente?

Tem algum fato histórico local, alguma política ou alguma lei elaborada no passado que você acredita que possa ter influenciado o desempenho?

Sabemos que nem tudo é perfeito. Quais dificuldades, ou os maiores desafios que vocês encontram? O que ainda tem para melhorar?

Aqui falaremos da possibilidade de alguém que não seja do corpo técnico da escola também ter ajudado bastante. Algum líder comunitário? Algum Secretário? Algum Prefeito alguém abraçou fortemente a causa de fortalecer a escola de modo a provocar uma grande mudança?

A escola de vocês foi escolhida como escola modelo? Pra testar algum método de ensino? Ou algo semelhante?

AGORA VAMOS TRATAR DIRETAMENTE DAS PRÁTICAS DA ESCOLA

Descreva os principais métodos pedagógicos que diferenciam a escola.

Como a escola (corpo técnico) e os envolvidos (pais, alunos) lidam com situações de dificuldade? Após resposta, pedir exemplo.

Como você avalia o esforço:

Da Direção?

Dos professores?

Dos alunos?

Funcionários (Motoristas, Cozinha, todos)?

Mobilização dos envolvidos?

Quando há dificuldade com recurso? Ou com infraestrutura? Material? Como vocês procuram resolver? Depois da resposta, se necessário, a quem costumam pedir auxílio?

Há alguma liderança da comunidade escolar que realiza esforços muito além da média? Explicar “Luta pela causa”?

De que forma vocês buscam integrar professores e comunidade? Pedir Exemplos.

Você acredita que o grupo escolar como um todo é coeso? Unido? Pedir Exemplos.

As pessoas da equipe permanecem por bom tempo? Porque?

Tem alguma pessoa, além dos entrevistados, que você considera de grande importância para o contexto da escola e que você acha que poderia enriquecer minha pesquisa?

Antes de encerrar, quero deixar a palavra livre para você informar qualquer situação que julgar importante.

Tem alguma sugestão de pergunta ou sugestão geral para a pesquisa como um todo?

DEPOIS DA ENTREVISTA

Futuramente, se houver alguma informação ou checagem posso lhe enviar por e-mail alguma dúvida?

Agradecer novamente;

Informar sobre a qualidade das informações prestadas;

Gostou de participar?

Conferir se o tempo foi adequado.

APÊNDICE C

PROTOCOLO REPRESENTANTE PODER PÚBLICO

PRÉ-ENTREVISTA:

- ✓ Registrar informações do entrevistado – Nome, E-mail, Formação, Organização, Função, Tempo na Organização, Tempo na Função;
- ✓ Verificar adequação do ambiente para entrevista;
- ✓ Informar ao entrevistado os objetivos da pesquisa;
- ✓ Coletar assinatura do Termo de Consentimento (Diretora, ou representante e Secretário Municipal ou representante);
- ✓ Questionar se o entrevistado deseja ou não manter seu nome em sigilo;
- ✓ Informar que irá ligar gravador para não perder informações.

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MEMBROS DAS ESCOLAS (Professores, Coordenadores, Supervisores, Diretores).

- ✓ Saudação;
- ✓ Agradecimento prévio;
- ✓ Congratulação pelo desempenho;
- ✓ De um modo geral: A quais motivos principais você atribui o bom desempenho da Escola?

A ENTREVISTA É DIVIDIDA EM DUAS ETAPAS.

PRIMEIRO: FALAREMOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O PODER PÚBLICO (SECRETARIA) E A ESCOLA.

SEGUNDO: BUSCAREI SUA OPINIÃO SOBRE ASPECTOS DA ESCOLA.

Vamos conversar sobre o apoio do poder público à escola.

- ✓ Como é a relação com a escola (quem é o responsável)?
- ✓ Que apoio a prefeitura fornece à escola? Auxilia em planejamento? Como?

Pelo seu conhecimento, a escola possui algum tipo de parceria com alguma outra escola, instituição, associação, ONG?

O poder público tem algum projeto ou política desenvolvida com o mesmo público da escola? Pais? Alunos?

Pelo seu conhecimento, existe algum projeto que os próprios indivíduos, ou alguma outra instituição desenvolve com o mesmo público da escola? Pais? Alunos?

Alguma mudança forte, (secretário, coordenador, prefeito) passou a liderar algum projeto pela causa? Em algum momento da história recente local?

Antes do bom desempenho, a escola foi escolhida para ser testada como “escola modelo” ou algo do gênero?

Tem algum fato histórico local, alguma política ou alguma lei elaborada no passado que você acredita que possa ter influenciado o desempenho?

Você acredita que a escola tem autonomia para trabalhar seu planejamento? Se necessário... Como você avalia a autonomia da escola?

AGORA VAMOS TRATAR DIRETAMENTE DAS PRÁTICAS DA ESCOLA, LOGICAMENTE, A PARTIR DA SUA VISÃO

Como você avalia o esforço da equipe escolar?

Como você avalia o esforço da comunidade escolar?

Você tem conhecimento de alguma mudança no grupo ou na comunidade escolar? Seja mudança pedagógica, no tamanho da equipe? Que possa ter influenciado bons resultados?

Você acha que tem aluem com liderança destacada que possibilitou o bom desempenho da escola? Quem?

Tem alguma pessoa, além dos entrevistados, que você considera de grande importância para o contexto da escola e que você acha que poderia enriquecer minha pesquisa?

Antes de encerrar, quero deixar a palavra livre para você informar qualquer situação que julgar importante.

Tem alguma sugestão de pergunta ou sugestão geral para a pesquisa como um todo?

DEPOIS DA ENTREVISTA

Futuramente, se houver alguma informação ou checagem posso lhe enviar por e-mail alguma dúvida?

Agradecer novamente;

Informar sobre a qualidade das informações prestadas;

Gostou de participar?

Conferir se o tempo foi adequado.

APÊNDICE D²³

Entrevista Diretora José Marcelino Pereira

Dados do entrevistado:

Maria Aparecida Borges de Lima

Diretora por 14 anos no total, trabalha na escola há 35 anos. Já foi Professora Leiga, Magistério, Professora, Diretora, Professora e Diretora.

Contato: cidaborges02@gmail.com

Duração da entrevista: 29 minutos, 30 segundos

Formação: Magistério

Pesquisador: Então Maria Aparecida Borges, muito bom dia. Queria primeiro agradecer por ter aberto a escola pra gente. Não é sempre que conseguimos que as pessoas nos recebam. Por incrível que pareça.

Pesquisado: Ahã.

Pesquisador: Mesmo quando é pra mostrar bons resultados.

Pesquisado: É um prazer, acho que é muito bom pra todo mundo aqui na escola né.

Pesquisador: É sim, para os membros participantes [incompreensível]. É, primeiro parabéns pelo desempenho da escola que você faz parte. Antes de entramos nas perguntas específicas, quero te perguntar: entre os diversos motivos para o bom desempenho, qual você avalia, de uma forma bem geral e ampla, qual você avalia que tem influência, que tem impacto nesse desempenho? Na sua opinião?

Pesquisado: Eu acho [...] como funciona [...] todos os funcionários muito comprometidos. Então eu acho que é o calor humano, por que aqui a gente sempre se deu bem, sabe. Funcionários, todos os funcionários, alunos, pais, a família muito comprometida. Sempre que a gente chama vem na escola. Os professores compromissados. Muitos projetos porque a supervisora é muito competente também. Ela trabalha mesmo para que a escola cresça.

Pesquisador: Então você acredita nesses motivos como principais? [...]

[Pesquisado acena com sim em gestos]

Pesquisador: Então aqui, vamos dividir a entrevista em duas partes. Primeiro vamos falar sobre a relação com as organizações externas, tá? Com poder público, as formas de incentivo, auxílio em planejamento. Se vocês tem alguma política da prefeitura, da superintendência regional. E a segunda é específica da escola, práticas escolares, professores, supervisores, diretores, pais e a comunidade como um todo. Então, como é a relação da escola com a Secretaria Municipal de Educação? Quem é o contato? Quem auxilia? Como é o trabalho de vocês com a Secretaria Municipal?

Pesquisado: Olha, é um trabalho, assim, muito bom. Eles oferecem todo material, uniforme, lápis, borracha, caderno. As crianças não compram nada. É, as festas de páscoa, dia das crianças. O prefeito está aqui, presente. Faz questão de visitar, então é uma relação muito boa, sabe. Eu acho que o Município oferece todas as condições para o nosso trabalho[...]

Pesquisador: Mas você acha que eles oferecem boa autonomia? [Pesquisado interrompe]

Pesquisado: Não, somos subordinados. Assim, a gente não tem o poder de decidir. Assim como foi sua visita. Falamos com eles, e eles decidiram que nós deveríamos conduzir o processo.

²³ Vários erros de português podem ser encontrados deste Apêndice em diante, porque eles refletem as falas exatas do Pesquisador e dos Pesquisados, na forma como ocorreram durante as entrevistas.

Pesquisador: Então, tem essa questão de autorizar, mas na forma de trabalhar, eles interferem em planejamento, ou em alguma disciplina. Como você acha que é o trabalho em termos de planejamento? Eles auxiliam ou vocês fazem?

Pesquisado: Não, assim [...] o trabalho da escola é autonomia nossa. A gente que trabalha, faz os projetos, eles dão liberdade para fazermos de nosso modo.

Pesquisador: Tem algum tipo de contato, apoio da Superintendência Regional de Ensino? Vistoria? Ajuda? [...]

[Pesquisado acena que não em gestos e interrompe]

Pesquisado: A Superintendência, não, uma vez só que visitou nossa escola, mas já faz assim... Muito tempo. Eles têm o contato mais lá com a Secretaria. Uma situação da organização entre eles.

Pesquisador: E o Ministério da Educação? Quando saíram os resultados do IDEB? Alguma notícia? Um elogio? Algo?

Pesquisador: Não.

Pesquisador: Então, entre todas essas organizações é sempre a Prefeitura através da Secretaria Municipal? Só para confirmar a informação, vocês realizam trabalhos e planejamentos e repassam pra eles?

[Pesquisado acena com sim em gestos]

Pesquisador: Então, a escola tem algum tipo de parceria com alunos que vem de alguma comunidade específica? Algum projeto desenvolvido com alguma escola técnica, alguma Universidade, alguma ONG ou Associação Local? Que não é relacionado com algum órgão da Prefeitura?

Pesquisado: Não, tudo pela prefeitura mesmo.

Pesquisador: E os alunos vêm de outras comunidades?

Pesquisado: Sim, a maior parte vem de outras comunidades.

Pesquisador: Normalmente, nesse caso, quando as escolas são distantes da casa dos alunos, existe a dificuldade de participação de pais em eventos comemorativos?

Pesquisado: Aqui não, os pais são muito assíduos na escola. Tem participação forte dos pais. Inclusive, dia dos pais bem recente, agora, ficou cheio. A participação é ótima.

Pesquisador: E na educação, em si, você acha que eles têm participado bem, ou estão um pouco distantes?

Pesquisado: Assim, tem exceções né? Mas a maioria, participa bem sim.

Pesquisador: Tem algum momento da história local, alguma lei? Alguma política? Elaborada no passado? Você acredita que tem algo que foi feito no passado que possa ter ajudado no desempenho atual?

Pesquisado: Eu acho que a instituição do período integral influenciou muito. Foi muito positivo. Chegou a ter por um tempo, depois acabou, não por decisão da Prefeitura, mas dos pais que fizeram, inclusive, abaixo assinado. Teve uma organização das famílias, o pessoal não estava a fim mais de período integral, mas agora parece que os pais já estão querendo voltar atrás.

Pesquisador: Mas porque acha que eles se mobilizaram em torno disso?

Pesquisado: Acho que é coisa da cabeça dos pais. Eles ficam trabalhando o dia inteiro mesmo. Então, se os filhos tivessem na escola poderia ser bom. A reclamação é que eles queriam mais a presença dos filhos, mas de qualquer modo, saem pra trabalhar.

Pesquisador: Então [...] sabemos também que nem tudo é perfeito, vocês devem passar muitas dificuldades e desafios. O que você acha que a escola ainda tem a melhorar?

Pesquisado: A gente passa muito desafio sim. Igual eu te falei, não tem a presença da família cem por cento né? Tem crianças com problema. Com defasagem na aprendizagem. Não são muitos, mas é um desafio pra nós porque as professoras de reforço trabalham incansavelmente com essas crianças, e a mães desses não valorizam muito sabe. Então eu acho que se esses pais dessas crianças ajudassem mais. As mães que mais valorizam o trabalho são àquelas, cujos filhos estão indo bem. Então recuperar os alunos com dificuldade é o maior desafio, porque a maioria dos casos são problemas em casa, as mães separadas dos pais, questões sociais.

Pesquisador: Então, vocês possuem apoio de psicopedagogia?

Pesquisado: Aqui temos uma vez por semana, ela atende as 4 escolas.

Pesquisador: Vamos falar então de pessoas fora do corpo técnico. Igual você citou, os pais fizeram abaixo assinado. Alguém que pode ter ajudado? Um líder dos pais? Da comunidade? Algum Secretário de Educação? Algum coordenador? Algum prefeito que abraçou a causa? Que tentou fortalecer a escola? Quem você acha, que fora do corpo técnico da escola contribui bem para que a escola tivesse esse bom desempenho?

Pesquisado: Acho que é mais a comunidade em geral. Ninguém se destacou, mas a comunidade aqui é muito unida.

Pesquisador: A escola foi escolhida no passado para testar algum modelo? Alguma metodologia pedagógica?

Pesquisado: Não, normal, começou com uma salinha só. Turmas combinadas né? Multiseriadas. Primeiro e segundo ano. Agora é pela série, separadinha. Esse prefeito que entrou trouxe várias escolas para cá, porque era cheio de uma escolinha aqui outra escolinha ali, aí ele nucleou e promoveu o transporte adequado.

Pesquisador: Então agora vamos falar da segunda parte, a escola, em si. Tem algum método pedagógico especial que diferencia a escola?

Pesquisado: Trabalha muito projeto, sabe. Igual a prova Brasil mesmo, toda semana tem simulado. Trabalha com os meninos que estão fracos, o professor passa pra gente, mas ele continua com os outros e ao mesmo tempo passa pela atividade de recuperação.

Pesquisador: Como a escola, o corpo técnico, lidam com as dificuldades em relação aos pais?

Pesquisado: A gente chama os pais, por exemplo, quando o menino está faltando muito, ou que está “avoadado”, aí a gente chama o pai. Senta aqui, eu a supervisora, o pai, a professora e a gente passa todos os problemas da criança. E juntos a gente procura resolver. A gente faz isso com todos, mas a prioridade são os que estão em dificuldade. É individual.

Pesquisador: As reuniões, tem muita presença? Percentualmente assim?

Pesquisado: A maioria [...]

Pesquisador: Agora, uma pergunta pessoal, uma auto avaliação. Como você avalia seu esforço pessoal enquanto diretora pela escola?

Pesquisado: Olha, é uma pergunta difícil, mas eu sempre falo que eu procuro fazer o meu trabalho bem feito, o que eu posso fazer. E mesmo na minha casa, se alguém bate lá e fala assim “ou, eu precisava de uma coisa lá na escola, ou eu esqueci alguma coisa” [...] eu venho, abro a escola, toda a vida eu faço isso, sabe. Eu moro pertinho. Eu não meço esforço pra fazer isso, sabe. A gente não desliga, mas eu amo o que eu faço. Sou apaixonada pelo meu trabalho. Por isso que eu não aposentei até hoje, eu já poderia ter aposentado doze anos atrás, mas eu procuro fazer meu trabalho bem feito. É claro, a gente tem falhas né? Às vezes a gente chama a atenção de um professor e fica com o coração doendo sabe? Eu vou pra casa e penso “será que ela ficou com raiva de mim”? Aí, é [pausa] fica com a consciência assim sabe, mas é o

trabalho e tem que ser feito né? Só que o calor humano aqui é muito, então trabalho incansavelmente.

Pesquisador: Você, falou de você [pausa]. Agora, vou pedir pra você avaliar seu corpo de professores [...] que você considera que eles têm de importância nesse desempenho?

Pesquisado: Ah, muito compromisso. Eu costumo falar com a Shirlene que é a supervisora, eu dou graças à Deus que aqui nunca deu problema. São comprometidos, quase não faltam. Eles se antecipam, se tem um menino um pouco diferente eles procuram a gente e falam. Então eu acho que isso ajuda muito nosso trabalho, porque se existe um professor que está aqui só pelo dinheiro, as coisas não andam né?

Pesquisador: E os alunos? [...]

[Pesquisado interrompe e abre sorriso]

Pesquisado: Ah, os alunos.

[Pesquisador e pesquisado riem]

Pesquisado: Os alunos são minha paixão, sabe. São muito bons, tem pouca briga. Eu acho uma escola muito pacífica.

Pesquisador: E os funcionários, pessoal da cozinha? Motorista? Como você avalia?

Pesquisado: Eu tenho a dizer só coisas boas, sabe, Algumas vezes tem que conversar, mas é como os professores mesmo. Se fosse pra eu dar nota, eu daria dez pra todo mundo.

Pesquisador: E a comunidade como um todo?

Pesquisado: Ah, eu não sei nem como falar, eu acho nossa relação muito calorosa. Os pais também são participativos. O problema maior mesmo que eu acho que tem na escola é a diferença entre alunos, quando tem algum com defasagem, e às vezes, é difícil porque a mãe, às vezes, não estudou. Fica difícil a comunicação, ajudar no dever, aí o menino fica sem dever. A gente procura trazer pra cá e ajudar a resolver, mas são um povo [pausa] que parece que não reclama, sabe? Poderia reivindicar mais.

Pesquisador: E quando tem dificuldade com recurso? Como procuram resolver isso?

Pesquisado: É com Prefeito, a gente fala com a Rosélia [coordenadora pedagógica geral do Município], tem uma lista aqui ó [pesquisado gesticula], levantamos o que precisa. Às vezes é uma reforma na escola [pausa por um tempo]

Pesquisador: Em quando demora? Já aconteceu?

Pesquisado: [pausa]

Pesquisador: Às vezes um momento difícil [...]

Pesquisado: Ah, demora assim. Coisa que não tanto [fala enfática] problema, que dá pra esperar. Agora, quando é uma coisa urgente, que é lâmpada, banheiro, algo na sala de aula, eles atendem muito bem.

Pesquisador: De que forma vocês buscam integrar professores com a comunidade? Só que agora queria exemplos [...]

Pesquisado: É, mais reunião assim, às vezes a gente faz bimestral ou semestral, dependendo do andamento da escola, e essa participação é boa. Mesmo individualmente, faz reunião com professor e pai na minha sala [pausa]

Pesquisador: Queria saber da equipe, se a equipe permanece por muito tempo na escola? Ou se tem muita troca? Professor que entra que sai?

Pesquisado: Não [fala enfática e definitiva]

Pesquisador: Porque você acha que isso acontece? Ou melhor, não acontece?

Pesquisado: Eu não sei, o calor do lugar e a efetivação dos professores, são efetivos, alguns moram aqui na comunidade, e mesmo professor que é do Carmo [uma cidade vizinha] tem uma que já tem oito anos. Até mesmo pessoal de contrato.

Pesquisador: Tem alguma pessoa, relevante pra escola que você acha que eu poderia entrevistar, fora as pessoas da minha lista? [no momento de pré entrevista o pesquisador informou isso à pesquisada] Que poderia contribuir para minha pesquisa?

Pesquisado: [pausa, parece não entender]

Pesquisador: Por exemplo, quando tem um evento, alguém que vem, ajuda, dá uma contribuição especial. Que tenha sido importante?

Pesquisado: É, deixa eu pensar aqui [pausa longa]. É tem uma pessoa, um pai[...] uma vez a gente queria pintar a escola, ele veio fez tudo de graça. Já tem muito tempo, o filho não está na escola, mas ajudou.

Pesquisador: Quero deixar a palavra livre pra você. Algum agradecimento especial? Ou algo que você queira completar ou nos contar [...]

[Pesquisada faz longa pausa, com alguma emoção]

Pesquisado: Eu mesmo é agradecer as pessoas, são muitos anos. E até sua visita. Quando tem algo assim, pra mim é importante. O ano que vem que estou deixando a escola, eu acho que [pausa] teria que ter era um livro, sabe? Eu tinha vontade de fazer um livro pra ter como lembrança. Tinha um aluno ali até perguntando, porque já fui professora do pai, do filho e do neto e ele me perguntou “você tem o nome de todos os alunos seu?” Eu falei “sabe que não” e pensei [...], vou até ver em algum lugar. Eu me sinto até mais nova.

Pesquisador: Alguma sugestão final pra minha pesquisa? Alguma contribuição?

Pesquisado: Ah, aí a Shirlene [supervisora da escola] vai te falar [risos], que ela é boa.

Pesquisador: Pra finalizar gostaria de uma autorização da senhora. Se a senhora consente a pesquisa?

Pesquisado: Pode, tem problema não.

Pesquisador: Então eu quero te agradecer, a senhora tem uma experiência de vida [...]

Pesquisada: Obrigada, igual eu te falei, obrigada. O ano que vem eu “tô” deixando a escola, com muita dor no coração, mas feliz.

Pesquisador: Eu agradeço novamente [...]

Pesquisada: Eu que agradeço.

APÊNDICE E

Supervisora José Marcelino Pereira

Dados do entrevistado:

Shirlene Martins Santos Camargo

Supervisora Pedagógica na escola desde 2008 via concurso público.

Contato: shirlenemartinssantos@gmail.com

Duração da entrevista: 30 minutos, 26 segundos

Formação: Graduação em Pedagogia, Pós Graduação em Gestão Escolar

Pesquisador: Bom dia Shirlene, quero agradecer sua participação na entrevista e parabenizar pelos resultados da escola que você trabalha a sete anos. Antes de começar as perguntas específicas, eu queria saber [...] pra você [...] quais motivos, em geral, que você atribui o bom desempenho da escola de vocês?

Pesquisado: Eu atribuo, assim, eu acho que o fator mais importante é a equipe, de professores, que não tem muita rotatividade. São os mesmos, e assim, eles vestem a camisa da escola, sabe. Então, o pessoal, a equipe da escola que eu acho que é o fator primordial.

Pesquisador: Especificamente, vamos falar do apoio, do auxílio de outras instituições em relação à vocês [...] é [...] tem alguma forma de acompanhamento, planejamento, alguma norma que vocês tem que seguir, alguma reunião, semestral ou anual, onde há alguma forma de apoio da Secretaria Municipal de Educação?

Pesquisado: Norma não, em questão pedagógica eles não ajudam a escola. Temos reuniões semanais, mas dentro da escola, com nossa equipe. Agora, as escolas do município trabalham com apostila né? Apostila do NAME [Núcleo de Apoio à Municipalização do Ensino] que é do COC de Ribeirão Preto, e a gente trabalha com essa apostila. Também não temos treinamento de como trabalhar, só recebemos o material, e nós estudamos e passamos para os professores, nada de fora pra dentro.

Pesquisador: [...] Tem alguma parceria com alguma Universidade? Alguma escola técnica? Algum lugar onde os alunos visitam? Alguma Organização Não Governamental? Associação Local?

Pesquisado: Não, não temos parceria nenhuma.

Pesquisador: [...] Como você avalia a participação dos pais, por exemplo, em eventos comemorativos e reuniões?

Pesquisado: Aqui, os pais são muito presentes na escola. Sempre vem, apesar de serem carentes de estudos, estão sempre com os filhos, dão apoio, não falam mal. Eu diria que a participação é grande.

Pesquisador: Na educação, em si, você tem conhecimento de algum fato histórico, alguma política, alguma lei que foi elaborada que possa ter influenciado no bom desempenho da escola?

Pesquisado: Eu acredito que o período integral que tinha, ajudou bastante [...] o prefeito tirou [...] no período do contra turno tinha aula de xadrez, tinha aula de artes, reforço de matemática, reforço de português, tínhamos artes marciais, inglês, vários projetos.

Pesquisador: A diretora me disse que teve um abaixo assinado dos pais nesse sentido [...]

Pesquisado: Isso. Acho que alguns pais queriam que o filho ajudasse no trabalho. O período integral durou cinco anos, e eles ficavam conosco sete horas por dia. O prefeito entrou e cortou, apesar de que a área da escola é muito pequena. A gente tinha que sair, fazer atividade fora, aqui não tinha espaço, essa era a parte ruim, mas quanto ao estudo dentro de sala de aula foi maravilhoso.

Pesquisador: Também sabemos que a escola passa por dificuldades, alguns desafios. Que você acha que a escola ainda pode melhorar?

Pesquisado: Muito [pausa]

Pesquisador: Dê algum exemplo [...]

Pesquisado: Eu queria que tivesse mais tempo com esses alunos. Seria o período integral com um bom ambiente físico, porque a nossa escola é pequena. A infraestrutura pode ser melhor. Por ser uma escola de Zona Rural, o que eu sonho é fazer uma horta, algo relacionado à manejo de gado, que é forte na nossa região. Cuidar do café, trazer gente de fora pra falar sobre isso com eles.

Pesquisador: Pra dar alguma perspectiva de futuro?

Pesquisado: Porque a maioria fica mesmo aqui nessa região, não sai. Poucos vão pra fora. Então vários projetos que a gente já fez aqui, pegar as crianças em um ônibus, levar pra fazenda, ensina como tira leite com ordenhadeira mecânica, essas coisas do dia-dia deles, eu queria trazer isso pra escola. Pra pegar o gosto pela terra e ficar aqui de maneira sustentável.

Pesquisador: Até uma curiosidade, até fora do meu roteiro, tem uma escola eletrotécnica perto?

Pesquisado: Tem, tem Furnas.

Pesquisador: Tem algum controle se muitos saem daqui e fazem?

Pesquisado: Alguns sabemos que tem, mas é difícil porque aqui é só até o quinto ano, depois eles passam pra São José da Barra, estudam lá e os que passam fazem o “Vestibulinho” para o curso de eletrotécnica. O processo seletivo é apertado porque eles dão o estágio dentro de Furnas e vem muita gente de fora. Para alguns, é uma perspectiva.

Pesquisador: Agora, fora do corpo técnico da escola. Você acha que tem alguma pessoa, algum secretário, algum líder dos pais ou da comunidade, algum prefeito? Enfim, tem alguma liderança que você destacaria?

Pesquisado: Todos os prefeitos que passaram aqui acham a educação importante, que alavanca o Município, mas não fazem muita coisa não, fica mais na oratória. Às vezes queremos fazer uma viagem com os alunos e põe muito empecilho. Eles falam que é primordial, mas pouca coisa a gente consegue.

Pesquisador: A escola de vocês, em algum momento passado foi escolhida como escola modelo? Pra testar algum método de ensino?

Pesquisado: Não.

Pesquisador: Tem algum aspecto pedagógico que você acha que pode diferenciar a escola de vocês?

Pesquisado: Olha, a gente trabalha assim com apostila, o normal, mas existem vários projetos na escola.

Pesquisador: Dá algum exemplo pra nós [...]

Pesquisado: Tem cinco anos que a gente faz o soletrando, com premiação em dinheiro. Na final, que são três a comunidade vem em peso. As cabines a gente faz com a luz, é tudo igual. Mesmo na dificuldade, na precariedade a gente faz o melhor, a premiação é mil reais. A gente põe na poupança deles e eles tiram só com dezesseis anos [...]. Temos o “Pipocando poesias”. Um projeto que eles escrevem poesia, colocamos em saquinhos de pipoca e eles saem se relacionando com a comunidade, entregando os saquinhos nas casas pro pessoal. Temos um projeto de folclore, brincadeiras de rua, concurso de pipa. Projeto de palavras certas, valendo prêmio, então são vários projetos além do currículo comum.

Pesquisador: Como a escola lida com situações de dificuldade. Às vezes algum problema. Um imprevisto, um evento como esse algo dá errado, como resolvem?

Pesquisado: Muita conversa, todo mundo aqui opina, ninguém manda. Junta a equipe, aqui assim, igual, muitas escolas conferem apostila. Aqui elas que chegam pra conversar. Então tudo é pensado, nunca teve uma dificuldade insuperável.

Pesquisador: Agora uma avaliação geral de algumas pessoas. Como você avalia o esforço da direção escolar para o bom desempenho da escola?

Pesquisado: A Cida na gestão, ela é muito aberta. Aqui todo mundo trabalha em equipe. Nada ela põe empecilho. Todo mundo é igual. A dificuldade que eu acho é com a prefeitura, coisas que não dependem dela e tem que pedir. Às vezes esbarra é lá.

Pesquisador: E os professores?

Pesquisado: Igual eu te falei, eles vestem a camisa e torcem pro sucesso da escola. A equipe é eles.

Pesquisador: E os meninos [alunos]?

Pesquisado: Se você for fazer uma pesquisa vai ver baixa evasão. Os problemas são quando a família muda pela rotatividade de “panha” de café.

Pesquisador: Aqui a cultura principal é o café, como é feito nesses períodos, aumenta falta?

Pesquisado: Não aumenta falta assim porque é, agora, acabou o período integral. Antes eles faltavam nessa época, no contra turno.

Pesquisador: Como você avalia os outros funcionários pela escola? Pessoal da cozinha? Motorista?

Pesquisado: Ah, não tem o que falar. Aqui é união. Todo mundo trabalha junto. Às vezes tem “briguinha” dentro do ônibus, mas tem também a monitora que conversa e traz pra gente, já teve de motorista carregar criança que quebrou perna.

Pesquisador: E os pais, como você avalia a contribuição deles?

Pesquisado: Como eu te falei, os pais gostam da escola, estão sempre participando, falta um ou outro por causa de trabalho mesmo e os horários difíceis. Os alunos com dificuldade, traz pra reforço. Igual, “se” viu ali, ali tem um menininho que estuda à tarde, mas veio de manhã. E os pais sempre traz. Laudos médicos. Nós temos aqui duas crianças com Síndrome de Down, tem acompanhamento, fonoaudiólogo, psicopedagoga. Os pais levam pra APAE porque tem aluno que estudo um turno aqui e outro lá. A prefeitura oferece o ônibus e eles acompanham.

Pesquisador: Você falou que a direção esbarra em alguma dificuldade. Quando tem uma dificuldade de recurso, como vocês procuram resolver? Uma infraestrutura?

Pesquisado: Isso eu acho muito vagaroso igual todo órgão público. A escola está precisando de pintura há muito tempo. A gente vai tirando daqui e dali, traz de casa, e vai ajudando. O parquinho estava todo quebrado, quem foi pintar foram os professores. Dia de reunião, pegamos tinta e pintamos, mas assim os pedidos pra prefeitura é coisa que pedimos tem quatro anos atrás e muita coisa não está resolvida. É muita dificuldade pra melhorar a escola. É o que me deixa triste, saber que a escola é uma das melhores do Brasil. E isso é bom pra eles. Vem Globo, vem Bandeirantes e você vai visitar salas de aula e vai ver como a escola vai ver que a escola é pobre, é carente de material. O mínimo, o essencial eles dão, mas eu acho que deixa a desejar.

Pesquisador: A diretora me contou de um caso de um pai ter feito uma pintura alguns anos atrás. Tem alguma outra pessoa que você acha que fez algum esforço acima da média? Ter lutado pela escola [...]

Pesquisado: Tem a psicopedagoga que é boa em artes, a escola triste, as paredes cinza, mas foi ela fora do horário dela que fez desenho. Era tudo feio sabe [...] e ela veio sozinha, a gente comprando tinta com nosso dinheiro. Fiz orçamento, levei na Prefeitura e não deu certo. É triste né? A escola parecia uma prisão, um quadrado cinza. Tem muito pai aqui que a gente

chama e às vezes ajudam. Dia de festa tem uma mãe que vem fazer arte com balão e enfeitar a escola. A gente não tem liberdade, uma verba pré-estabelecida que pode usar e a prefeitura pagar, não.

Pesquisador: Além dessas pessoas que eu já vou entrevistar [...] a diretora [...] você [...] professoras, psicopedagoga, pessoal do poder público. Tem alguém que você considera que seria importante eu entrevistar?

Pesquisado: Da comunidade?

Pesquisador: Pode ser.

Pesquisado: Tem vários pais aqui da escola. Eu não “tô” lembrando agora, mas tem várias mães aqui.

Pesquisador: Quero deixar a palavra livre [...]

Pesquisado: [em tom de brincadeira] Então desliga o [risos]

Pesquisador: o que você gostaria de falar?

Pesquisado: Então [...] igual vocês que fazem doutorado, quem sabe uma parceria, com a USP, pode ter mais cursos. Desde que eu entrei aqui, se eu não busquei ninguém me ofereceu, essa parceria, ou cursos. Tem simpósios, a gente pede e eles não nos levam pra fazer, as professoras aqui ficam com vontade de ir. O Salário é bom, a prefeitura paga bem, mas[...]

Pesquisador: Bom que falou disso. E quando alguém vai faz um curso ou pós graduação, tem algum adicional?

Pesquisado: Só uma pós né, duas já não acumula.

Pesquisador: Algum programa de educação continuada?

Pesquisado: Não.

Pesquisador: Nem do Estado[...]

Pesquisado: Nada. E a gente fica longe da Superintendência Regional de Ensino. Pra você ver, nunca uma inspetora veio na nossa escola. Eles só vão lá na Prefeitura, nunca vieram. Nem os parabéns pela nota da escola. Eu reclamei isso aqui com a Superintendência de Passos. Manda algo por e-mail, pede para aplicarmos algo. Eu acho que eles tinham que fazer um acompanhamento. Por exemplo, os cursos que a gente faz, os professores todos aqui fizeram pós graduação. A gente que procurou, porque capacitação é importante. A gente pede pra ir em palestras e nunca tem o apoio da Prefeitura nesse sentido.

Pesquisador: Sim, se futuramente eu tiver alguma checagem posso enviar e-mail?

Pesquisado: Pode.

Pesquisador: Tenho a permissão sua para utilizar seu nome na pesquisa?

Pesquisado: Sim.

Pesquisador: Alguma coisa que queira colocar?

Pesquisado: Você vai fazer essa pesquisa sua na Prefeitura?

Pesquisador: Sim, só é um pouco diferente, o foco.

Pesquisado: Porque eles vão falar alguma coisa diferente. Às vezes, o fato de oferecerem material, e também àquilo que é obrigatório, eles acham que é muito. O que a gente queria era mais, capacitação, incentivo certo para projetos, parcerias, né? Cai muita coisa na Prova Brasil, igual uma questão sobre elevador. Nossos alunos nem sabem o que é isso, elevador [...] então eu queria isso, tirar elas desse mundinho aqui, viajar, fazer cursos. Tem professor aqui, que não conhece uma cidade grande. O professor aqui é da terra. É até surpresa pra gente estar entre as melhores escolas do campo, porque não fazemos tudo que pudemos ainda[...] elas teriam muito mais a oferecer. Se não podem ir, tragam alguém [...] semana dos professores, palestras, educadores.

Pesquisador: Então quero agradecer não apenas pela boa qualidade das informações prestadas, mas também pelo apoio e receptividade desde o primeiro contato, e saber se gostou de participar da pesquisa.

Pesquisado: Ah, gostei, só não gostei do gravador ligado [risos] Motiva a gente. A gente não sabia que nossa escola é a melhor de Minas das escolas do campo, sabia da alta nota do IDEB, mas não que era a melhor do Estado. Não tem segredo, nós trabalhamos conscientes de fazer o melhor, e oferecer mais.

Pesquisador: Então obrigado.

Pesquisado: Obrigada você.

APÊNDICE F

Entrevista em grupo com Professoras da Escola José Marcelino Pereira

Tempo de entrevista: 23 minutos, 32 segundos.

Dados dos entrevistados:

1) Eva Elizabete da Silva Carvalho
Professora do 5º ano I, manhã há 10 anos.
Contato: evaelizabete@hotmail.com
Formação: Graduação em Pedagogia, Pós Graduação em Práticas Pedagógicas.

2) Sandra Regina Ferreira Viana
Professora do 2º EI, manhã há 5 anos, está na rede há 8 anos.
Contato: sandra.reg@2010hotmail.com
Formação: Graduação em Pedagogia, Pós Graduação em Práticas Pedagógicas.

3) Mirian Vaz de Souza
Professora do 2º P manhã e 4º ano à tarde, há 8 anos na escola.
Contato: mirian.vaz.souzae@hotmail.com
Formação: Graduação em Pedagogia, Pós Graduação em Práticas Pedagógicas.

Pesquisador: Estou aqui com primeiro grupo de entrevista. Com a professora Eva, professora Sandra e Professora Miriam, que trabalham na escola José Marcelino Pereira. Queria primeiro saudar com bom dia todas vocês. Agradecer a participação de vocês que é uma pesquisa voluntária, até preciso perguntar, né, se vocês consentem, ou permitem, essa entrevista com vocês e a autorização de utilizar o nome de vocês na pesquisa?

Eva: Sim.

Sandra: Sim.

Miriam: Tudo bem.

Pesquisador: Então quero parabenizar vocês, o bom resultado da escola com certeza passa pelo trabalho dos professores [...] Eu queria perguntar primeiro a opinião de vocês. Uma pergunta bem aberta, de uma maneira bem rápida, o que cada uma de vocês considera o fator principal para que a escola que vocês trabalham tenha conseguido bons resultados nas avaliações externas do Ministério da Educação?

Eva: Eu acho que o trabalho, né? A gente tem o apoio pedagógico adequado, e o pessoal sempre buscando aperfeiçoamento. O que faz com que o trabalho flua mesmo. Aqui, parece que existe um compromisso [...]

Sandra: Eu concordo com a Eva, a gente tem o suporte pedagógico adequado, e o acompanhamento individual de cada aluno, tanto dentro como fora, nós buscamos saber a história do aluno, um olhar individual, eu acho que isso conta muito.

Pesquisador: E aproveitar que você falou nesse assunto. Como você considera a participação dos pais no processo de ensino, você acha que também é acima da [...]

Eva: É fundamental a participação dos pais. Posso dizer que a participação aqui é boa, não é ótima, mas é boa.

Pesquisador: E você Miriam [...]

Miriam: É você nos perguntou de um fator. Eu acredito que não seja um [ênfático] fator, são vários. Podemos citar comprometimento da equipe, a responsabilidade das pessoas que estão

de fora. Então eu não vejo como um fato, eu vejo vários. É, a união mesmo de todos esses que fez com que obtivéssemos esse resultado.

Pesquisador: Você poderia especificar um como principal, já que são vários?

Mirian: Então, isso é que eu estou assim [...] eu não vejo um como principal. Não tem como falar é isso, isso e isso. A escola tem muitas coisas. Igual a Eva citou, tem o comprometimento, a equipe, o apoio, a experiência, então eu prefiro não citar o principal, eu acho que tem vários importantes e a gente procura desempenhar todos eles. Assim, apoio da família, quando não tem, vamos atrás de informações de alguma coisa que esteja acontecendo em casa e pode refletir aqui. Então cada problema específico a gente tenta resolver da melhor maneira possível.

Pesquisador: E você Eva?

Eva: Eu acho muito importante é a troca de experiências que nós temos. A turma de quinto ano hoje é uma turma excelente, eu considero muito boa. Ela passou pelas mãos da Sandra, pelas mãos da Mirian. Então a gente sempre está trocando experiências “quando esse aluno era com você, o que você fazia, como agia com ele?”, então você vê o acompanhamento da evolução dele ao longo do tempo. Inclusive, com os professores de apoio, sempre “trocando figurinhas” mesmo.

Pesquisador: Agora, não só de coisas boas vivem as escolas, tem muitas dificuldades, muitos empecilhos. Tocar um projeto [...] uma verba [...] uma infraestrutura, o que vocês consideram como principal desafio, ou ponto negativo, algo que ainda pode melhorar?

Eva: Eu acho que o espaço físico da escola tem ainda a melhorar [...], salas, ginásio, como um todo. A gente tinha o período integral e a escola não comportava bem, não atendia a demanda, a sala de computação [...], educação física [...]

Sandra: É poderia ser melhor [...]

Mirian: Eu ia citar isso [...] e infelizmente muitas famílias têm dificuldade em acompanhar o aluno, sendo que algumas entregaram mesmo para as mãos da escola, sabe? Então, tudo é responsabilidade da escola. Coisa que acontece em casa, se o menino está mexendo no facebook, por exemplo, é a escola que tem que resolver. Infelizmente, eu acho que as famílias, algumas têm deixado por conta da escola.

Sandra: As famílias que têm mais dificuldade [...]

Mirian: Talvez essa seja até a consequência, que a falta de apoio da família gera dificuldade na escola. A gente percebe que aquela família que está presente, ajudando, o menino faz dever todos os dias, ele não tem tanta dificuldade. Já aquele que você vê que a família não auxilia é o que mais precisa.

Pesquisador: Está joia, eu queria perguntar sobre o auxílio de instituições externas. Nós temos aqui uma professora que trabalha em duas escolas municipais, uma que trabalha em uma escola municipal e uma escola estadual e uma que trabalha apenas com esta escola. São três perfis diferentes, né? Como que vocês avaliam, no caso, o auxílio da secretaria de educação? Quem trabalha no Estado também pode comparar, se quiser [...] O que vocês acham que foi bom e que foi ruim em termos de relacionamento com a Secretaria Municipal de Educação?

Sandra: Comprando as duas escolas que eu trabalho, o apoio que a Secretaria Municipal dá para esta escola, a única diferença é o material didático porque a merenda, o uniforme estão muito parecidos, quando tem comemoração festiva também. A única diferença mesmo é o material didático.

Pesquisador: Então quero perguntar pra você. A autonomia, do professor dentro de sala de aula, você considera a mesma ou você acha que [...]

Sandra: Não, a autonomia é a mesma, mas o suporte pedagógico lá, eu sinto maior deficiência. A assessoria e a supervisão pedagógica do Município, e aqui na escola é melhor.

Pesquisador: As duas colegas, agora, a pergunta é diferente [...]

Eva: Então, eu não tenho como comprar, mas eu gosto muito. Material e tudo que a gente precisa é fornecido e é muito bom. Eu não tenho que me queixar quanto apoio. Eu considero estarmos bem amparadas. E eu concordo com minhas colegas né? Assim, material não é perfeito, a gente até comenta, a parte de português temos que complementar bastante, mas tudo que a gente pede ajuda sempre tem. Ontem mesmo, a gente teve uma reunião com a Secretaria de Educação, a gente achou que foi proveitosa. Como a cidade tem três escolas no quinto, ela fez uma reunião com todas as professoras de quinto, e trocamos experiências comparadas, as turmas da “Laje”, as turmas da “Barra” e as turmas dos “Campos” né? E todos estão preocupados com a Prova Brasil né? Diretoras, Supervisoras, então essa troca dá uma acalmada, porque nos perguntamos “será que a minha escola está pior que a outra?”. E a gente viu que não é bem assim.

Pesquisador: Então tem uma preparação em função da prova?

Eva: Tem uma preparação boa, inclusive psicológica.

Pesquisador: E quando falta algum recurso, uma verba para evento, um material, uma pintura [forte ruído, sino escolar]. Quando falta e alguém já tentou, já pediu. Lógico que vocês não tem interferência nisso né? Mas observam, e quando falta como que é?

Sandra: Material [...] mesmo [...] quando falta [...]

Pesquisador: Mas incluí aqui não só material didático, incluí tudo, “ah, a pia estourou”, como é que resolve esse tipo de problema, vocês como observadoras?

Mirian: A gente comenta com a direção, a direção passa para a Secretaria. Eu me lembro até que em um início de ano a Cida [Maria Aparecida – Diretora da Escola] perguntou o que precisava? Perguntou nossas opiniões sobre o que precisava. A gente comentou muito da pintura. Só que essa parte de reforma costuma demorar um pouco mais [...] sem querer “puxar saco” de administração, de forma nenhuma, mas entendemos que certos reparos, em razão de licitação, e outros fatores, demandam um pouco mais de tempo. De maneira geral, percebemos que as situações mais urgentes são melhores. O exemplo que eu vou te dar é que no ano passado, meu quadro negro estava horrível, daí eu pedi que olhassem. Isso resolveu rápido. Essa questão da pintura, a sala está feia, mas vamos dizer assim, o que interfere diretamente como o quadro eles priorizam.

Pesquisador: Vocês veem entre os pais, ou comunidade alguém que desenvolveu alguma espécie de liderança? Que tocou algum movimento? Fez um esforço fora do comum para contribuir com a escola? Alguém que não é o Secretário ou o Coordenador? Alguém que está de fora e não teria “obrigação” de ajudar?

Eva: Tem muitos pais que estão dispostos a ajudar né? Quando vai fazer uma festinha ou formatura de período, os pais ajudam, enfeitam. Toda vez que solicitamos encontramos, mas assim, um líder mesmo, eu não consigo destacar um nome não.

Mirian: Eu vejo, sempre que é pedida a colaboração. Ações isoladas têm.

Pesquisador: Queria perguntar também [...] o que vocês acham, em termos pedagógico, já mais próximo do trabalho de vocês, o que a escola tem de diferente para conseguir bons resultados?

Mirian: O material didático que nós já citamos, como a Eva disse, nos ajuda com um norte [...]. Planejamento, eu acho que é muito bom [...]

Sandra: [interrompendo] e nós fazemos juntas né?

Mirian: [interrompendo] é e nossas aulas bem planejadas e em conjunto. Um conta com apoio do outro e por isso acredito que tem muita responsabilidade, da parte dos professores quanto a esse trabalho pedagógico, vamos dizer assim.

Pesquisador: Agora, as turmas foram divididas. O período da manhã a comunidade daqui e o período da tarde alunos que necessitam de transporte de locais mais distantes, da zona rural. Tem alguma diferença de aprendizagem?

Mirian: Posso falar da turma do quinto período, no ano passado estavam comigo no quarto. Entre o quarto da manhã e o quarto da tarde, o da manhã era melhor, o rendimento era muito maior. Todos vinham com o dever de casa feito. Já à tarde, os meninos que vinham da roça, pegavam ônibus, muitos com material sujo, tem diferença [...] tem diferença.

Sandra: As turmas, quanto ao número de alunos, estão bem equilibradas.

Eva: De manhã um pouco menos.

Sandra: Comigo é ao contrário.

Pesquisador: Sim, então isso difere bem dependendo do ano. Eu queria deixar a palavra livre para vocês, o que quiserem complementar para a educação como um todo [...] [silêncio]

Mirian: Então, eu acho que todas as outras professoras da escola, algumas não sabem que a nossa está entre as vinte melhores Escolas do Campo no Brasil pelo IDEB não é isso?

Pesquisador: Isso, é a melhor nota de Minas.

Mirian: Aí, pois é olha aí. Melhor do Estado. Isso é muito gratificante né? Porque às vezes a gente fica um pouco frustrado né? Você trabalha, trabalha, trabalha e tem dias que “se” pensa que não tem recompensa nenhuma e pensa “aí meu Deus do céu porque estou fazendo tudo isso?” “Se” tem problema de disciplina e vai embora estressado. Aí você pensa que está dando murro em ponta de faca.

Sandra: Isso deveria ser mais divulgado né?

Mirian: Pois é, e aí chega essa notícia tão boa. Eu acho que é muito gratificante para todos os envolvidos.

Eva: levanta a nossa autoestima, e com os alunos também.

Mirian: Ficamos felizes e queremos agradecer.

Eva: É um trabalho diário do comprometimento e de muita responsabilidade. A gente aprende junto, é uma trocando ideia com a outra. É até surpresa esse IDEB, mas nem tanto porque você passa a observar que tem é muito trabalho bem feito.

Pesquisador: Até porque não é só no último IDEB, ele já vem em uma crescente.

Sandra: A gente pode até refletir [...]

Pesquisador: É, claro que é bom, mesmo que fosse uma turma boa, em um ano bom.

Eva: Sabe que era boa, mas não era das melhores [...]

Pesquisador: Mesmo que fosse das melhores, que bom que era uma turma boa [...]

Eva: Nós ficamos surpresas porque tinham alguns alunos faltantes, mas depois a gente parou e pensou “é um trabalho”.

Sandra: É, porque é somando desde a educação infantil, sabe? Chega no quinto é a soma de todos que tiveram comprometimento desde a educação infantil.

Mirian: É, e todos aqui têm consciência né?

Eva: A gente já está preocupado com os próximos, não só nota. A gente trabalha a cabeça deles.

Pesquisador: É porque é mais do que a nota, é a inserção deles no mundo né? Como vocês vêm a inserção desses alunos melhor ou pior formados, na vida deles? No cotidiano? O que acham disso?

Eva: A gente tenta preparar bem eles. Eu converso muito porque no quinto ano já é um turminha que tem opinião formada. Está começando a entrar na adolescência. É muita curiosidade [parte incompreensível] a gente procura trabalhar valores aqui para não ter muito esse choque. Nós procuramos trabalhar além do conteúdo de nota, a pessoa mesmo.

Sandra: Tem que incentivar eles a não pararem a escolarização.

Pesquisador: Quero aproveitar para perguntar sobre essa perspectiva. Outros entrevistados comentaram da escola eletrotécnica. Açam que isso oferece alguma perspectiva de continuar estudando? Fazer ensino médio?

Sandra: Quando eles saem daqui a perspectiva ainda é muito boa. Ela cai quando chega perto do nono ano. Nós temos casos de alunos que depois vão para a escola, mas tem muito mais de evasão, de desistência. Eu acho que no todo, ainda são poucos que vão pra frente. O lugar aqui, ele é bem pequeno, infelizmente dá pra contar nos dedos os que depois fazem uma Faculdade.

Pesquisador: Vocês moram aqui?

Eva: Nós moramos aqui.

Sandra: Sim.

Mirian: Sim, perto.

Pesquisador: Ah, as três moram aqui pertinho. Isso dá uma relação diferente?

Mirian: Dá uma certa intimidade quando quer cobrar, puxar a orelha do pai [...]

Sandra: Tem o lado bom e o lado ruim [entrevistados riem]

Eva: A gente conhece os pais. Tem pai que manda mensagem pelo whatsapp querendo saber nota do filho [...]

Mirian: Só que os pais tem essa boa liberdade.

Pesquisador: Está joia gente, eu queria agradecer pela participação [...]

Sandra: Nós também.

Eva: Obrigada.

Mirian: Com certeza.

APÊNDICE G

Psicopedagoga São José da Barra

Dados do entrevistado:

Kênia Maria de Pádua Martins

Psicopedagoga da Rede Municipal de Ensino (quatro escolas) desde 2010 via concurso público. Antes, foi Professora por 25 anos.

Contato: keniapadua1@hotmail.com

Duração da entrevista: 19 minutos, 32 segundos.

Formação: Letras e Pedagogia

Pesquisador: Kenia, bom dia. Primeiro eu quero pedir sua autorização para gravar, como participante da pesquisa? Você ainda não conhece os objetivos do meu trabalho, eu busco identificar traços em comum entre as escolas do campo com bom desempenho. E aí, tentar traçar formas de melhoria através dessas informações.

Pesquisado: Tudo bem.

Pesquisador: Então quero também parabenizar, que você trabalha em todas as escolas da rede, mas está sempre aqui e tem uma contribuição. De um modo geral, específico dessa escola, com o olhar externo que você tem. O que faz com que a escola José Marcelino Pereira tenha um bom desempenho?

Pesquisado: É, os professores das nossas escolas são bem comprometidos. Então, quando percebem problema na sala com algum aluno, eles me passam, eu vejo onde tem a dificuldade e passo pra elas. O meu trabalho é esse, fazer o diagnóstico, mas sou também professora. Além de passar pra elas, eu trabalho aquela dificuldade.

Pesquisador: O fato de as escolas terem o profissional de psicopedagogia, você acha que tem influencia no resultado?

Pesquisado: Sim. Muitas vezes em uma sala de aula, o aluno passa sem o básico, é despercebido, porque eles fazem outras relações e conseguem, mesmo não dominando, desenvolver estratégias para resolver as dificuldades, aí quando você está lá frente aquela falha aparece, porque a base não consolidou.

Pesquisador: Qual o auxílio a Secretaria de Educação dá ao profissional de psicopedagogia? E qual autonomia lhe confere?

Pesquisado: Tem suporte, em termos de infraestrutura. Por exemplo, essa mesa pedagógica aqui. O Prefeito adquiriu, três escolas têm faz algum tempo já.

Pesquisador: Infraestrutura? Biblioteca?

Pesquisado: Nossa, riquíssimo, todas as escolas têm, eu só não trabalho lá.

Pesquisador: Recursos de psicopedagogia, quando tem alguma necessidade?

Pesquisado: Não, toda escola tem o que eu preciso, e eu tenho autonomia pra trabalhar [...] o que muda é a forma de trabalho, eu percebi, por exemplo, depois de dois anos trabalhando com essa mesa de jogos, que muitas vezes o aluno se recuperava no jogo, mas quando ia pra sala ou pra realidade ele continuava com a defasagem. Aí eu tive a ideia de montar uma pasta, de crianças com dificuldade pra ler e escrever. Semelhante à cartilha que a gente aprendeu né? Primeiro o “A”, depois o “B”, depois o “C”, a medida que a criança domina coloca mais letras. E pela experiência que adquiri, no caso da criança com dificuldade, se não for assim, ela não avança. Aí começamos na repetição.

Pesquisador: Esse trabalho é durante o horário de aula ou contra turno?

Pesquisado: No turno normal, teríamos muitas dificuldades se não fosse assim. Porque a criança com defasagem, cinquenta minutos que eu tirar, não vai atrapalhar, pelo contrário. Então é bom mesmo trabalho com repetição, aqui e depois com a mãe. Repetia, repetia, repetia, quando ela vinha na próxima semana já estava com aquela dificuldade sanada.

Pesquisador: Você entrou em um tema que seria minha próxima pergunta, sobre os pais.

Pesquisado: [interrompendo] É justamente os pais que mais estão precisando, que são mais difíceis. O pai que ajuda surte efeito, o pai que não ajuda não surte. A mãe que passa a semana inteira ajudando, chega aqui muito bom.

Pesquisador: Então quero agradecer sua participação, mas antes quero deixar a palavra aberta para você [...]

Pesquisado: Então, a educação está cada vez mais avançando. Com a tecnologia avançando, só que a minha clientela, os alunos que eu atendo, são os alunos da dificuldade. E nesse caso, eles não acompanham a evolução. Às vezes falam assim “é antiético, antididático ficar repetindo”, realmente não tem sentido eu ficar no “Ba, be, bi, bo, bu” para a criança que é esperta e capta qualquer coisa, lá na sala não tem lógica fazer isso, mas aqui com aquele aluno da dificuldade, que precisa da atenção só para ele, ele só aprende se for dessa forma. É isso que cheguei à conclusão com minha experiência depois de três anos, com esse aluno, trabalhar a diversidade não surtiu diferença. De alguma forma até trabalha o cérebro dele, mas foi só na repetição que eu consegui algum avanço. Então, nossa inteligência também evoluiu no sentido de conseguirmos desenvolver estratégias. Hoje, você encontra analfabeto que não consegue ler ou escrever, mas consegue comprar, pegar um ônibus, fazer troca, sem saber. Nossas crianças são assim também, mas precisamos de um profissional que precisa descobrir o erro. Tem mãe que fala assim “lá em casa minha criança sabe o alfabeto inteiro”, por quê? Porque ele é capaz de visualizar o alfabeto na cabeça dele, na ordem certinha, mas ele não consegue se eu perguntar sorteado. Ou não consegue contextualizar, falamos “má”, repete “má” [...] “lá”, repete [...] “lá”, então mala, e ele “mala”, mas se eu pegar e mostrar uma mala ele não vai saber que é o “M”. Se eu disser “M” [...] aí sim ele fala é “mala”, então ele consegue saber, mas não consegue distinguir. Então é difícil quando chega lá na frente sem detectar isso. É assim que, às vezes, chegam no quinto ano sem saber. Na matemática a mesma coisa, tem professora que não percebe, o aluno faz uma conta e ela diz que o número não tem nada haver, mas se for prestar atenção tem sim, ele começou invertido, aí dá o número certo, só que a professora acha que o menino está fazendo corpo mole, ou está com preguiça, mas não é assim.

Pesquisador: Quero agradecer sua participação. Caso eu precise enviar e-mail para tirar dúvida [...]

Pesquisado: [interrompendo] Pode sim, só não sei se eu somei alguma coisa [...]

Pesquisador: [interrompendo] Somou sim, com certeza, por que aqui eu preciso de várias visões, diferentes perfis. Cada pessoa, são entrevistas de um jeito diferente [...]

Pesquisado: Tem que ter cuidado que a avaliação só em ano ímpar nem sempre capta exatamente como é o trabalho. Aqui, tem ano que cinquenta por cento da turma precisa desenvolver trabalho aqui comigo, outras vezes quase nenhum.

Pesquisador: Então muito obrigado pelas informações.

Pesquisado: Boa sorte na sua pesquisa.

APÊNDICE H

Prefeito Municipal de São José da Barra

Dados do entrevistado João Alves Passos

Duração da entrevista: 15 minutos, 33 segundos.

Formação: Ensino Fundamental Completo. Profissão: Agricultor

Pesquisador: Então, primeiro eu quero cumprimentar o Senhor Prefeito João Alves Passos. Agradecer pelo rápido encontro e pela disponibilidade em participar da entrevista. E perguntar se o senhor permite que façamos a gravação? E se o senhor permite utilizar o nome do senhor na pesquisa?

Pesquisado: Sim.

Pesquisador: Na opinião do senhor, portanto é pessoal, a que você atribui os resultados da Escola José Marcelino Pereira?

Pesquisado: O primeiro passo, eu vou falar para você a união entre a administração e o próprio [...] professorado do nosso ensino, mas na verdade a gente teve um princípio aqui. Quando eu fui Prefeito a primeira vez, eu já era crítico de político. Então eu ouvia muito assim “político não quer que ninguém seja educado, aprenda ou veja a verdade do nosso Brasil e por isso não investem na educação”. E eu pensava assim “se eu for um dia Prefeito, vou investir e ver o que dá” porque não tem problema, se ficar bem ou mais sábio do que eu, se for verdade isso, vamos ver se tem resultado. Aí a gente “começamos” uma [...] a fazer com que a escola [...] pra você ter uma ideia a gente tinha oito escolas rurais, bem rural mesmo, no meio da fazenda, seria mais rural, na roça mesmo. Fechamos essas oito escolas e colocamos, unificamos elas em uma só, vamos falar assim, unificamos em três escolas. Porque que eu fiz isso? Pra ficar mais fácil e até mesmo pra aprender, conviver com maior [...] menino [...] pessoas [...]

Pesquisador: Diversidade? O senhor considera que? [..]

Pesquisado: É, então por isso que [incompreensível] vamos fazer que o nosso ensino seja o melhor do mundo, do País, de onde for, vamos caçar jeito de fazer isso, pra saber até onde tem verdade nisso de que político não quer que a pessoa seja culta. E começamos, e aí agente não pode [...] é [...] criticar nem nosso adversário. Passou um adversário aqui, dentro de dezoito anos, passou um adversário, nem ele nós não “pode” criticar que a educação dele foi ruim, foi boa demais também. Aí, com isso nós vamos crescendo em educação dentro do município como um todo. Isso é uma história, um projeto, não é uma coisa que começa hoje e acaba amanhã. É uma coisa mesmo de raça, que “nós já vem fazendo” para que a coisa aconteça. Isso aí não era novidade pra nós, entre os melhores do Brasil, quem sabe um dia do mundo porque tem interesse em fazer que a educação seja boa dentro do Município. Com boa educação nosso povo resolve todos os problemas, não vai precisar ficar indo na fila do SUS, “se” vê muita gente, coitadinho, três quatro dias que está lá, morre e não tem como [...] por quê? Vai olhar pra você ver se ele tem o diploma. Coitado, não tem. Então vamos fazer com que todo mundo seja, vamos dizer assim, tenha melhor informação.

Pesquisador: Saber identificar o sintoma? Conversar com médico? Influencia até nisso?

Pesquisado: E outra coisa, não enfrentar a parte do SUS porque vai ter “planos e mais planos de saúde”.

Pesquisador: Não depender do sistema público?

Pesquisado: É, não precisar dele. Se nós tivéssemos fazendo isso para o nosso povo. Presidente da República, tanto a nível de Estado, quanto ao nível da União, e os Municípios tivessem fazendo isso [...] nós não “teria” essa carência de [...] de [...] saúde. Essa carência é falta de educação. A educação resolve uma coisa e a outra, tanto de dar um emprego digno

para você, dar uma vida digna para seus filhos, quanto também uma saúde boa pra todo mundo. Um plano de saúde, uma coisa a altura. É SUS, nós “caiu” no SUS é porque não conseguimos educar esse povo.

Pesquisador: [interrompendo] com menos pessoas dentro do SUS ele poderia ser melhor? [Tentativa de trocar de assunto]

Pesquisado: [interrompendo] Atender melhor os carentes, atendendo filho de pessoas que não estudou, não tem um plano de saúde. Então hoje “tá tumultuando” a saúde dos coitadinhos, vamos falar dos miseráveis no caso né, a palavra certa seria os menos favorecidos né? Mas por quê? Porque os políticos gastaram o dinheiro “mau gasto” e não investiu na educação desse povo.

Pesquisador: Qual é o tipo de auxílio que o Senhor considera importante, e que sua equipe da Secretaria Municipal de Educação, pôde oferecer para que essas escolas tivessem boa condição? É planejamento? Que tipo de ação específica, foi determinado que se realizasse para tentar melhorar o ensino?

Pesquisado: A gente fez convenio [...] contratamos empresa pra vir, pra ajudar nós na educação [...] a [...] [pausa]

Pesquisador: É consultoria?

Pesquisado: Consultoria. Eu esqueci o nome.

Pesquisador: Tem uma empresa de consultoria? Eu posso depois pegar essa informação se o senhor não lembrar o nome?

Pesquisado: Pode. Pode.

[O entrevistado referia-se à contribuição essencial do Material e outras ações realizadas pelo NAME – Núcleo de Apoio à Municipalização do Ensino – contratada para realizar parte dessa gestão]

Pesquisador: Então o Paulo Márcio deve saber? [Secretário de Educação]

Pesquisado: É sabe.

Pesquisador: “Tá” joia.

Pesquisado: É lá de Ribeirão preto. Então a gente tem [...] é [...]

Pesquisador: Então o senhor preferiu que os especialistas na área, pessoas com experiência em ajudar educação nos Municípios pra poder [...]

Pesquisado: Sim, sim, sim. É vamos falar assim, dar mais cursos para os professores, para o pessoal do ensino para que eles consigam passar isso para a pessoa. Então a gente tem as empresas que estão prestando esse tipo de serviço.

Pesquisador: Existe algum tipo de parceria, de alguma das escolas do município, com alguma Universidade, Escola Técnica, alguma Organização Não Governamental, Associação local pra visitar, conhecer algum lugar? Projeto cultural?

Pesquisado: Não tem esse convênio [...] essa [...] mas Furnas se alguém quer visitar eles pode ir, que já dão todo apoio. Na verdade a escola nossa anda com as próprias pernas.

Pesquisador: Tem uma certa autonomia? As escolas tem autonomia de buscar isso? Mas muitas coisas precisam de autorização ou apoio do poder público.

Pesquisado: É.

Pesquisador: O senhor costuma ser presente em eventos comemorativos? O senhor acompanha, no caso específico da Escola José Marcelino Pereira? Como que você vê o envolvimento deles em projetos? Bem organizado pela escola?

Pesquisado: Eu participo muito da educação. na verdade, o pessoal recepciona a gente muito bem. Os pais, pessoal do bairro, e tem a gente como o modelo, vamos falar assim, para essa educação.

Pesquisador: Tem algum fato histórico, que aconteceu nessa pequena história do Município, que é recém-criado. Alguma lei que foi elaborada pela Câmara ou pela Prefeitura? Política mais específica que possa ter influenciado?

Pesquisado: Não, tudo bem. A gente sempre fez projeto de lei, mandou para a Câmara. A gente acertou que nossas escolas tivessem, no máximo, vinte e uma crianças em cada sala. Então tem no máximo vinte e duas crianças. Se tiver vinte quatro ou vinte e cinco não dá pra formar uma sala com três, então somente nesses casos.

Pesquisador: Então teve uma iniciativa do Município?

Pesquisado: É.

Pesquisador: O senhor considera que o salário dos professores aqui é conforme a média, abaixo, o acima da média nacional?

Pesquisado: Eu acredito que seja acima.

Pesquisador: Nós sabemos também que nem tudo é perfeito. Alguma dificuldade específica? Algum desafio ou algo que pode melhorar ainda? Na educação?

Pesquisado: Eu acredito, e sempre estamos procurando. Sempre trocando informação. Quem pode ter mais coisa pra, vamos falar assim, nos atender aqui. A gente tem essa preocupação sim porque [...] nós pegamos oito ponto dois no IDEB, mas nós não temos medo de pegar dez não. Nós queremos o máximo, porque temos esse interesse de fazer com que o Município de São José da Barra saía na frente. Quando eu fiz o primeiro concurso assim, nós pegamos só o pedreiro, o carpinteiro, o professor mesmo “vinha de fora”, os médicos de fora, engenheiros de fora. Então sobrou pra nós faxina, servente de pedreiro. Hoje não, hoje tem médico dentro do Município, tem professor até sobrando pra passar pra outros municípios, nós temos é [...] advogados, e muitos que são bons. Nós já temos mão de obra, assim, mais elevada.

Pesquisador: Agora vou perguntar coisas específicas da Escola José Marcelino Pereira, você acredita que eles tenham algum método pedagógico diferenciado? Ou algo que eles tenham que outros locais não conseguem ter?

Pesquisado: Eu acho que tem [...]

Pesquisador: Você não saberia dizer como [...]

Pesquisado: Seria esse contrato que nós temos com essa empresa de Ribeirão Preto, que ela é muito boa. Tem outros Municípios que não dão conta.

Pesquisador: Esse apoio contribui pedagogicamente?

Pesquisado: Não. Assim, eles olham. Ajudam todo o processo.

Pesquisador: Todo o processo? E a formação dos professores? Treinamento Continuo?

Pesquisado: Todo, treinamento continuado. É com eles. E se você souber de alguma coisa que é melhor pode falar que nós “quer” contratar.

Pesquisador: Então é isso, eu gostaria de agradecer sua participação. Sua disponibilidade. Só queria que o senhor avaliasse a contribuição: da direção da escola, corpo de professores, e alunos?

Pesquisado: Eu não dou conta de separar, eu acho que é a união de tudo isso> não seria nenhuma contribuição isolada. Não seria só o professor, a merendeira, o motorista, a administração da Prefeitura e é muito apertado. Tem que continuar unido pra que isso aconteça. Se eu dividir entre três ou quatro, estaria sendo covarde.

Pesquisador: Então, caso o senhor tenha alguma dúvida e quiser entrar em contato. Muito Obrigado.

Pesquisado: De nada.

APÊNDICE I

Secretário Municipal de Educação de São José da Barra

Dados do entrevistado:

Paulo Márcio Barbosa

Secretário Municipal de Educação, Cultura, Esporte, Turismo e Lazer.

Duração da entrevista: 07 minutos, 52 segundos.

Formação: Eletrônica

Pesquisador: Primeiramente eu quero agradecer o Senhor Paulo Márcio, que atualmente é titular da pasta da Secretaria de Educação. Perguntar se eu tenho consentimento para fazer a pesquisa e utilizar o seu nome?

Pesquisado: Perfeitamente.

Pesquisador: Então primeiro agradecer desde o contato pelo telefone e também parabenizar o Município pelos resultados. E como sabe, eu trabalho diretamente com as escolas do campo. Aqui, a escola José Marcelino Pereira tem bons resultados em algumas avaliações externa, e eu queria saber, na sua visão, a que você atribui o bom desempenho dessa escola?

Pesquisado: Olha, nós tivemos uma palestra na sexta feira, e o palestrante chegou, Marcelo, que nos apoia com as apostilas. Ele disse “eu iria até perguntar por que vocês conseguem ir bem nos resultados, nos exames, nos testes, nas avaliações que são feitas”, mas ele viu o galpão lotado, e ele disse “eu já vi porque que é, que grande participação dos pais”. Eu acho que esse ponto é forte.

Pesquisador: É um ponto de fundamental importância?

Pesquisado: Os pais dão apoio e acompanham a vida escolar das crianças. Acho que é o ponto mais diferenciado que tem, porque é muito difícil você saber, pedagogicamente, o que é que está dando resultado. É igual eu penso, o cozinheiro não come da própria comida, ele não tem muita opinião formada. Então por outras pessoas terem comentado [...]

Pesquisador: O senhor acabou concordando com eles?

Pesquisado: Acabei concordando com eles.

Pesquisador: “Tá” joia. Como o senhor avalia, de longe enquanto Secretário da Pasta, a relação do planejamento? O senhor percebe um bom planejamento escolar?

Pesquisado: Olha, eu não vou dizer que seja só planejamento. Eu comento muito aqui, a qualidade da apostila [...]

Pesquisador: O senhor observa a direção escolar? Como avalia a participação?

Pesquisado: Eu vejo mais as professoras, supervisora, pessoal que tem mais contato direto com aluno.

Pesquisador: Eu iria perguntar sobre as professoras, a supervisora, e os próprios alunos e os pais, o senhor acabou adiantando [...]

Pesquisado: É

Pesquisador: [...] os temas que eu iria perguntar. Como é o apoio que a Secretaria de Educação fornece para a escola em termos pedagógicos? Material? Infraestrutura? O que você considera como relevante dentro desse processo?

Pesquisado: Eu posso dizer que é tudo. Tudo que você acha que falta para uma sala de aula funcionar mesmo nós fazemos questão de ajudar [incompreensível]

Pesquisador: “Teve” uma professora que nos contou que o essencial, o básico para a aula é prioridade. Exemplo, o quadro, precisou tem, mas pintura [...] “poderia ser melhor” [...] “poderia”, mas o que é prioridade o senhor acha que está bem atendido?

Pesquisado: Sim.

[telefone toca, entrevista interrompida]

[conversa termina, retornamos entrevista]

Pesquisador: Quando tem alguma dificuldade ou decisão a tomar, qual é a prioridade para se resolver?

Pesquisado: Aqui a gente procura, vamos dizer assim, coisas extra campo, por exemplo, transporte, uniforme, merenda fornece de modo adequado. Então com essa crise tem muita família que não teria condições. Resolvendo essa parte, você já minimiza. O aluno já vem com o que precisa para a escola. Ele tem o material, tem transporte, tem tudo. Além disso, tem bom apoio técnico da apostila, equipamento de vídeo. Essas coisas todas. E com isso, tem a dedicação, a vontade, e aí envolve todo mundo, professoras e os próprios alunos.

Pesquisador: Eu queria deixar a palavra livre [...] o que desejar falar [...]

Pesquisado: Olha, eu aqui. A única preocupação que eu tenho hoje [...] quando você chega lá em cima, é mais fácil do que se manter lá em cima. Porque nós não temos nada que é assim diferenciado, que salte aos olhos, não existe segredo, essa coisa evidenciada.

Pesquisador: Então está bom, eu agradeço ao senhor pela entrevista e a qualidade das informações. Muito Obrigado.

Pesquisado: Eu que agradeço.

APÊNDICE J

Secretária do Departamento de Educação

Dados do entrevistado:

Marilene Lara

Secretária do Departamento de Educação há 2 anos, antes exercia papel de tesoureira.

Contato: dpeducacao@saojosedabarra.mg.gov.br

A entrevistada preferiu não utilizar o recurso do gravador, as perguntas e respostas foram anotadas.

Formação: Sistemas de Informação

Pesquisador: Bom dia, Marilene. Como você já conhece os objetivos da pesquisa quero perguntar a qual motivo você atribui o desempenho da Escola José Marcelino Pereira?

Pesquisado: Bom dia. Então, parece que existe uma interação entre a escola e o público. Não adianta um fazer e o outro não. Tem o trabalho da direção e da supervisão, mas não adiante se eles quiserem algo e as pessoas não, então os alunos e pais correspondem bem.

Pesquisador: Qual é a relação da Secretaria com a escola? Quais são as principais formas de incentivo e apoio?

Pesquisado: Além do básico na relação entre Secretaria e escolas, a relação natural com todas, existe a assessoria pedagógica do NAME [Núcleo de Apoio à Municipalização do Ensino] que nos disponibiliza a apostila, o Portal, com vídeo-aula, provas. Realizam eventos, propõe pautas a serem trabalhadas em reuniões. Já aconteceu de palestrarem.

Pesquisador: O que você acha que pode melhorar nos serviços da Secretaria?

Pesquisado: Sempre é possível tentar melhorar, atender com mais agilidade aos pedidos, estrutura, professores, merenda, transportes.

Pesquisador: Como é o auxílio da Superintendência Regional de Ensino?

Pesquisado: Temos o apoio total, nossa regional é em Passos. O atendimento deles é bem feito por telefone e e-mail, mas poderia visitar com maior frequência o Município. Eles têm contribuído com o Plano Municipal de Educação.

Pesquisador: Como você avalia a participação dos pais na Escola José Marcelino Pereira?

Pesquisado: Eu acredito que o pessoal da própria comunidade de Bom Jesus dos Campos é mais participativo, os da Zona Rural não tem a mesma participação, naturalmente pela distância e dificuldade de locomoção para a comunidade.

Pesquisador: E como você resumiria o trabalho da direção e da supervisão?

Pesquisado: A diretora é sempre presente, conhece todos e a supervisora tem bom conhecimento, é uma união, uma equipe na qual eu incluo também os professores. Lá, todos respeitam a opinião uns dos outros, eles cooperam mesmo, sabe? E isso reflete no desempenho.

Pesquisador: Obrigado, pelas informações, elas serão de grande relevância para complementar a pesquisa. E obrigado também desde o contato inicial.

Pesquisado: Por nada, boa sorte em seu trabalho.

APÊNDICE K

Entrevista com a Diretora da Escola Maria Leite de Araújo

Dados do entrevistado:

Maria das Graças Nunes Bezerra

Diretora Geral da Escola há 8 anos.

Contato: gracinhapoco@gmail.com

Graduada em pedagogia e matemática, com formação em psicopedagogia e gestão escolar.

Pesquisador: De um modo geral: A quais motivos principais você atribui o bom desempenho da Escola?

Pesquisado: Considero como motivos principais o trabalho em equipe de todos nós que fazemos parte da escola, bem como ao gestor municipal e a Secretaria de Educação pelo acompanhamento e monitoramento dentro da escola. O compromisso dos nossos professores e o envolvimento da comunidade escolar com certeza fizeram a diferença.

Pesquisador: Que tipo de auxílio recebem da prefeitura municipal (secretaria de educação)? (projeto, material, infraestrutura, etc)? O contato é constante? Pessoas presentes? Explique!

Pesquisado: O auxílio que recebemos da Prefeitura Municipal são as reformas, materiais quando necessário e contato constante. A secretaria de Educação com formações para grupo gestor e professores, materiais complementares para os alunos (atividades e projetos didáticos), acompanhamento pedagógico, orientações administrativas e pedagógicas.

Pesquisador: Que tipo de auxílio recebem do Governo estadual (secretaria ou órgão regional)? (projeto, material, infraestrutura, etc)? O contato é constante? Pessoas presentes? Explique!

Pesquisado: O apoio que recebemos do estado é o material PAIC (material estruturado 1º e 2º ano, material complementar 3º, 4º e 5º anos), obras literárias do 1º ao 5º ano (coleção prosa e poesia), formação para os formadores municipais, premiação em dinheiro no caso das escolas alcançarem o título "escola nota 10".

Pesquisador: Como é a participação dos pais em eventos comemorativos, por exemplo? Participação? E na educação em si?

Pesquisado: A escola mantém uma ótima relação com a comunidade escolar (pais), em eventos eles participam de modo significativo, bem como nas reuniões bimestrais. Porém, os próprios pais já adquiriram o hábito de frequentar a escola como rotina, com isso eles dão sua contribuição na aprendizagem do aluno.

Pesquisador: Tem algum fato histórico local, alguma política ou alguma lei elaborada no passado que você acredita que possa ter influenciado o desempenho?

Pesquisado: A reformulação do Plano de Cargos e Carreiras para profissionais da educação que assegura direitos e vantagens ao professor.

Pesquisador: Sabemos que nem tudo é perfeito. Quais dificuldades, ou os maiores desafios que vocês encontram? O que ainda tem para melhorar?

Pesquisado: O nosso desafio diário é a distância da moradia dos alunos (apesar de terem transporte garantido), as obras da transposição do Rio São Francisco, pois a escola está localizada próxima a obra. Precisamos de melhorias na infraestrutura da escola.

Pesquisador: Aqui falaremos da possibilidade de alguém que não seja do corpo técnico da escola também ter ajudado bastante. Algum líder comunitário? Algum Secretário? Algum Prefeito alguém abraçou fortemente a causa de fortalecer a escola de modo a provocar uma grande mudança?

Pesquisado: Não houve ajuda de outras instituições. As mudanças aconteceram num trabalho conjunto: comunidade escolar, escola e gestão municipal.

Pesquisador: Descreva os principais métodos pedagógicos que diferenciam a escola.

Pesquisado: Desenvolvemos uma rotina diária que organiza os tempos didáticos em sala de aula.

Pesquisador: Como a escola (corpo técnico) e os envolvidos (pais, alunos) lidam com situações de dificuldade? Dê algum exemplo!

Pesquisado: Usando a boa vontade e a criatividade. Exemplo: rodas de leitura sob uma árvore na escola

Pesquisador: Quando há dificuldade com recurso? Ou com infraestrutura? Material? Como vocês procuram resolver? A quem costumam pedir auxílio?

Pesquisado: Quando precisamos de algum auxílio com materiais ou infraestrutura recorremos ao gestor municipal e a Secretaria de Educação.

Pesquisador: Há alguma liderança da comunidade escolar que realiza esforços muito além da média? Dê exemplos de participação.

Pesquisado: A maioria dos profissionais da educação está há bastante tempo, acredito que permaneçam por nossa escola ser um ambiente bastante acolhedor. Os que não permanecem, estão em coordenação pedagógica ou foram remanejados para escolas mais próximas a suas residências.

APÊNDICE L

Entrevista com o Diretor da Escola Vicente Antenor Ferreira

Dados do entrevistado:

José Carlos Rodrigues Gomes

Diretora da Escola há 7 anos, sendo 9, ao todo, como Diretor, incluindo outras escolas da rede.

Graduado em pedagogia, com especialização em gestão escolar.

Tempo total da entrevista: 29 minutos, 58 segundos.

Pesquisador: Então José Carlos, quero pedir sua autorização para gravar o áudio da nossa conversa...

Pesquisado: Tudo Bem!

Pesquisador: Como você avaliaria a relação de vocês com a Secretaria Municipal de Educação?

Pesquisado: A nossa relação com a Secretaria é muito boa e sólida. Temos, semanalmente, reuniões de diretores com objetivo de alinhar todo o trabalho desenvolvido pela escola. Tanto o pedagógico, quanto as questões administrativas. Isso fica muito claro para nós diretores nesses momentos, o fortalecimento de vínculo, o contato com outros diretores de outras escolas. Isso faz com que nosso trabalho fique parecido, muitas ações nós desenvolvemos na escola, elas foram desenvolvidas também em outras escolas, e aquilo que é bom buscamos adaptar para nossa realidade. Então, a relação com a secretaria é importantíssima para o sucesso de nossos alunos. E com a presença aqui, não apenas nessas reuniões, através da tutoria pedagógica e apoio administrativo.

Pesquisador: Você falou sobre troca de informações entre práticas, como é bem isso?

Pesquisado: Dependendo da pauta, existe socialização de situações exitosas. Então, depois tem espaço para expor, de que maneira se trabalhou determinada situação né? Aquilo acaba servindo, é um novo olhar para a situação.

Pesquisador: Outros órgãos da Prefeitura Municipal participam da vida escolar?

Pesquisado: Olha, algumas ações foram desenvolvidas de forma intersetorial, sobretudo, Secretaria de Saúde. Quando ela precisa dos diretores escolares a gente abre, até mesmo para as demais secretarias. Eu acho que isso abre caminho de parceria que vai nos ajudar. Por exemplo em uma situação com a dengue, zika e chikungunya.. Esse vínculo abre, por exemplo, quando precisamos de atendimento nas unidades Básicas de Saúde. Então nós temos uma parceria e nosso vínculo é muito forte. Por exemplo, se temos uma criança com problema dentário e isso está atrapalhando a frequência, acontece [...] a gente liga e fala “Camila, o que pode ser feito?”.

Pesquisador: Nesses casos, com a distância, que se desloca? A criança ou o profissional?

Pesquisado: Não, a criança. O profissional em situações regulares, por exemplo, para campanha da escovação anual e também mandando material pra cá.

Pesquisador: Aqui, vocês fazem parte da sexta CREDE (Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação), como é chamada e região de vocês pelo Estado [...] você tem informação de como é o auxílio à Secretaria? Em relação à esse órgão? Tem alguma participação?

Pesquisado: A sexta CREDE vem pela Superintendência (Municipal) Administrativa, mas também a Superintendência (Municipal) de Resultados, que sempre tem contato, e é importante para nós. O fluxo é Sexta CREDE – Secretaria – Escola. É uma relação indireta,

mas algumas vezes participamos de reunião. Vou lhe dar um exemplo, nós temos um Programa, que o Estado do Ceará abraçou, o PAIC, e também o Prêmio Escola Nota Dez, quando precisa de detalhes sobre como será a execução, aí a reunião é direta.

Pesquisador: E os órgãos federais? Excluindo questões obrigatórias?

Pesquisado: Bom, apenas os programas, tivemos o “Mais Educação”, para permanência de tempo maior na escola, mas a relação também é indireta. A execução é feita pela escola, e as informações chegam pela Secretaria.

Pesquisador: A escola de vocês tem alguma parceria com alguma Associação Local, ONG ou comunidade religiosa?

Pesquisado: Formal não, nós temos parceria com Igreja, Sindicato, Escolas do Estado. Então assim, nós vamos desenvolver um projeto, eu vou ao padre, a gente conversa e ele nos ajuda a divulgar.

Pesquisador: Conte-nos o último projeto...

Pesquisado: Pronto! Na mobilização do Dia “D”, pedimos que o padre avisasse na missa “no dia tal haverá uma caminhada”. Da mesma forma uma Igreja Evangélica, ou na época do Festejo em Setembro que costuma ter muita falta, e nos ajuda bastante.

Pesquisador: Eu ia lhe perguntar... Em alguma época do ano, por exemplo, colheita?

Pesquisado: Não, estamos quatro anos em seca verde. Você olha e nossa vegetação está ali, mas planta e não dá nada, isso não influencia em falta, nem nosso calendário.

[Posteriormente, o pesquisador indagou outras pessoas, informalmente, como as comunidades sobrevivem e permanecem no campo. A Prefeitura descentraliza algumas atividades e eventos da cidade para os distritos, por exemplo, uma Feira de Comércio, que atualmente é realizada no Distrito de Aprazível, movimenta a atividade econômica, além de uma política de incentivo à empresas para se instalarem no Município].

Pesquisador: Como é a participação dos pais?

Pesquisado: Aqui, nas comemorações é pouco, o melhor é dia das mães que tem boa participação, assim como Festa Junina que reúne, inclusive, pessoas que não tem filhos na escola.

Pesquisador: E as reuniões?

Pesquisado: Fazemos bimestral, tratamos de vários pontos, das avaliações internas e externas, dialogamos com os pais onde estamos bons e onde precisamos melhorar. E fazendo reuniões específicas por turma ou aluno. Não é difícil ter acesso aos pais, porque estamos em um distrito, a maioria das pessoas se conhecem, é, eu também conheço a maioria, não sou daqui, mas sou de um distrito próximo. Às vezes, até o vigia entrega um convite na casa de alguém quando precisa...

Pesquisador: Em comparação com outras escolas próximas, os pais participam mais ou menos?

Pesquisado: A situação não é ruim, os pais enxergam a educação como algo bom, por exemplo, um filho que não leva material... Nós falamos com os pais e geralmente eles acolhem, mas normalmente àqueles que acabam manifestando dificuldade são os que mostram alguma limitação.

Pesquisador: Você acha que tem alguma política elaborada no passado e que tem efeito nos bons desempenhos agora?

Pesquisado: Todas as crianças na escola, o Município de Sobral, ele não abre mão de nenhum aluno. Eu digo isso porque é nossa realidade, tanto minha quanto de outros diretores. O aluno pode querer desistir da escola, mas a escola não pode desistir do aluno. Isso fica muito forte

pra nós. Eu sei que a Lei diz que toda criança deve estar na escola, mas Sobral leva isso muito a sério.

Pesquisador: Tem algum fato histórico que tem influência nos bons resultados?

Pesquisado: Tem! Por muito tempo as lideranças escolares eram indicadas politicamente, o amigo, a sobrinha do vereador... Esse pessoal era indicado direto pra ser diretor... Coordenador... Depois de dois mil (ano 2000), após o Prefeito Cid ter feito muito investimento em educação, percebeu que, ainda assim, muitas crianças saíam das séries sem saber ler né? E ele não escondeu isso, mostrou mesmo pra todo mundo como era a situação de modo verdadeiro. E buscou parceria, por exemplo, com Instituto Ayrton Senna para mudar essa realidade. Entre as ações estruturadas teve essa da meritocracia para escolha dos diretores escolares. E foi o início da mudança, foi muito claro esse fato histórico, mexeu com todos, com a cultura das lideranças escolares. Eu, por exemplo, sou de um local próximo, mas que é de outro município e não tinha apadrinhamento. Com o processo adequado consegui chegar a diretor.

Pesquisador: E as dificuldades? Qual você considera a maior?

Pesquisado: Nós ainda temos o que melhorar, avançamos alguns passos, mas, por exemplo, no Fundamental II temos rotatividade de professores, alguns temporários... E os temporários deixam o distrito assumindo vagas mais próximas dos distritos deles. Isso dificulta, tem caso de professor que se tornou diretor de uma escola estadual e a vaga aqui fica sempre temporário né?

Pesquisador: Na rede tem alguma escola modelo? Em parceria com Universidade?

Pesquisado: Culturalmente, o CAIC tinha formação de professores, e hoje apesar de não ter mais, ficou uma tradição nesse sentido.

Pesquisador: Tem algum aspecto pedagógico que você acredita que diferencia esta escola para ela atingir bons resultados?

Pesquisado: Eu acredito nas ações estruturantes da Secretaria que fizeram com que nossos professores conseguissem dar os resultados que eles vêm dando, como: formação mensal; garantia de bom planejamento; momento de estudos dentro da escola, de fato; coordenação pedagógica com orientação adequada. Essas ações é que tem contribuído.

Pesquisador: Aqui na comunidade tem alguma liderança, algum pai que ajuda além do normal? Contribui significativamente?

Pesquisado: Não, os professores que são da própria comunidade desempenham isso, a ação deles faz toda a diferença. Final de ano se mobilizam para festa, e isso fortalece nossa parceria.

[Nesse momento houve uma etapa com flexibilidade percebida pelo pesquisador, por isso, não foi considerada para a pesquisa. O pesquisado esboçou “discursos” prontos, fugindo das questões e perguntas essenciais].

Pesquisador: Como procuram resolver problemas de material? Infraestrutura?

Pesquisado: Ofício para a Secretaria, mas apenas emergências, porque temos autonomia financeira, orçamento [parte inaudível].

Pesquisador: Alguma informação que queira passar? Deixo a palavra aberta para contribuição...

Pesquisado: Primeiro agradecer e pedir desculpas se em algum momento não respondi adequadamente, mas assim... Problemas sempre temos, eles estão dentro da escola, mas a solução também está dentro da escola, no chão da sala de aula está a resposta que buscamos para melhorar a educação dos nossos filhos.

APÊNDICE M

Entrevista com o Diretor da Escola Elpídio Ribeiro da Silva EIEF

Dados do entrevistado:

Francisco Osmarino Portela Ribeiro

Diretora da Escola há 15 anos, sendo 33 na rede de ensino.

Graduado em Pedagogia e em Língua Portuguesa, com especialização em Administração de Empresas e Administração Escolar.

Tempo total da entrevista: 25 minutos, 32 segundos.

Pesquisador: Como você avalia a relação da Secretaria Municipal de Educação com a escola Elpídeo Ribeiro? E alguns exemplos [...]

Pesquisado: Quando eu iniciei o trabalho, foi exatamente quando ocorreram algumas mudanças, né? Mudanças do bem, com o processo de seleção do diretor, de modificação do sistema e a cada ano vai se aperfeiçoando e a gente vai aprendendo cada vez mais e isso vai se adequando a nova demanda que vai surgindo, e aí criamos um elo com a Secretaria, então a relação vai se estendendo a cada ano. Por exemplo, em dois mil e quinze foi a tutoria, com mais um elo de apoio à escola, montando novas estratégias e um acompanhamento.

Pesquisador: E outros órgãos da Prefeitura, outras Secretarias, tem alguma parceria?

Pesquisado: Pra nossa realidade, tem uma parceria com PSF local, por exemplo, porque além do trabalho com sala de aula é preciso lazer e saúde, então se eu não tiver uma parceria boa com PSF o menino adoece né? Então combino com eles que os alunos que estudam pela manhã fazem tratamento à tarde, e os alunos que estudam à tarde fazem tratamento pela manhã, pra evitar que ele perca o dia de aula, a não ser que seja um tratamento que não deixa ele assistir à aula.

Pesquisador: Vocês fazem parte da sexta região da CREDE né? Como chegam pra vocês as políticas, normas deles? Seja direta ou indiretamente? E como chega pra vocês?

Pesquisado: O contato maior é com a Prefeitura em si, é um órgão do Governo do Estado e que a gente recebe a demanda pela Secretaria, então a gente não tem o contato direto, não temos aproximação com a CREDE. A CREDE é mais é documento, prestação de contas, do Prêmio Escola Nota 10, que a gente já ganhou. Com esses prêmios a gente tem a prestação de contas, e os acompanhamentos. Quem tem mais contato é a Secretaria que recebe a demanda e passa para as Escolas.

Pesquisador: A escola recebe algum auxílio para planejamento ou para o ensino em si? Ou quando precisa alterar a proposta pedagógica?

Pesquisado: Nós temos aí a Escola de Formação, onde todo mês os professores aperfeiçoam. Além disso, os professores têm o dia e o tempo certo para planejar a aula, uma vez na semana. Até que de alguma forma eu lamento as despesas porque a Prefeitura paga bem também o substituto que fica em sala todas essas ausências [...] paga o professor normalmente, como se estivesse em aula, paga o profissional que vai formar, paga o substituto também veículo e a formação dele também [...] só que não podemos considerar assim né? Porque é um investimento, nessa formação eles tiram a dúvida sobre ensino, planejamento, fazem perguntas, trazem respostas. Até mesmo dúvidas sobre conteúdo, questões [...]

Pesquisador: A comunidade local tem alguma Associação? Universidade? Movimento religioso que, às vezes, ajuda ou que vocês os ajudam em algum projeto? Evento?

Pesquisado: Com os diversos prêmios que recebemos, já ganhamos a credibilidade da comunidade. Depois, conseguimos trazer mais a comunidade pra dentro da escola, e isso aprendemos fazendo. Hoje, temos a participação de noventa e cinco por cento dos pais,

acompanhando a aprendizagem dos filhos, reuniões, eventos, mas com os dias bem planejados. Utilizamos a estratégia do evento para cobrar ou chamar para outras situações mais delicadas. No meio do evento, aproveitamos para lembrar [...] é uma estratégia que usamos. O pai de um aluno analfabeto tem mais dificuldade em acompanhar [...]

Pesquisador: É mais uma pergunta [...] Você vê alguma diferença na participação entre os pais daqueles alunos que ficam em pontos mais distantes da escola em relação aos da comunidade local?

Pesquisado: Não, por sinal é o contrário. O ponto mais distante, do aluno que mais anda é quinze quilômetros. O menino acorda ainda mais cedo, sempre chegam no horário certo, já tenho aluno que mora duzentos metros, bem pertinho ali, chega atrasado. Às vezes nem a distância faz com que você tenha menor acompanhamento, mas sim a instrução. Então esses pais têm vontade, mas no início é preciso quebrar a resistência, porque eles pensam “se eu não assino meu nome, não sei ler, não sei escrever, eu sobrevivo bem, então meu filho também não precisa”. É uma mentalidade que precisamos ir ajudando a construir, e quando você consegue ele passa a dar mais valor. Nós fizemos um mutirão de visita aí, visitamos todas as famílias, os professores iam também e preenchiam um questionário das famílias, aí eles sentiram, e entenderam melhor a realidade de cada um [...] porque faltavam, porque não, a satisfação deles quando a gente chegava em uma casinha, eles preocupados “não ofereço café porque a gente não tem”, uma situação de extrema pobreza, então os professores passaram a ter uma percepção de que aquilo ali poderia trazer motivos pra algum aluno chegar rebelde, ou vir com fome, aí os professores acabaram entendemos mais os meninos. A primeira vez que fizemos foi em dois mil e cinco uma bem geral, a gente ainda faz, mas não daquela forma [...] serviu até de mídia né? Só que foi um pontapé importante no entendimento da realidade de cada um, das carências, do aconchego, então nos eventos nós corremos atrás de brindes, presentes de verdade [...] os próprios professores comprem também, e o pai fica sabendo qual o nível de atenção o profissional tem com o filho dele. Agora, o que precisa? Atenção para eles [...] quem é o dono da razão é o pai. É preciso dizer que eles tem razão, mesmo quando não tem por causa da sensação de apoio, com isso eles ficam mais abertos a receberem algum pedido [...]

Pesquisador: E isso parte da Escola? Não tem uma orientação sobre esse perfil por ser uma Escola do Campo?

Pesquisado: Não, cada gestor cuida da sua realidade. Não significa que é certo isso que eu estou fazendo. E também pode ser que isso dá certo pra mim, e vai dar certo pra outro.

Pesquisador: Você destacaria alguma liderança ali do local que tenha ajudado a escola? Assim, acima da média?

Pesquisado: Não, nunca conseguimos trabalho voluntário grande, ainda falta um amadurecimento. O pessoal pensa que quem está pago é que deve fazer. Pra coisas pequenas, alguém ajuda no final de semana, tranquilo, mas existe uma certa rejeição de que tem alguém pago pra fazer.

Pesquisador: E quando tem alguma dificuldade de infraestrutura ou de material?

Pesquisado: Nós sempre temos nossa autonomia, nosso planejamento, o pessoal certo que faz e que resolve cada tipo de problema, e então nós vamos administrando isso. Desde o material até o sino, por exemplo, na nossa escola não tocamos sirene, cada um sabe seu horário e sua função na escola, mas se ele não for, conversamos, então ele fica com vergonha.

Pesquisador: Você acha que sua equipe de professores é unida?

Pesquisado: A equipe sim, nós consideramos uma família [...]

Pesquisador: Tem algum exemplo que você acha interessante citar [...]

Pesquisado: Quando uma pessoa adoece lá, sempre alguém se disponibiliza pra ajudar. Temos uma política de que pode errar, não pode continuar. E fora da questão do professor também, esses dias eu fiz uma planilha de divisão da limpeza, com atribuição de responsabilidade porque se não tivesse uma parte ou outra pronta, teria um responsável, fui passar pro pessoal eles disseram “vai ficar limpo, não precisamos desse papel” eu disse “tudo bem” e joguei fora, o que importa é que esteja feito, depois se não der certo faço a divisão novamente, mas pra união é preciso ter essa confiança.

Pesquisador: A maioria dos funcionários que trabalham na escola permanece por muito tempo ou tem rotatividade alta?

Pesquisado: Não, pessoal trabalha na escola dez, doze anos. O que está dando certo fica e mantém aperfeiçoando, quando não vai bem as próprias pessoas percebem que não são dali.

Pesquisador: Dentre essas políticas ou sobre esse assunto [...] tem mais alguma coisa que você queira dizer ou esclarecer em relação ao bom desempenho da escola?

Pesquisado: É o que levou a esse desempenho né? Até dois mil tinha muito aluno analfabeto né? No início, com pessoal mal acostumado sabe, foi muito difícil, hoje não [...] quando alguém sai da gestão da escola e outro assume, ou ele já foi coordenador pedagógico ou ele já foi professor, sempre alguém que conhece a rede, sabe como é o passo a passo, porque quem assume tem muita coisa pra aprender, por isso ele tem que [...] acompanhar [...] ser diretor em Sobral é um desafio [...]

Pesquisador: Pressão? Resultado?

Pesquisado: Não, não. A pressão é o seguinte, você sente-se pressionado por você. Imagine, nós que temos IDEB nove, pra manter? Precisa cobrar? Não precisa! Quanto mais você sobe, mais tem pressão. Imagine uma escola que é sempre premiada, e em algum ano não consegue nada [...] o tamanho da vergonha que a gente fica? Alguém chegou e perguntou? Não! Você se sente perante o sistema.

Pesquisador: Então obrigado pelas informações.

APÊNDICE N

Entrevista com a Diretora da Escola Antônio Custódio de Azevedo EIEF

Dados do entrevistado:

Rosa Maria de Araújo

Professora da rede municipal há 23 anos, sendo 3 como Diretora da Escola.

Graduada em Matemática, com especialização em Ensino de Matemática e em Gestão Escolar.

Tempo total da entrevista: 21 minutos, 30 segundos.

Antes da entrevista: pequeno tempo de áudio ligado captou depoimento da diretora sobre a falta de água nas comunidades atendidas pela escola e na própria escola que não foi transcrito.

Pesquisador: [...] Então Rosa, eu peço exemplos sobre é a relação com a Secretaria Municipal de Educação [...]

Pesquisado: Na verdade temos obtido um certo destaque, a escola tem toda uma trajetória, mas por trás disso tem o apoio da Secretaria. Nós seguimos as normas e portarias da Secretaria [...]

Pesquisador: Dê exemplo de algum projeto ou situação que teve o apoio da Secretaria [...]

Pesquisado: São tantos que a gente nem tem como citar [...] deixa eu ver [...] A jornada educação, foi realizada bem antes de o Governo Federal implantar o Mais Educação, trabalhar contra turno escolar. Agora estamos em um momento de crise, mas foi uma iniciativa interessante, que tentava permanecer as crianças na escola o máximo de tempo possível. Através da Jornada ampliada tinha projetos, “Contação” de história, artes, músicas, diversas atividades e a escola, de acordo com a demanda, a gente solicitava profissionais e conseguíamos atrair o aluno na escola. O objetivo era esse, a permanência, e com a permanência, a aprendizagem.

Pesquisador: E alguma parceria com algum outro órgão da Prefeitura que não seja a Secretaria de Educação tem alguma diferença? Por exemplo, com Secretaria de Saúde? Quando há alguma situação atende da mesma forma que a Secretaria de Educação?

Pesquisado: Isso aí, outros diretores já devem ter falado né? A gente busca colaborar com tudo, né? Mas [...] é [...] é [...] se é saúde busca a escola, se a empresa conta com a escola, se é limpeza busca a escola, todas as vias levam para a escola, então a gente ajuda, faz nossa parte de conscientização, mas nem sempre a gente tem o retorno do que a gente planeja. Teve um exemplo de conscientização sobre o *aedes*, nossos horários bem programados, e o suporte desejado demora mais, então quando envolve assim, sempre pensamos em executar também para não precisar contar [...] pensamos “vamos arrumar carro de som”, arrumamos aqui, porque não vem. Já aconteceu de contarmos com palco, e não ter, a gente já pensa no Plano B, não é questão de pessimismo não [...]

Pesquisador: Vocês estão em uma escola de distrito né? Tem alguma diferença para as escolas da cidade?

Pesquisado: Não, o que a gente perde é só a facilidade de contato, porque como as coisas acontecem mais no centro, fica mais difícil somente o contato né? A escola planeja uma visita, o transporte um pouco mais difícil [...]

Pesquisador: Para um museu, por exemplo?

Pesquisado: Sim, um agendamento com antecedência [...] casa do papai noel, algum evento, são essas coisas que são mais complicadas.

Pesquisador: A escola conta com algum apoio de alguma associação local? Alguma ONG? Comunidade religiosa?

Pesquisado: Quando a gente planeja algum evento. Dia das mães, natal [...] solicitamos a ajuda de alguns ilustres moradores, às vezes, eles ajudam com brindes, agora dizer que alguém contribui financeiramente [...]

Pesquisador: Não, digo apoio não financeiro, de ação [...]?

Pesquisado: Não.

Pesquisador: E como é a participação dos pais em reuniões e eventos?

Pesquisado: Em eventos, normalmente participam bem, não no sentido de se doarem, mas de presença mesmo, para serem beneficiados, com brincadeiras, brindes, nesse sentido. E nas reuniões, temos um grupo muito presente. Logicamente, que tem as exceções [...]

Pesquisador: Você acha que os pais que estão mais próximos aqui participam mais ou não tem essa diferença?

Pesquisado: Não, varia da família. Mandamos comunicados, mas dependendo da situação passamos a ir até as famílias. Essa escola aqui está em cinco localidades, contando os anexos, então [...] exemplo, Pedra de Fogo, pra fazer reunião aqui não tem como eles virem, daí fazemos a reunião lá. A não ser que seja uma reunião geral, aí conseguimos um carro, para trazer o pessoal todo pra cá, mas quando podemos subdividir, fazemos reuniões em cada extensão e a presença é significativa.

Pesquisador: E com relação a história da cidade, tem algum momento que você considera importante para uma virada no processo educacional para melhorar o desempenho?

Pesquisado: Olha, que eu estou nessa escola, e bem antes dessa, sempre houve muito incentivo. No caso da nossa escola, tem muita gente da equipe que vem de outras localidades, então mostramos pra eles que é sempre bom buscar um pouquinho mais das famílias a participarem, a irem em reuniões, pra reivindicar. Nós estamos aqui na polo (escola) né? Mas incentivamos todos essa mesma participação.

Pesquisador: E quando tem algum problema nessas localidades, infraestrutura? Algum conserto? Como resolvem?

Pesquisado: Quando é algo como porta, janela, telha, pintura, coisas básicas, a escola tem autonomia pra isso. Nossa verba mensal, via Prefeitura, resolvemos problemas pequenos, temos funcionários com suas habilidades. Quando não dá, temos verba do FNDE contratamos empresas especializadas. Os gastos mensais de limpeza, nós controlamos. Existe um veículo diário que vai e volta todos os dias, e quando existe alguma demanda que não é possível de resolver, comunicamos facilmente. Tentamos resolver a situação dos anexos sempre aqui na Escola Polo primeiro, e quando não é possível, do fornecedor em Sobral.

Pesquisador: [...] Nunca ocorreu, em algum evento organizado pela escola, de algum morador ou pai, dedicar seu tempo, pra fazer uma comida pra ser vendida, por exemplo, em uma festa junina? Não tem esse tipo de mobilização?

Pesquisado: Não, quando muito, o pessoal se mobiliza pra festa do nono ano, os próprios meninos. A comunidade mesmo, ainda não conseguiu chegar nesse ponto. Em Rafael Arruda, eu moro, nos eventos da Igreja já chegamos nesse nível, mas aqui na Escola ainda não chegou nesse nível.

Pesquisador: E o corpo técnico, como eles lidam com a dificuldade do aluno?

Pesquisado: Como eu falei, graças a Deus, conseguimos conscientização muito boa nesse sentido. Na época em que eu era só professora não tinha muito, como professora de Matemática eu era “ruim” nisso! Não aprendeu [...] está reprovado [...] hoje não, a Secretaria oferece o apoio [...] se o aluno não foi capaz algumas medidas são tomadas para ajudá-lo a recuperar, ele pode ser incluído em turma de reforço, com aula no contra turno, o aluno tem o acervo de possibilidades de aprender, mas quando um aluno está dando trabalho tem a

estratégia de conversa com aluno, depois com os pais, depois o Conselho Escolar. A escola tem uma política do próprio professor apadrinhas alunos frágeis das turmas [...]

Pesquisador: Tem adesão de todos os professores nessa ideia? Ou alguns participam mais, outros menos?

Pesquisado: É quase todos. Se você chegar ali na sala seis você vai ver a professora do segundo ano dando aula. Essa turma funciona regularmente na manhã. Se você chegar na sala um, a mesma coisa. Elas estão aí duas a três vezes por semana, nesse momento, de forma voluntária, pra que? Porque alguns de seus alunos tem fragilidades, e elas estão ali tentando deixar os meninos no mesmo nível, e essa ação não é do Professor X ou Y. Em alguns locais, se queixam do Professor efetivo, que se acomoda, aqui na escola não temos isso, aliás, temos tão pouco que nem compensa falar, mas a maioria veste a camisa [...]

Pesquisador: Queria então que pensasse algo para falar, sobre como atingiram tão bom desempenho, diante de toda essa dificuldade que contou antes da entrevista [...] de modo livre, o que desejar [...]

Pesquisado: Eu acho que a palavra-chave é união, união, união, todo mundo com um só objetivo.

Pesquisador: Muito obrigado Rosa!

Pesquisado: Espero ser útil.

Pesquisador: Com certeza, sempre é!

APÊNDICE O

Entrevista com a Diretora da Escola Leonília Gomes Parente EIEF

Dados do entrevistado:

Jaqueline Madeira Batista

Professora da rede municipal há 31 anos, sendo 15 como Diretora da Escola.

Graduada em História, com especialização em Gestão Escolar.

Tempo total da entrevista: 20 minutos, 30 segundos.

Pesquisador: Quais tipos de auxílio a Secretaria de Educação fornece pra vocês?

Pesquisado: Pronto, a escola tem uma autonomia financeira e pedagógica, e aí assim [...] como nosso foco é mais no pedagógico eu prefiro falar sobre isso. A Secretaria fornece apoio na formação do pessoal, com [...] material [...] é, é [...] todo estruturado, autonomia adequada às necessidades da Escola. Acompanhamento sistemático, com mapeamento e estudos. E a partir desses resultados, monitora as dificuldades percebidas.

Pesquisador: Quando tem a necessidade de algum outro órgão, exceto a Secretaria de Educação, desenvolver algum projeto junto à Escola, como é a relação?

Pesquisado: Não, assim, a gente tem outras Secretarias, geralmente a [...] a Saúde [...] é [...] tem [...]

Pesquisador: Então, use como exemplo a Saúde, você vê diferença na agilidade, na presteza, em comparação a Secretaria de Educação?

Pesquisado: Cada Secretaria na sua área né? Tenta atender da forma como é orientado né? Não sei o sentido da tua pergunta [...] tem falhas, assim [...] quando busca parcerias, tem certa resistência porque a rotina da escola é muito mais ágil do que do atendimento em saúde [...]

Pesquisador: Tudo bem, tem alguma política que você acredita que seja diferente entre as escolas do distrito com as escolas da sede?

Pesquisado: Não, o sistema é um só. O mesmo cuidado, o mesmo acompanhamento que é dado às escolas da sede é dado às escolas do distrito. É uma rede, um sistema. Quando a gente escuta falar de uma escola que tem um trabalho A ou B [...] tudo bem, é claro que cada escola tem sua realidade, mas o objetivo do sistema é bem claro.

Pesquisador: Eventualmente encontramos parcerias. Tem alguma comunidade religiosa ou Associação Local que ajuda ou é ajudada pela escola?

Pesquisado: Aqui mesmo no nosso distrito, temos a Igreja, chamamos o padre para palestras [...]

Pesquisador: Com que frequência?

Pesquisado: Normalmente, assim, em uma semana pedagógica [...]

Pesquisador: Uma vez no semestre?

Pesquisado: Sim, sim. E com a comunidade tem o chamado “prefeitinho” né? Que são responsáveis também, tem o CRAS, que tem psicólogo e a gente recorre. A partir da infrequência do menino, procuramos informação sobre o fator socioeconômico [...]

Pesquisador: Quero aproveitar que está nesse assunto e perguntar: quando o menino está sem frequência ou outra situação de dificuldade, como o corpo técnico lida com isso? Essas situações de dificuldade?

Pesquisado: A prioridade é garantir o menino na escola. Deixamos claro para a família desde a matrícula. Como conhecemos a comunidade, aqui há mais de dezesseis, já até detectamos

algumas antecipadamente. Tem situações, que mesmo sendo responsabilidade da família, de vez em quando, a escola tem que atuar. Chamamos a mãe na escola, em última instância, aciona o Conselho Tutelar, algumas vezes melhora com a visita do conselheiro, mas quando não fica bom tem que ter o jogo de cintura, porque a prioridade é ter o menino na escola.

Pesquisador: Você citou um termo agora mesmo “prefeitinho”, o que seria?

Pesquisado: É um responsável ali pelas demandas do local.

Pesquisador: É só aqui, ou nos outros [...]

Pesquisado: Tem também.

Pesquisador: Costuma ter pais ou mães de alunos?

Pesquisado: Sim, no dia D da dengue, o representante local veio, trouxe os garis né? E sempre que precisa, temos contato.

Pesquisador: Tem algum fato histórico na cidade ou na comunidade que seja importante para o bom desempenho escolar?

Pesquisado: A comunidade aqui, apesar de eu considerar que tenham boa participação nas reuniões mais gerais e fraca nas individualizadas, eu percebo que ela é participativa quando é convocada, espontaneamente é mais difícil, mas no sentido de acompanhar, trazer pra escola [...] aqui nesse prédio é do infantil até o terceiro ano, são crianças mais acompanhadas, e que já é diferente de um outro prédio que temos somente do sexto ao nono, mas com conscientização isso já vai melhorando. Claro que a gente não pode generalizar, mas quando falamos da importância da família no ensino, vemos que isso vai melhorando.

Pesquisador: Se tivesse que dar uma nota para os funcionários, como um todo, que nota daria?

Pesquisado: A nota que eu daria, eu acho que daria [...] um [...] oito ou nove [...]

Pesquisador: Está difícil dar a nota?

Pesquisado: Não, não.

Pesquisador: O que falta para o dez?

Pesquisado: Trabalhar com gente, agente já sabe [...] tem as dificuldades normais, por isso eu fico com o oito. Dez eu acho mais difícil, mas é uma equipe em bom desempenho.

Pesquisador: E quando tem dificuldade por algum recurso? Conserto básico que é emergencial, como procuram resolver?

Pesquisado: A escola tem autonomia financeira, priorizamos o básico né? Em contrapartida, Secretaria ajuda em papéis para atividades dos meninos. E aí, resolvendo os problemas básicos com o planejamento, o emergencial fica fácil quando acontece.

Pesquisador: Você tem muita rotatividade de funcionários?

Pesquisado: Surge mais com licença, normalmente, doença [...] encaminhamos para Secretaria liberar.

Pesquisador: E aqueles problemas de pessoas que você citou, qual mais frequente? E como resolve?

Pesquisado: Então, é relacionamento né? Mas vamos trabalhando com o clima. Eu preciso, ao sair de casa, me sentir bem, quando é sábado, domingo e feriado, já fico, né? Esse é o sentimento que eu tento passar pra resolver. Claro, que tem dias que estamos melhor, ou pior [...] só que como diretora tem que ser um exemplo maior, não posso passar de cara fechada, por exemplo. Além disso, tem os probleminhas que temos que chamar e conversar [...]

Pesquisador: Vocês parecem receber muito auxílio pedagógico, formação continuada [...] tem alguma parte desse treinamento para trabalhar o clima?

Pesquisado: Não, os professores possuem a formação do “fazer pedagógico”. Quando eu reúno um grupo de professores pra falar de resultados, eu sempre aproveito e coloco também as necessidades sobre comportamento e postura, na ideia de ajudar um ao outro, não apontar o erro [...]

Pesquisador: Em relação ao desempenho que a escola atingiu, você queria colocar alguma coisa que não foi tratada ao longo da entrevista livremente?

Pesquisado: Eu acho que isso vem do próprio sistema desde dois mil e um, quando começamos, depois tem toda a trajetória né? Foi muito bem definido e passando para as escolas [...] não é que uma escola tente concorrer com a outra né? Não é uma ou outra escola, é o sistema. E aí, fomos passando isso, e o trabalho deu resultado, mas o que queremos mesmo, com todo suor derramado, é ter o retorno, e o bom é que o retorno não é só pra dizer que a diretora da escola tem o resultado, e não é só pra dizer que o professor tem o tá resultado, mas o aluno [...] a condição que ele saiu, se o foco é o aluno, é ele sair bem pra dar continuidade, a importância do nosso aluno, né? Dos nossos meninos, tudo em função deles.

Pesquisador: Então quero agradecer Jaqueline, obrigado, bom trabalho.

Pesquisado: Eu desejo boa sorte em teu trabalho.

APÊNDICE P

Entrevista com Coordenadora pedagógica da Escola Deliza Lopes EIEF

Dados do entrevistado:

Ana Célia Dias da Silva

Há 8 anos como Coordenadora Pedagógica da Escola.

Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia.

Tempo total da entrevista: 13 minutos, 18 segundos.

Pesquisador: Bom dia Ana Célia, coordenadora pedagógica da Escola Deliza Lopes, estamos aqui em uma extensão, um anexo da Escola. Como você avalia as políticas entre as escolas próximas da região central com as escolas que ficam em locais mais distante, como essa por exemplo?

Pesquisado: Eu não vejo tanta diferença assim não viu? A única diferença é, no caso, se, ou quando acontece o retardamento de entrega de algum material. E às vezes transporte e o material não chegam. As outras escolas começam e nós mais tarde. Porém não existe diferença no distrito para a sede não. A gente recebe o mesmo apoio, mesmo material, tudo da mesma forma, no mesmo ritmo. Uma escola, como aqui na Zona Rural, e lá é praticamente a mesma coisa. O que a gente tem de bom são as formações, nós coordenadores passamos pelo mesmo processo.

Pesquisador: Já aconteceu alguma eventualidade de transporte?

Pesquisado: Não, quando eu falo de transporte é em relação a material didático.

Pesquisador: E como vocês resolvem então quando um material atrasa?

Pesquisado: Normalmente o pessoal entra em contato e avisa. Eles nunca deixam a gente sem a informação. Aí estipulam data para começarmos, adaptamos.

Pesquisador: Qual diferença você vê entre o Ensino Fundamental I e II?

Pesquisado: Pra mim, é em relação as famílias, porque no Ensino Fundamental I os pais acompanham mais, no Fundamental II, nem tanto. Os meninos ficam mais independentes e os pais acompanham menos.

Pesquisador: Algum trabalho específico para tentar suprir essa carência?

Pesquisado: Sim! Fazemos visitas às famílias [...]

Pesquisador: É mais quem? O professor?

Pesquisado: O núcleo Gestor, nesse caso, pode ser coordenador e diretor, mas com participação do professor também. A gente marca visitas, por exemplo, com pessoal aqui da Água Doce. Aí depende da situação.

Pesquisador: Nessa unidade da Escola, quantos professores trabalham?

Pesquisado: Sete professores.

Pesquisador: E como você avalia a união entre eles?

Pesquisado: Muito boa, é mais que união, é parceria. Nosso trabalho é vinculado. Exatamente agora eu estava fazendo avaliação de leitura, pra saber que ações vamos fazer, e o resgate de quais alunos. E isso influencia diretamente na matemática, ajuda ele a ler o problema adequadamente, né? Se ele coloca pontuação que não deve, ou tira, vai ter problema. Então assim, é um trabalho que depende um do outro. E os professores são bem conscientes disso.

Pesquisador: Quando que você sente a diferença das séries iniciais para as finais?

Pesquisado: Na transição [...]

Pesquisador: Exatamente na transição?

Pesquisado: Sim! Até aquele momento é um professor polivalente. O professor vira referência, e no Fundamental II ele se desdobra [...] Ciências, História, Geografia [...] A gente percebe um problema quando eles vem lá do quinto para o sexto, vemos a queda. E com o tempo, alguns vão se adaptando [...] Esse sexto ano eles me dizem “ei, tia estou com saudade lá do quinto, lá da outra escola” eles dizem outra escola porque aqui é anexo, tem a parte física que é separado, eles estranham isso.

Pesquisador: Se você tivesse que dar uma sugestão pra melhorar a transição [...] com sua experiência de oito anos?

Pesquisado: Um bloco só, aqui é um braço, embora todos os eventos aconteçam juntos. Essa extensão atende vários alunos, de perto e de longe, então de qualquer forma tem o transporte. Se houvesse o local, como eles estão planejando, inclusive tempo integral, melhoraria um pouco a transição. Porque temos pessoas do acampamento de São João, pra lá tem Água Doce, Atimbauba, então uma infraestrutura para atender o pessoal do Fundamental II ajudaria nosso trabalho. A gente não sente dificuldade da movimentação do transporte, por eles tudo bem.

Pesquisador: Quando vão ficando mais velhos não falta uma perspectiva de futuro? Em relação à terra? À condição do local? Da falta de água de colheita? Nessa passagem da infância pra adolescência e juventude?

Pesquisado: Atrapalha [...] sim, só que isso não é uma regra. A gente tem exemplo de alunos que se destacam, eu vejo isso por comunidades. Algumas são altamente desenvolvidas [...] de meninos que dizem assim “tia eu vou ser psicóloga” [...]

Pesquisador: Tem algum trabalho pra identificar isso? Eu sei que no Ensino Médio amplia, mas quando estão chegando no nono ano?

Pesquisado: Giuliano, eu vejo aqui a escola, pra esse pessoal, como um trampolim. Pra essa realidade que você colocou, a escola é o berço dos sonhos, eles veem a escola como uma chance, oportunidade para concretizarem [...] como a escola é pequena, então eu tenho proximidade com as famílias, isso favorece [...] você perguntou se tem um trabalho direcionado [...] claro, porque o conhecimento das famílias faz com que ele seja natural. Então temos menino aqui medalhista das Olimpíadas de Matemática, nós temos algumas comunidades que já estão avançadas, outras estão começando a despertar agora, isso também depende. Não é que a gente queira taxar, mas tem comunidades diferentes umas das outras, e o desafio maior da escola é essa perspectiva, a motivação.

Pesquisador: Vou deixar a palavra aberta para você, o que você desejar [...]

Pesquisado: O que a escola poderia ser bem melhor, seria a estrutura, está certo que não é tudo, mas os alunos daqui do anexo não tem local para praticar esportes, por exemplo, eles estão em plena descoberta dos hormônios né? A gente poderia direcionar isso melhor, uma quadra [...] eles gostam disso [...] está na natureza deles [...] o que eu acho que poderia ser um pouco melhor seria isso.

Pesquisador: Então muito obrigado viu Ana Célia pela sua participação.

Pesquisado: Obrigada você também [...]

APÊNDICE Q

Entrevista com a Diretora da Escola Araújo Chaves EIEF

Dados do entrevistado:

Luidimila Tomaz de S. Carneiro

Tempo na rede de ensino: 10 anos, sendo 4 como Diretora da Escola

Formação: Pedagogia, com especialização em Formação de Docentes

Duração total da entrevista: 25 minutos 59 segundos

Pesquisador: Bom dia Luidimila, sobre as políticas de avaliação externa, do Município, como você interpreta e como acha que pode ajudar no desempenho?

Pesquisado: Assim Giuliano, nós temos a avaliação interna né? Que realizamos mensalmente que é diagnóstico que fazemos para ver como estão os meninos, e a avaliação externa que ajuda a nortear o gestor nas possibilidades de melhorarmos cada vez mais. Quando eles realizam as avaliações, o objetivo é entender como está o ensino nas escolas, e a medida que a gente analisa esses resultados, a gente já toma novos posicionamentos para melhorar aquele resultado. Não fica aquela coisa parada, ou só na escola. A Secretaria da Educação toma conhecimento de como está, e nos proporciona as condições, com esse suporte dentro da escola, junto aos professores, não nos falta nada.

Pesquisador: E essa política de incentivo aos professores? E de premiação às escolas, como você avalia?

Pesquisado: Pronto. Aqui na escola somos tranquilos em relação a isso. Lógico que a gente entende como forma de levantar autoestima como forma de incentivo. Aqui na escola, temos a vantagem de ter todos os professores todos aqui da região.

Pesquisador: Eles conhecem os alunos? A realidade?

Pesquisado: Conhecem. Alguns são primos, afilhados, sabe, família.

Pesquisador: Você acha que isso ajuda na aprendizagem em que aspecto?

Pesquisado: De conhecimento mesmo, da realidade e da família. Tem uma prática de conversa individual com os meninos. Uma característica minha, de gostar de conversar, de dizer onde ele precisa melhorar, perguntar o que está acontecendo. E isso passa para os professores também, ainda há pouco antes de você chegar eu estava tendo essa conversa com um professor, e o retorno é mais rápido, e fica melhor para tomar uma decisão. E assim, não só eu como gestora, mas os próprios professores, então como eles são da região eu digo [...] digam que o trabalho é de segunda a sexta, porque chega um final de semana uma festa de aniversário sempre surge um assunto de escola “como está meu filho?”, isso é muito bom.

Pesquisador: Além da própria característica da escola e dos professores serem do local, tem alguma associação, organização religiosa que também ajuda em algum projeto ou algum tipo de evento da escola?

Pesquisado: Aqui na Bilheira, por ser um povoado, nós temos uma pessoa que trabalha na escola muito envolvido lá na Igreja [...]

Pesquisador: E algum tipo de parceria com algum outro órgão da Prefeitura também, que não seja a Secretaria de Educação?

Pesquisado: Não, não. As nossas atividades essenciais são centradas na Secretaria de Educação.

Pesquisador: Eu quero sua opinião sobre as formas de avaliação externa, do governo estadual e do governo federal. Você acha que os indicadores criados por eles, de fato, refletem a qualidade da educação?

Pesquisado: Assim, os nossos próprios alunos já percebem essa importância de avaliações na escola. A gente trata de uma forma tranquila, eles não tem nenhum [...] ficam nervosos, ficam preocupados, mas a gente já começa a tratar desde o início do ano, as turmas que participam do SPAECE né? A medida que o trabalho se realiza, quando chegam as provas eles são muito tranquilos. E quanto a esse resultado [...]

Pesquisador: Tem alguma coisa que você acha que pode melhorar na avaliação? Alguma competência que acha que não mede muito bem?

Pesquisado: Não, eu acho muito válido todo esse processo. Inclusive, na nossa conversa com os alunos, que o Estado, que o País, estão medindo se a escola está ensinando aquilo que é proposto pra eles, na idade certa, e a medida que eles dão o resultado, é uma resposta sobre onde precisamos melhorar.

Pesquisador: Nos resultados, já compararam as avaliações municipais com as estaduais ou federais, os alunos que saem bem são os mesmos ou dá grandes diferenças?

Pesquisado: A maioria é bem regular, mas sempre acontece aqueles que se saem melhor na avaliação interna, mas são poucos. Os que são bons, são bons mesmo, independente da avaliação.

Pesquisador: E quando um aluno vai mal, como vocês ajudam a recuperar a aprendizagem. Que ação a escola faz quando não há um resultado satisfatório.

Pesquisado: Pronto. Nós trabalhamos com o contra turno, se a gente consegue convencer os alunos. Inclusive, segundo, quinto e nono ano, que são as três turmas de foco, agente consegue já no início do ano convencer as famílias a deixar as crianças mais tempo na escola. Desse modo, conseguimos reforçar as dificuldades que eles têm. Como trazemos praticamente a turma toda, nos organizamos de uma forma diferenciada no contra turno. Nesse horário são atividades mais dinâmicas, em ritmo diferenciado, e a resposta é rápida, eles conseguem melhorar muito.

Pesquisador: Eu queria que você falasse livremente, sobre o bom desempenho de vocês [...]

Pesquisado: É, assim, o compromisso dos professores, todos são da região, são pessoas capacitadas, comprometidas, e não tem troca de professor, a equipe é a mesma tem muito tempo, não tem rotatividade. Isso é bom porque as crianças ficam mais conhecidas deles. As crianças passam aqui do infantil até o nono ano e os professores conhecem cada um. Outro ponto que gosto de falar é a tranquilidade, harmonia, parceria entre os professores. Todo mundo muito disponível, troca de informações de um jeito favorável. É lógico que tem problema, mas nada que prejudique o processo de ensino aprendizagem. A disponibilidade dos professores é espetacular. Eles se disponibilizam, por exemplo, nas janelas, com vontade de ver os outros crescerem. Não adianta o resultado no quinto ano, porque eles estão agora no terceiro, mas já já eles estarão lá no quinto. Hoje a gente já pensa desde o infantil.

Pesquisador: Eu ouvi uma queixa de um outro colega, em relação a construção do universo simbólico. Na Prova Brasil caiu uma questão com contexto de elevador, por exemplo, isso não faz parte do universo dos alunos de vocês. Isso modifica algo pra vocês?

Pesquisado: Assim, nós temos, por exemplo, nesse momento, estamos com dificuldade de transporte, a crise, então não estamos levando os meninos daqui para shopping, museu, atividade ambiental, nesse momento, mas na medida do possível, levamos os meninos pra

cidade. Até um professor, uma equipe junta leva alguns alunos, na próxima semana outro. Nos organizamos e fazemos visitas, porque eles precisam conhecer esse outro mundo. No ano passado, fizemos uma visita pra conhecer o shopping, uma escada rolante, eles ficavam assim três horas vendo, de um jeito livre. Depois os relatos deles eram espetacular, foi uma experiência boa. E como isso acontece ao longo do tempo, os que estão no nono ano já fizeram essa visita em algum momento. Então a gente se preocupa sim, até porque são situações que estão colocadas lá na avaliação né?

Pesquisador: Qual sua opinião se dissessem assim “vamos mudar a avaliação não vai ser igual para os meninos do campo e da cidade, vai ser no mesmo nível, mas vai ser diferente o contexto de cada localidade”. Você seria contra ou a favor?

Pesquisado: Não, não seria a favor Giuliano, porque eu acho assim que o mundo é hoje aqui, e a manhã a gente não sabe. Então as crianças que estão aqui hoje em localidades distantes, que vivem bem longe, o carro entra lá, em condições difíceis pra pegar a criança e trazer pra cá, são dezenove localidades, os carros e ônibus todos que estão aí fora que você viu quando chegou, são os transportes que trazem essas crianças. Então, pra que eles estão estudando? Pra continuar lá? A maioria deles pensam, em um dia, ir morar fora e estudar em Sobral, ou viver uma vida diferente. Aí não vão aprender a conviver com outra realidade, tudo pequenininho assim Não sei, eu acho que eles tem que conhecer. Pra você ter uma noção, são dezoito reais a passagem daqui pra Sobral. A maioria deles vive naquele cantinho. Então na sala, utilizamos vídeos, e no dia da avaliação estão lá [...] o semáforo [...]

Pesquisador: Mais alguma informação que queira falar livremente?

Pesquisado: Assim, a cada visita que a gente recebe, a gente se sente muito feliz, muito lisonjeado. Trabalhar na educação é desafio, eu trabalho desde os dezessete anos. Eu vou só fazer cinquenta no próximo mês. Fiquei mais que trinta anos trabalhando em escola, fui trabalhar na Secretaria e senti falta da escola. Desse barulho que a gente escuta aqui, esse ritmo, e foi quando eu senti desejo de fazer seleção pra diretor, aí hoje me realizo aqui. Eu sou tranquilo e tento passar essa tranquilidade pra todo mundo, e nesse ritmo a gente se preocupa muito em perceber cada um deles. Quando saem os resultados, sentamos e conversamos com nossos alunos. Essa dinâmica de ver os resultados no dia dia me faz feliz todos os dias, como educadora, eu não saberia fazer outra coisa [...]

Pesquisador: Tudo bem Luidimila, eu quero agradecer [...]

Pesquisado: Eu que quero, fiquei muito feliz em receber a ligação da Secretaria dizendo que minha escola foi escolhida.

Pesquisador: Que alegria!

APÊNDICE R

Entrevista com Diretora da Escola Massilon Saboia Albuquerque

Dados do entrevistado:

Vanessa Maria Alves Silva

Professora da rede há 7 anos, assumiu direção da escola em 2016

Formação: Educação Física, com especialização em Saúde da Família.

Tempo total de duração da entrevista: 13 minutos e 26 segundos

Pesquisador: Bom dia Vanessa!

Pesquisado: Bom dia!

Pesquisador: Eu quero saber como é o processo das avaliações internas aqui na escola de vocês?

Pesquisado: É, nós temos vários materiais, de bancos de estudo, tanto os que são disponibilizados pela FAPEM que é a escola de formação de professores do ensino municipal, quanto materiais de internet, de outros estados e municípios, e que também possuem a mesma matriz de referência. Nós fazemos um levantamento e montamos as avaliações internas.

Pesquisador: E as avaliações do município? Servem de parâmetro para tomarem alguma medida corretiva?

[Antes da entrevista, o pesquisador havia apurado que mesmo as Escolas com menos de vinte alunos e que não participam do IDEB, também participavam das avaliações municipais e a preocupação com a qualidade é a mesma. Algumas vezes, inclusive, essas escolas ficam bem posicionadas e são premiadas.].

Pesquisado: Sim, temos ela como referência. No início de um ano já tomamos como parâmetro o ano anterior. Para iniciarmos o ano, usamos como estratégia um estudo aluno por aluno, item por item, descritor por descritor. Levantamos hipóteses sobre o que pode ter acontecido. O que foi e o que não foi feito, e a partir das evidências é como se fosse um início, para iniciarmos a jornada. Sempre retomamos, para criar as novas estratégias.

Pesquisador: Como você vê a participação dos professores?

Pesquisado: A expectativa é muito grande, pra carreira, para os resultados. Até porque serve de parâmetro pra eles verem até que ponto conseguiram atingir o objetivo ou não. Ajuda a buscar e resgatar enquanto profissional.

Pesquisador: E os alunos? Alguma dificuldade? Alguma pressão?

Pesquisado: Não vejo como pressão, em nenhum momento. Vejo como a mesma motivação dos professores, eles passam isso para os alunos. Ter êxito, ter um objetivo, e acho isso importante para a vida deles, começa com uma avaliação, inclusive a externa, aí tem o negócio de “escola melhor”, e isso gera uma competição saudável porque gera melhorias. Eles sentem isso, querem a avaliação, querem testar, eles perguntam se vai haver aula extra, contra turno material extra [...] Eles querem buscar a melhoria.

Pesquisador: Alguma dificuldade, quando temos, por exemplo, algum que não quer participar do reforço? Como vocês trabalham isso?

Pesquisado: Dificuldade do aluno não, mas temos resistência de pais. Aqui, pouco, em uma reunião com pais de terceiro e quarto ano a gente levantou essa situação de contra turno para

alguns, a necessidade de atendimento individualizado e apenas um não quis, uma situação mais específica. O aluno não tem impedimento de vir, na verdade, eles querem vir pra escola. Principalmente aqui que é um distrito, e a escola está inserida em uma comunidade com poucos atrativos, eles querem vir pra escola. Não temos dificuldade em relação a isso.

Pesquisador: Vamos falar das avaliações externas, do estado e do Governo Federal. Um colega acabou de me dizer que teve uma questão com o contexto de semáforo, que não faz parte da [...] da [...]

Pesquisado: Da realidade deles [...]

Pesquisador: Isso, como enxergam essa situação. Se houvesse uma prova específica da realidade deles, você seria contra ou a favor e porque?

Pesquisado: Eu acho que eles tem que ter conhecimento, mesmo que não faça parte da vivência, eu acredito que eles precisam desse conhecimento de mundo. Nós proporcionamos isso, não é porque eles estão inseridos dentro de uma realidade deles, sem muita informação, onde não possuem algumas vivências, né? Eu acredito que eles precisam desse conhecimento. Eles vão se deparar com outras realidades, alguns vão sair pro mundo. Acho que a “mesclagem” seria uma boa saída.

Pesquisador: Você acha que poderia ter uma questão da realidade deles para o pessoal da cidade também?

Pesquisado: Com certeza, eles lá também precisam dessa vivência, precisam conhecer.

Pesquisador: Vocês já fizeram algum comparativo dos alunos entre os resultados entre avaliações internas e externas? Pra saber se [...]

Pesquisado: [interrompendo]: sim, isso é constantemente [...]

Pesquisador: [interrompendo]: aparece alguma diferença?

Pesquisado: É raro, na maioria das vezes, bate.

Pesquisador: Quando algum aluno está indo bem nas avaliações internas e vai mal na externa, como lidam com isso?

Pesquisado: Eu, o coordenador e o professor.

Pesquisador: De que forma?

Pesquisado: A gente tenta identificar. A avaliação externa a gente não tem o instrumento, mas temos os descritores, e a gente faz uma identificação com os descritores das avaliações internas. Pra ver o que fez baixar o resultado daquele aluno. É um comparativo mensal das internas, somado ao periódico das externas, então é um comparativo mesmo.

Pesquisador: Você acredita que esse foco em desempenho é um caminho para uma educação melhor?

Pesquisado: É, eu acho que na verdade, essa cobrança de desempenho vai ajudar, no momento já ajuda em relação à conteúdo e aprendizagem, mas pode levar esse espírito de competição, de sempre buscar o melhor, se superar. Eu acho que a educação é integral mesmo, então não podemos focar apenas o ensino de conteúdo, de fórmulas, a gente também tem que focar na aprendizagem integral [...]

Pesquisador: E tem ajudado na aprendizagem integral? Tem melhorado isso?

Pesquisado: Com certeza, no tempo que eu estou dentro da rede, já vi alunos em Faculdade, tendo um futuro próspero. E a agente vê um sucesso desse modelo, da rede Municipal de ensino, até mesmo em um distrito como este, onde eles não tem perspectivas e se acomodam, mas hoje já temos, por exemplo, a filha do porteiro aqui, fazendo enfermagem, com toda dificuldade, com toda distância, mas tudo começou aqui. Ela foi aluna da rede a vida inteira.

Pesquisador: Eu queria deixar a palavra aberta, pra você falar ou de algo da escola, ou sobre educação. Da forma como preferir [...]

Pesquisado: É, a rede né? De Sobral, ela é bem vista, como referência, e a gente acredita nesse sucesso, e isso faz com que os alunos acreditem, os professores, eu acho que isso faz com que a gente tenha sucesso, toda estrutura, suporte, que vem da Secretaria de Educação. E a gente vai alcançar muitas coisas ainda, e ser referência pra outros. A gente quer que isso realmente passe, se perpetue. É nosso desejo, não em tom de vaidade, mas em tom de ajuda, de mostrar que nós podemos. Dentro de uma realidade difícil, né? Nós estamos dentro do interior do Ceará, com muitas dificuldades, e se a gente consegue, outros vão conseguir também.

Pesquisador: Agradeço, viu! Obrigado! Muito bom!

Pesquisado: Espero ter contribuído.

APÊNDICE S

Entrevista em grupo na Escola Francisco Aguiar.

Participante 01: Tereza de Jesus Oliveira, diretora da escola a partir do ano de 2016, faz parte da rede há 18 anos, formada em Língua Portuguesa, com especialização em Literatura.

Participante 02: Antônio Duarte Rodrigues (Galdino), coordenador pedagógico da escola. Graduado em Letras, com habilitação em Inglês e Especialista em Gestão educacional e Psicopedagogia.

Participante 03: Francisca Helda Batista dos Santos (Tamires), coordenadora pedagógica da escola. Graduada em pedagogia e História, com especialização em Gestão Escolar.

Participante 04: Ginna Maria Ribeiro Parente Ferreira. Tutora Pedagógica da Rede, pedagoga e psicopedagoga.

O Pesquisador decidiu estimular a pesquisa em grupo, pois era uma das últimas escolas, e no momento, sentiu que a estratégia de depoimento poderia gerar algum tipo de informação nova. Tendo em vista que já haviam conclusões e percepções prévias sobre o caso de Sobral, forte em políticas públicas de resultados. Além disso, os gestores da escola estavam há pouco tempo na função, ao contrário, dos outros entrevistados, apesar de estarem na escola e na rede municipal há vários anos.

Tempo total da entrevista: 35min 31seg.

Pesquisador: Então uma pesquisa em grupo com três gestores da escola, e a tutora pedagógica da escola. De um modo geral, como vocês acham que a relação com a Secretaria podem ajudar no bom desempenho da escola de vocês?

Participante 03: Tem assim. A Secretaria de Educação, é uma parceria muito forte. A presença da Superintendente e da tutora, acontece um “feedback”, com as intervenções necessárias, primeiro com o diretor né? E então o alinhamento com os coordenadores. É uma rede interligada, com troca de experiência, acompanhamento de resultados. Trabalhamos de maneira alinhada, Secretaria de Educação – Gestão Escolar – Escola.

Pesquisador: Ginna, com essa grande quantidade de locais distantes, como vocês planejam as visitas? A periodicidade de visitas? Como é feita essa programação que a colega colocou, dentro da Secretaria?

Participante 04: Dentro as Secretaria existem dois tipos de visitas. A visita da Adjunta Administrativa que vem uma vez ao mês, dependendo da necessidade da escola, pode vir mais vezes. Como o número de Adjuntas é menor (depois o pesquisador apurou que são cinco, para um total de dez tutoras) então é mensal. Elas tratam sobre reforma, contratação de professores, essas necessidades que tratam da gestão da escola. Já a Tutoria Pedagógica, vem oferecer um suporte sobre a aprendizagem das crianças. Até o ano passado as visitas eram semanais, esse ano, avaliaremos visitas quinzenais, porque as visitas semanais, tínhamos observações em sala de aula, e muitas vezes o prazo de sete dias não era suficiente para observar as evoluções, uma intervenção de melhoria. Agora, vamos testar a visita quinzenal.

Pesquisador: Tereza, você como participante da rede há dezoito anos, e agora diretora aqui da Escola, você sente alguma diferença entre as escolas que estão mais distantes em relação as escolas que estão na sede?

Participante 01: Não, as orientações são as mesmas. Eu diria que a [pausa – sino escolar] a diferença, eu sinto nas concepções, de algumas pessoas. Para quem passou quinze anos no Município, existem concepções bem mais avançadas. Apesar do atendimento ser o mesmo,

ela saiu daqui (apontando para a tutora pedagógica) ontem sete horas da noite e está aqui de novo (eram dez horas da manhã do dia seguinte). Mesmo com os bons resultados, eu vejo um pouco lento (após a entrevista, o pesquisador apurou essa “queixa” da diretora. Ocorre que ela tentou implantar filas nos horários de saída, e alguns pais de alunos tentaram barrar a decisão da escola. Com o corredor estreito, alguns alunos estavam se machucando). As compreensões para se chegar a um entendimento maior, eu repito, o atendimento é o mesmo.

Pesquisador: Essa falta de compreensão em relação a que? Família? Professores?

Participante 01: Alguns professores, algumas famílias.

Pesquisador: Esse tipo de resistência [...]

Participante 01: Vamos com exemplo, a amostragem, da importância, que a gente precisava deles como parceiros, pra ajudar a compreender, e ajudar mais o filho a respeitar. Eu diria assim, uma resistência por não conhecer a necessidade.

(O pesquisador sentiu que a entrevistada não queria expor a comunidade, e trocou de assunto).

Pesquisador: Galdino, você que mora aqui perto. Tem alguma organização local? Comunidade religiosa que faz algum tipo de parceria com a escola, que ajuda, às vezes, em um evento, ou ao contrário [...]

Participante 02: Nós temos, o Espaço Cultural que também é do Município, eles tem biblioteca e trabalham outros eventos. Nós fechamos agora a parceria, uma experiência da cultura do Maracatu. O Espaço (Cultural) conseguiu um projeto e nós estamos trabalhando a cultura aqui da região, no contra turno. O projeto é deles, nós também utilizamos lá, um cinema [...]

Pesquisador: Você sente isso como uma melhora para os alunos? E depois você também pode responder (participante 03).

Participante 02: Você sabe que quando falamos de resultados. Tem que falar com os meninos, e usávamos como motivação com eles. Apresentávamos a meta e até como incentivo, fazíamos cinema com pipoca. Isso de certa forma, ajuda o processo, né? É uma troca para que eles consigam as metas. Então tem passeio, nós temos o Olho D’água do Pajé, que tem pontos de água morna e fria, mas sempre que tem passeio aproveitamos para realizar também o estudo daquele local.

Participante 01: Deixa eu só falar [...]

Pesquisador: Claro!

Participante 01: Eu quero falar também das parcerias. Quando eu vim pra cá eu tinha sido informada sobre uma parceria com a Paróquia. Somente nesse povoado temos três escolas também. Aqui, que é até o nono ano, ali tem a infantil, e uma escola do Ensino Médio, do Estado. Nós conversamos com os vizinhos e eles ajudam. Como ele citou, tem o Centro Cultural fazendo trabalho com Maracatu, amanhã haverá apresentação da Paixão de Cristo, tem também o CRAS que quando eu cheguei, já veio. Eu imaginei, que eu ia levar um tempo maior para conhecer os parceiros, não precisou, eles vieram até aqui já, colocaram-se à disposição.

Pesquisador: Você acredita que esse fato de a comunidade abraçar a escola seja um ponto positivo?

Participante 01: Então, Giuliano, eu estou muito confiante que essa união, o CRAS, o Conselho Tutelar que já veio. Aqui tem o Conselho da Comunidade, que eu já fui em reunião

deles. Estou apostando que a nossa participação nesses órgãos pode melhorar muito. Hoje este é meu, ou nosso, grande desafio.

Participante 03: E assim, como nós temos essa parceria com outros órgãos. Além da questão do currículo, também é trabalhado questão social, cultural, da localidade, os meninos conhecem e vivenciam. Com certeza também ajuda no desenvolvimento da criança, como um todo. Extrapola a questão do desempenho. E sempre que tem um aluno em dificuldade social, com o CRAS, tem uma análise boa, eles vem, por exemplo, dois dias para escola e três dias para lá. Nós interpretamos isso de um jeito positivo, como uma parceria conjunta.

Pesquisador: Ginna, você destaca alguma coisa na história do Município, onde “depois daquele momento” o pessoal começou a pensar no desempenho?

Participante 04: Na verdade, quinze anos atrás foi feita uma avaliação de alfabetização, e foi visto que mais de cinquenta por cento frequentavam a escola e não estavam aprendendo. E esse foi o grande “boom” que deu um olhar diferenciado para a Educação. E foi quando foi feito um investimento, realmente, nas salas de alfabetização, a primeira parte foi fechar a torneira do analfabetismo. E partir daí, as coisas foram se qualificando, realmente. Passamos por um período de redução no número de escolas, apenas para facilitar a gestão da secretaria, logo após organizado o ensino, foi gradativamente expandido-se e descentralizando [...]

Participante 01: Quero falar também [...]

Pesquisador: Vai lá!

Participante 01: A seleção dos gestores também mudou a cara desse Município. Eles foram selecionados (mostrando os coordenadores), eu fui selecionada. A formação dos professores muda, muda tudo. As cozinheiras saem para capacitação uma vez por semestre. Depois, professores, diretores, coordenadores [...] na minha concepção isso diz muito, se não diz tudo [...] quando você seleciona ao invés de indicar [...] sabe, Giuliano, e quando se forma. Então, teve um momento que eu fiquei receosa, pronto, e agora vai pra onde o Município que já resolveu o básico, e aí vem a história da Superintendência, que passa a acompanhar os supervisores, os diretores, os professores, e o negócio fica cada vez melhor, eu acho que eu sou muito apaixonada pelo Município, me envolvo quando falo nisso, sabe?

Participante 04: É assim, todo o núcleo gestor das escolas, passam por uma seleção. Antes, eram indicações de vereadores, líder político. Aí, se quebrou essas amarras. Não foi fácil, mas essa colocação por mérito, muita coisa, realmente, mudou. Depois, foi organizada a coordenação, nesse caso a seleção é feita pelo diretor.

Pesquisador: Inclusive, aqui são três coordenadores, eu vi diferente em outras escolas. Qual é o critério?

Participante 04 e 01 [ao mesmo tempo]: De acordo com o número de alunos.

Participante 01: É uma média cento e cinquenta a duzentos alunos, por coordenador. Temos escolas com mais de mil alunos, e outra com menos alunos, apenas uma coordenação.

Participante 04: Como a Ginna falou que os coordenadores são escolhidos por nós [...] a gente vê o perfil. Por exemplo, a Tamires foi professora de segundo e de quinto ano. Ela sai da sala de aula e coordena porque conhece bem. A gente analisa quem pode e tem conhecimento. Além da formação em serviço.

Participante 01: Exato, a formação. Uma vez por mês reúne todos os professores. Por série, com a secretaria ofertando professores substitutos.

Pesquisador: Os ganhos, os benefícios desse professor fora de sala são maiores que as possíveis perdas, dificuldades com alunos, acontece com professor substituto?

Participante 02: Não porque são professores que eles conhecem, fazem o rodízio, muitos vezes são até ex-professores dos alunos. É bem tranquilo, eles conhecem o processo, são da escola mesmo.

Participante 01: Não é um professor que vem de fora, ele é um Professor da Escola Francisco Aguiar, por exemplo, ele substitui no primeiro, no dia do segundo, substitui lá, e assim por diante. Os professores dos alunos saem três vezes ao mês, um para formação e dois para planejamento.

Pesquisador: Eles também passam pela formação?

Participante [não identificado]: Também passam!

Pesquisador: Vou deixar, bem livre para dizerem o que quiserem, quem é o primeiro?

Participante 02: Eu! Eu creio, porque eu comecei a estudar aqui mesmo na comunidade. Na época eu terminei a quarta série, aí não tinha como estudar. Vou chegar no gestor. Eu terminei a quarta série e não tinha pra onde ir, tinha que ser Forquilha ou Sobral e bancar passagem. Eu negocieei, com o diretor em Forquilha, que eu iria duas vezes na semana, porque meu pai não tinha dinheiro pra pagar. Eu ia na segunda, e na sexta eu pegava caderno de um aluno, e fazia tudo que ele tinha feito durante a semana. Quando o Cid (Gomes) assumiu em dois mil e sete (entrevistado se referia ao Governo do Estado), aí eu peguei a proposta dele tinha lá “Transporte Escolar”, aí eu disse “Vou fazer campanha do Cid”, quando ele assumiu ele colocou Ônibus, vou dizer de novo, Ônibus, não era Pau de Arara não, porque os Municípios que tinham transporte aqui perto era Pau de Arara. Eu terminei aqui, meu Ensino Médio em comunidade ali no Aracatiaçu, e então assim eu acho que o ideal está no Gestor, no caso o Prefeito, transformou a Educação de Sobral, e assim os outros foram mudando o olhar. Então Sobral é referência, surgiu aqui a educação de qualidade. E abrindo também espaço para o pessoal fazer Faculdade, que eu passei no vestibular e tinha Ônibus, e ele como prometeu que ia facilitar a Educação, ele fez muito isso, e vem até hoje. Por isso, nós avançamos muito. É fantástico né? Quando as crianças vão para outro Município, a gente recebe a resposta deles “olha que coisa maravilhosa”. Teve uma missão no Distrito de Santa Quitéria, uma aluna nossa foi fazer uma leitura, ela tinha sete anos de idade, e o pessoal do meu lado perguntando “ela vai conseguir ler”, e a menina fez a primeira leitura e quando ela terminou ficaram um minuto e meio batendo palma pra essa criança. Então, assim [...] nós recebemos aqui três meninos da capital, de Fortaleza, e fiz o diagnóstico deles. A gente sente que falta muito pra eles chegarem no nível adequado. Em Sobral, a maioria sai daqui lendo e compreendendo bem. A gente recebe esse retorno das pessoas [...]

Pesquisador: Quem é o próximo?

Participante 03: Eu quero ser a próxima [...] Educação transforma pessoas, e pessoas educadas transformam o mundo. Eu sou de Aracatiaçu, da comunidade, estudei nessa escola, fui aluna dessa escola e [...] eu digo isso que transforma o mundo, transforma pessoas, porque me transformou também. Eu sou de família humilde, estudei aqui, fiz o Prouni, fiz Faculdade pelo Prouni. Estou no município (se referia à rede do Município) desde dois mil e dez. Desde que comecei a Faculdade, comecei a ter experiência dentro da escola, tanto estagiando, quanto trabalhando como auxiliar. E eu me descobri na educação, me envolvo porque acredito. Amo mesmo esse dia dia (a entrevista demonstrou emoção) e a gente trabalha muito, mas porque a gente acredita. Eu comecei em dois mil e dez. Ano passado, fiz a seleção de gestores para coordenação. São três meses de seleção, com cinco etapas, bem criteriosa, além de selecionar, também formava. E hoje eu sou coordenadora de professores, que foram meus professores, e eu não me sinto melhor que eles e eles não se sentem inferiores a mim, mas há uma troca de experiência, com muita humildade. Então educação é tudo na minha vida. Tudo que eu

tenho é pela educação, pelo meu trabalho, por isso eu faço com gosto. Eu acredito que Sobral é referência hoje, que subsídios, porque a forma o coordenador, o professor, dá o apoio com a Tutoria pedagógica e a administrativa. Por isso que dá certo, porque acompanha, desde o prefeito, secretaria de educação. E aí chega na escola, e com uma gestão democrática, que nós temos diretor, secretário, mas nada chega assim “pê e buff”, não, nós sentamos e decidimos qual é a melhor maneira.

Pesquisador: Eu percebi, por exemplo, o sino, tem escola que coloca, tem escola que não. Conforme a característica da escola [...]

Participante 03: Então quando você fez aquela pergunta pra colega, qual diferença da cidade para o campo, na verdade são as diferenças [...] porque são culturais e sociais também, mas não deixamos de ser assistidos pela Secretaria em formação, material, acompanhamento, nós temos tudo. Temos nossas particularidades porque é distrito, assim quando a Tereza chegou, ela viu essa diferença, assim como nós sentimos o choque de receber uma pessoa com mais de quinze anos na sede, mas aí a gente vai se alinhando e aprendendo. Isso é um grande barato né? A troca de experiências, os nossos conhecimentos, que deslancha e que dá certo.

Participante 01: A primeira coisa que eu quero dizer é que a gente tem muito orgulho de fazer educação nesse Município, muito orgulho. A gente não mede esforço pra estar [...] eu acordo quatro da manhã, pra estar aqui às sete [...] e estou curtindo esse momento da minha vida. É muito orgulho, somos valorizados, acompanhados, e vemos os frutos do nosso trabalho, as nossas crianças aprendendo. Quando a gente olha nossa escola e sabemos que vencemos por uma escola que apostou e acreditou, aí não tem como fazer diferente. Quando se tem consciência que nós vencemos pela educação, sentimos necessidade de fazer o mesmo que fizeram com a gente. O compromisso, a seriedade, o amor. Eu não me encontraria se eu estivesse em um Município que não levasse as coisas a sério. Gosto desse zelo, não dá pra brincar de fazer educação, de fingir que o aluno está aprendendo, não dá. Cada coordenador conhece de perto a situação, é tudo alinhado e eu gosto muito [...]

Participante 04: Eu acho assim que não é porque é um serviço público, que ele precisa ser mal feito, né? Eu acho que a educação de Sobral traz isso, e independente se é sede ou distrito, ele está a serviço do povo. E acredito que podemos melhorar muito, dar mais condições para a aprendizagem das crianças. Ao longo do processo que nós vivemos, é [...] já conseguimos alguma coisa, mas temos a noção que precisamos mais, e é essa noção de que podemos fazer mais, faz com que não deixemos a peteca cair. Primeiro a questão da alfabetização, depois organização das escolas, treinamento dos profissionais, seleção dos gestores, foco no desempenho [...]

Pesquisador: Qual é o próximo passo?

[risos de todos]

Participante 04: Eu acho que é uma qualificação mesmo, contínua, da rede como um todo. A gente consegue fazer bem feito. Damos conta do mínimo que a criança necessita. Ela está no mundo letrado, conhece a matemática, mas podemos avançar muito, e temos consciência disso, e é por isso que não ficamos na zona de conforto. Hoje, começamos, por exemplo, o olhar da educação infantil e do Fundamental II. O projeto de tempo integral já é também o próximo desafio.

Pesquisador: Agradeço a todos vocês [...] Obrigado!

APÊNDICE T

Entrevista com a Diretora Escola Odete Barroso

Dados do entrevistado:

Lúcia Maria T. Linhares

Formação: Histórica, com especialização em História do Brasil, e em Gestão Escolar

Tempo na rede de ensino: 19 anos, sendo 15 como diretora da escola

Duração total da entrevista: 14 minutos 16 segundos

Pesquisador: Bom dia Lúcia. Que tipo de auxílio a escola recebe da Secretaria Municipal de Educação em termos de políticas para auxiliar o bom desempenho da escola?

Pesquisado: Assim, a Secretaria se preocupa com todo o pedagógico da escola. Apesar que a gente tem a autonomia ela dá um suporte grande. Nós temos a liberdade de escolher perfil de professor para as turmas. A partir disso, a Secretaria oferece formação, material, fundamentação para professores, e também de técnicos, que apoiam e observam outras escolas, o que dá certo em outros locais elas propõe. Então, somos muito apoiados.

Pesquisador: Vocês aqui possuem escolas que são extensões né?

Pesquisado: Isso.

Pesquisador: E quando acontece algum problema de material, infraestrutura, como conseguem resolver essa questão de distância?

Pesquisado: A gente tem uma comunicação muito boa, geralmente. Quem fica nessas extensões, conversamos bastante. Antes de essa pessoa trabalhar lá, precisa ter esse diálogo constante, que a escola precisa ser informada de tudo que acontece, e aqui a gente não tem transtorno, sempre conseguimos assim.

Pesquisador: Tem alguma parceria da escola, pra alguma atividade? Um evento? Alguma organização ou associação local?

Pesquisado: Tem, as parcerias são poucas, mas tem Programa Saúde da Família, palestras, fazemos um trabalho afinado. Elas têm as propostas, nós as nossas, entramos em consenso e elas apoiam. Sobre DST, drogas, dengue, alimentação saudável. Tem também o Programa da Saúde bucal, das crianças, elas fazem. Temos a parceria de uma Associação aqui Agrosol [áudio não permite captar exatamente a palavra] que ela trabalha com produtos, é, de reciclagem. A gente junta, as embalagens, da merenda e outras.
[ruído].

Pesquisado: E também ele vem pra cá e dão palestras sobre esse tema.

Pesquisador: Como você avalia a presença dos pais em eventos? A frequência [...]?

Pesquisado: Nunca estamos satisfeitos né? Quando comparamos com outras escolas, no geral nossa participação é boa. Temos como meta em nosso PDE a participação dos pais e nós conseguimos, monitoramos. E, dificilmente, eles vem espontaneamente, mas quando a gente chama eles vem. Eu não sei o que você quer dizer com participação, uma coisa é eles estarem nos momentos que a gente chama [...]

Pesquisador: Não, tem essa pergunta também: como é o acompanhamento dos pais? Das famílias? Em relação ao ensino? Até mesmo em casa?

Pesquisado: Quando o professor conhece a realidade de um aluno, fica mais fácil. Alguns são da comunidade, mas nem sempre isso é regra de que vá impactar significativamente na aprendizagem dos alunos. Como as famílias, em geral, se mantém com agricultura de subsistência que quase não está tendo. Estamos completando o quinto ano da quadra invernososa prejudicada, então são famílias que vivem dos programas sociais, porque não tem fonte de renda. Eles não vão embora, muitas vezes porque não tem pra onde ir. Então, a maioria “são” semianalfabetos, então essa questão do acompanhamento é sempre complicada, se a criança chegar da escola e dizer que já fez o dever, por exemplo, muitas vezes ele não

sabe. Orientamos o pai a olhar, mas mesmo assim, mas o menino pode, se quiser e for “esperto”, pegar o dever de outro dia.

Pesquisador: Agora, outro assunto, do ponto de vista da história do Município. Você visualiza algum momento que tenha acontecido uma virada pela qualidade da educação?

Pesquisado: Quando fazemos parte de um processo temos um olhar. Quando a gente não faz parte, nós fazemos outras identificações, mas mesmo eu de dentro do processo, você está falando das políticas públicas né? Eu acho que foi uma grande iniciativa essa questão. Não foi uma reivindicação das famílias que lutaram pela educação, nem foram os professores que disseram que iam ensinar os alunos de qualquer forma. Partiu, realmente, dos gestores, decisões políticas que eu considero algo muito bom, e com isso, a escola teve o suporte para fazer sua parte.

Pesquisador: Como você avalia o papel dos professores em relação as gratificações, eles gostam de participar, ou podem se desmotivar?

Pesquisado: Eu acho que aqui na escola há uma variante né? Nós temos motivações internas e os incentivos, que são externas. Em alguns momentos estão altamente motivados, e outros nem tanto, mas percebo que os professores das séries iniciais, são mais engajados.

Pesquisador: Os alunos também? Você diria que nas séries iniciais são mais engajados?

Pesquisado: São, porque os professores instigam bastante. E do sexto ao nono ano tem uma variante. Apesar que essa escola já foi dois anos consecutivos premiada pela gestão do Município. Eu acho que o fato de a avaliação ser voltada somente para português e matemática, os demais professores de outras disciplinas não são tão empenhados. Não tenho nenhum dado, estudado pra comprovar isso, mas [...]

Pesquisador: Eu queria então, abrir a palavra pra você dizer o que desejar sobre esse assunto. [risos do entrevistado]

Pesquisado: Desejo, nesse momento né? [pausa]

Pesquisador: O que você quiser, sobre o assunto [...]
[pausa, toca telefone]

Pesquisado: Como é teu nome? eu esqueci!

Pesquisador: Giuliano

Pesquisado: Giuliano, né! É! Ontem a gente fez um planejamento coletivo, e falamos sobre metas, por exemplo, né? Então, uma coisa que a gente aprendeu no Município, é trabalhar com a proposta do currículo, e termos metas, para quantificar, Só que esse número, tem saberes e fazeres por trás. Então esses saberes e fazeres, é muito legítimo de cada professor e cada gestão escolar, mas quando você sabe o que tem que alcançar, e que isso depende de o menino ler, interpretar, ser disciplinado, ter a cultura de querer estudar, no final, é transformado em algo palpável que é a nota.

Pesquisador: Você acha que essa nota é um bom medidor desse esforço?

Pesquisado: Que se o menino estuda e aprende, quando ele vai fazer um processo avaliativo, dificilmente ele tira uma nota baixa. Então quando temos os objetivos com nota, dá uma referência. É lógico que não podemos atropelar as coisas, mas é uma situação, que no Município, eu vejo que dá certo, porque sabemos, cada sala, o que as crianças precisam conseguir. Existem desafios para as turmas, e perpassa pelo professor, e existem desafios para cada um dos alunos. E desmistifica aquela história que “tudo tem seu tempo”, eu não concordo com isso. No caso, dos meninos de escolas particulares, eles estudam porque querem o vestibular no futuro, e se nossos meninos quiserem isso, nós temos que iniciar a preparação desde cedo. Até mesmo escola técnica e Universidade, não é só o fato de vir e frequentar, eles tem que aprender.

Pesquisador: Muito Obrigado viu Lúcia, pela participação.

APÊNDICE U

Diretora da Escola Frederico Auto Correia

Dados do entrevistado:

Rita de Cássia Pinto

Atua na Rede Municipal há 25 anos, sendo 12 anos como diretora da Escola.

Formação: Pedagogia, com Especialização em Gestão Escolar

Duração total da entrevista: 11 minutos 07 segundos

Pesquisador: Você vê alguma diferença de políticas entre as escolas do campo com as que ficam na sede da cidade?

Pesquisado: Não, assim, eu não vejo diferença não porque a mesma política que é trabalhado na sede também ocorre no distrito, tem o mesmo acompanhamento.

Pesquisador: Então quais são essas formas de apoio? Com exemplo, por favor.

Pesquisado: Nós temos o acompanhamento das tutoras pedagógicas que acompanham diretamente, no caso também a gestão e o desempenho. Elas observam as turmas. Ano passado elas vinham toda semana, e agora elas vão vir de quinze em quinze dias.

Pesquisador: Tem algum projeto ou situação que envolva outros órgãos da Prefeitura, que não seja a Secretaria de Educação?

Pesquisado: Geralmente, algumas coisas relacionadas ao PSF [...]

Pesquisador: A região aqui tem alguma ONG? Alguma Associação Local? Ou comunidade religiosa que ajuda em algum evento, por exemplo?

Pesquisado: Não, que a escola ajuda não. No caso, você diz de ajudar?

Pesquisador: Sim, seja vocês pedirem pra eles, ou o contrário?

Pesquisado: Às vezes quando fazemos eventos, envolvemos o pároco para dar uma palestra na escola, mas associação não. O que temos é o Conselho.

Pesquisador: E como você avalia a participação dos pais seja em eventos comemorativos ou reuniões?

Pesquisado: É assim, considero boa. A gente sabe que sempre tem uma porcentagem dos que não acompanham. Sempre temos mais de cinquenta por cento. A gente faz festinha das mães, alguma coisa na praça [...]

Pesquisador: Tem alguma liderança no local que se envolve além do normal, algum pai que você destacaria, ou mãe que ajuda em quitanda, por exemplo em festa junina, que doa um pouco do tempo para ajudar a escola?

Pesquisado: Assim, ano passado fizemos um evento no dia dos pais, a gente fez um dia diferente né? A gente cortou cabelo. Teve um pai de aluno toca na Igreja. Nesse dia ele tocou, voluntariamente, o tempo todo.

Pesquisador: Você vê alguma situação na história da comunidade, que aconteceu no passado e que possa ter ajudado vocês a terem bom desempenho?

Pesquisado: É assim, agente, é, é [...] Você diz assim no passado [...] É [...] É [...]

Pesquisador: Pode ser também na cidade Sobral. Algo que ocorreu no passado e ajudou a colher bons frutos agora? O que você destacaria?

[pausa]

Pesquisado: Olha, a Secretaria sempre se empenha em manter, desde de dois mil e um, que eles criaram essa política de Educação de Sobral. A gente vem tentando fazer esses acompanhamentos. Formação de professores, planejamento. São coisas que a gente vai adquirindo vai amparando o professor.

Pesquisador: E os desafios? Algo a melhorar aqui na escola?

Pesquisado: Os nossos meninos, de primeiro ao quinto ano, não sei se é porque eles são mais novos e são mais interessados, aí temos um desempenho melhor. Já o desafio que eu vejo na escola é o Fundamental II, que a gente ainda [...] por mais que a gente né [...] é [...] assim, tem professor do quinto ano, que às vezes também está no nono. A gente não conseguiu atingir eles, a questão do desempenho. No ano passado fomos muito bem do primeiro ao quinto, já do Fundamental II ficou a desejar. E nesse ano, um dos nossos desafios é esse, na autoestima, para os professores descobrirem coisas que eles gostem de estar na escola, coisas que interessem eles, pra depois conseguirmos envolver em termos de desempenho né? Estipulamos uma meta, nas avaliações, metas individuais, pra eles verem o que tem a melhorar né?

Pesquisador: Está joia, então se você tivesse que dar uma nota à sua equipe nesse esforço de tentar resolver essas dificuldades, que nota você daria?

Pesquisado: Pra todo mundo?

Pesquisador: Do seu corpo técnico, principalmente professores e coordenadores.

Pesquisado: Assim, claro que eu não vou [...] por mais que eu dê uma nota. Eu daria nota nove, mas pra fortalecermos mais, continuar e melhorar é preciso [...]

Pesquisador: Como vocês buscam integrar a comunidade com os professores? Cite exemplos da integração professores e comunidade?

Pesquisado: No início de ano nós fazemos nossa reunião por modalidade. Fazemos só com infantil, depois Fundamental I e II, e agora planejamos para fazer por ano, para ficar ainda mais específico. Na semana passada fizemos do segundo e do quinto, aí a gente discute, fala das metas. Apresenta material, a rotina programada. E outros eventos, sempre dia da mulher, no dia das mães [...]

Pesquisador: Tem algo que queira falar? Vou deixar a palavra livre pra qualquer informação que você julgar importante em relação ao desempenho da escola?

Pesquisado: Como a gente tem o acompanhamento e as tutoras, elas contribuíram muito. Era mostrado pra elas como era trabalhado nas salas e elas apenas informavam o que estava ou não bom. Eu acho também que foi um aprendizado para os professores prepararem melhor as aulas e as estratégias. O que faz a diferença é o professor, então a aprendizagem deles e a qualificação que fazem com eles é o que ajuda.

Pesquisador: Muito obrigado pelas informações.

APÊNDICE V

Entrevista com Representante Secretaria Municipal de Educação de Sobral-CE

Dados do entrevistado:

Jamille Fonteles Rolim Caldas

Superintendente de Resultados Educacionais

Formação: Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar

Tempo no Cargo: 2 anos

Tempo total: 47min 28s

Pesquisador: Como surgiu o modelo de controle de resultados na estrutura da Secretaria Municipal de Educação?

Pesquisado: Na verdade o modelo de Superintendência na Secretaria ele era único. A Superintendência escolar era uma única Superintendência, e comandada por uma única pessoa. Tinha toda uma equipe que olhava as questões administrativas e pedagógica. Então o olhar sobre os resultados, da parte de gestão, olhar os resultados e conversar com os tutores que é justamente o que eu faço hoje: gerar nos diretores uma interpretação diferenciada nos resultados era feita por uma única Superintendência não especializada.

Pesquisador: E quando surgiu essa mudança?

Pesquisado: No segundo semestre de dois mil e quatorze, foi dividida entre administrativa e pedagógica, sendo que a pedagógica criou uma segunda superintendência diretamente ligada. O que você precisa entender é que fomos aumentando o número de escolas e de alunos e observamos que tinha que realizar um acompanhamento melhor nas escolas. Então, se eu foco o meu olhar eu tenho condições de dar mais, é [...] é [...] um apoio melhor. Sendo que ao todo são três superintendentes.

Pesquisador: Porque esse modelo de estrutura?

Pesquisado: Cada um cuida bem do seu muito bem, é mais bem organizado no sentido de quem olha o que.

Pesquisador: E também me disseram da Casa de Avaliação que funciona em outro local [...]

Pesquisado: Isso, lá é um local de estudo, de instrumentais, de produção de avaliação externa à escola. Só não funciona nesse prédio porque não temos espaço. Então nós temos duas avaliações externas que acontecem em junho e dezembro, sempre de responsabilidade e iniciativa da própria Secretaria. Lá quando está na época de avaliar, é um campo de treinamento de avaliadores, de produção de instrumentais. Ela funciona lá, mas é ligada à mim, porque ela avalia a escola, consolida os dados, analisa e me passa.

Pesquisador: E a interpretação?

Pesquisado: Não, quem faz a interpretação sou eu. Aí eu vou interpretar e fazer os questionamentos, com os responsáveis “eu quero saber porque esse resultado veio baixo? Eu quero saber sobre os distratores, quais itens levaram eles ao erro”. Para eu descobrir as habilidades que eles não aprenderam. Tudo isso, para que quando eu vá conversar com os diretores das escolas eu vá diretamente às necessidades. Outra coisa, eu estou ligada aos diretores, e quem dissemina, interpreta e repassa os resultados sou eu. A primeira pessoa que recebe o resultado é o secretário explico os pontos positivos e negativos e depois começo com os diretores.

Pesquisador: Você comentou uma situação que são as habilidades que os distratores mostram, e meu estudo tem foco nas escolas dos distritos, como vocês chamam. Nas avaliações externas desenvolvidas pela Casa da Avaliação, queria saber se existe uma preocupação em relação ao universo simbólico que envolve o aluno que está nessa situação, ou se não existe? Além disso, se vocês notam alguma diferença?

Pesquisado: Não existe diferença. Primeiro, o material é único. Primeiro, temos muita dificuldade quando recebemos do Governo, um material que é específico para o Campo. Por quê? Porque nós trabalhamos com material único. Então nós fazemos adaptações para que o Campo não sinta diferença. Às vezes aparece alguém querendo utilizar outro livro, diferente do que sugerimos... Tudo bem, mas nós sempre indicamos que trabalhem o mesmo que já é preparado, então sentamos, explicamos os motivos, e até hoje nenhum diretor quis trocar depois de colocados nossos argumentos. Então pra nós, escolas de distrito e escolas de sede, como nós chamamos, não faz diferença. A formação dos professores é única, os diretores possuem os mesmos desafios e as mesmas metas. Então todos estão em busca do mesmo resultado, a excelência. Muitas vezes, os resultados no Campo são melhores, por exemplo, se você pegar o melhor IDEB está no Campo.

Pesquisador: Então, assim, uma diretora comentou comigo que em uma avaliação externa, não da Prefeitura, caiu uma questão que envolvia o contexto de um semáforo, e o nosso aluno aqui nunca viu um semáforo. Então como você vê isso? Acha que a avaliação foi falha?

Pesquisado: Não. Semáforo, se você abrir o livro de história e geografia, muito difícil você não encontrar. Eu acho que na prova do Governo Federal, perguntar sobre isso, eu acredito, que mesmo não tendo lá, ele tem acesso pelos livros. E quando não tem nos livros, a escola tem que dar, ele tem que trazer vídeos, imagens, ou a forma como conseguir. O nosso maior problema hoje nas avaliações chama-se vocabulário, e quem traz o vocabulário é a escola. Eu já passei por essa situação quando uma escola, uma diretora, me ligou muito chateada com uma questão, não lembro agora se era vídeo ou DVD e na prova escrita estavam usando o aparelho [...]

Pesquisador: Parecido com meu questionamento?

Pesquisado: Sim, mas eu questionei a diretora porque numa época dessa os alunos não conheciam, não vejo motivo. Hoje, as escolas têm isso, mesmo que não tenham em casa ou na realidade próxima. Que a escola procure ampliar o conhecimento e o vocabulário das crianças. Considero falha da escola, ela que deve se adaptar. A diretora absorveu aquilo e disse que não iria mais acontecer.

Pesquisador: Então, no caso da globalização você não tem medo que ela possa atrapalhar as culturais regionais?

Pesquisado: Eu acho que tudo tem que ter uma medida. A escola tem que trazer o que os meninos precisam. Claro que a escola deve ter a preocupação com o cultural, o local, e se ela tiver isso a outra não vai atrapalhar. Então a escola é que deve ter essa medida.

Pesquisador: Qual momento inicial, você acredita, que tenha dado a virada da educação aqui em Sobral?

Pesquisado: Aqui é muito claro, quando em dois mil foi feito um diagnóstico. Hoje, tudo se deve a isso, quando ficou claramente mostrado que os meninos não sabiam ler. Então o primeiro passo foi a alfabetização na idade correta e consequentemente iam começar a passar de ano, e aí começam a vir os avanços, garantir a qualidade da educação. Muitos anos se passaram e cada vez mais tentamos qualificar os meninos. É tanto que o IDEB, agora, vem demonstrando os resultados porque se o ensino caísse a partir do segundo ano, nós não conseguiríamos manter a qualidade no quinto. Hoje, o grande desafio é melhorar, avançar bastante é no fundamental dois.

Pesquisador: É minha próxima pergunta, está até anotado aqui. Fundamental II, quais disciplinas vocês fazem a avaliação?

Pesquisado: Português, matemática e já fizemos ciência e estamos repensando hoje se ciências fica ou não.

Pesquisador: Então é o mesmo sentido da avaliação estadual e federal [...]

Pesquisado: Já existe uma matriz de referência pra eles começarem a avaliar ciências. E quando isso ocorrer, nós já estaremos preparados, mas porque que nós estamos repensando para a nossa avaliação? Porque ainda queremos a excelência na base que é português e matemática. Então estamos avaliando, se vamos cobrar ciências, porque queremos trabalhar com altas expectativas. No momento ainda temos dificuldade em Português e Matemática do Fundamental II. Para que queiramos esse retorno ainda temos que dar a estrutura, o número de aulas necessário para o bom resultado, o local apropriado então precisamos terminar as escolas de tempo integral. Então o tempo que temos hoje ainda não é suficiente pra gerar aprendizagem de alta expectativa, não adianta cobrar outros conteúdos, ainda.

Pesquisador: Pelos momentos de crise, dificuldade orçamentária, você acha que demoraria quanto tempo pra atingir essa condição?

Pesquisado: Não vai demorar porque é prioridade, e o Prefeito já vem fazendo. Resolvemos o problema da construção das creches primeiro. E, agora, estamos construindo, acho que dezessete de tempo integral, com auxílio do Governo Federal. Inclusive, mesmo nos distritos pequenos, que possuem poucos alunos será possível colocar alunos do Fundamental I e Fundamental II em tempo integral. Então nós vamos avançando as políticas assim, primeiro a estrutura, as condições, depois a ampliação do tempo na escola, a aprendizagem de excelência em português e matemática e então avançando nas outras matérias. Então nós temos que ser muito firmes, no momento, em Português e Matemática. As escolas utilizam alguns programas, usam o contra turno, mas não dá pra garantir tudo.

Pesquisador: Como vocês lidam com a autonomia da escola?

Pesquisado: São três autonomias, e todas com suporte, financeira, administrativa, financeira e pedagógica. Na financeira tem as limitações orçamentárias, mas ela quer economizar pra sobrar mais dinheiro. O material de limpeza, a torneira, ela que decide [...]

Pesquisador: O controle tem sido bom? Tem dado resultados aqui?

Pesquisado: Excelentes resultados, excelentes, aqui jamais você vai ver algum diretor reclamando de uma torneira, uma telha, porque ela resolve. É por isso que tem o pessoal do administrativo com check-list, e assim o controle fica bom. Então tem o dinheiro de manutenção e utilitários que a escola administra. Então você imagina, aquele assunto anterior nosso, um mesmo superintendente monitorando isso e o resultado?

Pesquisador: Então você considera melhor que uma divisão territorial, por exemplo por região? Exemplo, região um tem um superintendente que cuida de tudo, e assim, dois, três [...]

Pesquisado: Absolutamente.

Pesquisador: Porque vocês optaram pela política de gratificação aos professores e premiação das escolas como incentivo ao atingimento das metas?

Pesquisado: Tem a gratificação do professor, ao final do semestre. Cada professor, tem o seu resultado próprio. Eu sei que tenho uma meta, e vou ganhar mais, fica próximo dele. Os meninos ganham com isso, e ele pode ganhar mais com isso, é muito justo.

Pesquisador: E quando acontece algum que não está conseguindo? Você acha que desestimula?

Pesquisado: Pode, pode acontecer, de um diretor analisar o caso do professor, mas antes tenta-se verificar “será que o diretor colocou ele na série mais adequada para o perfil?”. Então tem que ver o caso, primeiro com o diretor. O resultado tem muitas leituras possíveis. Será que a estrutura foi a mais correta? Quantos alunos têm na sala de aula? Tem a tutoria pedagógica pra evitar isso, elas olham sala de aula, acompanham professor, coordenador, então elas sabem isso. Então normalmente um resultado ruim não é surpresa pra mim, não é. Porque eu já venho recebendo as informações do pedagógico e administrativo, se está

superlotado ou não. Então tudo isso, vamos dando as condições necessárias para os resultados.

Pesquisador: E a premiação da escola?

Pesquisado: Pela secretaria? É isso que você quer saber?

Pesquisador: Sim.

Pesquisado: Aqui no município, tem uma lei e uma portaria. Você pega com a Rosana que é a coordenadora de valorização do Magistério. Essa premiação pra escola, ela tem que se destacar [...]

[Interrupção]

Pesquisado: Você imagina que a premiação de cada professor, cada um com o seu, mas a equipe de diretor e coordenadores recebem a premiação pelo resultado global da escola. Existem categorias por séries, mas o incentivo da escola não pode levar isso em consideração, se não ela faz esforços pontuais. Então são metas para escola dentro da portaria de premiação. Quando sai o resultado, a escola, ou melhor, as pessoas da equipe, recebem a quantia pela ordem pagamento.

Pesquisador: Qual tipo de meta?

Pesquisado: Vou dar exemplo, noventa por cento na leitura do primeiro ano, oitenta por cento na compreensão do segundo ano.

Pesquisador: A evolução não é premiada?

Pesquisado: Nós já fizemos escalonado, setenta a oitenta e nove por cento, um valor, mais que noventa por cento [...]

Pesquisador [interrompendo]: Não, estou falando de evolução, pois muitas vezes a escola sai do cinquenta por cento e chega ao setenta por cento, às vezes, posso interpretar como melhor do que outra que saiu do setenta e quatro para o setenta e cinco por cento, ou não?

Pesquisado: Olha, aqui é premiação, meta cheia.

Pesquisador: Mas e as situações desiguais, do aluno que tem uma estrutura pior, local de mais difícil acesso [...] então o aluno, às vezes, não atingiu o escalonado, nem a meta cheia, mas ele saiu lá dos trinta por cento e chegou nos sessenta e cinco [...] não acha que ele, ou a escola, deva ser premiada pela evolução?

Pesquisado: Deixa eu te dizer [...] não achamos que a premiação tenha que ser fácil, é uma ideia, mas a gente não tem essa disparidade de resultados. Normalmente, o difícil mesmo é a escola conseguir atingir a meta em todas as séries. Então a premiação coletiva premia com o máximo, mas ele estipula que não passe de um mínimo em nenhuma outra série.

Pesquisador: Além de ele ter que ser alto em um, ou alguns, ele não pode ser baixo em nenhum?

Pesquisado: Sim, e o que mostra que nós não temos essa disparidade, é que a maioria chega muito próximo ou próximo. Pode ser que tenha, mas nunca é algo coletivo, é apenas alguma turma isolada. Então essa questão da evolução, talvez teríamos que pensar, um estudo. Aí fica muito relativo, a premiação a gente sempre pensa em meta “top”, é porque é gratificação, é extra, além do pagamento que já cumprimos.

Pesquisador: Mas veja, eu notei algumas desigualdades, em termos de escola e condições, e olha que eu visitei as onze melhores da cidade que estão no IDEB e todas entre as vinte melhores do País [...]

Pesquisado: Nossos melhores estão no campo, as duas notas nove foram duas escolas de distrito que você visitou. São escolas pequenas, você viu a estrutura?

Pesquisador: Tudo bem, antes de encerrar eu quero deixar a palavra livre pra você dizer qualquer situação que não tenha sido abordada na entrevista e que você considera importante para o desempenho que foi vivenciado em Sobral?

Pesquisado: Vou ser específica, na Superintendência de Resultados Educacionais, o maior desafio é criar um Diretor investigador de resultado, ele faz a diferença e a Secretaria precisa dar um suporte, sempre, no sentido de fortalecer a gestão escolar. Então não pode abandonar o trabalho dos gestores, apesar da autonomia. Aqui, as outras duas Superintendências são meios, elas acompanham o processo e apoiam. Aqui é o fim, o resultado, que alimenta ações de gestão e questões pedagógicas.

Pesquisador [interrompendo]: Normalmente reflete? Quando processo está ruim, resultado também acaba ruim?

Pesquisado: Claro, sempre. E até de ano pra outro, muda. Eu sempre faço comparativos, para saber e repassar aonde estão os erros, como foram as melhorias e o que pode ter piorado. Eu tenho que passar para a formação o que os meninos estão ou não aprendendo. A tutoria tem que dar essa resposta na prática, no dia-dia, auxiliando coordenadores, diretores, professores. Então quando eu sento com os diretores, puxo uma reflexão de resultado, não só com o percentual, mas com o suporte que deve acontecer, e normalmente, já estava ocorrendo. Especificamente, quais foram as habilidades que aprenderam, por isso que eu digo, nossa demanda atual é com vocabulário. Os meninos estão com dificuldade com vocabulário, algumas palavras dentro do texto, e isso tem que se reverter já já em sala de aula. E qual a ponte pra fazer isso? O diretor, se eu não chamar o responsável da escola que é o diretor, a tutoria ajuda, mas a responsabilidade é dele. Então quando chamamos ele para o “feedback” alguns já veem com a mente aberta, outros precisam de mais trabalho, “aí porque essa turma que é difícil” e ele está preocupado porque na escola dele tem isso ou aquilo. Então, eu trabalho no resultado [...] você está vendo sua alfabetização? Os alunos estão absorvendo esse tipo de compreensão? Essas situações você precisa resolver, então depois eu vou perceber se eles estão caminhando em direção à meta. Então ele deve ter um “olhar diagnóstico”, eu alerto, mas ele deve ter o foco em metas, ele vai fazer o plano de metas dele. Então existem níveis, muito crítico, crítico, intermediário, e adequado. Não podemos permitir que ele estipule metas menores, quando isso ocorre eu não posso só aceitar o plano de metas dele, eu tenho que analisar, perceber se ele está caminhando certo, e como a tutoria está olhando, o que ele está fazendo para atingir aquela meta. É uma reflexão, pego as metas e converso com a equipe.

Pesquisador: A sua equipe que faz todo esse trabalho, são quantas pessoas?

Pesquisado: Eu, só eu e uma assistente técnica, eu tenho a Casa da Avaliação que me dá o resultado. Então, eu vou com os diretores. Eu vou fazendo encontros com grupos de quatro a cinco diretores que estão com resultados semelhantes, eles já saem daqui com as planilhas, as metas, nesse momento eu ouço muito, escuto muito o que eles precisam e quais são as demandas até para repassar às pessoas certas o que é preciso que eles trabalhem bem, principalmente a tutoria, que é pedagógica.

Pesquisador: Mas essa equipe é de dez pessoas?

Pesquisado: Sim, são as dez tutoras que visitam as escolas e trazem os elementos. Aí eu vou elegendo quais são as escolas mais preocupantes.

Pesquisador: E a Superintendência administrativa são quantas pessoas?

Pesquisado: Não, aí a estrutura é bem maior. Pessoas que cuidam dos programas, dos dados. As pessoas que visitam a escola [...] Então eu acredito que esse formato de acompanhamento, a partir da estrutura da escola, eu já posso acompanhar e cobrar e isso é o que funciona. Ele gera aprendizagem porque o diretor sabe que o resultado vai ser cobrado, então ele mobiliza a escola, e os professores são envolvidos, porque se não tiver incentivo eles podem perguntar

“Ah, eu vou ensinar os meninos e não vou ganhar nada?”. Por isso, que toda essa política só funciona com todo esse contexto. Nosso objetivo é fazer com que a escola, como um todo, busque o resultado. A premiação da escola, dos diretores e coordenadores, só ocorre com o resultado global.

Pesquisador: Então é por isso que o diretor monta sua própria equipe de coordenadores?

Pesquisado: Sim, isso possibilita a autonomia pedagógica. Às vezes aparece alguém querendo trabalhar outro livro, mas nenhuma arriscou mesmo essa decisão. Elas até criam avaliações internas próprias, apostilas, mas a riqueza é da escola. Porque algumas aproveitam bem a estrutura que é fornecida para elas e atingem resultados e outras não.

Pesquisador: É isso?

Pesquisado: Sim.

Pesquisador: Então está bom. Vou agradecer a participação da Jamille como responsável pelas informações da Prefeitura Municipal de Sobral. Muito Obrigado!

Pesquisado: De nada.

Pesquisador: Como é a última entrevista vou deixar registrado o agradecimento a todas as pessoas que participaram.

Pesquisado: Você vai trazer coisas boas. Espero que eu tenha ajudado.

Pesquisador: Sim!

ANEXO 1

Pesquisa Documental do Observatório da Educação do Estado do Ceará

Dados informados pela Secretaria Municipal de Educação

Responsável: Ana Jacqueline Braga Mendes

PARTE 1 – Identificação da Experiência

NOME DA INSTITUIÇÃO/ESCOLA/REDE: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE BREJO SANTO SEDUB ENDEREÇO: Rua Neco Jacinto 55 CIDADE/ESTADO: BREJO SANTO /CE.

E-MAIL: ajacquelinemendes@gmail.com

PARTE 2 – Caracterização da Experiência Linha de ação da Experiência

Investimento e Gestão: As ações aqui apresentadas refletem os direcionamentos do Programa Alfabetização da Idade Certa - PAIC , do Estado do Ceará no município de Brejo Santo.

Após um direcionamento das ações da Equipe Paic – SEDUC junto a Gestão Municipal, a partir dos cinco eixos: Gestão, Alfabetização, Avaliação, Educação Infantil e Literatura Infantil foram feitos vários encaminhamentos a partir de um diagnóstico inicial. O PAIC – programa de Alfabetização na Idade Certa conseguiu de maneira eficaz e concreta reduzir o analfabetismo infantil no município de Brejo Santo e por acréscimo conseguiu aumentar os índices educacionais. No município de Brejo Santo as orientações do programa PAIC foram seguidas e encaradas como fundamentais no processo da concretização de alfabetização das nossas crianças. Desde 2009, a cada ano reavaliamos o processo e direcionamos os trabalhos a partir de novas metas.

Diagnóstico (identificação do problema que determinou a implantação da iniciativa):

Após diagnóstico inicial da rede municipal de ensino em 2009 na cidade de Brejo Santo foi detectado índices extremamente preocupantes no tocante aos indicadores educacionais:

- Uma matrícula que não representava a universalização do ensino;
- Um rede de ensino desestruturada;
- Situação alarmante dos indicadores educacionais:

Aprovação: 74,15%

Reprovação: 20,44%

Abandono: 5,41 %

IDEB(2007) Anos Iniciais: 3.0 Anos Finais: 2.8

- A escola de Ensino Fundamental Historiador Padre Antonio Gomes entre as 150 piores do Estado do Ceará.

Objetivo geral: Erradicar o analfabetismo Infantil através do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC).

Objetivos específicos:

- Promover Campanhas de matrículas com o intuito de universalizar a matrícula;
- Reordenar a rede de ensino com nucleação, extinguindo as salas multisseriadas e as salas isoladas;
- Contratar professores de apoio no contra turno;
- Promover Formação Continuada para os professores da Educação Infantil, professores de 1º ao 9º Ano e gestores escolares;
- Implantar o PCCR e o 14º salário;
- Reestruturar a infraestrutura escolar e implementar os materiais permanentes e didáticos pedagógicos;
- Implantar o café da manhã nas escolas da rede.

Público-alvo: Gestores, professores e alunos da rede municipal.

Duração da Experiência/Projeto: Fevereiro de 2009 a dezembro de 2012

Metas/Indicadores definidos: A partir das ações conseguimos superar os baixos índices educacionais do município. Segue quadro comparativo dos indicadores educacionais:

ÍNDICES %	2008	2009	2010	2011
APROVAÇÃO	74,15	86	88,8	89,1
REPROVAÇÃO	20,44	11	8,4	9,3
ABANDONO	5.41	3	2,8	1,6

NUCLEAÇÃO

Em 2008 existiam 35 Escolas de Ensino Fundamental e 21 CEIs, totalizando 56 Unidades Escolares. Em 2010 realizou-se a Nucleação ficando 26 Escolas de Ensino Fundamental e 13 CEIs, totalizando 39 Unidades Escolares.

ESCOLAS NOTA

10 ESCOLAS NOTA 10, DENTRE ELAS A QUE ESTAVA ENTRE AS 150 PIORES NO INICIO DO PROCESSO.

Estratégias utilizadas:

- A criação de coordenadorias atreladas ao cumprimento de metas;
- A meritocracia para obtenção de resultados;
- Rotinas estabelecidas pelo PAIC nas salas de aulas;
- Formações continuadas para professores e gestores.

Resultados alcançados:

Houve avanços consideráveis dos índices educacionais num período não muito longo, priorizando principalmente o que consideramos o feijão com arroz, aulas todos os dias, cumprindo fielmente os 200 dias letivos e assegurando o cumprimento da hora aula.

- tempo da aprendizagem dos alunos.
- Melhoria significativa no processo ensino aprendizagem.
- todos os alunos de 2º Ano no índice desejável.
- Melhoria significativa dos alunos dos 5º Anos
- 07 escolas nota 10 da premiação PAIC.
- Todos os alunos nos índices compreendidos entre intermediário e adequado.
- Maior envolvimento dos professores enquanto mediadores do processo ensino aprendizagem.

Principais beneficiários da ação: Alunos do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental.

Recursos materiais necessários para implementação das ações:

- Ampliação das salas de informática com o aumento do número de computadores;
- Implantação das lousas digitais nas escolas;
- Aquisição de data show, copiadoras, jogos educativos.

Recursos financeiros necessários para implementação das ações:

Advindos da União, do Estado e da Gestão Municipal.

Parceiros (quem são e qual o papel de cada parceiro?)

SEDUC – Equipe PAIC– que monitora as ações e dá o suporte técnico pedagógico através da CREDE 20.

A distribuição via SEDUC de todo material pedagógico (livros) distribuídos aos alunos do 1º ao 5º Anos.

Formas de acompanhamento utilizadas para monitorar a evolução das metas:

Equipes pedagógicas formadas na SME para monitoramento e acompanhamento das ações do PAIC nas Unidades escolares. O monitoramento é realizado semanalmente e não segue um calendário fechado. Mensalmente são realizadas reuniões com os gestores e coordenadores escolares para avaliação do processo ensino aprendizagem nas Unidades Escolares e são elaboradas propostas de intervenções pedagógicas quando necessárias.

Avaliação (houve algum processo de avaliação interno ou externo sobre o projeto implantado? O que esse processo avaliativo concluiu?

A partir das avaliações externas: SPAECE (da rede estadual) e Prova Brasil pode-se perceber concretamente os avanços na educação municipal.

Destaque três pontos fortes da Experiência/Projeto:

- Houve avanços consideráveis dos índices educacionais cumprindo fielmente os 200 dias letivos e assegurando o cumprimento da hora aula.
- tempo de aprendizagem dos alunos.
- Melhoria significativa no processo ensino aprendizagem.
- todos os alunos de 2º Ano no índice desejável e todos os alunos dos 5º Anos no índice intermediário e adequado.
- Maior envolvimento dos professores enquanto mediadores do processo.

Desafios (que desafios permanecem?)

- Aumentar a proficiência de Português e Matemática dos alunos dos 5º Anos para que fiquem todos no nível adequado;
- Aumentar a proficiência de Português e matemática dos alunos dos 9º Anos.

ANEXO 2

LEI Nº14.371 , de 19 de junho de 2009

CRIA O PRÊMIO ESCOLA NOTA DEZ, DESTINADO A PREMIAR AS ESCOLAS PÚBLICAS COM MELHOR RESULTADO NO ÍNDICE DE DESEMPENHO ESCOLAR-ALFABETIZAÇÃO (IDEALFA), E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ.

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º Fica criado o Prêmio Escola Nota Dez, destinado às escolas públicas que tenham obtido os melhores resultados de alfabetização, expressos pelo Índice de Desempenho Escolar – Alfabetização (IDE-Alfa).

Art.2º A cada ano, serão premiadas até 150 (cento e cinquenta) escolas, dentre as que atendam às seguintes condições: I – ter pelo menos 20 (vinte) alunos matriculados no 2º ano do ensino fundamental regular; II – ter obtido média de Índice de Desempenho Escolar Alfabetização (IDE-Alfa) situada no intervalo entre 8,5 e 10,0, inclusive.

Art.3º As escolas receberão o prêmio em dinheiro, mediante depósito em conta da respectiva unidade gestora, no montante correspondente à multiplicação do número de alunos do 2º. ano do ensino fundamental regular avaliados pelo SPAECE-Alfa, pelo valor de R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais). Parágrafo único. O prêmio será entregue em duas parcelas, sendo a primeira correspondente a 75% (setenta e cinco por cento) do valor total devido à escola, e a segunda correspondente ao restante do valor.

Art.4º As escolas premiadas ficam responsáveis por desenvolver, pelo período de um ano, ações de cooperação técnico-pedagógica com uma das 150 (cento e cinquenta) escolas que tenham obtido os menores resultados de alfabetização, expressos pelo IDE-Alfa.

Art.5º Além da cooperação técnico-pedagógica de uma escola premiada, as 150 (cento e cinquenta) escolas com menores IDE-Alfa receberão contribuição/auxílio financeiro do Estado, para implementação de plano de melhoria dos resultados de alfabetização de seus alunos. Parágrafo único. Somente poderão ser beneficiadas com a contribuição/auxílio para melhoria dos resultados de alfabetização, as escolas que tenham, pelo menos, 20 (vinte) alunos matriculados no 2º ano do ensino fundamental regular e que tiveram, no ano anterior, um mínimo de 50% (cinquenta por cento) de alunos avaliados pelo SPAECE-Alfa.

Art.6º A contribuição/auxílio financeiro, de que trata o art.5º, será em dinheiro, no montante correspondente à multiplicação do número de alunos do 2º. ano do ensino fundamental regular avaliados pelo SPAECEAlfa, pelo valor de R\$1.250,00 (um mil duzentos e cinquenta

reais). Parágrafo único. A contribuição/auxílio financeiro será entregue em duas parcelas, sendo a primeira correspondente a 50% (cinquenta por cento) do valor total a ser transferido para a escola, e a segunda parcela correspondente ao restante.

Art.7º Os recursos recebidos pelas escolas em caráter de premiação serão utilizados exclusivamente em ações que visem a melhoria das condições das escolas e dos resultados de aprendizagem de seus alunos.

Art.8º A transferência da segunda parcela do prêmio e da contribuição/auxílio financeiro, de que trata esta Lei, está condicionada à manutenção dos bons resultados das escolas premiadas e ao atingimento das metas de melhoria dos resultados das escolas com baixo desempenho, respectivamente, definidas em Decreto.

Art.9º As diretrizes, critérios e procedimentos para acompanhamento das ações de cooperação técnico-pedagógica entre as escolas e monitoramento dos processos que visam à melhoria dos resultados de alfabetização das escolas com baixo IDE-Alfa, serão estabelecidos em Decreto.

Art.10. Fica criado ao vigente Orçamento Fiscal do Estado do Ceará (Lei Estadual nº14.285, de 30 de dezembro de 2008), em favor da Secretaria da Educação, crédito especial no valor de R\$30.000.000,00 (trinta milhões de reais), na forma do anexo I desta Lei.

Art.11. Para os fins desta Lei, fica o Chefe do Poder Executivo autorizado, em consonância com o disposto no art.26 da Lei Complementar nº101, de 4 de maio de 2000 (LRF), a transferir recursos financeiros, no âmbito do programa Qualidade da Educação Básica do Plano Plurianual 2008-2011, para as unidades gestoras das escolas públicas. Parágrafo único. Os recursos financeiros necessários e suficientes para a cobertura da despesa autorizada por esta Lei são procedentes do superávit financeiro apurado da diferença positiva entre o ativo financeiro e o passivo financeiro do Balanço Geral do Estado do exercício de 2008, fonte FECOP.

Art.12. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Art.13. Ficam revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO IRACEMA, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 19 de junho de 2009.

Cid Ferreira Gomes

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

ANEXO 3

LEI Nº14.026, de 17 de dezembro de 2007.

CRIA O PROGRAMA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA – PAIC, DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E INCENTIVO PARA MELHORIA DOS INDICADORES DE APRENDIZAGEM NOS MUNICÍPIOS CEARENSES E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ.

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º Fica instituído o Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC, por meio do qual o Estado, em cumprimento ao regime de colaboração, poderá prestar cooperação técnica e financeira aos municípios cearenses, com vistas à melhoria dos resultados de aprendizagem.

Art.2º O Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC, tem por finalidade o estabelecimento de condições necessárias, para que todos os alunos cearenses cheguem ao 5º ano do ensino fundamental sem distorção de idade, série e com o domínio das competências de leitura, escrita e cálculo adequados à sua idade e ao seu nível de escolarização. Parágrafo único. Para maior garantia do cumprimento de seus objetivos, o Programa, deverá, inicialmente, garantir a aquisição, por todas as crianças de 7 (sete) anos, das competências de leitura e escrita esperadas nesta idade.

Art.3º O Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC, é estruturado nos seguintes eixos: I - Educação Infantil; II - Gestão Pedagógica – Alfabetização e Formação de Professores; III - Gestão da Educação Municipal; IV - Formação do Leitor; V - Avaliação Externa de Aprendizagem. Art.4º Para maior agilidade e eficiência das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa, fica a Secretaria da Educação autorizada a firmar acordos de cooperação técnica e financeira com os municípios cearenses, com universidades públicas e seus institutos ou fundações universitárias de pesquisa e pós-graduação e, ainda, com instituições de fomento à pesquisa.

Art.5º Fica a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, para os fins da execução das ações de cooperação técnica no âmbito do Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC, autorizada a conceder bolsa de pesquisa e de extensão tecnológica a servidores públicos, ou não, com o objetivo de realizar pesquisas e ministrar treinamentos e capacitação das equipes da Secretaria da Educação e dos técnicos e professores da rede municipal de ensino.

Art.6º As despesas decorrentes da aplicação desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias da Secretaria da Educação do Estado do Ceará.

Art.7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art.8º Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO IRACEMA, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 17 de dezembro de 2007.

Cid Ferreira Gomes

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

ANEXO 4

Compilações de textos, projetos e ações realizados por alunos das escolas da rede de Sobral, retirados dos jornais: Abordando o cotidiano (2008), da Escola Odete Barroso; Diário Massilon (2013), da Escola Massilon Saboia Albuquerque.

ABORDANDO O COTIDIANO

Jornal dos alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental da EMEIF Odete Barroso
Caracará – Sobral – Setembro de 2008 N° 02

Eu sou cidadão Amigo da leitura

O Projeto Eu sou cidadão Amigo da leitura atua nas Escolas públicas dos municípios do Ceará, onde seus alunos desenvolvem o projeto nas escolas.

Após a chegada do Projeto nas escolas públicas os alunos se desenvolvem em leitura e escrita. O Projeto já tem os seguintes livros: Você viu a Rosinha, O Mundo de Ponta Cabeça, Vó tem cada uma, uma história diferente, A bola da vez e outras temáticas como gravidez na adolescência, trabalho infantil, diferenças sociais entre outros.

Na escola Odete Barroso o projeto é bem desenvolvido, os alunos vêm se destacando nas atividades que desenvolvemos através do reforço de leitura e escrita, nas redações, poesias e desenhos, os quais são expostos no mural.

Alunas :

Maria Cinthia Barbosa de Sousa e
Marcella Flávia de Silva

O lugar onde vivo

O lugar onde vivo,
a água é azul como o céu,
à noite quando olho
sinto cheirinho de mel.

O lugar onde vivo
tem pessoas elegantes,
nele também tem pessoas
importantes.

O lugar onde vivo
ele é interessante,
para muitas pessoas
ele é aconchegante.

Aluna:

Josiele Madeira Duarte 6º Ano "B"

**Comunicamos a todos
que haverá na Escola
Odete Barroso um
desfile ecológico com
roupas recicláveis,
não percam.**

Eu estudo na Escola Odete Barroso, que é uma escola bastante legal.

A escola Odete Barroso tem vários projetos, como o projeto Ecologia – A natureza pede socorro. O projeto Ecologia ajuda a incentivar as pessoas a cuidarem da natureza, a qual está sofrendo grandes impactos ambientais, o projeto também alerta as pessoas a não jogarem lixo no chão e sim na lixeira, no momento está passando para uma segunda fase, que é a coleta de garrafas plásticas e a entrega de uma muda de alguma árvore para o aluno plantar, cuidar e se quiser fazer alguma pesquisa com ela.

O projeto ecologia é muito importante, o tema da segunda fase é REFLORESTAMENTO E RECICLAGEM, REFLORESTAMENTO quer dizer plantar mais árvores e RECICLAGEM quer dizer aproveitar o lixo para fazer outras coisas. Esse é um projeto legal e que ajuda a mudar os pensamentos e ações de pessoas que não preservam o meio ambiente.

Brena Késia 7º Ano

Diário Massilon

Jornal dos Alunos do Fundamental I da Escola Massilon Sebá Albuquerque - Olho d'Água do Peixe - Sobral - CE | Junho 2013 Nº 26

MÚSICA DESTAQUE DO MÊS

Dengue ou água parada pra mim e demais.

Gosto quando eu combato cada vez eu quero mais.

Cada vez eu quero mais.

1,2,3,4, pra ficar maneiro jogo a dengue lá no alto.

Fora dengue(4vez)dengue(3vez)

Eu não to de brincadeira eu combato e pra valer.

A dengue é perigosa pode até matar você.

Febre dor no corpo, e o sintoma que ela traz.

Você procura o médico ele sabe o que faz.

Ele sabe o que faz.

1,2,3,4, pra ficar maneiro jogo a dengue lá no alto.

Fora dengue(4vez)dengue(3vez)

Dengue ou água parada pra mim e demais.

Gosto quando eu combato cada vez eu quero mais.

Música: Professor de Música: Roberto

ALUNOS DO 6º ANO,
5º ANO E 9º ANO

LEITURA EM AÇÃO

BLITZ DA LEITURA.

Esta ação foi realizada no dia 10 de maio de 2013. Toda a escola parou para o ato de uma boa leitura de 30 minutos, com a participação de alunos, professores e funcionários em geral. São colocados estações de leitura no pátio da escola e, corredores como: Revistas, jornais e diversos tipos de livros.

Festas Juninas no Nordeste

Embora sejam comemoradas nos quatro cantos do Brasil, na região Nordeste as festas ganham uma grande expressão. O mês de junho é o momento de se fazer homenagens aos três santos católicos: São João, São Pedro e Santo Antônio. Como é uma região onde a seca é um problema grave, os nordestinos aproveitam as festividades para agradecer as chuvas raras na região, que servem para manter a agricultura.

Além de alegrar o povo da região, as festas representam um importante momento econômico, pois muitos turistas visitam cidades nordestinas para acompanhar os festejos. Hotéis, comércios e clubes aumentam os lucros e geram nestas cidades. Embora a maioria dos visitantes seja desempregos Brasileiros, é cada vez mais comum encontrarmos turistas europeus, asiáticos e norte-americanos que chegam ao Brasil para acompanhar de perto estas festas.

UM DIA DE APRENDIZAGEM

Milena e Isabele, são irmãs e viviam a observar sua mãe Carla a preparar comidas gostosa na cozinha.

Um dia as duas meninas resolveram pedir ajuda a sua Mãe para preparar em doces rechados. Então pegaram a massa porta que estava na geladeira. Milena amassava, enquanto Isabele com o rolo abria e alisava. Depois elas cortaram a massa em formato de círculo e estrelas e levaram ao forno.

Após os doces estarem prontos retiraram do forno e logo colocaram os recheios de chocolate e morango.

Então deixaram esfriar e foram se deliciar com suco de goiaba e ficaram felizes por terem aprendido a receita de sua mãe.

Equipe: Leticia, Alexsandra, Luan, Matheus e Marcelo.

Turma: 5º ano 'A'

Turno: Tarde

Professora: Magna Magalhães

Ler também é um exercício